

NAVIGATOR

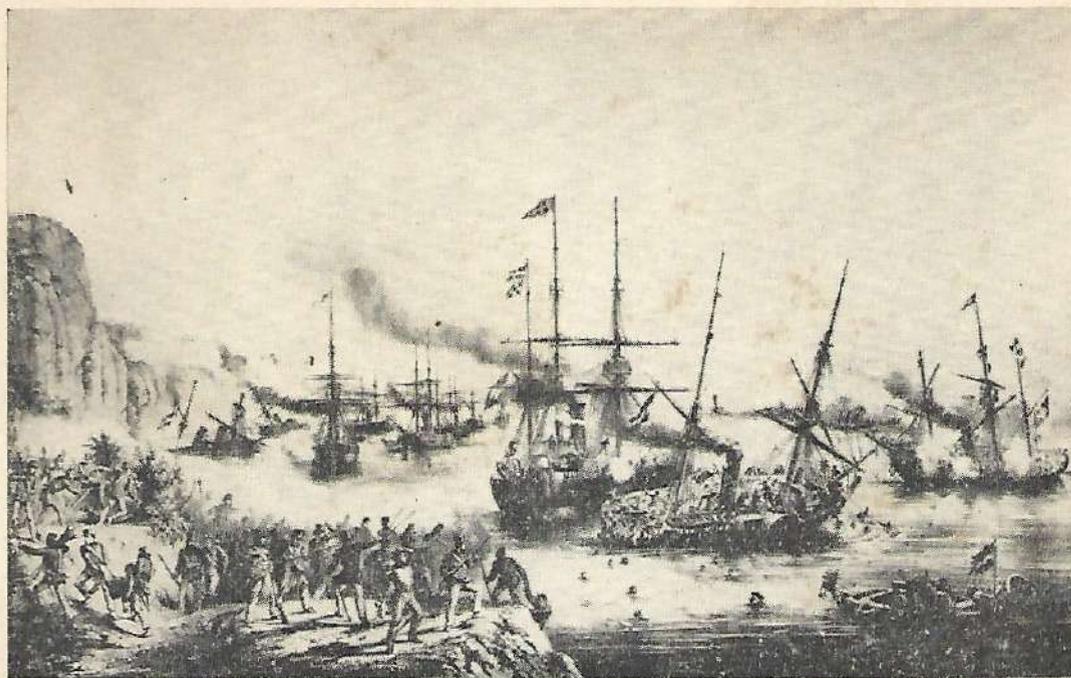
SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL



▲
981.005
3823

RO 2

DEZEMBRO, 1970



COMBATE NAVAL DO RIACHUELO

Batalha do Riachuelo (11-6-1865). Foi a primeira batalha da História Naval mundial travada exclusivamente a vapor. Foi a última grande ação dos navios de madeira no Brasil.

SUMÁRIO

A Marinha no Final de uma Campanha Gloriosa	3
Considerações sobre o Poder Naval do Brasil na Década de 1860/70	43
Humaitá	72
A Dezembrada e a Marinha	83

Número Comemorativo do Centenário do Término da Guerra do Paraguai.

A
981.005
3823

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA

Diretor: Vice-Almirante LEVY ARAUJO DE PAIVA MEIRA

Vice-Diretor: Capitão-de-Fragata MAX JUSTO GUEDES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA MARÍTIMA

Chefe: Capitão-Tenente ANTÔNIO LUIZ PÓRTO E ALBUQUERQUE

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Chefe: Capitão-Tenente (A-MO) JOSÉ BARBOSA DA SILVA

REDAÇÃO

1º SG (MO) ANTÔNIO EVARISTO DA PAZ SÁ

2º SG (ES) JOSUE PEREIRA DA COSTA

CB (MO) IVAN CORRÊA DA GRAÇA

Funcionárias: REGINA CARDOSO DE MENEZES,

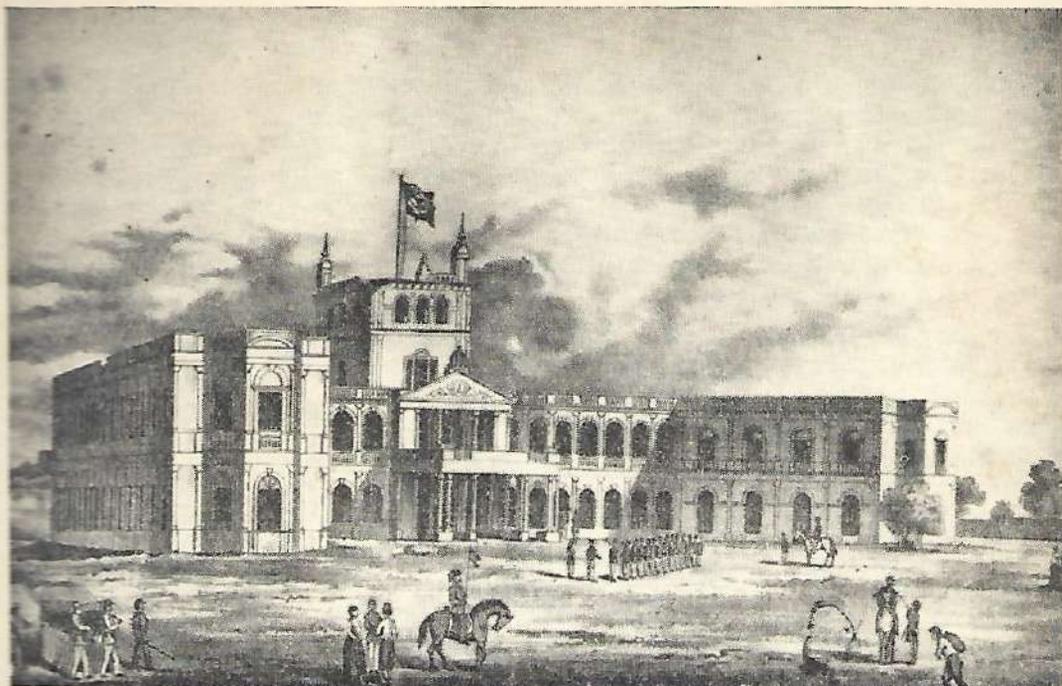
ELZA FERREIRA MAGALHÃES

VERA MARINHO

Funcionário: JOAO ANTÔNIO REZENDE



SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO GERAL DA MARINHA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA MARÍTIMA
MINISTÉRIO DA MARINHA — RIO DE JANEIRO



Palácio de Solano Lopez em Assunção. Tremula já no mastro a Bandeira Brasileira.

A MARINHA NO FINAL DE UMA CAMPANHA GLORIOSA

— De Humaitá a Assunção —

(Trabalho comemorativo do centenário
do término da Guerra do Paraguai)

Foram cinco anos de lutas sem conta: lutas contra todos os apocalipses. Fome, Peste, Guerra, Miséria... Mas vencemos pelo ardor, pelo direito. Vencemos porque Deus estava do nosso lado e do nosso lado estava a razão. Se Riachuelo decidira, de início, a luta; se Curupaiti, Humaitá e Angostura foram vitórias alcançadas sobre o desespero do déspota, do perdido, do vencido, Cerro-Corá foi o tiro de misericórdia naquela luta de cinco anos de inolvidáveis sacrifícios. Hosanas, pois, aos heróis de tôdas as partes neste centenário que lembra o fim triste de uma guerra que melhor seria não tivesse existido.

CMG (AM) Ref. LEVY SCAVARDA

Transpostas as fortificações de Humaitá, em 19 de fevereiro de 1868, pelas forças navais ao mando do Barão da Passagem, selava-se, mais uma vez, como já se havia feito em Riachuelo, em 11 de junho de 1865, o destino da guerra

contra o Paraguai. Solano Lopez, sem aquêle baluarte, não tinha como se sustentar. Prosseguir na luta, como o fez obstinadamente, em nome de um patriotismo inconseqüente, só teve *um fim*: sacrificar vidas e destruir a sua própria

Pátria. Melhor teria sido que houvesse deposto as armas com honra. A História, sem dúvida, e os próprios inimigos far-lhe-iam justiça merecida. Não há, porém, como negar o seu denêdo, assim, também, a sua obstinação, o que o tornou até num desalmado. Contudo, êle defendia uma causa, que era a da sua Pátria.

A nós, aqui, não nos interessa o julgamento do Ditador, mas a participação da nossa Marinha no final daquela guerra cruenta e de alentados e sublimes sacrifícios de todos os lados.

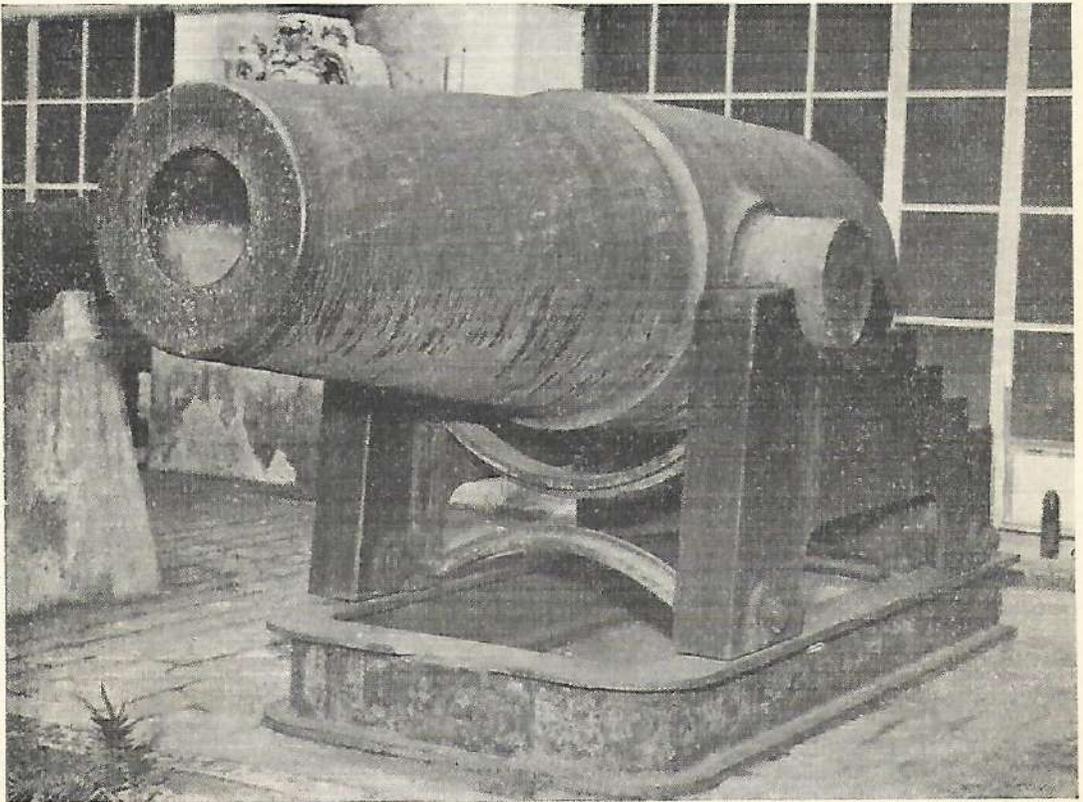
*
* *

A ação da Divisão, que avançou o Passo de Humaitá, iria permitir, em breve, a ocupação do recinto da fortaleza pelas tropas aliadas, ao mando do Marechal Caxias e, com ela, a derrocada final dos nossos inimigos ocasionais.

Eis o que dizia Caxias ao Ministro da Guerra ante o panorama que se lhe de-

senhava: "Tenciono estabelecer nova Base de Operações em Humaitá, fazendo para ali passar os depósitos, hospitais, repartições e tribunais, que até agora temos mantido na cidade de Corrientes, parecendo-me que esta minha deliberação, além de estratégica, é indubitavelmente econômica e política".

Assim, se obtínhamos, em Humaitá, uma grande vitória; se, com ela, estava resolvido um difícil problema da guerra; se a Marinha Brasileira, em 19 de fevereiro de 1868, se tinha elevado à altura mais importante pelo seu feito memorável, antes que a contenda terminasse, muitas outras ações navais iriam transcorrer. Lopez continuaria na obstinação de vender caro a derrota. Sabia-se vencido, mas lutaria enquanto forças tivesse. Triste heroicidade... Seu objetivo de conquista, já desfeito, não justificaria o sacrifício, não da sua, mas da vida, pelo menos, dos seus compatriotas!



Canhão paraguaio feito com o bronze fundido dos sinos das igrejas de Assunção. Contém a inscrição: "El Cristiano — La Religion al Estado — 1867" (Museu Histórico Nacional).

Tendo os navios acima de Humaitá, Caxias determinou uma exploração do rio Paraguai. O que foi essa empreitada daí por diante, faremos, a seguir, uma resenha cronológica dos acontecimentos, depois de Humaitá, e por ela veremos que, não obstante já não ter praticamente navios inimigos para combater, ainda assim os nossos navios não ficaram inativos, em momento algum, até a vitória final para a qual eles foram fatores decisivos e indispensáveis.

FEVEREIRO, 1868

Dias 18 e 19

A Divisão Naval Brasileira ao mando do então Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, força o Passo de Humaitá, debaixo de cerrado fogo da fortaleza, indo fundear em Tagi, depois de transpor o Timbó, cujas baterias também arremeteu.

Efetivamente o reduto de Timbó, à margem do Chaco, estava guarnecido, pois que repelira, a tiros, o *Colombo* e o *Pará*.

Dia 20

A Esquadra vai além, para mais segurança, chegando a Taií, onde fundeou.

Dia 21

Três navios brasileiros passam à frente do rio Tebicuari, em reconhecimento e caça ao Vapor paraguaio *Parabibe*, que consegue escapar, deixando, porém, entregue à própria sorte a chata *Angélica*, que foi incendiada.

Nesta ação foram encontrados os depósitos com que o inimigo abastecia o seu Exército, por Timbó e Humaitá. Destruíram, ainda, o telégrafo elétrico de que se utilizavam as forças inimigas nas povoações ribeirinhas, estas abandonadas ao seu próprio destino. Não foram elas molestadas porque eram pacíficas. Uma peça de 24, montada em carrêta, com seus pertences, ali deixada pelo inimigo, foi lançada ao rio.

Em Vila Franca, onde atingiram, encontraram os nossos navios, abundância de gado. Foram arrebanhados 150 car-

neiros, que se distribuíram para o rancho das guarnições. Por outro lado, tôda canoa e meios de transporte fluvial encontrados foram arrecadados. Os inservíveis foram destruídos e utilizados nas fornalhas dos vapores.

Dia 22

Ordenou o Governo do Paraguai a evacuação da cidade e Capital, Assunção, em vista da aproximação dos navios brasileiros.

Dia 24

Os navios brasileiros *Bahia*, *Barroso* e *Rio Grande do Sul*, êste conhecido como *Rio Grande*, às 9,00 horas achavam-se à frente de Assunção, bombardeando-a, por terem sido atacados. A propósito relatou o Chefe Delfim: "Fomos recebidos por uma fortaleza com tiros de peças, ao que pude presumir, de calibre 68. Castiguei-lhe a ousadia com um bombardeio pausado, durante duas horas, que cessei quando descobri, ao adiantar-me mais, as bandeiras americana, francesa e italiana, hasteadas nos respectivos consulados, naturalmente". Ao que acrescentava: "O fumo que se escapava do palácio de Lopez, onde metemos várias bombas, e a queda de vários projéteis no Arsenal, me fazem persuadir de que êsses dois estabelecimentos sofreram sérios estragos. No pôrto vimos apenas os Vapores *Paraguari* e *Rio Branco*, ambos a pique. Adquirimos a certeza de estar a cidade com pouca defesa, sendo fácil tomá-la por um desembarque em São Antônio, cerca de três léguas abaixo. A presença dos nossos encouraçados naquelas águas trouxe a vantagem de desenganar os crédulos, a quem Lopez fazia crer o seu Humaitá uma barreira insuperável para sempre; e, por outra parte, deve ter desalentado os mais ferrenhos sequazes do tirano. A Bandeira Brasileira ondulava senhoril, depois de tantas batalhas nas paragens em que o insulto a ela nos arrastou forçosamente à guerra atual".

Seu objetivo, cumprindo ordens de Caxias, era o de explorar o rio e sentir a potência e a disposição de luta do inimigo. Por isso, cumprida a missão, os



Sua Majestade o Imperador D. Pedro II, fardado de Voluntário da Pátria durante a Guerra do Paraguai (Litografia de Sisson).

navios brasileiros regressaram à sua base de operações, que, no momento, era o pôrto de Taíí. Nesse regresso, os nossos navios foram surpreendidos por descargas de fuzilaria junto à foz do Tebicuari, por emboscadas dos paraguaios, nesta altura, em desespero de causa, mas que foram logo afugentados.

MARÇO, 1868

Dias 1º e 2

Sabe-se que, não obstante os nossos navios terem cruzado o Passo de Humaitá, a fortaleza dêsse nome continuava e continuaria ainda por algum tempo, na posse do inimigo.

Na noite de 1º para 2, Lopez sai de Passo Pocu e estabelece o seu Quartel General na Fortaleza de Humaitá, cruzando nessa mesma noite o rio, na altura do Timbó. Tentava, com a sua presença ali, injetar ânimo no inimigo que compreendia estar perdido e já desmoralizado.

Nessa mesma ocasião, ardila mais uma das suas costumeiras emprêsas: prepara um assalto de surpresa aos Encouraçados *Lima Barros* e *Cabral* que estavam fundeados com outros navios, abaixo de Humaitá. Canoas, guarnecidas por soldados paraguaios escolhidos, saem do lugar denominado Carbon-Cué com a missão de abordarem e levarem a Lopez aquêles e outros navios brasileiros.

Vejam os a posição dos nossos navios, naquela ocasião, entre Humaitá e Curupaiti: "Em linha avançada, o *Lima Barros* (Capitão-de-Fragata Garcindo de Sá) e o *Cabral* (Capitão-Tenente Alves Nogueira); na pôpa dêste o *Silvado* (Capitão-Tenente Jerônimo Gonçalves) e o *Herval* (Capitão-Tenente Helvécio Pimentel); mais abaixo, na bôca do rio d'Oro, como repetidor de sinais, o *Mariz e Barros* (Capitão-Tenente Neto de Mendonça); no pôrto Eliziário, o *Brasil* (Capitão-Tenente Bernardino de Queiroz)".

Ouro Prêto descreve-nos assim êste episódio:

"As águas do Paraguai, batendo de continuo contra as margens, em muitos pontos pouco resistentes, delas destacam freqüentemente grandes pedaços de terreno cobertos de arvoredos ou macega, que flutuam à mercê da correnteza, até que se desfazem ao encontro das barrancas, nas voltas mais rápidas, ou pelo efeito da infiltração das mesmas nas águas, durante o percurso das imensas distâncias, que vencem tais blocos. *Camalotes*, chamam no país e essas errantes ilhas de efêmera existência, que mais numerosas se formam na época das grandes cheias. Dia e noite se vêem descer lentamente, às dezenas, pelos rios, ora numa direção, ora noutra, ao capricho das ondas. A reprodução do fato, que constantemente presenciavam, já não devia despertar a atenção dos encouraçados, fundeados ao alcance de Humaitá e bombardeando-a.

Ocorreu a Lopez aproveitar-se dessa circunstância e do fenômeno descrito, para engendrar o ardil de guerra, que pôs em prática na madrugada de 2 de março. Mandando escolher nos corpos do Exército e, principalmente, na sua própria guarda, 1 400 homens dos mais robustos e valentes e que melhor soubessem nadar, com êles formou sete companhias de duzentas praças, comandadas por um oficial.

Cada companhia devia embarcar em oito canoas e chalanas, jungidas duas a duas, mas formando um só grupo, disfarçado com ramagens e árvores, de forma e simularem *camalotes* na escuridão da noite. Destinavam-se a deslizar com a corrente, imprimindo-lhes silenciosamente os tripulantes, o rumo preciso, para que viessem cair sôbre a proa ou costado dos encouraçados e abordá-los, graças à pouca elevação do casco e à falta de amuradas ou trincheiras.

Já Hurrapeleta e Pereira, oficiais de Marinha e chefes da expedição, haviam tentado, em três noites consecutivas, surpreender adestarte o *Colombo* e o *Brasil*, surtos no Pôrto Eliziário. Para isso, porém, era preciso que saindo de Curupaiti, subissem o rio com grande esforço de remos, o que denunciaria o estratagem. Desistindo do propósito, transportaram-se a Humaitá para, na descida, mais facilmente executarem o engenhoso plano. Na madrugada do dia 2 de março, a posição que ocupavam os encouraçados era como já descrevemos acima.

Fazia o serviço de ronda, em escaler, o Guarda-Marinha José Roque da Silva, que cêrca de duas horas da manhã notou descerem com regularidade e cadencialmente os *camalotes*, que tantas vêzes vira passar. Dirigindo para um dêles o escaler, de pronto descobriu o embuste e rapidamente voltou a dar alarme aos quatro primeiros navios, atracando em seguida ao *Lima Barros*.

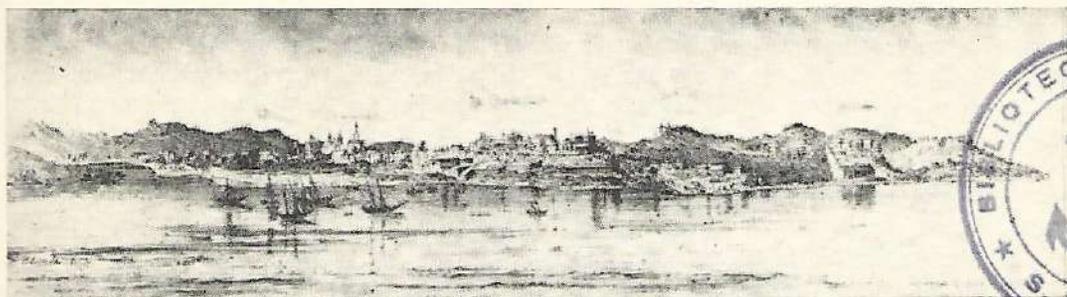
Não puderam os astuciosos inimigos conservar a ordem prescrita para o ataque; alguns grupos abalroaram entre si; outros desviaram-se, de forma que, só 14 canoas se acercaram do *Lima Barros* e 8 do *Cabral*. As demais, encaminhando-se para o *Silvado* e o *Herval*, decaí-



Fototipia Gruener

Bartolomeu Mitre

General Bartolomeu Mitre, Presidente da República Argentina (Fototipia Peuser).



A Capital do Paraguai em meados do século XIX.



ram com a correnteza, indo ter algumas ao Pôrto Elizário, junto ao Colombo e ao Lindóia. Poucos instantes depois de recolher-se o Guarda-Marinha Roque ao convés do *Lima Barros*, êste navio e o *Cabral* eram assaltados. As sentinelas de vigia e as praças da guarnição à tolda daquele, descarregando os fuzis, travam combate, braço-a-braço, com os paraguaios, todos nus, armados de pistolas, machados, sabres e facões de abordagem. Sucumbem ao número. O Comandante Garcindo e o Chefe da Divisão, Rodrigues da Costa, que ao receberem o aviso *in continenti* resolvem organizar a defesa no interior do encouraçado e se dirigem ao convés, para mandar as praças ali destacadas que se recolhessem, são envolvidos pelo inimigo. Desfecham os revólveres e batem-se valentemente a espada, procurando retirar-se para as tórres. Trespasado de golpes, tomba o Capitão-de-Mar-e-Guerra Rodrigues da Costa; os paraguaios o mutilam, jarretando-lhe os tendões; ao expirar encontra forças para transmitir, através da escotilha, junto à qual caíra, o ordem de metralhar-se a tolda, que insistentemente reiterou com voz cada vez mais defalecida. Mais feliz, o Comandante Garcindo consegue, graças à pequena estatura, penetrar pela portinhola de uma das tórres, depois de desesperada defesa e gravemente ferido por tremendo talho, que quase lhe decepa o ombro.

Já abrigada, a tripulação fuzila os assaltantes por entre os interstícios e aberturas das seteiras e escotilhas, ou despeja-lhes metralha, quando o permitem as oscilações da turba, obedecendo assim ao moribundo Chefe. São os inimigos dizimados, mas não desanimam, antes pelejam com furor redobrado. Não

podendo penetrar nas tórres, obstruídas as seteiras pelas bôcas dos canhões, tentam desordenada e loucamente, fendendo e lascando as rijas madeiras, a golpes de machado, abrir caminho para a coberta, a praça darmas, ou as máquinas, donde a morte lhes é arremessada. Medonhas cenas semelhantes reproduzem-se no *Cabral*, cuja oficialidade e guarnição combatem com igual valor.

Achava-se de prontidão o *Silvado*, cujo intrépido Comandante Gonçalves, ao ouvir o alarme, expede um escaler a prevenir o Almirante, desperta os fogos e vem, rapidamente, postar-se entre os dois navios abordados, varrendo-lhes as toldas com a metralha das suas peças. O *Herval*, que aprontara as máquinas com extraordinária celeridade, secunda a manobra do *Silvado* e por seu turno atira repetidamente, ora sôbre os conveses, ora sôbre as canoas que coalhavam o rio. Era uma carnificina horrível! Os dois inteligentes e destemidos Comandantes Gonçalves e Helvécio, exibem provas da maior habilidade para não ofenderem, de envolta com os adversários, àqueles mesmos a quem auxiliavam.

Logo que no Pôrto Elizário repercutiu o fragor da luta, o Vice-Almirante (Inhaúma), determinando que se preparasse o *Brasil*, aproou para o lugar do conflito tão prontamente, que cruzou à meia distância com o escaler do *Silvado*, portador do aviso de Gonçalves. Na passagem ordenou que o *Mariz e Barros* seguisse suas águas e chegou ainda a tempo de dar o último golpe no inimigo, mandando que o *Cabral* fôsse abordado pelo *Silvado*, o *Mariz e Barros* e o *Lima Barros* pelo *Herval* e o próprio navio que içava a insígnia do Comando. Cinco mi-

nutos depois já não restava paraguaio com vida nas duas toldas e jaziam na do *Cabral* trinta cadáveres e setenta e oito na do *Lima Barros*. Excedente do triplo, porém, foi a perda dos assaltantes, perecendo grande número nas canoas e chalanas, metidas a pique e muitos mais afogados no rio.

Ficaram prisioneiros quinze homens, entre os quais dois dos chefes da expedição, o Capitão Cespedes e o Tenente Donato Irala. Além da morte do Capitão-de-Mar-e-Guerra Rodrigues da Costa, que, por sua coragem, habilitações e caráter íntegro, era um dos ornamentos da Marinha, contaram os brasileiros a de oito praças, morrendo depois, em consequência dos ferimentos recebidos nessa ocasião, o Primeiro-Tenente João Wandenkolk. Foram gravemente feridos vinte e uma praças, o Capitão-de-Fragata Garcindo de Sá e os Capitães-Tenentes Foster Vidal e Alves Nogueira; levemente, trinta e uma praças, o Primeiro-Tenente Castro Rocha e o Guarda-Marinha José Carlos de Carvalho; contusos oito, compreendidos os Primeiros-Tenentes Vital de Oliveira (Otaviano) e Souza Pinto, Segundo-Tenente Rodrigo de Lamare e o Guarda-Marinha Barros Gandra". E assim, com êsse verdadeiro combate, terminou essa audaciosa escaramuça, em que fomos parte e mais uma vez, ofendidos inglôriamente pelos nossos valentes inimigos, que, segundo Thompson, tiveram mais de duzentos mortos, preço alto da sua ousadia.

Dia 3

Nova passagem de Curupaiti, ainda não abandonada pelo inimigo. Dêste episódio refere-se assim, Ouro Preto: "Para reforçar a Segunda Divisão sob suas imediatas ordens, determinou o Vice-Almirante (Barão de Inhaúma) que a *Magé* (Comandante Capitão-de-Fragata Inácio da Fonseca) e *Beberibe* (Comandante Coelho Neto), dirigidas pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Afonso Lima, passassem à viva fôrça Curupaiti, o que cumpriram pelas 02,00 horas da madrugada de 3 de março". Os navios, embora de madeira, transpuseram aquêlê balaarte, também considerado inexpugnável pelos paraguaios, quase incólumes.

A *Magé* foi atingida no seu costado, tendo uma praça ferida. Ao passo que a *Beberibe* nada sofreu. Ambas reuniram-se aos demais navios que se mantinham entre Curupaiti e Humaitá, num segundo bloqueio do rio.

Dia 8

A Divisão avançada, sob o comando do Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, bombardeia uma nova fortificação paraguaia, denominada *Nuevo Establecimiento* (não confundir com o forte tomado por Caxias no dia 19 de fevereiro de 1868).

A função da Divisão avançada era, naquelas alturas a de policiamento, transporte e abastecimento de tropas, uma vez que as águas estavam totalmente dominadas. Já não havia navios a combater, salvo escaramuças da ordem de que relatamos anteriormente.

Neste dia 8, conta-nos Ouro Preto, que o Chefe Delfim, saindo do Tagi com o *Bahia*, *Barroso*, *Pará* e *Rio Grande*, fundeu à noite junto à foz do Tebicuari. Na manhã seguinte ordenou um desembarque no Chaco, destruindo os depósitos ali existentes e tomando 17 chalanas. Arrecadaram-se, também, grande quantidade de ferramentas de sapa. Os navios foram divididos, segundo aquêlê historiador, em dois grupos, a saber: um, encarregado de guardar o Timbó e Laureles; e o outro, de bloquear a foz do Tebicuari. Evitavam-se, assim, as comunicações para Humaitá, que continuavam sendo a grande esperança de Lopez, na possibilidade de retê-las em suas mãos. Julgava com isto poder bloquear as duas Divisões brasileiras: as que estavam além e aquêlê da fortaleza. Pura ilusão, em desespero de causa...

Dia 22

Começa neste dia a derrocada final. No dia anterior, o nosso Almirante viu que lavrava incêndio em Curupaiti. No dia seguinte o fogo era mais intenso. Nessa emergência, ordenou que a *Magé* e a *Beberibe* descessem o rio e reconhecessem a referida posição. O Comandante da *Beberibe*, verificando, pelo aspecto externo, que a posição estava de-

serta, desceu mais o rio, comunicando o fato ao Chefe Alvim e, em seguida, subiu-o novamente e desembarcou gente que ocupou a posição. Diz, a propósito, Ouro Preto: "As baterias que tantos sacrifícios haviam custado à Aliança conservaram-se mudas (à passagem dos nossos navios, citados, de reconhecimento); a praça tinha sido evacuada e sobre seus bastiões hasteou o Capitão-Tenente Coelho Neto a Bandeira Brasileira.

Estava franca a navegação do Paraguai desde sua foz até Humaitá, que ainda resistia". Fatalmente chegaria a sua vez.

Para Curupaiti, depois, Caxias transferiria sua Base de Operações, onde aguardaria a queda de Humaitá para ali se estabelecer, como veremos adiante.

Ainda neste dia 22 de março de 1868, o já Barão da Passagem (CMG Delfim Carlos de Carvalho) força o *Nuevo Establecimiento*, no Chaco, e persegue os vapores que restavam da derrotada Esquadra Paraguaia: *Igurey*, que se havia ocultado em um arroio, e *Tacuary*, que fugiu, acolhendo-se às baterias de Humaitá, próximo às correntes, ambos consideravelmente deteriorados pelo fogo que lhes dirigiu. Salvos neste dia, diz Ouro Preto, não escaparam à destruição no imediato: o *Bahia* e o *Pará*, avistando o *Tacuary*, ao norte da ilha do Araújo, deram-lhe caça: debalde procurou novamente livrar-se, entrando pelo estreito e tortuoso riacho Guaicuru, onde socorreu aos tiros daquele encouraçado. Igual sorte coube, pouco mais abaixo, ao *Igurey* sob os canhões do *Barroso* e do *Rio Grande do Sul*. O forte do Timbó tentou defender o navio, mas uma bomba do *Bahia* fez explodir o paiol das munições e incendiou os demais depósitos".

Êstes sucessivos reveses e a tomada das trincheiras de *Sauce*, pelo General Argolo no dia 20, completaram o cerco de ferro que obrigou o Ditador a decidir-se pelo abandono de todas as posições avançadas de Humaitá, a fim de concentrar-se nas suas esperanças que eram os muros fortificadíssimos da fortaleza. Vaga esperança, que pouco duraria, como nos conta a História.

Os sucessos dos Aliados até este dia conduzem o Ditador a estabelecer-se, nesta data, na *Vila Luque*, a segunda Capital do Paraguai.

Dia 24

Nôvo divertimento da nossa Divisão avançada, bombardeando a fortaleza de Humaitá, que já se ia tornando insustentável. O Ditador, à vista disso, determina se estabeleça nova linha de defesa na foz do Tebicuari, da qual se incumbiria o General Barrios, do Exército Paraguayo.

Dia 26

O General Bruges abandona Humaitá e vai reunir-se com o Ditador Lopez.

Dia 27

O General Resquin, com tropas paraguaias e petrechos de guerra, cruza o rio, no Chaco, deixando Humaitá a cargo do Coronel D. Paulino Alen. E, assim, termina o mês de março de 1868.

ABRIL, 1868

Êste mês foi mais de expectativa. Apenas no dia 10 é feito um reconhecimento à Humaitá para provocar a sua reação. As 09,00 horas desse dia, os navios do Chefe Alvim (*Brasil*, *Lima Barros*, *Cabral*, *Silvado*, *Herval*, *Mariz e Barros*, *Forte Coimbra* e *Pedro Afonso*) abrem fogo contra a fortaleza, que lhe responde com agressividade.

MAIO, 1868

A ocupação de Curupaiti trouxe, de logo, como consequência favorável aos Aliados, além das vantagens estratégicas pressagiadoras da derrocada final do Ditador, a reunião de todos os navios que, em maior número, secundariam o bombardeio contra Humaitá, ferindo-a sempre com mais violência, como se fazia necessário. Outra vantagem da reunião dos navios era facilitar as comunicações e suprimentos às forças terrestres, dando-lhes, por outro lado, maior

cobertura e proteção nas atividades ribeirinhas.

A êsse respeito escreveu Ouro Preto, um dos mais bem informados historiadores da Guerra do Paraguai, por isso mesmo que a viveu e a dirigiu, politicamente, no setor naval, como Ministro da Marinha que foi, num dos períodos daquele conflito: "...Facilitaram-se as comunicações e suprimentos das diversas fôrças entre si, de modo tal, que instantaneamente, por meio de fios telegráficos, podia o Comando-em-Chefe pôr em ação conjunta, todos os elementos de que dispunha, tanto terrestres como fluviais. Uma única fração se distanciava das demais, a Esquadilha da vanguarda, às ordens do Barão da Passagem, e essa mesma, quando se afastava do Tagi.

Só uma abertura se oferecia aos paraguaios, para saírem do círculo de ferro e fogo, que se ia estreitando: a península do *Chaco*, em face da fortaleza, dominada pelas suas baterias, especialmente as de *Londres* e *Cadena*, e cobertas de mataria densa".

Essa saída, porém, não salvaria o Ditador dos tropeços finais e, isto, êle, melhor do que ninguém, já o havia compreendido. Muda, então, o seu Quartel-General, de Passo Pocu para as barrancas do rio Tebicuari, as quais tratou de fortificar.

"Dêste ponto, com escala por Timbó e a península, estava em comunicações com Humaitá, onde deixara guarnição suficiente com o Coronel Alen e o Tenente-Coronel Martínez, ambos de sua imediata confiança". E assim entrava-se no mês de maio.

De 1º a 8

Argentino Rossani, um dos bons cronologistas da Guerra do Paraguai, faz, naquele período, o seguinte destaque:

"Fuerzas argentinas al mando del Col. Rivas salen de Curupaiti enbarcadas hacia el Chaco desenbarcando arriba del Riacho de Oro.

Fuerzas brasileñas al mando del Col. Barros Falcão, se embarcan en Tayi, para el Chaco desenbarcando abajo de Isla Arazá".

Era mais uma ação, esta da Esquadra, transportando fôrças para a margem direita. Isto porque o Generalíssimo Caxias, prevendo que a guarnição de Humaitá tentaria "pôr-se a salvo, quando pressentisse o golpe decisivo, que êle lhe preparara, ordenou que fôssem ocupá-la (a península ali existente) 1 600 brasileiros e 1 200 argentinos, aquêles sob as ordens do Coronel Barros Falcão e os nossos aliados sob as do General Rivas, incumbido de dirigir a expedição. O desembarque, efetuado e protegido pela Divisão avançada, realizou-se prontamente, em dois pontos, no dia 1º de maio, não obstante enérgica resistência dos paraguaios, que, contando com a operação, se emboscaram na mata, defendidos por fossos e trincheiras".

Ouro Preto, para mostrar a importância desta operação, começa descrevendo a paisagem para onde se transferiram as fôrças aliadas, transportadas pelos nossos navios e fá-lo assim: "...Se o solo da margem esquerda do Paraguai em que até então se havia pelejado era desconhecido e cheio de embaraços naturais, muito mais o do Chaco, coberto de florestas virgens, esteiros, lagoas e, em toda a extensão alagadiço. Foi abrindo a machado estreitas picadas, e progredindo passo a passo, ou atravessando banhados, com água pelos peitos, que as duas colunas, cada qual por seu lado, conseguiram chegar a um centro de convergência e aí se abarracaram, desbravando o terreno em volta e entrincheirando-se a fim de não serem surpreendidos pelo inimigo, talvez oculto poucos passos adiante. Só pouco a pouco, por meio de fatigantes e arriscadas explorações, freqüentemente à viva fôrça, puderam os chefes orientar-se e estudar a posição para se utilizarem do partido que proporcionasse e se acautelarem contra perigos iminentes. Descubrem-se, assim, nas imediações do acampamento, uma lagoa, na qual, para melhor defesa dêle, colocaram-se chatas artilhadas. Dois monitores, ancorados no rio, em pontos correspondentes aos extremos do abarracamento, o apoiariam, na eventualidade de um ataque de flanco.

Os demais navios da Esquadilha faziam o serviço de transporte de víveres,

munições e feridos, prontos sempre a entrar em ação. Eficacíssimo concurso prestou essa Esquadriha à expedição do Chaco, tanto tempo antes sugerida pelo Vice-Almirante (Inhaúma). Seu auxílio contribuiu poderosamente para as repulsas e avultadas perdas que sofreram os inimigos nos terríveis acontecimentos, que fizeram, ou receberam nos dias 2 a 8 de maio, durante os quais quase ininterruptamente se combateu naquela agreste região.

A importância da posição e o mal que de sua ocupação provinha aos paraguaios, os levaram a canhoneá-la com maior vigor do que o faziam contra os outros pontos, guarnecidos pelos Exércitos Aliados, que não cessavam de incomodá-los já das baterias, já surpreendendo e destroçando os destacamentos ou piquetes, que se animavam a transpor as muralhas da fortaleza", que ali estavam encurralados até a rendição final, que se avizinhava.

Dia 10

A Divisão avançada da Esquadra Brasileira sai neste dia de Taíí em missão de reconhecimento e de preparação de expedição ao rio Tebicuari, chegando a Pilar, donde regressou a seu fundeadoiro, com o que encerravam-se as atividades navais de guerra, no mês de maio.

JUNHO, 1868

Dia 4

Sai do acampamento aliado, por ordem do Generalissimo Caxias, uma coluna expedicionária de exploração do rio Tebicuari sob o comando do General João Manoel Mena Barreto.

Dia 5 ao dia 10

Graduando a navegação com a marcha daquela coluna, para protegê-la, o Barão da Passagem, com o *Bahia, Alagoas, Barroso e Rio Grande do Sul*, deixa, às 06,00 horas do dia 5, o fundeadoiro do Taíí, indo rio acima até à embocadura do Tebicuari e, por êle adentro, alcançou S. Fernando. Diz Ouro

Prêto: "A foz e a margem esquerda até àquele ponto estavam entrincheiradas e artilhadas, havendo demais um reduto e comêço de estacada no rio". A exploração realizou-se até à foz do rio sem que os nossos navios fôsem molestados. Às 17,00 horas do mesmo dia, porém, os nossos navios fundearam abaixo da mesma foz, à vista de "novas e importantes fortificações do rio Paraguai". À noite, o Barão da Passagem mandou bombardear as fortificações e, ao amanhecer do dia 6, suspendeu com a Divisão para reconhecê-las. O inimigo rompeu fogo logo que os navios se aproximaram. Feito o reconhecimento, a Divisão bombardeou as fortificações ativamente, até às 09,00 horas do dia seguinte, quando desceu o rio, chegando a Taíí às 15,30 horas do dia 10 de junho. Estava finda essa missão e com ela nada mais houve de importante nesse mês.

JULHO, 1868

Julho, sim, foi, por assim dizer, um mês decisivo na Campanha do Paraguai e fatídico para as hostes do Ditador. Se não, vejamos:

Dia 9

Argentino Rossani, referindo-se aos fatos dêste dia, anuncia-os simplesmente com estas palavras, que mal expressavam a perda de um homem de caráter, embora fôsse um modesto oficial do quadro de pilotos (o Comandante do *Rio Grande*, Capitão-Tenente Antônio Joaquim): "Salen del rio Bermejo doce cancas paraguayas para llevar un asalto a los ancorizados *Barroso y Rio Grande* lo que realizan matando al Cap. del *Rio Grande*, Antônio Joaquim; siendo luego dispersas".

Foi esta mais uma das infrutíferas ações diabólicas de abordagem concebidas pelo Ditador.

Sabendo êle que nas imediações do pôrto de Taíí se encontravam apenas o Encouraçado *Barroso* e o Monitor *Rio Grande*, comandados, respectivamente, pelo Capitão-de-Fragata Silveira da Mota e pelo Pilôto, Capitão-Tenente Antônio Joaquim, empreendeu "mandá-los tomar de abordagem não escarmen-

tado com o desastre de 22 de março. Na noite de 9 para 10 de julho, diz Ouro Preto, numerosas canoas cheias de gente, saíram do rio Vermelho, costearam a ilha de Monterita e encobrindo-se com um grande grupo de ervas aquáticas, à pequena distância dos dois navios, os atacaram repentinamente sem que todavia pudessem surpreendê-los. Lobrigou-as o Segundo-Tenente Araújo Neves, Oficial de Quarto no *Barroso* e, ato contínuo, chamou a guarnição a postos. Acudindo ao ruído das armas, Silveira da Mota dispôs a defesa, mandando romper sobre os assaltantes fogo de fuzilaria das portinholas de vante da bateria e da parte superior da casamata, onde se postaram praças do Batalhão Naval e cabos marinheiros. Reservou com imperturbável sangue-frio a muralha de que estavam carregadas as peças, para quando o inimigo se aglomerasse no convés e, empregando-a oportunamente, limpou o lado da proa, em que primeiro haviam saltado. Além das armas brancas, fuzis e pistolas, os paraguaios vieram apercebidos de foguetes à *congrèves* e de tubos de bronze, contendo matéria inflamável e asfixiante, que pelos interstícios dos xadrezes dos óculos e das escotilhas, lançavam no interior do navio, onde produziam incêndios, felizmente extintos. Desanimados de que algo pudessem conseguir da parte de vante da casamata, retomaram os que sobreviviam as canoas e, reforçados por novos contingentes, deram segundo assalto à ré, sendo igualmente repelidos. Já nesse momento funcionava a máquina para trás, o que fez emborcarem quase tôdas as canoas. Saiu então o bravo Comandante à tolda, à frente de alguns oficiais e marinhagem e aí foram mortos os abordantes, que restavam.

"Algumas canoas que se desprenderam do *Barroso* vogaram para o *Rio Grande do Sul*, que ancorado à pôpa daquele, levantara ferro e se aproximara do combate. Abordando numeroso troço o raso convés do monitor fez-lhe frente, à descoberto o corajoso Capitão-Tenente Antônio Joaquim, que se bateu até desaparecer, sepultado provavelmente nas águas em que tantas vêzes se enobrecera por atos de inexcedível valor."

Nada mais puderam alcançar os inimigos, poucos momentos depois destracados pela guarnição e pelas descargas do *Barroso*. A expedição paraguaia fôra completamente aniquilada. Na tolda do *Barroso* jaziam 42 cadáveres paraguaios.

Perdemos o valente e heróico Comandante do *Rio Grande*. Foram feridos o distinto Prático Etchbarne e quatro praças.

Na sua Ordem-do-dia sobre este acontecimento o Comandante-Chefe da nossa Esquadra, Visconde de Inhaúma, assim a concluía: "Não terminarei sem pagar um tributo de saudade à memória do glorioso Capitão-Tenente Antônio Joaquim. Era o tipo da honra, da bravura e do verdadeiro marinheiro. Ninguém está mais habilitado a proclamar esta verdade do que o irmão mais velho do infeliz Comandante da Corveta *Isabel*. (Esta Corveta naufragou em 11 de novembro de 1860, no cabo Espartel, perecendo o seu comandante, Capitão-Tenente Bento José de Carvalho, irmão mais moço do Visconde de Inhaúma.)

Recomendo aos Imperiais Marinheiros que tomem por modêlo do seu comportamento aquêle que da simples classe de grumete soube, por suas heróicas e estimáveis qualidades, elevar-se ao alto pôsto de oficial-superior da Armada. Se a Marinha da Mãe-Pátria possuía os seus mestres Mateus, Santa Rita e Laranja, também a jovem Marinha Brasileira pode dizer com orgulho: nós tivemos um Antônio Joaquim" (vide, do autor: "O Centenário da Passagem do Humaitá").

Dia 16

O Comandante-Chefe das Operações de Guerra, Marquês de Caxias, dispõe-se ao assalto a Humaitá, de que se incumbiria o General Osório.

Nesta emergência coube à Esquadra prestar valioso auxílio por ocasião do reconhecimento efetuado pelo Exército às trincheiras daquela fortaleza, no dia acima indicado, quando o "Visconde de Herval afrontou a artilharia e fuzilaria inimigas, chegando até o fôssco e aí se metendo a peito descoberto".

Pôsto que não recebesse aviso do movimento, esclarece Ouro Preto, o Vice-

-Almirante, ouvindo o bombardeio de terra, ordenou que se ativassem os fogos de todos os vapôres, os quais ocupando posições convenientes abriram canhoneio sôbre a fortaleza. O *Lima Barros*, em que arvorou a insígnia o Chefe da respectiva Divisão, Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões, aproximou-se das baterias, que metralhou enquanto durou o combate do Exército. "Não praticou impunemente a ousadia: duas praças da guarnição foram mortas, sete feridas e a bordo lavrou incêndio, que a tripulação abafou."

Dia 20

Naturalmente, para preparar o assédio à fortaleza de Humaitá, que continuava operando com relativo sucesso contra as forças aliadas, o Marquês de Caxias dirige-se ao Pôrto Elizário para conferenciar com o Chefe da Esquadra, o Visconde de Inhaúma. Dessa conferência resultaria o reforçamento da Divisão avançada para apoiar as operações de terra planejadas pelo Marquês de Caxias. Daí a segunda Passagem de Humaitá, que descreveremos a seguir.

Dia 21

"Tres buques (diz Rossani) de la escuadra aliada, el *Piahy*, *Cabral* y *Silvado* fuerzan el paso de Humaytá bombardeando la plaza y fortaleza, pasando luego a bombardear el Timbó."

Eram 04,30 horas do dia acima. Partem os Encouraçados *Cabral*, *Silvado* e o Monitor *Piauí* para a segunda Passagem do Humaitá. Forçam, com a mesma gallardia dos que os antecederam em 19 de fevereiro, o Passo, enfrentando as baterias e transpondo incólumes as cadeias que fechavam o rio. "Os navios quase não tiveram danos e suas guarnições nada sofreram".

Apóiam-nos, protegendo-os, com o seu fogo cruzado, a artilharia do Exército, e os Encouraçados *Lima Barros*, *Brasil*, *Mariz e Barros*, *Herval* e *Colombo*, que ficaram abaixo de Humaitá, sob o comando do Chefe-de-Divisão Tórres e Alvim.

Às 05,30 horas da manhã estavam aquêles navios reunidos à Divisão comandada pelo Barão da Passagem.

Com êste esforço pôde aquêl Comandante dar maior atividade à sua força e no mesmo dia passou a hostilizar as baterias de Timbó, *Nuevo Establecimiento*, "as fortificações de Tebicuari e a melhor reconhecer êsse rio e suas margens, escolhidas por Lopez para nova base de operações. Fundeando junto à foz e ao alcance de tiro".

Dia 23

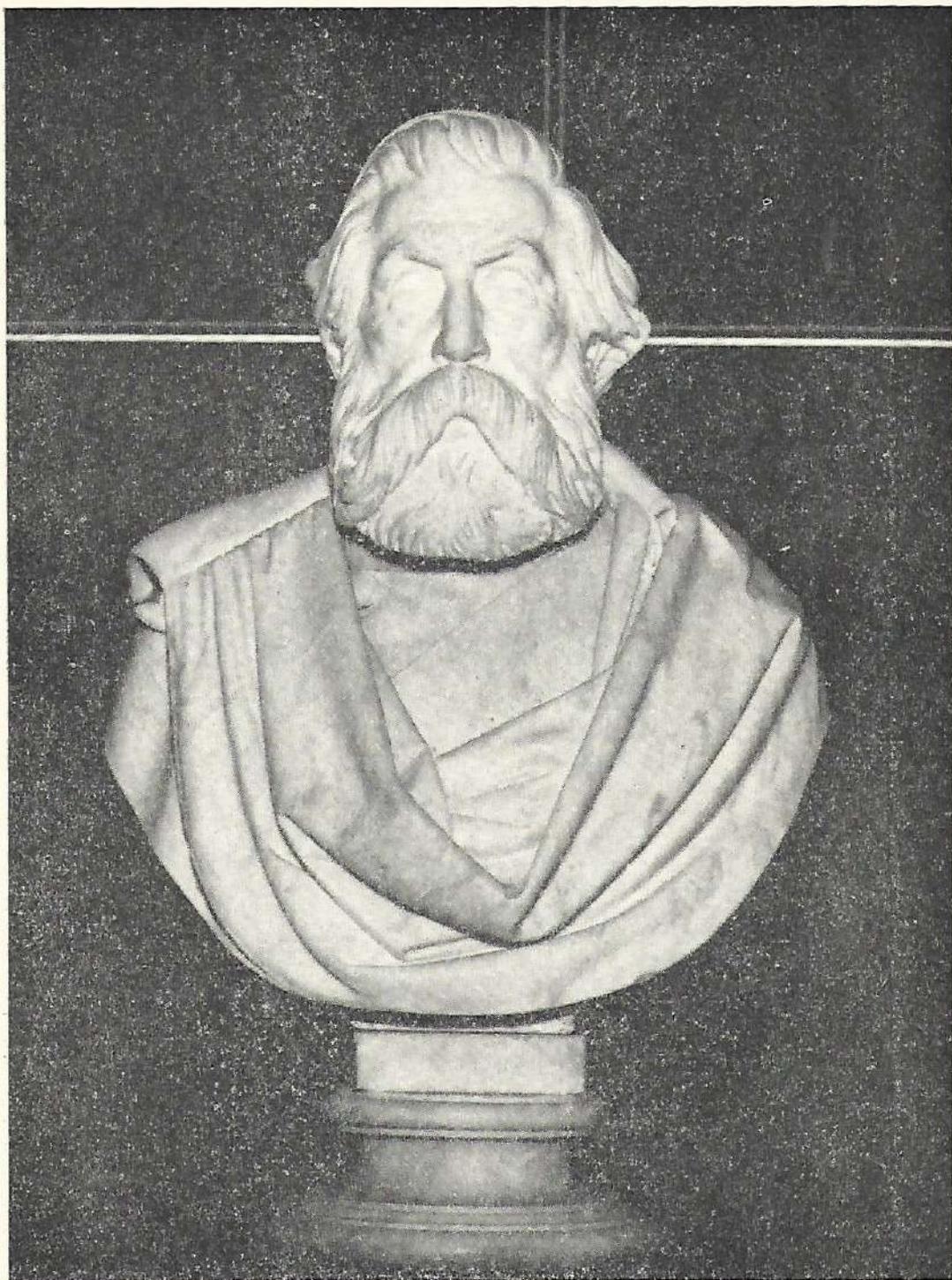
Na tarde dêste dia os navios suspendem e bombardeiam as baterias de terra na foz do rio e o Passo de São Fernando. O *Bahia* interna-se e atinge o local conhecido por Herradura (Ferradura). Nessa exploração descobrem dois navios paraguaios que o *Silvado* passou a hostilizar e do que resultou a morte do distinto Prático Segundo-Tenente Luís Repeto, o timoneiro e seu ajudante, todos do *Bahia*; passou para êste o Prático Picardo, do *Alagoas*, que já não tinha condições de navegabilidade por defeito no leme e que vinha atracado àquele encouraçado.

Ainda neste dia, informa Rossani, "por orden recibida hoy, las fuerzas paraguayas abandonan en parte la plaza de Humaytá durante la noche".

Dia 24

É ainda Rossani quem informa: "Onomastico del Mariscal Lopez, el cual es celebrado en San Fernando donde se hallaba con su estado mayor. Después de celebrado este dia de fiesta en Humaytá, esta fué abandonada silenciosamente durante la noche restando ahi muy poca gente".

Aquí, diz Ouro Prêto: "O terrível insucesso do ataque dos encouraçados, na madrugada de 10 de julho, o reconhecimento dos muros de Humaitá, no dia 16, e o forçamento dessa passagem, a 21, convenceram a Lopez de que não poderia sustentar muito tempo mais a famosa fortaleza. Para evitar as conseqüências de um assalto, ou rendimento à discricção, ordenou às suas tropas que a evacuassem, o que começou a realizar-se desde a noite de 22 de julho, por partida que, atravessando o rio em canoas, desembarcavam na península do Chaco,



General Venâncio Flôres, Presidente da República Oriental do Uruguai, o terceiro membro da Triplíce Aliança (busto existente no Museu Histórico Nacional).

na parte ainda não ocupada pelos Aliados. Daí, procurando Timbó e Nôvo Estabelecimento, iam incorporar-se ao grosso do exército nos entrincheiramentos do Tebicuari”.

Dia 25

Este dia marcou a queda do reduto que, por tanto tempo, ajudou a manter o Ditador e o seu ideal de conquista. Esboroavam-se as muralhas da esperança, as muralhas e as correntes de Humaitá!

Ouro Preto assim relatou o fato:

“Na manhã de 25, todo o resto da guarnição e as famílias que a acompanhavam, em número de cêrca de 4 000 pessoas, tinham efetuado a passagem, ficando a praça em abandono. Suspeitando-o, os Comandantes-em-Chefe do Exército e da Esquadra, pelos movimentos observados nos dias anteriores e ausência de piquetes avançados, aproximaram-se, fôrças terrestres e navais, e sem disparar um tiro, entraram no vasto recinto, convertido em escombro e ruínas. Tudo ali, muralhas, baterias, quartéis, depósitos, igreja, galpões e demais edifícios, apresentava os horrorosos efeitos de prolongado bombardeio. Não havia uma palhoça intacta, uma parede que não estivesse esburacada, ou a esboroar-se. É que sôbre aquêlê monumento de tirania, construído durante dezenas de anos, pesara por alguns meses o justo desfôrro de três nações gratuitamente ofendidas!”

Já não existia a fortaleza de Humaitá que passara, apenas, para a História, como parte de uma época triste da vida de povos que hoje, mercê de Deus, se estimam.

Dia 26

Informa Rossani que nesta data “se internan en la laguna del Chaco botes brasileños y lanchas para hostilizar las fuerzas paraguayas salidas de Humaitá”.

Sabe-se que a guarnição paraguaia que deixara Humaitá refugiara-se no Chaco e pretendia escapar, atravessando, em canoas, a lagoa Iberá. Para impedir essa fuga, Caxias mandou estabe-

lecer uma ronda na referida lagoa. Foi, assim, organizada, às pressas, uma flotilha de escaleres da Esquadra, sob o comando do Capitão-Tenente Francisco Romano Steple da Silva, para agir juntamente com canoas do Exército. Estabelecido o contato com os paraguaios, houve, na tarde dêste dia, um choque entre nove grandes canoas paraguaias com trinta homens cada uma, com três escaleres brasileiros; travada a luta, os nossos escaleres recuam para desimpedir o campo de tiro dos 29º e 32º Batalhões que postados nas margens da lagoa, atiraram sôbre as canoas, fazendo-as retroceder.

Dia 27

Neste dia libertam-se as águas do rio Paraguai das correntes que o *estrangulavam* e que embaraçavam a sua livre navegação. O ato de serrarem-se essas correntes foi solene, por ordem do Visconde de Inhaúma e do qual lavrou têrmo o auditor da Esquadra: “A cerimônia, que simbolizava um triunfo mais da civilização e do progresso, franqueando a todos os povos as águas do caudaloso rio, foi levada a efeito pelo representante da Marinha, o Capitão-de-Fragata Salgado (João Mendes) e pelo do Exército, o Tenente-Coronel Lima e Silva.

“Em conformidade do Tratado da Tríplice Aliança, depois de inventariado e arrecadado o imenso material de guerra ali em depósito, iniciou-se logo a demolição dos restos das fortificações que se erigiam como barreiras ao comércio e à navegação, ameaçando a soberania dos países limítrofes e ribeirinhos” (Ouro Preto, A Marinha d’Outr’ora).

Ainda neste dia 27 a esquadrilha que se achava abaixo de Humaitá, constituída dos navios *Lima Barros, Herval, Mariz e Barros* e *Colombo*, retiradas as correntes, sobem o rio acima indo juntar-se aos demais navios, no pôrto de Taíí.

Dia 31

“Veinte canoas paraguayas, diz Rossani, intentan el passage del rio Paraguay a la altura de Curupaity, siendo apresadas catorce después de una lucha

tenaz". Essas vinte canoas foram interceptadas pela linha de escaleres e canoas Aliadas. Houve grande mortandade, sendo posta a pique uma canoa e aprisionadas inúmeras (Rossani informa 14, como vimos). Perderam ainda os paraguaios mais de 60 homens e os brasileiros tiveram cinco fora de combate.

AGÔSTO, 1868

De 1º a 6

Êstes primeiros cinco dias, juntando-se aos últimos quatro, de julho, caracterizaram-se pelo combate das canoas.

Comentando essa ação paraguaia, acentua o nosso informante Ouro Preto:

"Da guarnição e das famílias, que começaram a passar-se de Humaitá para o Chaco, perto, como se viu, de 4 000 pessoas, apenas alcançaram Timbó pouco mais de 600, na maior parte velhos, mulheres e crianças, dirigidos pelo Coronel Alen, gravemente ferido. As demais não lograram fugir, graças à vigilância das fôrças do Exército ali acampadas, que imediatamente tomavam-lhes tôdas as saídas, formando em tórno verdadeiro cêrco, completado na lagoa por uma esquadrilha de canoas, escaleres e chalanas, que para ali mandou o Vice-Almirante e estavam sob o comando do Primeiro-Tenente Steple da Silva.

Só por água poderiam os fugitivos salvar-se e o tentaram com heroísmo digno de melhor causa do que a do déspota por quem se sacrificavam. Encerrados, nas cercanias da lagoa, em pequena faixa de terreno, que de dia em dia, de hora em hora, mais restringia, dizimados incessantemente pelo fogo da artilharia e fuzilaria, os paraguaios, lutando com indomável coragem, precipitavam-se à noite nas canoas, em que esperavam transportar-se ao ponto desejado. Poucos passos mais longe viam pela frente os pequenos vasos da vigilante esquadrilha, cruzando em tôdas as direções, ou dando-lhes caça. Travam-se combates sangrentos, a ferro frio, a fuzil, a revólver, de um bordo a outro das frágeis embarcações! Os próprios remos e croques eram armas terríveis. Quase tôdas as canoas paraguaias foram apresadas ou soçobraram; poucas regressaram ao ponto de partida e ainda

menos puderam ganhar distância e escapar, mesmo assim com tripulações diminuídas. Luta sem tréguas de nove dias e oito noites, desde 26 de julho a 5 de agosto!"

Nesta guerra de canoas, heróica sem dúvida, os paraguaios perderam mais de mil homens e os Aliados, combatendo-os, cêrca de quinhentos, inclusive o Coronel de Artilharia Antônio Carlos de Magalhães.

A guarnição retirante da fortaleza de Humaitá, que se havia refugiado no Chaco, acaba por se render por não suportar o assédio dos Exércitos Aliados e o implacável bombardeio da Esquadra. Eram 97 oficiais e 1 327 praças paraguaias comandados pelo Coronel Francisco Martinez. Essas fôrças estabeleceram-se na Isla Poi, na lagoa Verá e foram cercados por uma esquadrilha de escaleres e lanchas da Esquadra, comandada pelo Capitão-Tenente Steple da Silva, tendo sob suas ordens os Primeiros-Tenentes Luís Felipe de Saldanha da Gama, Júlio César de Noronha, José Pinto da Luz, Manoel José Alves Barbosa e Francisco Urbano da Silva; Segundo-Tenente José Porfírio de Souza Lôbo e os Guardas-Marinhas Rodrigo Nuno da Costa e Augusto de Andrade Valdetaro. As tropas paraguaias renderam-se depois de dez dias de resistência desesperada. Tivemos a lamentar a morte do Tenente Francisco Urbano da Silva e nove praças, além de 24 outras que saíram feridas. Encerrava-se, assim, o episódio Humaitá. A guerra, porém, continuava pela obstinação de Lopez e seus sequazes.

Dia 7

A posse de Humaitá permitia a Caxias se deslocar para êsse ponto, procurando, naturalmente, aproximar-se das novas posições de Lopez.

Reagrupa as suas fôrças, deixando alguns elementos na nova base para garanti-la e prepara-se para ir ao encontro do adversário que sabia, de há muito, achar-se ao norte de Tebicuari, sem ignorar que êle mantinha ainda tropas na margem direita, ocupando Timbó e "elementos avançados mais ao sul, nas vizinhanças do rio Guaicuru".

“Que devia fazer?” pergunta Tasso Fragoso. “Limpar primeiro essa margem até a altura da nova posição de Lopez no Tebicuari, ou deixar no flanco a posição inimiga existente na dita margem, a fim de que caísse por si mesma logo que o grosso do Exército Aliado ultrapassasse na outra margem?”

Completa Tasso Fragoso: “O primeiro pensamento de Caxias foi sem dúvida adotar aquela solução”.

Para isso vai, neste dia, ao Chaco e ordena que uma partida de 200 soldados verifique se o inimigo ocupa Corá. Essa partida, ao mando de Jacinto Machado, constata que o inimigo se havia retirado daquela localidade. Timbó, entretanto, continuava guarnecida, pois, repelira às provocações do *Colombo* e do *Pará* que haviam conhoneado aquela posição.

Caxias, em virtude desse fato, tomou providências para um próximo ataque à referida posição. Ordenou o preparo de uma coluna de 6 000 homens, sob o comando do Brigadeiro José Auto Guimarães, “que se dirigisse para Taií e ficasse pronta para seguir quer sobre o Timbó, quer sobre o Tebicuari”. Essa coluna, constituída de infantaria, artilharia, cavalaria e do trem de pontes, seria transportada pela Esquadra da margem esquerda onde se encontrava, para a margem direita.

Dia 8

Seria necessário, porém, resolver uma questão preliminar e essencial ao sucesso da empreza: “Qual o ponto em que deveriam desembarcar os Aliados na margem direita do Paraguai, a fim de atacar Timbó?”

Neste dia 8, Caxias embarcou em Taií a bordo do *Bahia* e foi examinar um local junto à foz do rio Vermelho, que Etchbarne já havia explorado e lhe informaram ser o melhor para um desembarque no Chaco. Caxias não julgou ser este o ponto ideal para o desembarque de tropas, escolhendo outro um pouco acima do Timbó.

Os dias que se seguem são de relativa inatividade para a Esquadra. Chega-se, porém, ao

Dia 16

Era o da marcha para o norte. Deixa Argolo em Humaitá defendendo o reduto e éle próprio, Caxias, à frente do 1º e 3º Corpos do nosso Exército e mais o Oriental, deslocam-se para a margem do Nhembucu na direção da Vila do Pilar que a ocuparia com a proteção dos navios sob o comando do Visconde de Inhaúma. De Humaitá suspendem os *Encouraçados Brasil, Cabral, Tamandaré* e *Colombo*, levando atracados, ao primeiro, o vapor de madeira *Princesa de Joinville*, com a insígnia do Comandante-Chefe; ao segundo, o transporte mercante *Alice*; ao terceiro, o *Guaicuru*, com duas chatas para condução de animais; ao quarto, o *Dezesseis de Abril*.

Forçam, a seguir, as baterias de Timbó, com ligeiros prejuízos. No Taií, Inhaúma ordena que a Esquadilha avançada do Barão da Passagem se una à sua Fôrça, e vai fundear no pôrto do Pilar.

“A consequência deste movimento da Esquadra consistiu (informa Ouro Prêto) no abandono do Timbó, que o inimigo evacuou no dia 22.”

Dia 17

Protegido pela Esquadra que se deslocava lentamente rio acima, Caxias fixou este dia para início da marcha ao norte, em direção de Palmas.

De 18 a 31

Segundo Ouro Prêto, à cooperação dos navios do comando do Barão da Passagem deveu o Exército muitos dos triunfos alcançados a 26 e 28 de agosto contra as fortificações do Tebicuari, a qual o inimigo foi obrigado a evacuar no dia 31, depois de ter sido desmontada, pelos monitores, a artilharia de suas trincheiras.

Acompanhemos, com o Marquês de Caxias, o desenvolvimento dos fatos ocorridos naquele período com o apoio direto da Esquadra: a 20, Caxias avista-se com o Almirante Inhaúma e combinam as ações conjuntas, necessárias para abreviar a queda final do inimigo, que já não tinha sossêgo em parte algu-

ma, principalmente depois da ruína de Humaitá em que ruíram suas últimas esperanças; a 22, Caxias tem notícia do abandono de Timbó, fato descoberto pelo *Lima Barros*, cujo Comandante desceu à terra para comprovar-lhe o abandono. Caxias, com êste conhecimento, determinou a partida de um monitor, com um contingente de engenharia, para arrasar as trincheiras, inutilizar as munições e arrecadar as peças; a 23, Caxias determinou se aliviasse a bagagem do Exército, embarcando-se nos transportes que tinham que acompanhar a marcha pelo rio. Seguiram nesses transportes e chatas rebocadas: “o trem de pontes, a tipografia, grande parte das munições de artilharia e infantaria”, canhões de sitio removidos de Taii etc.; dia 24, o grosso da Esquadra que havia ficado em Pilar, teve ordem de subir o rio no dia seguinte; a 26, protegido pela Esquadra, Caxias acampou no pôrto de Taquaras, no lugar denominado Mburicacaré; a 27 não há marcha, mas interrogatório de cinco prisioneiros que informaram a Caxias da retirada das tropas inimigas para Vileta; e que existia ainda fôrça em S. Fernando; a 28 a vanguarda do Exército, sempre protegido pela Esquadra, teve ordem de avançar até às proximidades do Tebicuari. Aí havia uma cabeça de ponte paraguaia que Caxias viu a necessidade de conquistá-la imediatamente, o que ocorreu com o desmonte da artilharia inimiga pelos nossos monitores, permitindo o assalto final da posição fortificada. O inimigo pouco resistiu aí, deixando no campo 165 mortos, sete oficiais prisioneiros e 74 praças, além de haver abandonado três canhões, muito armamento e munições, bois, carrêtas etc.

Tasso Fragoso descreve, dêste modo, a ação da Esquadra nesta parte da campanha: “Já vimos que precisamente no dia 26 de agôsto a vanguarda de Caxias transpunha o Jacaré e recalcava os elementos paraguaios do Capitão Bado para a cabeça de ponte que cobria o Passo Real do Tebicuari, obra de que ela afinal se apoderava no dia 28, ficando assim senhora da margem esquerda do Tebicuari.

O problema que Caxias tinha agora a resolver era a passagem dêste rio, em

cuja confluência com o Paraguai existiam as baterias inimigas. É óbvio que a colaboração da Esquadra seria de grande valor nesta conjuntura. Caxias ordenou por isso que o Almirante fizesse entrar alguns navios no Tebicuari. No dia 29, penetraram nêles os monitores *Piauí*, *Pará* e *Rio Grande*”.

.....

“Os encouraçados (segundo Thompson, citado por Tasso Fragoso), acercaram-se da margem quanto puderam e rodearam a bateria quer pelo Tebicuari, quer pelo Paraguai, rompendo fogo de metralha. Esta situação prolongou-se de 26 a 28. Os encouraçados ficaram muito admirados ao verificar, na manhã seguinte (29), que seus hóspedes haviam desaparecido.

No dia 31 (continua Tasso Fragoso), o Barão da Passagem também penetrou no Tebicuari com o Encouraçado *Bahia* e os Monitores *Alagoas* e *Ceará*. Chegou até o Passo Real do Tebicuari e avisou-se com Caxias no acampamento da vanguarda. Conforme ordens recebidas, trouxeram a bordo o trem de pontes do Exército.”

“Os navios da Esquadra tinham explorado o rio e atacado a artilharia e uma trincheira que os paraguaios haviam levantado e ainda guarneciam, no outro lado do rio Tebicuari, em frente ao Passo Real. Dêste modo haviam conseguido desmontar uma peça e saltar uma ponte suspensa sôbre o fôssô da mesma trincheira.” (Do Diário de Caxias.)

SETEMBRO DE 1868

É o mês do forçamento de Angostura, o último reduto de importância neste final de luta.

O inglês Thompson, que estava a serviço de Lopez, citado por Tasso Fragoso, descreve, assim, a nova área em que vão se desenrolar os acontecimentos importantes e definitivos para o término da contenda: “Todo o território entre o Paraguai (rio), o Tebicuari (rio), a lagoa Ipoá e Angostura é completamente plano e cortado de muitos esteiros. Ao longo do Paraguai e do Tebicuari estende-se, ademais do carriçal, um mato es-

treito, também pantanoso, cuja largura varia de uma a três milhas e pela qual segue a estrada real; do outro lado, porém, desta faixa o país é inteiramente plano numa extensão de muitas léguas, sem uma única árvore, nem uma só colina". Aí Lopez se estabeleceu na esperança de poder resistir. Edificou casa, igreja, telégrafo, oficina com tornos vindos do Arsenal de Assunção para reparos de canhões etc. Referindo-se à igreja construída, salienta Thompson, que Lopez, de repente, se lhe deu a mania de meter-se nos templos, para lá se dirigindo todos os dias onde permanecia várias horas...

Lopez cobriu-se do lado do sul colocando uma vanguarda na estância Jacaré, quatro milhas ao sul do Tebicuari; no Passo Portilho também mantinha uma força de 400 homens para defendê-lo; havia uma guarda reforçada no Passo Recalde, algumas léguas acima do Tebicuari; para S. Fernando chamou as tropas que ainda tinha em Mato Grosso, deixando apenas um esquadrão de vigilância no rio Apa; depois de examinar o esteiro Poi, situado a três léguas ao Sul de Vileta, Lopez se decidiu pelo desaguadeiro Píkisiri.

Descreve-o Thompson, assim: "O Píkisiri demora uma légua ao norte do esteiro Poi; é o desaguadouro mais setentrional da lagoa Ipoá, donde parte em forma de esteiro, que diminui pouco a pouco, à medida que se aproxima do rio Paraguai; fica reduzido a uma estreita corrente ao penetrar na mata, cuja largura é aí de cerca de duas mil jardas, e lança-se no Paraguai em Angostura com cerca de 20 jardas de largo e grande profundidade.

Para defender o Píkisiri era necessário formar uma linha de seis milhas, visto que nessa extensão seria transponível, embora com grande dificuldade; só pelo caminho real lograria o inimigo apresentar-se. A posição não suscetível de ser contornada, a menos que não desse uma volta por Missões ou pelo Chaco, caso em que poderia ser acometida pela retaguarda. Angostura era o único lugar, numa extensão de muitas léguas, onde

seria possível estabelecer uma bateria fluvial, porque apresentava outra baranca côncava em forma de ferradura e a fortificação poderia ser levantada de maneira que servisse para flanquear as linhas terrestres. É verdade que o rio tinha 600 jardas de largura, mas esse inconveniente era remediável.

Nessa posição (continua Thompson), ficaria o Exército muito mais próximo da sua fonte de recursos; os parentes dos soldados poderiam levar-lhes mandioca, laranjas etc., etc., o que muito influía sobre a saúde e, por conseguinte, sobre o vigor da tropa.

Em vista disso, dei a Lopez parte de tudo, opinando ser o Píkisiri uma posição infinitamente superior ao Tebicuari. Ele então me enviou a Fortin para preparar a sua desocupação, deixando as baterias com o Major Moreno e levando consigo o Tenente Avaloso. As peças da bateria menor deveriam ser embarcadas imediatamente e levadas a Angostura. Fui de novo a Píkisiri traçar as baterias e dar ao Tenente Pereira, que ali devia comandar temporariamente, as instruções relativas ao trabalho. Quando regresssei para dar parte do início das obras, fui promovido a Tenente-Coronel. Lopez ofereceu-me uma espada. Na mesma tarde fêz-me regressar para comandar as tropas que teriam de ser enviadas ao Píkisiri, marcar-lhes o acampamento, situar a artilharia, terminar o traçado das trincheiras e baterias e apressar os trabalhos, pedindo eu ao Ministro da Guerra quanto fôsse necessário. Cabia-me enfim ter tudo pronto para quando ele chegasse, arrastando consigo o inimigo em sua perseguição.

O grande canhão chamado *Criollo* foi trazido de Assunção, em vapor, e colocado na bateria da esquerda. Tôda a guarnição daquela praça e a respectiva artilharia vieram para Angostura."

Constatado o abandono de S. Fernando por homens do Barão de Triunfo, na noite de 31 de agosto para 1º de setembro, decidiui Caxias impedir que o inimigo levantasse obras avançadas de fortificação em Angostura, aproveitando a estreiteza do rio nesse ponto. Por isso

determinou que o Almirante fizesse uma Divisão de encouraçados subir o Paraguai para obstar a realização daquela idéia.

Inhaúma designou para a empresa os Encouraçados *Lima Barros*, *Silvado*, *Mariz e Barros* e *Herval* (2ª Divisão da Esquadra; Comandante: Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões da Silva).

Dias 2 a 7

Saem aquêles navios no dia 2 da bôca do rio Tebicuari e chegam a Hermosa às 18,00 horas; às 06,00 horas do dia seguinte (3) zarpam, fundeando ao pôr do sol. Ao clarear do dia 4 continuam a navegação rio acima. Às 11,00 horas, o *Silvado* sofre avaria de máquina. O resto da Divisão vai fundear no lugar denominado Guarda Orange, quatro léguas abaixo de Vileta. Durante os dias 5 e 6 o *Silvado* submete-se aos reparos das máquinas. No dia 7 todos estão prontos e prosseguem viagem. O *Silvado*, cabeça de fila, ia à frente como esclarecedor, passando, incólume, por Itapiru. Às 08,20 horas, quando dobrava a ponta do Chaco que escondia as baterias de Angostura, recebeu de chôfre todo o fogo que elas lhe dirigiam. Era o forçamento de Angostura por um navio brasileiro, o *Silvado*, comandado pelo intrépido Capitão-de-Fragata José da Costa Azevedo (depois Almirante Barão de Ladário). Ouro Prêto, relatando êste episódio, conta-nos que “na impossibilidade de retroceder, por falta de espaço em que desse a volta e embora não tivesse autorização para forçar o Passo, deliberou fazê-lo o intrépido Comandante, subindo a todo o vapor, até que pudesse descer. Tornou-se assim o *Silvado* alvo, durante três quartos de hora, do fogo de duas linhas de baterias, estabelecidas nos dois lados do ângulo da aguda saliência, ou promontório, armadas de quinze canhões de 68, um de 150, raiado, e outros de menor calibre, servidos por numerosa guarnição. Muitas e sérias avarias ali recebeu; achava-se gravemente ferido o Imediato, Primeiro-Tenente Carlos de Noronha, ferido também o não menos distinto Primeiro-Tenente Antônio Pedro Alves de Barros, e contuso, o audaz Segundo-Tenente Carlos de Carvalho; mas

o *Silvado* não retrocede, porque pela frente se descortina fumaça, que bem poderá ser de navio inimigo, sôbre o qual irá arrojarse”.

Realmente, era o inimigo. Não um, mas três vapôres “que espertam as caldeiras, ao avistar o encouraçado pela pôpa da canhoneira americana *Wasp*, defronte Vileta”.

Com entusiasmo da guarnição, o Comandante Costa Azevedo manda que se acelerem as máquinas, resolvido a dar à Pátria novas glórias, apresando ou destruindo os navios paraguaios. Seguiu veloz o *Silvado*, mas encalhou de proa, a quatro braças distante daquela canhoneira (americana), por falta d'água no canal. Ao conseguir safar-se, já os vapôres iam a perder-se de vista, não lhes podendo fazer fogo o encouraçado, por achar-se o navio estrangeiro fundeado, de modo que, seria infalivelmente atingido, nem persegui-los, pelo receio de novos embaraços à navegação e porque as instruções o obrigavam a incorporar-se à Divisão. Voltou, pois, oferecendo pela segunda vez o costado às baterias de Angostura. O *Silvado*, ao final, recebera 30 balas na couraça, mas fizera um reconhecimento exato da fortaleza. No regresso, ao ver o *Silvado* tão castigado, o Almirante avança com o *Lima Barros* e ataca à jusante de Angostura para proteger aquêles navios. Recebe o Capitânia três balas: uma partiu a amarra que sustinha o ferro de bordo.

Por seu turno, o *Mariz e Barros* foi incumbido de atirar contra “uma multidão de carrêtas, que tinham sido vistas um pouco abaixo” em caminho para o acampamento inimigo.

“Mamede desceu o rio e foi fundear duas milhas abaixo das baterias.”

Dia 8

Caxias escreve a Osório e anuncia-lhe ter recebido correspondência do Rio de Janeiro e acrescentava: “Já ninguém mais me fala em paz. Tôdas as recomendações são para seguir para Assunção. Tão influídos ficaram com os últimos acontecimentos de Humaitá; portanto, vamos para adiante, meu amigo”.

E é o que ali se fazia: ir sempre adiante...

Dia 10

Inhaúma deixa Tebicuari com destino à Vila Franca, deixando na foz daquele rio o Capitão-de-Mar-e-Guerra Eliziário José Barbosa com os Vapôres *Beberibe*, *Greenhalgh* e *Araguari*. Este último tinha ordem de penetrar no Tebicuari e explorá-lo até onde fôsse possível.

Dia 11

Por seu turno, o Barão da Passagem deixa a foz daquele rio e "foi, no *Bahia*, juntar-se a Inhaúma em Vila Franca".

Dia 13

Inhaúma, cumprindo ordens de Caxias, determinou que o Barão da Passagem fôsse reunir-se a Mamede Simões, levando consigo os Encouraçados *Bahia*, *Barroso* e *Tamandaré*, os Monitores *Alagoas*, *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará* e a Canhoneira *Henrique Dias*. "Deveriam operar juntos sobre Vileta e hostilizar o inimigo o mais que lhe fôsse possível". Antes, Caxias havia conferenciado com Inhaúma, para combinar o ponto de reunião do Exército com a Esquadra que o protegia, três dias depois, isto é, a 16 de setembro, uma vez que as forças terrestres tinham que se afastar da margem do rio para seguir o respectivo caminho. Foi aí que recebeu a parte de Mamede Simões sobre o reconhecimento da Angostura "e que determinou a partida do Barão da Passagem para o reforçar". Nesta oportunidade, Inhaúma leva ao conhecimento de Caxias a informação que obteve do Secretário da Legação inglesa, Mr. Gould, colhida do Ministro americano Washburu, que descia o rio na canhoneira *Wasp* com a família. Dessa informação, "o mais importante para a Aliança, informa Tasso Fragoso, era ter Lopez declarado que, se fôsse vencido em Vileta, se retiraria para as Cordilheiras, onde se poderia ainda sustentar por um ano, obrigando os Aliados aos maiores sacrifícios".

Verdadeira e cruel obstinação...

Publicando, neste dia, um boletim em que relatava os últimos acontecimentos, os informes sobre Lopez, acima referidos, e o ataque naval a Angostura, dizia o Marquês de Caxias:

"Que fará Lopez? Esperar-nos-á em Vileta, para onde marchamos, ou a esta hora terá também fugido como praticou no seu legendário Tebicuari? Em todo o caso, os Exércitos Aliados ocuparão dentro de poucos dias a Capital do Paraguai, e as emergências que se derem desenharão o caminho que têm de seguir os romeiros corajosos da glória, que com a maior abnegação e sofrendo sacrifícios que se não podem descrever, marcham para dotar um povo da América do Sul da liberdade de que é digno."

Dia 14

A Esquadra encontra-se em Agatepé, onde, às 11,00 horas, Caxias conferencia com Inhaúma a bordo do Transporte *Princesa*. Esta conferência versou sobre o ataque conjunto (Exército e Marinha) às novas posições inimigas, visando sobretudo as linhas de Píkisiri.

Dias 29 a 31

A 29, Caxias subiu o rio com o Almirante Inhaúma até perto de Angostura, para examinar esta posição do inimigo. "Observou a represa que já lhe consta terem os paraguaios preparado na foz do Píkisiri, com o desígnio de inundar o terreno fronteiro às "suas fortificações de terra". Nessa mesma ocasião executavam os encouraçados da vanguarda um bombardeio, a que o inimigo não respondia". Daí nasceu a decisão de se realizar um mais completo reconhecimento às posições inimigas. "A operação far-se-ia deste modo: a vanguarda e o Terceiro Corpo avançariam de frente; Osório ficaria encarregado de reconhecer com essa força o centro e a direita da posição inimiga; o General Castro, tendo sob as suas ordens a Força Oriental e a Brigada Paranhos, seguiria pelo flanco direito, e pelo caminho já explorado, avançaria o Coronel Silva Tavares com uma Brigada de Cavalaria, seguido de outra como apoio (Coronel Severiano Ribeiro de Almeida); o Primeiro Corpo (General Jacinto Machado) e a Quinta Divisão de Cavalaria (do Terceiro Corpo) ficariam de reserva; a Esquadra atiraria contra o flanco direito dos paraguaios".

Passemos, agora, à atividade da Esquadra nessa batalha pela posse de Piki-siri, para desalojar as tropas inimigas: chegando ao Passo de Angostura às 04,30 horas do dia 30, o Barão da Passagem forçou aquêlê Passo com o *Bahia*, o *Silvado*, que já o fazia pela segunda vez, o *Tamandaré* e o *Barroso*. “Sua missão era proceder a um reconhecimento rio acima até Assunção e conservar-se à retaguarda da posição inimiga, onde aguardaria segunda ordem” (Jaceguai).

“O Capitão-de-Mar-e-Guerra Mamede Simões montou a ponta de Itapicuru com o *Piauí*, o *Rio Grande* e o *Ceará*; tomou depois posição e bombardeou as baterias de Angostura.

O Almirante, por sua vez, içou a sua insígnia no *Belmonte* e foi fundear junto à barreira próxima à ponte de Itapiru, de onde os seus vigias colocados nos mastros viam distintamente, e à próxima distância, todos os movimentos da nossa fôrça assaltante e os diversos acidentes do combate (Inhaúma). O *Cabral* e o *Colombo* postaram-se junto ao *Belmonte* e também fizeram fogo com os seus canhões.”

OUTUBRO DE 1868

Dia 1º

Aquela ação terminou às 16,00 horas dêste dia, quando Inhaúma regressou a Palmas com seus navios, menos a Divisão do Barão da Passagem.

Neste mesmo dia 1º, a Divisão do Barão da Passagem forçou o Passo de Angostura, fundeando rio acima às 16,25 horas.

Dias 2 a 5

Relata-nos Tasso Fragoso, apoiado nas informações de Jaceguai, o que fez a Divisão do Barão da Passagem: “Na manhã do dia seguinte (2), seguiu para Vileta e lançou ferro em frente a essa Vila, no canal do lado do Chaco. Os habitantes ficaram alarmados e abandonaram precípiates as suas casas, embora não fôssem hostilizados. Aí se conservou a Divisão até 5. Na manhã seguinte (6), zarpou para Assunção, mas ao chegar

em frente à barranca de Santo Antônio, cêrca das 10,00 horas da manhã, o *Bahia* encalhou “apesar da perícia do seu prático” e só pôde ser safo às 13,00 horas. Notando o Barão da Passagem que o rio baixava e receando outro encalhe, voltou águas abaixo e foi de nôvo lançar ferro acima de Angostura. Comunicou-se com o Almirante por meio do *Silvado* “que por isso forçou de nôvo, no dia 8, as baterias de Angostura”. No dia 10 o *Lima Barros* e o *Alagoas* enfrentaram estas mesmas baterias em sentido inverso para se reunirem à “Divisão avançada do Barão da Passagem; no dia 15 procederam de modo idêntico, com o mesmo objetivo, o *Brasil*, o *Silvado*, o *Pará*, o *Ceará* e o *Rio Grande*”.

Preparava-se o golpe final que seria, de um lado o estrangulamento de Angostura com a queda do Piki-siri, de outro, a ocupação de Assunção.

De 15 a 31

Neste período a Esquadra fez diversos reconhecimentos a Piki-siri e provocações às baterias de Angostura, tendo ali o desembarque de tropas do Exército. Às 08,00 horas do dia 28 (escreve Inhaúma) mandou êste Capitão-de-Mar-e-Guerra (Mamede Simões) que os navios de sua Divisão não só bombardeassem o campo inimigo em tôdas as direções, mas também que metralhassem a mata que borda o rio e às 11,00 horas, quando descobriu a nossa fôrça do Exército, que se aproximava às trincheiras, fez suspender o Encouraçado *Cabral* e, mandando-o acercar-se da bateria de Angostura, aí se demorou êsse navio até depois das 14,30 horas, bombardeando e metralhando essa bateria, sendo acompanhado depois pelo Monitor *Piauí*, que por ordem do referido Capitão-de-Mar-e-Guerra para aí seguiu depois do meio-dia.

Às 14,30 horas foi Triunfo a bordo do *Herval* (Capitânia de Mamede Simões) e participou a êste que o reconhecimento estava terminado”.

NOVEMBRO DE 1868

Durante êste mês a Esquadra teve por missão auxiliar o Exército nas ativida-

des de exploração do rio e de desembarque da tropa.

Assim, no dia 4, o Generalíssimo foi ao Chaco e, em frente à Vileta, embarcou no Monitor *Rio Grande*, indo rio acima até Santo Antônio. Aí examinou cuidadosamente a margem direita “com o intuito de escolher o ponto mais apropriado ao desembarque do seu Exército. Pareceu-lhe ser Vileta o que mais vantagens apresentava”.

No dia 16, Osório embarcou uma força de 100 homens destinada a dar “um golpe de mão para aprisionar um piquete” paraguaio que constava estar à direita da posição inimiga. A força subiu rio acima e desembarcou na margem referida sem encontrar inimigos. Malogrou-se o golpe. “A Esquadra (informa Tasso Fragoso), havia procurado facilitá-lo, aproximando-se de Angostura e bombardeando-a”.

No dia 17, Caxias embarca no *Barroso*, conferenciando com o General Argolo e com o Barão da Passagem sobre as futuras operações.

No dia 20, Caxias embarcou no *Tamandaré* para observar o terreno da margem esquerda do rio. Não descobriu trincheiras inimigas. “Ordenou que o *Piauí*, navio mais chegado à margem esquerda, fizesse tiros para terra, a fim de “avaliar o alcance da artilharia. Combinou o modo porque deveria ser efetuado o desembarque e indicou os pontos mais adequados para isso”, nas imediações de Vileta.

No dia 21, o Encouraçado *Brasil* desceu o rio, forçando Angostura, “com o objetivo de vir buscar munições para a Divisão avançada e levar na subida o Almirante Inhaúma”.

No dia 26, o Almirante Inhaúma, no *Brasil*, força Angostura, acompanhado do *Cabral* e do *Piauí*. O *Cabral* levava amarrado ao costado, protegendo-os, um pequeno vapor e uma lancha. “No canal de Angostura fundeara o inimigo três chalanas com torpedos, que os navios brasileiros puderam evitar”.

Neste mesmo dia, “juntava-se Inhaúma ao Barão da Passagem. Seus três navios haviam recebido avarias importantes. Uma bomba de 150 incidira na parte anterior da casamata do *Brasil*, junto da fresta por onde se governa o na-

vio, causando a morte do práctico João Batista Pozzo e ferimento no Comandante, Capitão-de-Fragata João Mendes Salgado. Inhaúma avisou a Caxias que Vileta estava sendo fortificada”.

No dia 27, para dar o golpe sobre Angostura, Caxias instalou o seu Quartel-General no Chaco. Do pôrto de Canoas desceu de lancha até à foz do Vileta, instalando-se ao norte dêste arroio.

No dia 29, pela madrugada, o Barão da Passagem subiu o rio, por ordem de Caxias, indo até Assunção, levando consigo os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e os Monitores *Alagoas* e *Rio Grande*.

“Sua missão, (diz Tasso Fragoso), era atrair para êsse lado a atenção do inimigo, fazendo acreditar que seria ali o ponto do próximo desembarque. Às 11,00 horas do dia, a Divisão dava fundo em frente à Capital paraguaia. Ao aproximar-se, avistou de longe o Vapor paraguaio *Pirabebé*, que logo se pôs em fuga a tôda velocidade. Passagem (o Barão) lançou alguns projetis “principalmente sobre os edifícios públicos, que eram conhecidos pelas bandeiras que sobre êles hastearam os inimigos, e mui especialmente sobre o Arsenal e a bateria, que apenas dispara cinco tiros, os quais não ofenderam os navios. A bandeira paraguaia, que tremulava sobre o importante palácio do Presidente Lopez e um dos torreões do mesmo palácio, foram simultaneamente atirados por terra, ficando bastante estragado êsse edificio, o Arsenal, a Alfândega e o Estaleiro, onde se achava em construção um pequeno vapor, que sofreu danos bem visíveis” (da parte de Inhaúma).

No dia 30, “Caxias punha a última demão aos seus preparativos”. Embarcou no *Brasil* e foi até perto de Lambaré. “Examinou os pontos mais convenientes ao desembarque e “fixou-os de combinação com o Almirante que o acompanhava nesta excursão” (do Diário de Caxias).

Findava-se, assim, o mês de novembro de 1868.

DEZEMBRO, 1868

Daquela combinação, entre Caxias e Inhaúma, do dia 30 do mês anterior, resultou a ação que começaria no dia 4,

vol. 3.^o



DON FRANCISCO S. LOPEZ
Général de Division et Président
de la République du Paraguay.

quando os navios designados para o transporte de tropas atracaram à barranca direita do Paraguai; às 20,30 horas dêste dia, começou o embarque das tropas; às 02,30 horas do dia 5, zarparam todos para Santo Antônio, três léguas aproximadas acima de Vileta e "outras tantas abaixo de Assunção". "Ali chegados, principiou-se o desembarque". Às 7 horas da manhã (escreveu em sua parte o Almirante) "tinham desembarcado oito mil praças de infantaria e dez bôcas de fogo e material respectivo".

Por todo o dia continuou o desembarque, descendo ao Chaco as embarcações que descarregavam e voltando sucessivamente com outros Corpos. Ao sol pôsto estavam em Santo Antônio umas 17 mil praças, entre as quais perto de mil de cavalaria, com seus competentes cavalos".

Foi, sem dúvida, um dos maiores transbordos de tropa em tôda a campanha do Paraguai feito pela nossa Esquadra. Por isso mesmo, vale a pena conhecer-se as instruções baixadas, a propósito, no dia 2 de dezembro, por Inhaúma, a seguir transcritas:

"1º No dia marcado para o embarque os senhores Comandantes terão as máquinas prontas às 7 horas da noite, recomendando aos engenheiros que conservem os fogos ocultos tanto quanto seja possível sem prejuízo das mesmas máquinas.

2º O *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* ficarão nos lugares em que estão, alando para a terra o mais que lhes seja possível, fazendo ponte de embarque quer com as pranchas, que já devem ter preparadas, quer com suas embarcações miúdas. Isto deve estar pronto com a devida antecedência e segurança.

3º O *Cabral* virá atracar à terra pela proa do *Brasil*, quando fôr determinado. O *Tamandaré* e o *Barroso* atracarão, aquêlo ao *Silvado*, êste ao *Lima Barros*, deixando só a posição em que se acham no dia de desembarque, depois de escurer.

4º O *Ceará*, o *Piauí* e o *Rio Grande* atracarão entre o *Bahia* e o *Silvado* à mesma hora em que vierem ao ponto o *Tamandaré* e o *Barroso*. Receberão arti-

lharia e todos os seus pertences, tanto em material como pessoal e barcas.

5º O *Pará* e o *Alagoas* continuam a bombardear Vileta até segunda ordem.

6º Cada navio receberá o número de praças que lhe é designado neste parágrafo, nada menos, porém para mais, se tiver acomodações: *Bahia*, 800; *Silvado*, 1.000; *Lima Barros*, 1.500; *Cabral*, 1.000; *Brasil*, 1.000; *Tamandaré*, 600; *Barroso*, 800; monitores, a guarnição de artilharia. As chatas e chalanas do Exército serão distribuídas, devendo para êsse fim entender-se previamente a autoridade militar que em terra dirige o embarque com S. Exa. o Sr. Barão da Passagem.

7º A ordem de marcha é a seguinte: *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia*, *Silvado*, *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil*. Três monitores pela pôpa.

8º Os escaleres e chalanas da Esquadra vão atracados, tendo dentro metade das guarnições, e seus oficiais.

Cada navio terá um oficial nomeado para dirigir as suas embarcações miúdas. O silêncio que o regimento provisional determina é muito e muito recomendado. Exige sangue frio e ordem.

A operação é a mais delicada que a Esquadra tem de fazer.

As âncoras e amarras devem ficar safas para dar-se fundo ou suspender prontamente sem prejuízo do serviço, sem molestar os passageiros. Os navios que não têm bordas substituí-la-ão por cabos ou tábuas com a devida segurança.

9º No ponto de desembarque os monitores aproximar-se-ão à terra o mais possível. O mesmo farão, mas em outra coluna, o *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia* e *Silvado*, atracados uns aos outros com cabos. O *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil* formarão uma outra coluna pela pôpa ou pela proa dêste, conforme o permitir o espaço e atracados pela mesma forma.

10º Se o rio tiver fundo bastante para que o navio que ficar mais próximo à terra lance sôbre ela uma ponte, assim o fará. Por cima dela passará a gente dos navios que lhe ficam por BB. No caso contrário o desembarque será operado nas embarcações miúdas dos navios, dirigidas pelos seus respectivos oficiais.

Peço aos Srs. chefes e oficiais do Exército não só façam com que seus subordinados guardem o maior silêncio e ordem, como que não se intrometam no serviço próprio de Marinha.

11^o Concluído o desembarque, o *Brasil* e o *Lima Barros* tomam posição para protegerem o ponto. O *Tamandaré*, o *Barroso* e o *Silvado* descerão para atracar à barra que lhes fôr indicada. Aí receberão a cavalaria e conduzirão em tantas viagens quantas forem precisas.

O Sr. Capitão-de-Fragata Costa Azevedo dirigirá êste serviço. As demais embarcações sob as ordens do Sr. Barão da Passagem descerão ao atual acampamento e continuarão a conduzir o Exército para o lugar do desembarque. Então o Exmo. Sr. Barão disporá como melhor entender os monitores que bombardeiam Vileta.

O Almirante fica a bordo do *Brasil*. Concluída a passagem do Exército, seguir-se-á a bagagem.

Bordo do Encouraçado *Brasil*, em frente a Vileta. (a) Visconde de Inhaúma."

Dessa importante participação da Marinha, a maior neste final de guerra, sem a qual seria difícil bater-se o inimigo num dos seus redutos mais fortificados (a linha do Píkisiri), puderam os nossos navios, em menos de dois dias transportar a Santo Antônio, com todo o material, inclusive cavalos, os efetivos de três Corpos do Exército, num total de 18 667 infantes, artilheiros, pontoneiros e cavalaria (Tasso Frágoso), efetivo êste que se trasladou da margem direita para a esquerda do rio Paraguai.

Eis como Ouro Preto comentou essa ação da nossa Esquadra: "O modo como foi desempenhado êsse serviço, sem um abaloamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer e tudo isso com verdadeira surpresa do inimigo (e à noite, acrescentamos nós), na escuridão, (porque luzes denunciariam as manobras ao inimigo), faz honra à perícia de quem o dirigiu e executou. Pode o Brasil orgulhar-se da sua Marinha de Guerra, tanto pelo valor nos combates, como pela superioridade profissional na satisfação dos vá-

rios e difíceis encargos que a guerra exigia".

Inhaúma relatando ao Ministro da Marinha (Barão de Cotegipe) o desenrolar daquela ação, escreve: "A 3 do corrente desceram para o ponto de embarque onde se achavam atracados à barra os Encouraçados *Brasil*, *Bahia*, *Silvado* e *Lima Barros*, os Monitores *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará* e o Encouraçado *Cabral*, e ficaram continuando a metralhar o inimigo o *Tamandaré*, o *Barroso* e os Monitores *Pará* e *Alagoas*.

Tudo disposto, ao anoitecer de 4 desceram o *Tamandaré* e o *Barroso* e atracado aos outros teve comêço o embarque às 8 horas e 30 minutos da noite, com calma, silêncio e boa ordem. À meia-noite achava-se embarcado o segundo Corpo do Exército ao mando do General Argolo, tendo os navios recebido entre todos mais de 1.000 praças além das lotadas.

Às 2 horas e 30 minutos da madrugada de 5 suspenderam os navios e seguiram na ordem marcada para seu destino; os Monitores *Pará* e *Alagoas* que deixei junto à Vileta, continuaram a bombardeá-la e às 7 horas da manhã êsse Corpo do Exército, em fôrça de . . . 8.000 homens de infantaria, dez bôcas de fogo e o respectivo trem, achava-se desembarcado sem que um só soldado se tivesse molestado e sem a menor oposição por parte do inimigo.

Durante todo o dia 5 ocuparam-se os navios no transporte do resto do Exército, descendo o Chaco e subindo sucessivamente, e ao pôr do Sol estavam em Santo Antônio mais 17.000 homens, entre os quais perto de 1.000 de cavalaria completamente montados.

Nos dias 6, 7, 8 e 9 estiveram os navios empregados em passar para Santo Antônio o resto do Exército e a 9, logo que êste acampou, o transporte foi mandado para Ipané."

Foi, como se viu, uma operação perfeita e difícil se levarmos em conta os recursos precários da época e as condições dos navios. Mas, não só difícil como, sobretudo, executada com a maior rapidez e sacrifício. De fato, honrou o preparo técnico da nossa Marinha de então, como salientou, com justiça, Ouro Preto.

Com êsse transbordo de tropas foram possíveis as ações famosas, sacrificadas e heróicas do nosso glorioso Exército em Itororó, em cujo arroio escrevera uma das mais belas páginas da Guerra do Paraguai: a passagem, à viva fôrça, pelas tropas comandadas por Caxias, em pessoa, contada por vários historiadores, inclusive por Dionísio Cerqueira, que presenciou a ação, a qual lembra aquêlo gesto de heroísmo do Generalíssimo Brasileiro, que ficou célebre na História Pátria, gesto que visou a infundir coragem às suas tropas: "*Sigam-me os que forem brasileiros!*" O resto, diz-nos Tasso Fragoso: "Tocando com as esporas o ginete, atira-se à ponte e transpõe-na de espada na mão, acompanhado de seu bravo piquete, uma trincheira de valentes riograndenses com as bandeiras auriverdes, resto dos batalhões da brigada e oito bôcas de fogo."

Depois de uma cena indiscriminada, de bravura, de delírio, de frenesi, de indizível entusiasmo, espalhando-se a morte de ambos os lados, mas como um rôlo compressor, como diríamos hoje, Itororó estava vencida e com ela caía, também, o pôrto de Guarda-Ipané, onde já se encontrava a nossa Esquadra, que reaprovisionava nossas famintas fôrças terrestres, desfalcadas de recursos em razão das chuvas que caíam impetuosas e do próprio combate de Itororó, que, segundo o mesmo Dionísio Cerqueira, ocasionaram "a falta de víveres e obrigaram os oficiais e soldados a marchar e combater descalços".

Naquele pôrto de Ipané, entre 9 e 10 de dezembro de 1868, a Esquadra transpôs para a margem esquerda as divisões de Cavalaria dos Generais Triunfo e Mena Barreto, possibilitando a retomada do avanço no dia subsequente (11 de dezembro). Entrementes, o *Mariz e Barros*, no dia 9, força novamente Angostura, sofrendo danos consideráveis, num golpe de dissimulação de Thompson, que comandava aquela fortaleza, e em que o bravo Comandante do *Mariz e Barros*, Capitão-de-Fragata Augusto Neto de Mendonça escreveria, como um dos últimos oficiais de nossa Marinha sacrificados naquela peleja, o seu nome na lista daqueles que deram a vida pela Pátria. Eis como o próprio Thompson

narrou o fato: "Na noite de 8 de dezembro dissimulei a bateria da esquerda com ramos de árvores, a fim de ocultá-la inteiramente e atrair os encouraçados até mais curta distância. Para complemento de nossa ventura, sussurava-se na Esquadra que Angostura fôra evacuada..." Aqui completa Tasso Fragoso: "No dia 9, Thompson não içou a bandeira paraguaia nessa bateria. Mendonça caiu no laço. Avançou confiante, passou pela bateria da esquerda, que se conservou silenciosa, mas, ao aproximar-se da segunda, ambas abriram um fogo terrível contra o seu navio. Colocado em situação crítica, achou que a melhor solução seria continuar rio acima. No momento em que dava essa ordem para a máquina (explica Jaceguai) um projétil inimigo chocava a face de vante da tôrre do comando e seus estilhaços penetraram no interior da mesma esmigalhando-lhe a cabeça. O imediato do navio, Primeiro-Tenente José Cândido Guillobel, assumiu-lhe logo o comando e prosseguiu na manobra".

O navio recebera um impacto de 23 balas. Teve o seu Comandante morto, um oficial e nove praças feridos e um oficial contuso.

Voltemos à ação do Exército depois do desembarque, melhor diríamos: depois de Itororó. Segue-se-lhe a batalha do Avaí, aquela em que o Grande Osório, passando "a galope em frente de toda linha, com o rosto emoldurado pelo poncho, pala enrolada, dizia: "*Carreguem camaradas, acabemos com êsse resto...*"

Tanto em Itororó como no combate de Avaí a Esquadra, por ordem de Caxias, se manteve em Ipané para servir de apoio às tropas de terra, abastecendo-as e transportando para Humaitá os feridos de ambos os combates, além do transbordo de tropas para a margem esquerda do rio Paraguai.

A 16 de dezembro, em obediência às instruções do Generalíssimo, Inhaúma determinou que o *Silvado* (Comandante Costa Azevedo) e o *Lima Barros* (Comandante Joaquim de Abreu) descessem o rio na noite de 16 para 17, a fim de irem buscar em Palmas aprovisionamento para o Exército e combustível para a Marinha. "Ambos zarparam às 7 horas da noite e forçaram a passa-

gem de Angostura. Sofreram fogo intenso, apesar da noite. O *Lima Barros* teve um guardião morto e duas praças feridas. No dia 19, voltaram águas acima e, às 6 horas e 30 minutos da manhã, forçaram outra vez a sobredita Passagem. O *Lima Barros* trazia prêsa ao costado uma grande chata repleta de mantimentos. Recebeu 27 balas e teve duas praças feridas. O *Silvado* foi atingido por 14 projéteis. Graças a esse transporte fluvial, recebeu o Exército víveres para 15 dias". Era mais uma missão cumprida pela Esquadra na realização do seu esforço de guerra, habituada que estava a enfrentar, com incrível denôdo e sangue frio, a violência do canhoneio do inimigo vindo das margens fortificadas.

Agora o caminho era a linha de Piki-siri, um dos lados de Angostura. A queda dessa linha, na noite de 21 para 22 de dezembro de 1868, "acarretou duas vantagens inestimáveis: o isolamento de Angostura e a abertura de comunicações francas com Palmas", diz Tasso Fragoso.

A derrota paraguaia em Piki-siri colocou os Exércitos Aliados, segundo Thompson, a uma milha de Angostura, último reduto sério do inimigo. Essa derrota, por outro lado, levou os Chefes Aliados (Caxias, Gelly y Obes e Castro) respectivamente, brasileiro, argentino e uruguaio, a enviarem a Solano Lopez uma intimação para que se rendesse dentro do prazo de 12 horas, dizendo, dentre outras coisas, o seguinte, segundo informa Tasso Fragoso:

"Se a obstinação cega e inexplicável de V. Exa. fôr considerada por V. Exa. preferível a milhares de vidas que ainda se podem poupar, os abaixo assinados responsabilizam a pessoa de V. Exa., perante a República do Paraguai, as nações que êles representam e o mundo civilizado, pelo sangue que vai correr a jorros e pelas desgraças que vão aumentar as que já pesam sôbre o país".

Ao contrário, êle e seus oficiais foram unânimes em repeli-la, dizendo: "prefe-

rirem a morte a sofrer semelhante ignomínia."

Embora vencido, Lopez não se dispunha a ouvir intimação para depor as armas. Declara Tasso Fragoso, numa análise da atitude do Ditador: "A resposta de Lopez é incontestavelmente digna e teria imenso valor moral se promanasse de um homem que não houvesse, como êle, sobreposto a sua vaidade e orgulho pessoal à tranqüilidade e progresso do seu país. Êle a escreveu, como disse Masterman, "tendo as mãos ainda manchadas com o sangue de seu próprio irmão, com o do bispo, que havia sido seu companheiro e discípulo na meninice, e seu mais sincero amigo em tôdas as épocas da vida, e com o dos mais valentes e intrépidos dos seus oficiais".

E assim a guerra continuaria por mais de um ano, desnecessariamente. Encerrava-se o mês de dezembro de 1868 com o ataque à posição de Ita-Ibaté aonde Lopez se reforçara grandemente, o que ocorreu a 27 daquele mês. A batalha durou três dias, durante os quais a Esquadra não cessou de bombardear a fortaleza. Ao final, desbaratado o Exército de Lopez, Angostura, no dia 30 de dezembro, "rendeu-se definitivamente depondo as armas a guarnição de 1.200 válidos e entregando mais de 800 feridos, mulheres e crianças". (Ordem-do-Dia nº 272, de 14-1-1870).

"Antes disso, (esclarece Ouro Prêto) porém, a magnanimidade dos Aliados deixou sem o merecido castigo o ato de insigne perfídia do inimigo e ainda perdeu a Esquadra um dos seus mais distintos oficiais" (aquêle de quem já relatamos, anteriormente, a morte) o Comandante do *Mariz e Barros*, Capitão-de-Fragata Mendonça. Continua Ouro Prêto: "Tendo Angostura içado bandeira branca, manda o Capitão-de-Fragata Costa Azevedo, Comandante do *Silvado*, que o Monitor *Piauí*, arvorando-a igualmente, se aproximasse das baterias. Ao encontro dêste navio pareceu vir um escaler com três oficiais, que à certa distância se fez de volta à tôda força de remos. Arria então a fortaleza a bandeira de paz e despeja a artilharia sôbre o monitor, que é atingido por 6 balas". Era outra ignomínia.

JANEIRO, 1869

A 3 de janeiro, a Esquadra sob o Comando de Inhaúma vai fundear em Assunção, assumindo o Primeiro-Tenente Stepple da Silva a direção do Arsenal de Marinha, a fim de possibilitar os reparos que se faziam necessários aos navios.

A 5, por ordem de Caxias e com o fim de apoderar-se dos restantes vasos de guerra do Ditador, dá-se a expedição do Manduvirá, para ali seguindo o Barão da Passagem com os navios: *Bahia*, *Pará*, *Alagoas*, *Ceará*, *Piauí*, *Santa Catarina*, *Avai* e *Mearim*. Sua missão era dar caça aos oito restantes navios, mais um pontão e o Patacho *Rosário*.

A expedição invadiu o rio acima, saindo os monitores em seu encalço. O arroio era estreito e raso. Adiante estava obstruído com o patacho e o Vapor *Paraguari*, que o inimigo meteu a pique. Teve esta força que regressar sem atingir o objetivo total, uma vez que só três dos oito navios foram abandonados pelos paraguaios. Os demais refugiaram-se no interior do Manduvirá. Na manhã de 9 de janeiro, a força naval do Barão da Passagem juntava-se ao resto da Esquadra em Assunção.

A 14 de janeiro, organiza-se outra Esquadilha Naval composta das Canhoneiras *Mearim*, *Ivaí*, *Iguatemi*, *Henrique Dias*, *Felipe Camarão* e *Fernandes Vieira*, comandada pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Garcindo de Sá, levando a bordo 250 praças do Corpo de Engenharia para irem reapossar-se do ponto denominado Fecho dos Morros, no limite da Província de Mato Grosso, a fim de fortificá-lo e levar à capital daquela província a grata notícia dos acontecimentos do mês anterior.

Desta expedição dá Ouro Prêto esta versão: "...Acompanhava-a o Vapor *Jaguarê*, carregado de combustível. Salvo a perda deste navio, que soçobrou, a expedição nenhuma contrariedade sofreu. Estavam abandonados todos os postos militares das margens dos rios, fugindo mal a avistavam pequenos piquetes aí destacados. A 22, chegou ao Fecho dos Morros e no dia imediato aprouam para Cuiabá as duas Canho-

neiras *Fernandes Vieira* e *Felipe Camarão*.

Os fortes Olímpio e Coimbra não tinham viva alma. Em Albuquerque, uma guarda brasileira, supondo serem inimigos os navios, internou-se, mandando o respectivo Comandante aviso para Corumbá, cuja guarnição, sob as ordens do Tenente-Coronel Mário Coelho, preparou-se para combate, reconhecendo, porém, a tempo aquêlé enganado.

Daí por diante, até Cuiabá, foram as canhoneiras sempre vistoriadas pelos habitantes marginais que as saudavam com delírio, manifestação a que se associaram com indizível entusiasmo as autoridades superiores e a população da capital que tanto sofrera por mais de quatro anos. A Flotilha da Província, comandada pelo Capitão-de-Fragata Sófido, veio receber os portadores da boa nova, por ordem do Presidente da Província, algumas milhas abaixo da cidade onde se celebraram ações de graças".

Estavam restabelecidas as comunicações com Cuiabá, Capital da Província de Mato Grosso e livre todo o curso do Paraguai.

Da famosa e já citada Ordem-do-Dia nº 272, de 14 de janeiro de 1869, do Marechal Duque de Caxias, destacamos o seguinte trecho, que diz o que um Chefe poderia dizer sobre o que foi a ação da Esquadra depois da queda de Humaitá, no esforço conjunto de acabar com uma guerra que nos fora imposta e aos nossos aliados pelos motivos obstinados de um ditador ambicioso:

"Pede a justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exmos. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe-de-Divisão Barão da Passagem e, bem assim, a todos os chefes, comandantes, oficiais e praças da Esquadra Imperial, pelos relevantíssimos serviços que sempre prestaram desde que tive a honra de assumir o Comando-em-Chefe de tôdas as Forças Brasileiras, pelo zelo, inteligência, boa vontade, abnegação como constantemente me coadjuvaram, e pelos testemunhos que nunca deixaram de dar, de considera-

ção e estima à minha individualidade.

Se o Exército sempre se orgulhou em ter por auxiliar a intrépida Esquadra Imperial, não é menos certa que esta, por seu procedimento e bravura, se mostrou digna de ter por auxiliar o valente Exército do seu País."

E terminava assim a sua Ordem-do-Dia: "A guerra chegou ao seu termo e o Exército e a Esquadra Brasileiros podem ufanar-se de haver combatido pela mais justa e santa de tôdas as causas."

Inhaúma deixa o Comando da Esquadra

O sofrimento da guerra e as próprias condições de vida a bordo, em regiões inhóspitas por período tão prolongado, provocaram desgastes irrecuperáveis na saúde do ínclito Almirante Inhaúma. No início de 1869 vamos encontrá-lo em precaríssimo estado hígido. Em 16 de janeiro do referido ano, Inhaúma expediu a Ordem-do-Dia nº 204, em que fazia diversas e últimas determinações sobre o serviço da Esquadra, terminando-a assim:

"Devendo eu seguir para Montevidéu, a fim de tratar de minha saúde conforme a permissão para esse fim obtida de S. Exa. o Sr. Comandante-em-Chefe de tôdas as Fôrças do Império (no caso o Generalíssimo Caxias), sem que contudo deixe o Comando-em-Chefe da Esquadra, exoneração que acabo de solicitar ao Governo Imperial, fica incumbido da direção de todo o movimento da mesma Esquadra S. Exa. o Sr. Chefe-de-Divisão Barão da Passagem, com as devidas instruções que hoje lhe expeço".

Inhaúma não mais regressaria e pouco mais viveria. Deixando a Esquadra entregue aos cuidados do Barão da Passagem, segue, imediatamente, para Montevidéu. Ali chegou no dia 5 de fevereiro, o Chefe-de-Esquadra Elizário Antônio

dos Santos, que era portador do seguinte aviso:

"Ministério da Marinha, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1869. Ilmo. e Exmo. Sr. Em officio de 14 do corrente comunicou V. Exa. que o seu estado de saúde é muito precário, tendo-se agravado nestes últimos dias, que vai inspirando receio aos médicos seus assistentes, os quais são de opinião ser indispensável que V. Exa. peça exoneração do comando que tão dignamente exerce. Acrescenta V. Exa. que se anima a fazer este pedido, atendendo que a Esquadra que lhe foi confiada não tem mais navios inimigos a combater nem fortificações no rio Paraguai a destruir.

O Governo Imperial, entendendo que V. Exa. pelos ponderosos motivos alegados, se veja obrigado a interromper sua gloriosa missão, apressou-se a levar a alta presença de Sua Majestade o Imperador aquela comunicação e resolveu conceder a V. Exa. a exoneração pedida nomeando para substituí-lo ao Chefe-de-Esquadra Elizário Antônio dos Santos. O mesmo Augusto Senhor manda louvar a V. Exa. pelos relevantíssimos serviços que prestou à causa nacional no comando da Esquadra de Operações, que de tanta glória se tem coberto nesta memorável guerra; e como prova do aprêço que merecem estes serviços, dignou-se promover nesta data a V. Exa. ao pôsto de Almirante no quadro extraordinário e condecorá-lo com a Grã-Cruz efetiva da Ordem da Rosa.

O que tenho a satisfação de comunicar-lhe para que V. Exa. o faça constar em Ordem-do-Dia. (as) Barão de Cotegipe. A S. Exa. o Sr. Visconde de Inhaúma".

O Almirante Visconde de Inhaúma sobreviveu apenas 18 dias após chegar ao Rio de Janeiro. Chegando a 18 de fevereiro de 1869 às 06,00 horas, falecia no dia 8 de março seguinte.

FEVEREIRO, 1869

No dia 6, em Montevidéu, o Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos, Barão de Angra, assume o Comando-em-Chefe da Esquadra em Operações contra o Paraguai, substituindo ao Almirante Visconde de Inhaúma. O novo Chefe constituiu assim o seu Estado-Maior: Chefe; Capitão-de-Mar-e-Guerra Costa Azevedo. Secretário; Primeiro-Tenente Manoel Augusto de Castro Menezes. Ajudantes-de-ordens; Primeiros-Tenentes Eduardo Fábio Pereira Franco e Antônio Ferreira de Oliveira.

No dia 20 de fevereiro chegava a Assunção, no Vapor *Princesa*, o Chefe Eliziário recebendo a Esquadra das mãos do Barão da Passagem, que a comandava interinamente, substituindo ao Visconde de Inhaúma.

A 26, o Chefe Eliziário distribuiu a Esquadra em duas divisões, uma destinada ao rio Paraguai e outra, ao rio Paraná, criando, ainda, um grupo de navios sóltos sob a dependência direta de seu Estado-Maior.

MARÇO, 1869

A 2, é organizado um serviço de correio entre Assunção e o Cerrito, com os vapores *Lindóia* e *Voluntários da Pátria*.

No dia 14, com o objetivo de dar maior eficiência à Esquadra, o Chefe Eliziário nomeou o Capitão-de-Mar-e-Guerra Vitorino José Barbosa da Lomba, Comandante da Primeira Divisão e o Capitão-de-Mar-e-Guerra Garcindo de Sá para a Segunda Divisão.

No dia 16, outro ato do Chefe Eliziário suprimiu o Hospital de Humaitá, conservando, apenas, o de Assunção. O *Onze de Junho* também deixava de ser Hospital para exercer outra atividade.

No dia 17, finalmente, as unidades da sua Fôrça Naval eram, assim, grupadas:

Primeira Divisão. (*águas do rio Paraguai*). Encouraçados: *Silvado*, *Mariz e Barros*, *Barroso*, *Bahia*, *Tamandaré* e *Colombo*;

Monitores: *Pará*, *Alagoas*, *Rio Grande*, *Ceará*, *Piauí* e *Santa Catarina*;

Canhoneiras: *Belmonte*, *Ipiranga*, *Ivaí*, *Araguari*, *Mearim*, *Iguatemi* e *Henrique Martins*.

Segunda Divisão. (*águas do rio Paraná*). Encouraçados: *Cabral* e *Herval*; Canhoneiras: *Beberibe*, *Itajaí*, *Araguai*, *Maracanã*, *Greenhalgh*, *Tacuari*, *Chuí* e *Henrique Dias*.

Divisão de Navios Soltos. Todos os demais não mencionados e que pertencem à Esquadra ficariam sob a direção imediata do Chefe do Estado-Maior.

O resto do mês transcorreu sem maiores alterações para a Esquadra, a não ser o serviço de transporte e de abastecimento que era feito pelo rio.

ABRIL, 1869

No dia 14, chegou à Assunção, às 14,00 horas, o Príncipe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, para assumir o Comando-em-Chefe de tôdas as Fôrças Brasileiras em Operações contra o Paraguai, que teve larga conferência com os Generais Guilherme Xavier de Souza, que substituíra, interinamente, o Generalíssimo Caxias, Polidoro Quintanilha da Fonseca Jordão e Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos. Dessa conferência e aproveitando a cheia dos rios, resolveu Sua Alteza ativar a exploração do Manduvirá, onde ainda se achavam navios paraguaios. Sabe-se que o remanescente da Esquadra Paraguaia fugindo sempre a um encontro com navios brasileiros, reduzida que estava a seis navios, internara-se pelas águas do Manduvirá, um dos afluentes da margem esquerda do rio Paraguai, desde janeiro de 1869, em que fôra perseguida pelo Barão da Passagem.

Depois de ter preparado os meios para destruir o resto da Esquadra Paraguaia, expedindo ordens ao comando da Primeira Divisão, o Chefe Eliziário resolveu mandar às cabeceiras do Manduvirá, como ficara antes assentado com o Conde d'Eu, uma fôrça naval sob o comando do Capitão-de-Fragata Jerônimo Francisco Gonçalves, Comandante do Encouraçado *Colombo*, que, com a Corveta *Belmonte*, bloqueavam o Manduvirá.

No dia 18, partiu a Esquadilha composta dos Monitores *Santa Catarina* (Primeiro-Tenente Antônio Baltazar da

Silveira); *Ceará* (Primeiro-Tenente Antônio Machado Dutra) e as lanchas a vapor *João das Botas* (Primeiro-Tenente Gregório Ferreira de Paiva); *Jansen Müller* (Segundo-Tenente Afonso Augusto Rodrigues de Vasconcelos); e a lancha *Couto* que seguiu com o *Santa Catarina*.

A viagem teve início na madrugada do dia acima. A Esquadriha navegou, por assim dizer, às cegas porque não havia prático que conhecesse os rios interiores. Foi, pois, levada pelo arrôjo e pela necessidade de cumprir o dever que, assim, passou todo o Manduvirá, costeando a lagoa de Aguaracati. Entrou após no arroio Hondo e daí no Mubutuí, chegando através de muitas dificuldades, em frente à Vila de Caraguati. Nessa viagem gastaram-se seis dias. Desde o segundo dia de viagem, porém, a Esquadriha foi acompanhada "por força de cavalaria inimigida e de noite cuidadosamente vigiada".

Conta-nos Pereira da Costa que quando a Esquadriha chegou "defronte da Vila, os monitores pararam por não haver fundo para a navegação, e descobriram três vapôres paraguaios postos a sêco.

Gonçalves embarcou numa lancha e procurou aproximar-se dos vapôres inimigos para incendiá-los, mas sem conseguir o seu intento.

Quando Gonçalves quis desembarcar para incendiar os vapôres, surgiu das matas um regimento de cavalaria, que formou meio círculo ocupando a nossa vanguarda, enquanto outro executava a mesma manobra pela nossa retaguarda, auxiliados por força de infantaria.

Não tinham levado força de desembarque, e como não supunham que os vapôres inimigos estivessem tão longe, o Comandante da expedição despachara duas lanchas mandando pedir mantimentos e carvão ao Chefe Lomba, diminuindo, portanto, a gente.

O Capitão-de-Fragata Gonçalves achava-se avançado com os monitores e a lancha *Couto* quando expediu as outras duas lanchas ao Comandante da Primeira Divisão; não obstante quis ir mais longe, porém, viu que não havia espaço para os navios, pois o rio descera naquele dia, 25 de abril, quase dois pal-

mos; pensava aguardar ali os recursos pedidos, quando na noite de 26 o Comandante Gonçalves resolveu fazer a retirada, por ter durante ela ouvido sem cessar, repetidos golpes de machado nos matos que guarnecem os riachos, por ambos os lados; estavam à distância de sessenta a setenta léguas da foz do Manduvirá.

Na manhã de 27, a expedição principiou a descer o rio, navegando de pôpa águas abaixo, pois os monitores não podiam virar e dar às proas ao seu caminho, porque o máximo da largura de quase todos esses riachos é de doze braças, e o mínimo sete.

Às 11 horas da manhã a Esquadriha encontrou o rio atravancado com vigas e muitas árvores, tôdas bem enleadas com cipós e ervas para embaraçarem os hélices. Ao *Ceará*, que ia na frente, coube o serviço de desobstruir o rio: era trabalho executado em uma noite, e a Flotilha passou a salvo porque não interrompeu o trabalho. Às 7 horas da noite fundeou. Na manhã de 28 continuou ela a descer o rio mais apressadamente, para ver se passava o pôrto Garaio com dia, pois os expedicionários já sabiam pelas lanchas que tinham ido buscar recursos, que aquêle ponto estava fortificado, onde elas foram hostilizadas naquele dia por fuzilaria e tentativa de abordagem; todavia chegou a noite sem a expedição alcançar aquêle pôrto.

Das 7 para às 8 horas da manhã do dia 29, a Esquadriha teve de forçar êsse Passo, já fortificado com uma bateria à barbete de duas peças de campanha, boas trincheiras para fuzilaria em ambas as margens, guarnecidas de 1.100 homens, 900 na margem esquerda, e cerca de 200 na outra.

Abaixo da bateria o rio estava obstruído com vigas, árvores, canoas, correntes de ferro, cordas passadas em quatro voltas e até carrêtas cheias de pedras!

Antes da Esquadriha chegar à bateria, os paraguaios fizeram esforços para lançar dois tropedos na lancha *Jansen Müller*, em que ia o Segundo-Tenente Vasconcelos reconhecer a flutuação da viga; êste percebe os torpedos, dá sinal ao *Ceará*, que lhe vinha nas águas e descobrindo a bateria sobe o rio

a dar aviso à Flotilha, que investe com rapidez todos êstes obstáculos.

Coube ainda ao *Ceará* ir na frente e ser o primeiro a romper as correntes e outros embaraços.

Forçadas as trincheiras e a bateria e vencidos os outros obstáculos, a Esquadilha sobe de nôvo o rio para bater-se com os paraguaios: os monitores ancoraram mesmo defronte do inimigo e principiaram a metralhar ambas as margens.

Rompeu vivíssimo fogo de artilharia das duas margens do estreito riacho e 200 homens valentes tentaram abordar os monitores.

Foi um combate porfioso, que durou cinco horas, e causou uma mortalidade horrível nos paraguaios.

Os brasileiros combateram com grande entusiasmo aos gritos de *viva a Nação Brasileira! Viva o Imperador! Viva a Esquadra!*; e a sua fuzilaria e artilharia aterravam o inimigo.

Mais de 100 dos paraguaios que tentaram abordar os navios, foram mortos mesmo no rio: traziam facas afiadíssimas para degolar os brasileiros. Também ferimos muitos inimigos, e outros ficaram prisioneiros.

Lopez ligara tanta importância à destruição ou captura dos nossos monitores, que devassaram sua cordilheira, que mandou prender o Comandante da Fôrça que deixou a Esquadilha passar águas abaixo, segundo declarou o seu ajudante-de-campo que caiu em nosso poder.

Terminaremos transcrevendo o trecho de uma correspondência da Esquadra:

Ah! era um punhado de bravos brasileiros que ali defendiam a Bandeira, a Honra Nacional. O próprio médico, Dr. Oliveira Coutinho, tomou uma espingarda e bateu-se, passeando com aquêlê vagar, que lhe era próprio, de ré à proa e vice-versa, a peito descoberto, e onde melhor pontaria podia fazer. E porque quase tôda a viagem os paraguaios o viram de binóculo a observar, parece que lhe tinham vontade de dar cabo, pois que as balas zuniam a

seu lado, e duas êle apanhou que se despedaçaram no costado do navio e de ricochete, bateram-lhe. Os comandantes mesmo na ocasião do combate o cumprimentaram com seus bonés, ao que êle respondeu, e continuou a fazer fogo”.

Afinal, atingira-se o objetivo total da participação da Esquadra na chamada *Guerra da Cordilheira* com as incursões levadas a efeito durante o ano de 1869, cuja capitulação total dos paraguaios teria o fim trágico em Cerro-Cora, a primeiro de março de 1870, com a morte do Ditador: objetivo que era a destruição dos remanescentes da Esquadra inimiga.

Vimos, pelo documento acima transcrito o que foi a expedição do Manduvirá, uma Esquadilha entregue a seu



O Marechal Gastão de Orléans, Conde d'Eu, Comandante-em-Chefe das Fôrças Aliadas em Operações de Guerra contra o Paraguai, de 16 de abril de 1869 a 1º de março de 1870 (Campanha da Cordilheira).

destino; cercada de ambas as margens pelo inimigo astucioso; barraca na volta, de marcha a ré, pelo menos assim vieram os monitores, com o rio obstruído de tôda a forma: árvores, cabos, correntes, canoas, pedras, carrêtas, abordagem, enfim tudo que se podia imaginar de um inimigo em desespero de causa e que tinha ordem de destruir, a qualquer preço, ou capturar, os navios que se lhe opunham nas suas últimas e derradeiras esperanças de sobrevivência. A isto, à loucura das investidas do inimigo, os nossos bravos marujos, um pugilo de poucos e denodados homens, opunham o ardor e o entusiasmo pela santa causa da justiça e da razão, que defendiam. E o inimigo, no coração da pátria, foi ferido de morte, destruído, liquidado.

Eis o arremate, tirado do relatório do Comandante-Chefe de tôdas as Fôrças Brasileiras em Operações na República do Paraguai, datado de Caraguataí, em 3 de setembro de 1869:

“Nesse rio (o Iguai), dizia S. A. I. o Conde d’Eu, sumamente estreito e sinuoso, achavam-se completamente encahados os seus últimos Vapôres da Marinha Paraguaia, denominados *Apá, Anhambá, Guaiará, Iporá, Paraná e Pirabebé*.

O inimigo, mesmo em sua fuga pôs-lhes fogo, acabando assim de inutilizá-los e fazendo voar grande quantidade de munições que elles continham”.

Era o fim melancólico de uma Marinha de homens valentes, sem dúvida, mas que defendiam uma causa ingrata. Felizmente, tudo passou. Resta-nos, agora, a certeza de que não cometemos indignidade ao narrarmos os acontecimentos de então, na efeméride centenária do término de uma guerra que nos fôra imposta por um só homem (êste mesmo que a poderia ter evitado) que querendo sua pátria maior a custa do sacrificio de outras, tornou-se, por assim dizer, um déspota, um ambicioso, um sacrificador de vidas do seu país e das Nações Aliadas.

Não obstante não ter mais navios a combater, a nossa Marinha continuava em atividade, como coadjuvadora na Campanha da Cordilheira, que ainda se prolongaria até 1º de março de 1870.

Haveria uma terceira expedição ao Manduvirá, do que nos dá notícias Tasso Fragoso: “Logo que o Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos soube das nossas vitórias de Peribebuí e Campo Grande, e lhe constou que o inimigo se retirava para as cabeceiras do Manduvirá, decidiu mandar alguns elementos navais avançar de nôvo por êste rio, na esperança de acometer o inimigo num passo que êle teria de chegar. A 17 de agosto (de 1869), a Canhoneira *Iguatemi* e as lanchas *Inhaúma, Inquiri* e *Tebicuari* penetram no Manduvirá e vão até um pouco acima do Passo Orqueta. Aí fica a *Iguatemi*, visto a configuração do terreno permitir que se batam os campos de ambas as margens do rio. As lanchas continuam, dirigidas pelo Capitão-de-Fragata João Antônio Alves Nogueira e pelo Capitão-Tenente Eduardo Wandenkolk, e alcançam o local em que fôra a pique o Vapor *Paraguari*, 14 léguas distante da foz. Ao cair da noite regressam com cautela para junto da *Iguatemi*. No dia seguinte (18), tornam a subir o rio e vão até um ponto em que se bifurca. Enveredam pelo Caraguataí e atingem o Passo Garaio, que encontram barrado com um muro de pedra de três metros de espessura e cuja superfície fica um metro acima do nível das águas. Só haviam deixado um canal estreito em uma das margens, navegável por canoas. O pessoal das lanchas abriu uma passagem maior, auxiliado pela guarnição do Vapor *Lindóia* que já ali tinha chegado. Da mastreação do *Lindóia*, percebia-se gente em caminho para o norte. Os vapôres paraguaios não estavam longe, mas a deficiência d’água no rio não permitiu que as embarcações avançassem mais. Vendo-se atacados e perseguidos pelos brasileiros, os paraguaios lançaram fogo aos vapôres que já se acham perto para não ficarem em nosso poder” (da parte do Chefe-de-Esquadra Eliziário Antônio dos Santos). Êstes são os seis navios a que aludimos acima.

NOTA FINAL

A 15 de dezembro de 1869, o Chefe-de-Esquadra, Eliziário Antônio dos Santos, achando-se doente, passa o Coman-

do da Esquadra ao Chefe-de-Divisão Vitório José Barbosa da Lomba.

São retirados, a seguir, por ordem do Conde d'Eu, os navios que bloqueavam o Manduvirá e os que estavam na foz de Jejuí. Ficou, segundo informa Ouro Preto, a Fôrça Naval no Paraguai reduzida ao Encouraçado *Tamandaré*, Monitores *Santa Catarina*, *Rio Grande do Sul*, *Alagoas*, *Ceará*, *Piauí* e *Pará*; Transporte *Vieira*, *Felipe Camarão*, *Henrique Dias*, *Princesa de Joinville*; Avisos *Fernandes Henrique Martins*, *Lamego*, *Grænhalg*, *Taquari* e *Lindóia*; Vapôres *Onze de Junho*, *Chuí*, *Antônio João*, *Corumbá*, *Jauru*, *Alfa*, *General Osório*, *Voluntários da Pátria* e dez lanchas.

Os demais navios tiveram ordem de regressar à Capital do Império para fins de reparo dos "gloriosos estragos da luta, ou para serem retirados do serviço, que nobres inválidos, já não podiam prestar".

Ouro Preto, apoiando-se em Cotegipe, Ministro ilustre que vira o término da guerra, com o desaparecimento, a 1º de março de 1870, do Ditador Solano Lopez, concluía as suas notas históricas sôbre a participação da Marinha na Campanha do Paraguai.

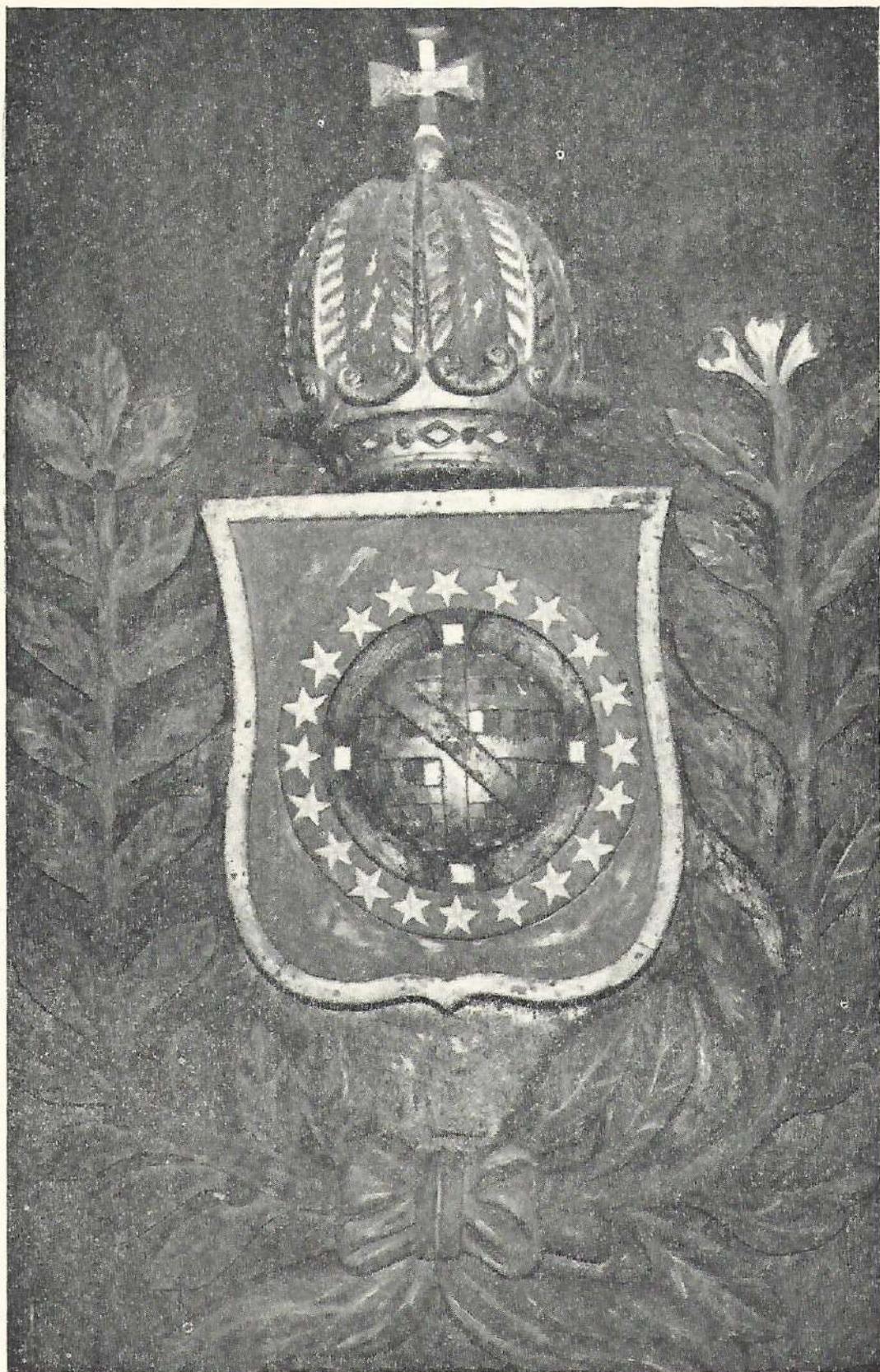
"O Brasil podia contemplar com desvanecimento a sua Marinha de Guerra, que se elevara a par das primeiras do Mundo, em prolongada campanha, cujos perigos e dificuldades, provenientes das circunstâncias especialíssimas do teatro em que se desenvolveu, não encontram outras iguais na história das guerras marítimas.

Paissandu, Riachuelo, Mercedes, Cuevas, Corrientes, Uruguaiana, Passo da Pátria, Curupaiti, Itapiru, Humaitá, Timbó, Tagi, Tebicuari, Angostura, Manduvirá (3 vêzes) foram padrões da sua marcha vitoriosa. Ela recolheu-se à Pátria coberta de louros, trazendo os navios, honrosas cicatrizes, que ostentavam a grandeza da porfia, que sustentaram. Jovens oficiais que nunca tinham entrado em combate, nem prática alguma de guerra possuíam, revelaram qualidades distintas, que lhes valeram rápida elevação. Os chefes, dirigindo-os pelo exemplo do valor pessoal e com a perícia adquirida, corresponderam à reputação de que já gozavam".

A isto acrescenta Ouro Preto: "O Ministro ilustre (o Barão de Categipe) que escreveu estas justas e eloqüentes palavras, poderia ter incluído entre os padrões de glória da Marinha, Coimbra, Alegre e Garaio, onde a coragem dos oficiais e praças, pelejando contra fôrças imensamente superiores, nunca, por nenhuns outros, foi excedida".

AGORA UMA REFLEXÃO

A guerra foi dura e longa porque as dificuldades a vencer eram enormes. Não só não se conhecia o terreno como as suas condições eram as mais adversas e só acessíveis com um prévio preparo, sempre de longa duração pela falta de recursos. Estes, por outro lado, eram os mais primitivos em razão da própria época em que os fatos se desenrolavam. A estrada principal aberta, porém, no âmago da luta, era o rio. Graças à participação da Argentina este ficou livre e em Buenos Aires tivemos o apoio preciso para as operações fluviais. Se nos tivesse faltado aquela ajuda as coisas teriam sido ainda mais difíceis porque teríamos que varar a região da mata e até chegarmos lá, o inimigo, que estava preparado, certo teria chegado antes ao Rio Grande do Sul e pelo norte a Mato Grosso. Graças àquela ajuda, pudemos ferir de morte o invasor em Riachuelo, porque foi ali que lhe quebramos o potencial naval. Sua Esquadra ficara, daí por diante, sem condições de se opor à nossa. Depois, restava ao Ditador a grande esperança da inexpugnabilidade de Humaitá. Esta ruína à valentia e à intrepidez dos nossos valentes chefes e marinheiros. Não se deve esquecer, de passagem, a estrada de ferro construída pelos nossos fuzileiros navais, no Chaco, para facilitar as comunicações entre as Esquadras, de madeira, fundeada abaixo de Curupaiti, e a de ferro, fundeada abaixo de Humaitá. Foi obra do esforço de guerra, digna de ser apreciada como representativa da valentia e da astúcia de gente disposta a tudo pela Pátria. Graças a ela, a nossa Esquadra de ferro, não se transformou de bloqueadora em bloqueada e, abastecida, constantemente, pela estrada do Chaco, pôde continuar bombardeando



Brasão de Armas do Império do Brasil esculpido em madeira na pôpa da Canhoneira Araguari. Este navio participou de toda a guerra, desde Riachuelo até o Manduvirá (Museu Histórico Nacional).



Capitão-de-Fragata Augusto Netto de Mendonça, último oficial da Marinha Imperial, morto em combate. A 9/12/1868, comandando o *Mariz e Barros*, reconhecia as baterias de Angostura quando foi atingido pela explosão de um projétil de 150. Arquivo Montenegro, Biblioteca do Rio Grande do Sul.

incessantemente a fortaleza de Humaitá até à sua queda final, como vimos antes. Depois restou ao Ditador o outro Passo, o de Angostura, preparado com inteligência pelo inglês, a serviço do Paraguai, George Thompson, que a comandou até à rendição final. Sem Esquadra para combater no rio, sem Humaitá e Angostura para se oporem à passagem de nossos navios, livre a navegação fluvial no Paraguai e no Paraná, não havia como se sustentar o inimigo. A Guerra da Cordilheira, que correu para as expedições fluviais ao Manduvirá e ao Garaio e em que os nossos bravos marujos praticaram ações das mais distintas, foi um gesto tresloucado

de Solano Lopez, digno de um bravo, não fôra êle um desalmado, porque o fêz para combater até à morte, mas que sacrificou, desnecessariamente, muitas vidas, de ambas as partes. Melhor teria sido que êle, reconhecendo a derrota, que, de há muito sabia inevitável, tivesse feito justiça com as próprias mãos, senão em Riachuelo, mas depois da queda de Humaitá, uma vez que não admitia a possibilidade de uma paz honrosa, no devido tempo.

*
* *

Nós ficamos aqui com aquela visão de que fala Tasso Fragozo "das inúmeras

vítimas dos quatro países (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) que dormem o derradeiro sono, a maior parte em terra estrangeira, sacrificadas à ambição e à vaidade de um homem sem coração”.

Muita lição se tirou daquela luta inconseqüente que nos foi imposta e aos nossos aliados e ao não menos valoroso povo paraguaio. Uma delas, pelo menos, é a de que na guerra são os pais que enterram os filhos ao contrário do que ocorre na paz em que os filhos são os que enterram os pais. . .

Nada mais horrível do que a glória de uma vitória sôbre o ciclo do martírio humano, ou como diria o velho Marechal inglês Beresford, após vencer importante batalha: “A glória de semelhante triunfo não me oferece consolação. . .”

Aprendamos, contudo, que o nosso dever nos impõe patriotismo e como tal, embora abominando a guerra, que triunfa sempre sôbre mares de sangue, devemos estar preparados para ela face ao mundo de incompreensões em que vivemos.

Aprendamos, também, que guerra é o fogo que destrói ou como a ela se referia Coelho Neto: “é o vômito dos canhões mortíferos, é a coluna estrondosa das minas, é a erupção dos torpedos, é a força da bala, é o repetidor da metra-

lha, é o arrasador das searas, é o excídio das cidades, o terror das mães: faz a miséria, faz a viuvez, faz a orfandade e empilha mortualha nos campos e enche os hospitais de feridos. É o elemento terrível, o instrumento passivo da ferocidade humana”. É o crime, diríamos nós, da responsabilidade de quem a provoca.

A guerra contra o Paraguai não fomos nós, nem os nossos aliados que provocamos. Levaram-nos a ela e por ela tivemos, com todos os horrores, que cumprir com o nosso dever e cumprimo-lo, nós e os nossos aliados, conscientemente, bravamente, dignamente.

Unamo-nos, pois, aumentando, multiplicando infinitamente o nosso patriotismo pela defesa, pela paz e pela glória do Brasil! É o que nos sugere, depois dêste estudo exaustivo, embora incompleto e obscuro, sôbre a ação da Marinha (de Humaitá a Assunção), o 1º de março, cujo centenário lembra o término da guerra que pelejamos com os nossos valorosos irmãos paraguaios.

Esta lembrança só tem um significado: unir mais pela compreensão e pela amizade, os nossos povos, única forma de se abolir o espectro apocalítico que há um século atormentou os nossos povos avoengos.

Sursum Corda!

BIBLIOGRAFIA

- Tasso Fragoso*: História da Guerra Entre a Triplíce Aliança e o Paraguai Vols. IV e V;
Ouro Preto: A Marinha d'Outrora;
F. F. Pereira da Costa: História da Guerra do Brasil Contra as Repúblicas do Uruguai e do Paraguai;
 Vol. IV;
Pedro Calmon e outros: História das Américas;
A. Rossari: Guerra del Paraguai;
Rio Branco (Barão): Efemérides Brasileiras;
A. de Vasconcelos: Efemérides Navais Brasileiras;
H. Boiteux: O Marquês de Tamandaré;
L. Scavarda: Centenário da Passagem de Humaitá;
Pinto Bravo: Curso de História Naval;
Inhaúma (Visconde): Ordens-do-Dia;
S. D. G. M.: Subsídios para a História Marítima do Brasil;
Coelho Neto: Conferências;
Smile: O Dever

**NAVIOS DE GUERRA DO BRASIL QUE PARTICIPARAM
 DAS CAMPANHAS CONTRA AS REPÚBLICAS DO URUGUAI E DO PARAGUAI
 SEGUNDO F. F. PEREIRA DA COSTA**

<i>Tipo de Navio</i>	<i>N.º de Peças</i>	<i>Guarnição</i>
<i>Corvetas:</i>		
Brasil	8	160
Bahia	2	108
Colombo	8	134
Cabral	8	134
Herval	3	128
Lima Barros	8	130
Mariz e Barros	4	123
Silvado	4	130
Barroso	6	125
Rio de Janeiro	6	101
Tamandaré	6	101
<i>Monitores:</i>		
Alagoas	1	37
Ceará	1	37
Piauí	1	37
Rio Grande do Sul	1	37
Santa Catarina	1	37
Pará	1	37
<i>Navios de madeira, a vapor</i>		
<i>Fragata:</i>		
Amazonas	7	214
<i>Corvetas:</i>		
Niterói	24	318
Belmonte	6	150
Parnaíba	6	150
Jequitinhonha	8	130
Beberibe	8	136
Magé	8	130
Paraense	4	165
Recife	4	116

<i>Canhoneiras</i>	<i>N.º de Peças</i>	<i>Guarnição</i>
Araguari	4	118
Araguaí	5	118
Itajaí	6	118
Mearim	7	118
Iguatemi	5	118
Ivaí	6	118
Ipiranga	7	121
Maracanã	3	90
Taquari	2	64
Henrique Martins	4	64
Greenhalgh	2	64
Vidal de Negreiros	1	50
Fernandes Vieira	1	64
Felipe Camarão	2	64
Henrique Dias	2	64
Tramandaí	2	64
Chuí	1	47
Lindóia	2	29
General Osório	2	20
Onze de Junho	—	20
<i>Transportes a Vapor:</i>		
Princesa		86
Apa		80
Isabel		91
Leopoldina		91
Marcílio Dias		91
Werneck		91
Bonifácio		91
Vassion		91
<i>Navios de Vela</i>		
Corveta Bahiana	23	218
Patacho Iguassu	4	52
<i>Canhoneiras:</i>		
Pedro Afonso	1	40
Forte de Coimbra	1	40
Vapor Lamego	1	64
Lanchas — 10	—	—

Dêsses navios dois perderam-se na Campanha do Paraguai: a Corveta *Jequitinhonha*, encalhada no combate de Riachuelo e o *Rio de Jansiro*, que foi atingido por uma mina no combate de Curuzu.

De 4 de agosto de 1864, data em que começou a Campanha Oriental até 31 de março de 1870, as perdas, por morte, em pessoal da nossa Esquadra totalizaram 1727, assim discriminados:

— em combate-ferimentos-explosão de minas	— 170
— diversos acidentes	— 107
— por moléstias	— 1450

Total 1727



O Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, o primeiro Comandante-em-Chefe da Esquadra em operações contra o Paraguai.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O PODER NAVAL DO BRASIL NA DÉCADA DE 1860/70

Capitão-Tenente A. L. Pôrto e Albuquerque

“O mar é o grande avisador. Deus pô-lo a bramir junto aos nossos ouvidos para pregar que não durmamos.”

Rui Barbosa

I — INTRODUÇÃO

O Poder Naval de um país é constituído por todos os elementos que dire-

tamente lhe garantem o exercício de sua soberania no mar, sob o ponto de vista militar. Assim, seu núcleo é a Esquadra (cu as Fôrças Navais), contando-se

ainda as bases navais, o pessoal engajado e outros elementos ligados à guerra no mar.

O Poder Marítimo é mais extenso, engloba, além do Poder Naval, o território marítimo, a marinha mercante, as indústrias subsidiárias, a vocação marítima do povo, a política governamental e outros elementos afins.

Comentaremos aqui aspectos do Poder Naval Brasileiro, especialmente quanto às Forças Navais, na década de 1860 a 1870, como resultado de um estudo dos Relatórios dos Ministros da Marinha no período considerado.

Tal período foi de grande importância para o Brasil e particularmente para a Marinha de Guerra. Militarmente, ele representou um amargo e glorioso sacrifício para as Forças Armadas Brasileiras. Não focalizaremos aqui operações de guerra, mas procuraremos analisar o Poder Naval do Brasil na fase que antecedeu a guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai e durante esse conflito.

Poderemos compreender melhor, à luz da História, que em matéria de política externa de uma nação e de sua política marítima, a mesquinhez, o desaviso e a incerteza, quando não trazem consigo o desastre fatal, acarretam, quando menos, penosos e irretribuíveis sacrifícios.

II — ESTRUTURA E PESSOAL

Marinha nascida de uma exigência nacional, como instrumento decisivo para a preservação da unidade territorial brasileira, tendo surgido da contribuição popular, que compreendeu sua missão e a armou desde o princípio, a Armada Nacional e Imperial, encontrava-se em situação delicada e, podemos dizer, até mesmo precária, no início da década de 1860.

Como parte do maquinismo administrativo da época, a Marinha herdou também as dificuldades estruturais da administração colonial portuguesa.

A burocracia complicada, os diversos regimes de trabalho e de vencimentos — díspares e conflitantes nos mesmos postos e em desacordo com a hierarquia das patentes — somavam-se a uma deficientíssima política de pessoal de cujas

dúvidas e inquietações padecemos até hoje.

Em matéria de recursos orçamentários jamais as despesas estiveram de acordo com as verbas estipuladas. O déficit foi a marca constante do orçamento naval em todo o período considerado, sendo sempre coberto pelos créditos suplementares ou extraordinários concedidos por decretos imperiais.

Foi com essa organização bastante inadequada que a Marinha se viu a braços, surpreendida, com um inimigo audacioso, numa guerra custosíssima, cujas despesas totalizaram Rs. 613.200:000\$000 (seiscentos e treze mil e duzentos contos)¹, ou seja US\$ 300.000.000 (trezentos milhões de dólares)², quase inteiramente cobertas com recursos nacionais.³

A crítica não se faz, contudo, à Marinha, isoladamente. Foi todo um sistema da época, bem brasileiro, cujos sinais estão ainda hoje às nossas vistas. Do passado, pela sua análise, o que temos a tirar são lições, para evitar a adição, multiplicação ou potenciação de erros, cujos resultados se resumem no desgaste das instituições e da própria vida.

Se parece que temos o espírito exageradamente crítico, ouçamos eminentes figuras de nossa História, que deram tudo de si na construção e na vida da Marinha.

Dirigindo-se ao Poder Legislativo em 1862,⁴ disse o Chefe-de-Esquadra Joaquim José Inácio, então Ministro da Marinha, e mais tarde Almirante Visconde de Inhaúma:

“Citar-vos-hei como exemplo, o seguinte:

“Um navio precisa de um objecto, cujo preço alcançará quando muito a 2\$000;⁵

1) Mais precisamente, Rs. 613.183:262\$695, conforme o Visconde de Ouro Preto em *A Marinha d'Outrora*, pág. 100, 1894.

2) Herring, Hubert: *A History of Latin America*, pág. 839 KNOFF, Nova Iorque, 1968, 3ª ed.

3) Só Rs. 70.787:799\$420 foram cobertos com empréstimos externos, em Londres. Ouro Preto, Visconde de: ob. cit., págs. 98 e 100.

4) No regime parlamentar da monarquia, os Ministros de Estado eram responsáveis perante o Poder Legislativo pela gestão à frente das respectivas pastas.

5) Dois mil réis.

para obtel-o faz uma guia, que é assignada pelos respectivos Escrivão, Comissario, Immediato e Commandante, sujeita ao exame do Chefe da Estação Naval,⁶ que a rubrica, reconhecendo a necessidade do pedido; apresentada ao despacho da Intendencia, e, depois de obtido este, levada á competente Secção do Almojarifado, que, se está desprovida do genero requisitado, faz, por seu turno, um novo pedido á Intendencia, que o remette ao Conselho de Compras para promover a aquisição; e este o faz subir á presença do Ministro, solicitando autorisação para ser ella effectuada por intermedio do Agente Comprador.

É só depois d'este complicado e longo processo que o Ministro decide a compra, expedindo, ainda para esse fim, Avisos à Intendência, Contadoria e Conselho de Compras!

E, por esta fórma, para realizar-se um fornecimento de diminutissimo valor, consomem-se alguns dias, gastão-se folhas e folhas de papel, e distrahem-se inutilmente empregados sobre quem pe-zão deveres mais importantes.

A isto chama-se entre nós fiscalizar; sem attender-se á que o fraccionamento da responsabilidade enfraquece-a".⁷

E não foi só Joaquim José Inácio. Mais tarde, Francisco Carlos d'Araujo Brusque, quando Ministro da Marinha, também se queixou:

"Superabundancia de formalidades, complicação de detalhes inuteis, lentesa no estudo e solução das questões, taes são os defeitos capitaes de que se resente esse systema, e que muito importa corrigir".⁸

Somando-se a essas graves deficiências burocráticas, a Marinha contava com problemas sérios no setor logístico, a começar pelo pessoal mais diretamente ligado a êle. Embora julgando impor-

tante o pessoal de Fazenda (intendentes), disse Joaquim José Inácio:

"Entretanto, forçoso é dizel-o, não está o nosso Corpo de Fazenda na altura de sua missão, tornando-se assim indispensavel uma depuração no seu pessoal, que, salvas poucas e honrosas excepções, é o peor da Armada. A escassez de homens aptos para este emprego, que, além de habilitações especiaes, exige robustez e disposição para a vida do mar, tem afrouxado o rigor, que se deveria escrupulosamente guardar na admissão de taes funcionarios.⁹ Isso, entretanto, não era novidade, pois anteriormente, no Relatório do Ministro da Marinha de 1857, já se lia:

"Os registros das liquidações de contas feitas pela Contadoria da Marinha attestão a incapacidade da maioria dos individuos que exercem taes empregos, e os prejuizos de dezenas de contos de réis que elles anualmente causão ao Estado.¹⁰ Em suma, qualidade e quantidade não atendiam às necessidades da Marinha quanto ao pessoal de fazenda na década de 1860/70.

Nesse quadro, já podemos ter uma idéia das dificuldades com que se haviam os que se propunham a realmente administrar e comandar. Fora os obstáculos de ordem material, que serão comentados adiante, a Marinha contava com outros três grandes problemas: a remuneração, a promoção e a formação de pessoal.

As discriminações de salários e vencimentos em excessivas.

O encarregado do Quartel-General (hoje é o Chefe do Estado-Maior da Armada) ganhava menos do que alguns officiais seus subordinados. Em 1861, a tabela de vencimentos dos funcionários militares do Quartel-General era a fixada em 1793, ou seja, 68 anos antes. Tais discriminações refletiam-se, por exemplo, na formação da marujada, porque os officiais procuravam não servir no Corpo de Imperiais Marinheiros, já que tinham seus vencimentos bastante reduzidos naquela comissão. Esse problema

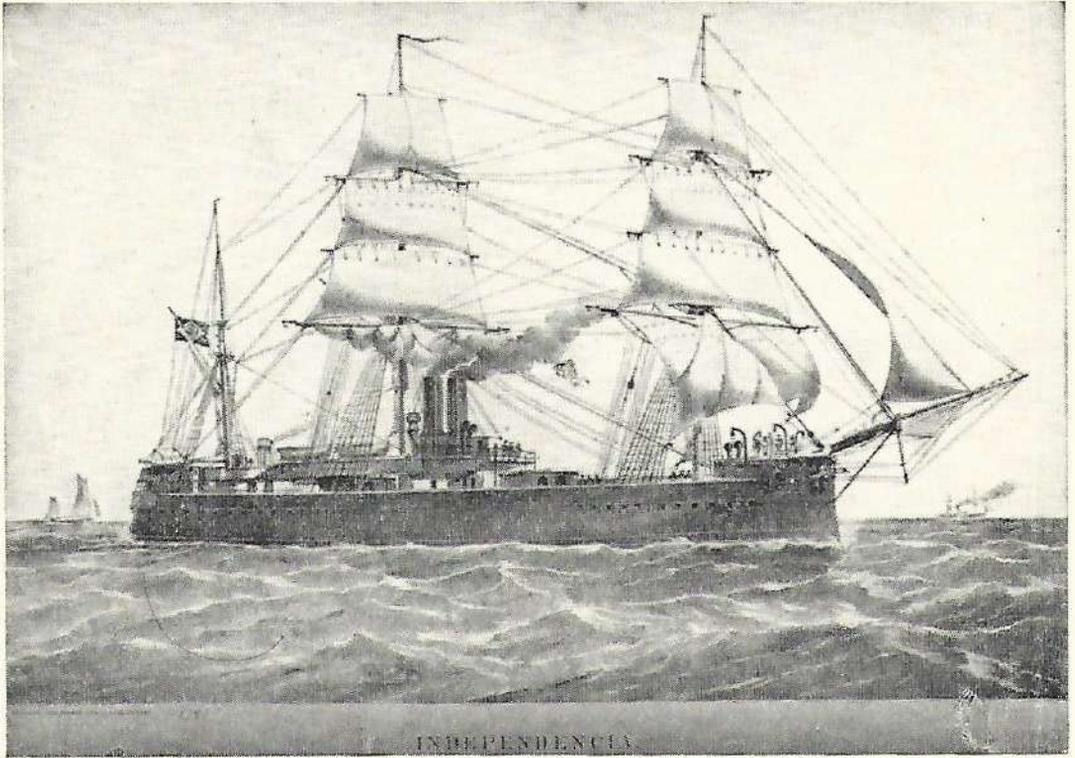
6) Uma espécie de Comando Naval localizado, anterior à criação dos Distritos Navais, o que se deu antes da Guerra do Paraguai.

7) Relatório do Ministro da Marinha, 1862, pág. 6.

8) Relatório do Ministro da Marinha, 1864, pág. 3.

9) Relatório do Ministro da Marinha, 1861, pág. 7.

10) Apud Relatório do Ministro da Marinha, 1862, pág. 9.



O Encouraçado *Independência*, de 9310 t, lançado ao mar em 1865 e que foi vendido à Inglaterra ao fim das hostilidades contra o Paraguai, sem nelas ter tomado parte.

agravou-se tanto que o Ministro propôs que o serviço no Corpo de Imperiais Marinheiros fôsse equiparado ao embarque em navios armados, ou, pelo menos, em navios-transporte.¹¹ Somava-se a tudo isso uma mentalidade antimagistério, característica dos países subdesenvolvidos, onde é mais fácil se encontrarem todos os óbices contra o progresso. Tal discriminação consistia em reduzir-se à metade o soldo do oficial que exercesse o magistério na Escola de Marinha (hoje Escola Naval) e contar-se-lhe apenas a metade do seu tempo de serviço. Vejamos o que disse a esse respeito Francisco Xavier Pinto Lima, quando Ministro, em 1865, dirigindo-se ao Poder Legislativo!

“Pede a justiça que eu chame a vossa atenção para a posição excepcional em que o art. 106 do regulamento de 1º de maio de 1858 colloca os officiaes da

armada, que se dedicão ao magisterio na escola de marinha.

Quando nenhuma restricção é imposta aos direitos dos mesmos officiaes pelo exercicio de outros ramos do serviço naval, sujeitar os lentes, oppositores e professores ao perdimento da metade do soldo e tempo de serviço, é, a meu ver, uma excepção injustificavel, em vista de missão de tão transcendente importancia, qual a da educação da juventude, que se dedica á marinha militar”.¹² Não é de se estranhar que o Brasil tenha até hoje tão grande massa de analfabetos...

Além disso, a remuneração do pessoal militar era baixa, o que, aliado às dificuldades da carreira, levava officiaes a procurarem licença para trabalhar na vida civil. Disso é exemplo o fato de que, quando o Ministro da Marinha resolveu

11) Relatório do Ministro da Marinha, 1862.

12) Relatório do Ministro da Marinha, 1865, pág. 11.

cancelar as licenças dos officiaes que estavam trabalhando na Marinha Mercante e convocá-los novamente para o serviço naval, todos, com excessão de um, pediram suas reformas.¹³

Em plena Guerra do Paraguai, Afonso Celso de Assis Figueiredo, então Ministro da Marinha, assim se manifestava sôbre a remuneração dos officiaes de Marinha:

“Não me parece que sejam sufficientes os vencimentos dos officiaes, principalmente nas classes menos elevadas e no que toca ao soldo das patentes. Mas não sendo lisongeiros as circumstancias do paiz, nada me anima a propor-vos neste sentido.

“Os officiaes de todas as marinhas estrangeiras acham-se a este respeito em melhores condições”.¹⁴

A questão das promoções dos officiaes foi motivo de grandes discussões. Era realmente sério o problema. Ao iniciarse a década de 1860, a dotação do Corpo da Armada, fixada pelo Decreto nº 185, de 20 de junho de 1842, já não atendia às necessidades da Marinha. Depois de fixada aquella lotação, foram criados o Conselho Naval, os Corpos de Marinha, as Capitánias dos Portos, as Companhias de Aprendizes, as Estações Navais, etc... dêsse modo, era bastante insufficiente o número de officiaes que então existia. Aliás, com exceção das vagas extraordinárias abertas durante a Guerra do Paraguai para compensação de feitos militares (§ 4º do art. 8º da Lei nº 1.523, de 28-9-1867), a lotação fixada em 1842 ficou inalterada durante toda a década de 1860/70.

Joaquim José Inácio assim se manifestou a êsse respeito:

“Assim que, o numero de officiaes Generaes, e Superiores, já n’aquella epoca (1842) apenas sufficiente, não basta hoje para fazer face á maior copia de armamentos e commissões administrativas; do que resulta vêr-se o Governo compellido a nomear officiaes de pequena patente para commandos de superior cathegoria, com detrimento da discipli-

na e desfalque da classe de subalternos, que mal chega para guarnecer, em tempos de paz, os Navios que possuimos”.¹⁵ O quadro nº 1 mostra a lotação, o efetivo e as necessidades de officiaes generais e superiores em 1861. A êsse respeito, comentou ainda Joaquim José Inácio:

“Fica, portanto, claro que, mesmo não contando com os impedimentos por licenças, ou molestias, e com a necessidade de uma reserva disponível, para occorrer às commissões extraordinarias, e outras eventualidades do serviço, resente-se o quadro em cada uma de suas classes superiores das seguintes differenças para menos.

Chefe d’Esquadra	1
Chefe de Divisão	2
Capitães de Mar e Guerra ...	4
Capitães de Fragata	6
Capitães Tenentes	12

“Os acanhados limites, traçados ás classes superiores, não só gerão difficuldades ao manejo da administração, como tendem a inocular o desanimo nos subalternos, cujas legítimas aspirações vão quebrar-se de encontro a insuperavel barreira alevantada pela lentesa dos accessos, que apenas podem ter lugar, em virtude de vagas, morosamente abertas pela morte, ou reformas.

“D’ahi as mais perniciosas consequencias. A desesperança intibia o zelo, mata a emulação, e instilla no animo de muitos dos que, fascinados pelo brilho das altas patentes, abraçarão com entusiasmo a vida do mar, não como um meio de adquirir riquezas, mas como uma carreira de gloria e renome, essa tendencia para os empregos de terra, por vezes denunciada ao Corpo Legislativo.

“Aquelles, que, dotados de maior resignação, ou mais decidida vocação, conservão-se no serviço da Armada, quando logrão attingir os postos superiores, estão velhos e alquebrados, pelas fadigas de uma vida excepcional.

13) Relatório do Ministro da Marinha, 1862.
14) Relatório do Ministro da Marinha, 1868, pág. 3.

15) Relatório do Ministro da Marinha, 1861, pág. 4.

“A diuturna permanencia nos postos subalternos, habituando a mocidade a subordinar os dictames da propria intelligencia ao impulso de uma vontade superior, exagera o temor da responsabilidade, apaga os lampejos do genio, entorpece a iniciativa, e transforma os mais robustos caracteres em instrumentos aptos para executar, mas impróprios para conceber e dirigir”.¹⁶

A solução proposta por Joaquim José Inácio era simples: aumentar os quadros. Isso atendia a uma parte da questão apenas. O problema, entretanto, era muito mais sério. A lotação prevista para o posto de primeiro-tenente era de 160 e para segundo-tenente era de 240. Ora, havia 1 vaga aberta para almirante, 1 para capitão-tenente, 26 para primeiro-tenente e 181 para segundo-tenen-

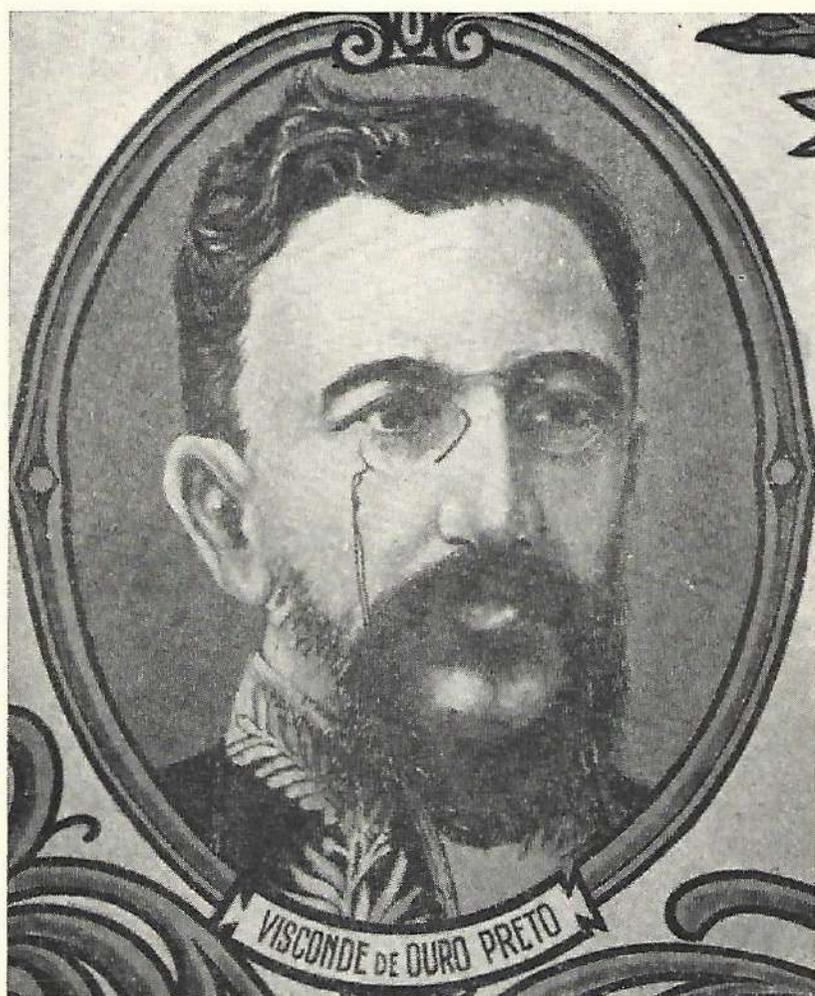
te. Considerando que a Escola de Marinha tinha um efetivo de 37 aspirantes, havendo ainda 26 guardas-marinhas, o deficit de oficiais subalternos era alarmante. A solução, portanto, não seria apenas aumentar os quadros. Há mais de cem anos a Marinha persegue essa solução, sempre com pouco ou nenhum êxito.

Francisco de Paula da Silveira Lôbo, quando Ministro da Marinha, encarou mais realisticamente o problema das promoções dos oficiais superiores. Em 1865, estando completas as lotações de oficiais gerais e superiores, aquêles em número de 14 (havia aberta apenas 1 vaga de vice-almirante) e êstes em número de 106, havia 2 vagas abertas para primeiro-tenente e 205 para segundo-tenente. Julgara Silveira Lôbo que o número de vagas era até excessivo. Que o êrro não estava no quadro, mas na má distribuição de pessoal. Dizia então o Ministro que as comissões de terra de-

¹⁶ Relatório do Ministro da Marinha, 1861, pág. 5.



Arsenal de Marinha da Côrte, em 1858, vendo-se no primeiro plano, à direita, a carreira. Foi elemento precioso para o Poder Naval do Império do Brasil na Guerra do Paraguai.



Afonso Celso de Assis Figueiredo que, como Ministro da Marinha, durante a Guerra do Paraguai, propôs importantes reformas concernentes à carreira e à vida do pessoal subalterno da Marinha.

viam ser preenchidas por oficiais da segunda classe, isto é da *reserva* ou agregados. A primeira classe era composta pelos oficiais da ativa, sendo destinada para o serviço pròpriamente de guerra: "empregal-as em comissões sedentárias, é afastal-a do exercicio que lhe compete. Nada mais regular, portanto, do que chamar á embarque os officiaes distrahidos da sua occupação natural, qualquer que seja a importância d'essa occupação".¹⁷ Silveira Lôbo propunha que se passassem para a segunda classe os officiaes servindo em terra com menos

de quinze anos de embarque. Tal medida, aliada à possibilidade, também proposta, de reforma com trinta anos de serviço, independentemente de inspeção de saúde, abriria vagas mais freqüentemente. No nosso entender, Silveira Lôbo anteviu a necessidade de se atender a parte das comissões de Marinha, principalmente as de terra, com gente oriunda de outras fontes que não a Escola Naval.

Mas o problema do manancial de officiaes, a então Escola de Marinha, permanecia. Pouca gente, o grande drama! Joaquim José Inácio, quando Ministro, atribuía a pouca quantidade de aspirantes e guardas-marinhas à dificuldade do curso da Escola de Marinha. Julgava o

¹⁷ Relatório do Ministro da Marinha, 1866, pág. 10.

Ministro que inteligências menos favorecidas também poderiam ter acesso à carreira do mar. Seria necessário, então, reduzirem-se os currículos. Vejamos o que disse o ilustre oficial:

“Nem sempre aquelles, que mais vocação sentem para a laboriosa vida do mar, são os mais propensos ao estudo das abstracções mathematicas.

“Não é possível reunir o mesmo individuo igual aptidão para a theoria, e para a pratica; porém é isso tão raro que não pôde constituir regra.

“O estudo aprofundado das sciencias exactas reclama madureza de reflexão, que só a idade pôde dar; e para ser bom marinheiro é preciso começar cedo, é mister dedicar-se desde menino a essa vida de privações e de glória, de combates e emoções, á qual o homem feito difficilmente se amolda.”¹⁸

Mas o Ministro se explica logo adiante:

“Não se conclua, porém, das minhas palavras que, cego partidario da rotina, forcejo por trancar as portas da sciencia aos membros da corporação, a que tenho a honra de pertencer.

“Não; mil vezes não: admiro, e préso os homens illustrados, e desejaria vê-los multiplicar-se entre os meus camaradas: como, porém, as intelligencias superiores não são tão abundantes, que possam suprir á Armada de todo o pessoal, que ella necessita, desejo que não se despreze o util concurso dos modestos engenhos.”¹⁹

E Joaquim José Inácio achava que os officiaes mais bem dotados podiam continuar seus estudos na Marinha e fora dela:

“Alem de que a reduccão das habilitações escolásticas a proporções mais limitadas, ao passo que torna accessivel a estes (os modestos engenhos) uma carreira honrosa, não tolhe aos outros o livre vôo de suas aspirações.

“Aquelles, a quem a Providencia, concedendo talento distincto, dotou ao mes-

mo tempo da sêde da sciencia, acharão nos cursos de nossas Escolas superiores, e nas viagens ao estrangeiro sobejos meios de cultivar esses dons preciosos.

“Finalmente, o Corpo da Armada conta com orgulho não poucos officiaes, os quaes, ao mesmo tempo que sobre o convez de um Navio adquirião os conhecimentos praticos do perfeito marinheiro, empregando no estudo as horas de calma e solidão, que nos intervallos de afadigosos trabalhos deixa a vida de bordo, consiguião conquistar honroso lugar entre os homens de letras.”²⁰

Parece-nos que J. J. Inácio estava sendo realista. Devia haver dificuldades de se encontrarem em grande número jovens capacitados ao estudo dos currículos da Escola de Marinha. Contudo, abrir mão dos estudos científicos ou reduzi-los seria, a nosso ver, impedir o progresso da Marinha. Isto, porque se vivia uma época de grande desenvolvimento técnico. A Revolução Industrial afetara em cheio a arte da guerra. Os navios eram a vapor. Já a França havia construído o primeiro navio encouraçado em casco de madeira, em 1859, a *Fragata Glorie*. A Grã-Bretanha já havia lançado ao mar o primeiro navio de guerra de casco inteiramente de ferro e dotado de couraça, o *Warrior*, construído em 1860. O resultado de insuficiente formação científica e técnica foi o Corpo de Maquinistas, formado de gente estranha à Marinha, sendo muitos estrangeiros. E isso representou ponto fraco da Marinha Imperial.

Quando já em 1779 a Rainha D. Maria I havia determinado o ensino do cálculo diferencial e integral na Academia Real de Marinha, em 1862, J. J. Inácio pretendia revogá-lo do currículo da Escola de Marinha. Compreendemos sua posição, porém não concordamos com ela. Percebemos pelos escritos que deixou, que J. J. Inácio se angustiava com o problema da falta de officiaes subalternos. Não temos nem de longe a pretensão de condenar-lhe as idéias. Porém, a solução que apontou foi a do nivelamento por baixo na Escola de Marinha:

¹⁸ Relatório do Ministro da Marinha, 1861, pág. 13.

¹⁹ O grifo é nosso. Rel. do MM, 1861, pág. 13.

²⁰ O grifo é nosso. Rel. do MM, 1861, pág. 13.



Joaquim José Inácio, Almirante Visconde de Inhaúma, que foi Ministro da Marinha no início da década de 1860 e o segundo Comandante-em-Chefe da Esquadra em Operações contra o Paraguai.

“Se o calculo é necessario como base de certas theorias, simples noções parecem uma contradicção de tal necessidade. Mas, se esta não é absoluta, e a geometria pôde substituil-o em todas as exigencias da pratica, melhor é ensinar desenvolvidamente esta ultima sciencia, do que a outra, cujas difficuldades não forão ainda explanadas, de *fôrma a nivelal-a pelas intelligencias menos favorecidas*.”²¹ Sabemos o quanto é delicada a análise do passado. Por isso mesmo, a prudência manda abrandar a crítica das palavras do futuro Visconde de Inhaúma. Certamente, contudo, não podemos deixar de crer que uma formação científica sólida era absolutamente necessária na Escola de Marinha de 1862, como o é hoje na Escola Naval de 1970. Aquela época como hoje a técnica progredia em grande velocidade, guardadas as proporções entre um e outro referencial de tempo. As transições da vela para o vapor, da madeira para o ferro, do projétil sólido para o explosivo, da roda de pás para o hélice, trouxeram profundas e rápidas mudanças na arte da guerra. E, sem base científica considerável, tôdas essas inovações seriam mal aceitas, mal compreendidas e mal utilizadas.

Entretanto, na formação da marinhagem, a administração naval conseguiu êxito com a criação dos Corpos de Imperiais Marinheiros e das Companhias de Aprendizes. Assim a Marinha conseguiu boa fonte para suprir seus navios. O efetivo das Companhias de Imperiais Marinheiros chegou a exceder a lotação durante o período considerado. Em 1867, por exemplo, os imperiais marinheiros atingiram ao efetivo de 3082 praças, 586 mais do que a lotação; em 1868, chegaram a 3324. Porém, no início da década era grande a dificuldade no recrutamento de pessoal. A êsse respeito escreveu J. J. Inácio.

“Por uma d’essas anomalias, difficeis de explicar, o recrutamento para o Exercito absorve a flôr dos recrutas supridos pelas Provincias maritimas, deixando á Marinha os filhos do interior, que a educação e habitos torna pesados e impro-

prios para o mar, ou valetudinarias creaturas, que o primeiro inverno passado no Rio da Prata conduz ao Hospital, para augmentar o numero dos phtisicos. E assim explica-se a grande mortalidade, que as estatisticas assignalão nas classes de marinhagem e tropa.

Em parte os contingentes para os Corpos de Marinha não foram exclusivamente formados de homens recrutados nas Côrtes e Cidades maritimas, por esse motivo dispensadas do alistamento para o Exercito, não desapparecerão este e outros inconvenientes, que tanto importa remover.”²²

Isso, porém, foi favoravelmente resolvido e, como se viu, a Armada chegou a ter excesso de lotação quanto aos imperiais marinheiros. A julgar pelos resultados obtidos foi louvável a política preconizada por J. J. Inácio e seguida pelas administrações posteriores de se ter grande atenção para com as Companhias de Imperiais Marinheiros, cujo número foi fixado em 24 pelo art. 4º da Lei nº 1 142, de 4/9/1861. Contudo, permaneceu excessivamente penosa a vida da marujada. Ao analisarmos sua situação veremos que o marujo de outrora não estava adequadamente preparado moral e psicológicamente para o serviço. Deixemos, entretanto, que Afonso Celso de Assis Figueiredo, depois Visconde de Ouro Preto, fale do assunto, com as palavras que dirigiu ao Poder Legislativo, quando Ministro da Marinha, em 1868:

“O afastamento da familia e da terra natal, o pesadissimo serviço de bordo, o rigor das leis militares, a pancada de chibata ou prancha, os ferros aos pés, a golilha ao pescoço, as intemperies das estações e da atmosfera durante as viagens, o perigo de vida quasi a todos os momentos, etc.

Vejamos o que se passa na marinha mercante, e depois de feita a comparação deduz-se para onde é que os interesses attrahem a maior concurrencia voluntaria.

Ordinariamente os marinheiros dos navios de commercio são pagos por viagem redonda; existem, porém, excepções e dos registros da capitania do

²¹ O grifo é nosso. Rel. do MM, 1862, pág. 14.

²² Rel. do MM, 1861, pág. 10.

porto da côrte, consta que ha armadores que pagam 45\$, 35\$, 32\$, 30\$, sendo o minimo 25\$; os moços ou grumetes, sempre matriculados a julgar, recebem pouco menos que os marinheiros, sendo a maior differença 5\$ e a menor 1\$.

Accrescente-se que não ha uniformes a conservar nem a comprar, ha mais liberdade, maior numero de licenças, contractos por prazos curtissimos, quando se fazem, e sobre tudo nenhum rigor de disciplina.

O que se passa aqui é o que mais ou menos se dá nas provincias.

E, ainda assim, na marinha mercante não superabunda a marinhagem!

Trarei também á vossa lembrança que a praça recrutada ou contractada em uma provincia nossa, das mais afastadas ou menos, pouco importa, somente por acaso lá volta; é um ente morto para sua familia.

Supponde um desses miseros desvalidos da fortuna e da protecção, que são arrancados em uma leva de recrutas, deixando mulher e filhos, a mãe velha e doente, de quem é o unico arrimo, o pai entrevado sem poder ganhar o alimento: eis um homem com as isenções legais.

Mas aqui, centenas de leguas distante, sem amigos, sem recursos, sem poder provar o seu direito, não se lhe podendo dar credito á palavra, assenta praça e segue o destino, que lhe dão.

Como fica aquella familia?... Como serve aquelle homem?

Na primeira occasião deserta: é preso e castigado. Deserta segunda, terceira, décima vez: vae parar á calceta.

Tal é a sorte a que podem estar sujeitas as tripulações dos nossos navios de guerra."²³

Mas tal situação não era irremediável e, muito acertadamente o Ministro Afonso Celso propunha soluções:

"Parece-me que o tempo de serviço deve restringir-se o mais possivel: para a refôrma exijam-se em vez de 20, 10 ou 12 annos; para a praça obrigatoria dos voluntarios 2 ou 3; para os recrutas

4; quem quizer excedel-os recebe um premio.

São prazos estes, cuja terminação pôde-se esperar, sem que o desvario de um arrependimento tardio ou do desespero traga como consequencia a deserção.

Admitta-se nos contractos a escolha do logar para o serviço, salvo determinados casos, dentre elles o de guerra externa ou interna.

Ao proprio recruta, que pelo simples facto de não se haver dedicado á vida do mar e ser a ella obrigado, não se tornou um ente indigno de compaixão, permitta-se a mesma graça, o que é tanto mais facil quanto a isto se prestam as divisões navaes.²⁴ E nem haja receio de que por tal motivo sejam mais frequentes as deserções; porque não poderão viver desde logo nas provincias cs recrutas naturaes dellas, quando aqui vivem os do Rio de Janeiro?

O premio concedido aos voluntarios ou aos que continuarem a servir, findo o seu tempo, divida-se com a familia, isto é, ampare-se esta com uma pequena pensão temporaria.

Aos invalidos, a quem se permittir residencia em sua provincia, sem que se lhes dê emprego, abone-se em dinheiro as rações que receberiam no asylo.

Os vencimentos actuaes são pequenos e devem ser augmentados. E duas razões apresentarei para isso: 1^a, o que ha treze annos foi julgado sufficiente, não pôde sel-o hoje; 2^a, o marinheiro que a bordo de um navio mercante pôde ganhar 30\$ ou 40\$ nas circunstancias que já enumeirei, não virá de certo contractar-se para a marinha de guerra."²⁵

Vemos assim que era precária a situação do pessoal subalterno ao findar a década de 1860, embora houvesse boas perspectivas pelas palavras de Afonso Celso.

Até agora fizemos alguns comentários sôbre aspectos da administração e da

²⁴ Havia uma Divisão Naval em Uruguaiana e outra em Montevidéu, havia ainda as Flotilhas de Mato Grosso e do Rio Grande do Sul. Além disso, os três Distritos Navais dispunham de forças próprias.

²⁵ Rel. do MM, 1868, pág. 8.

²³ Rel. do MM, 1868, págs. 7 e 8.

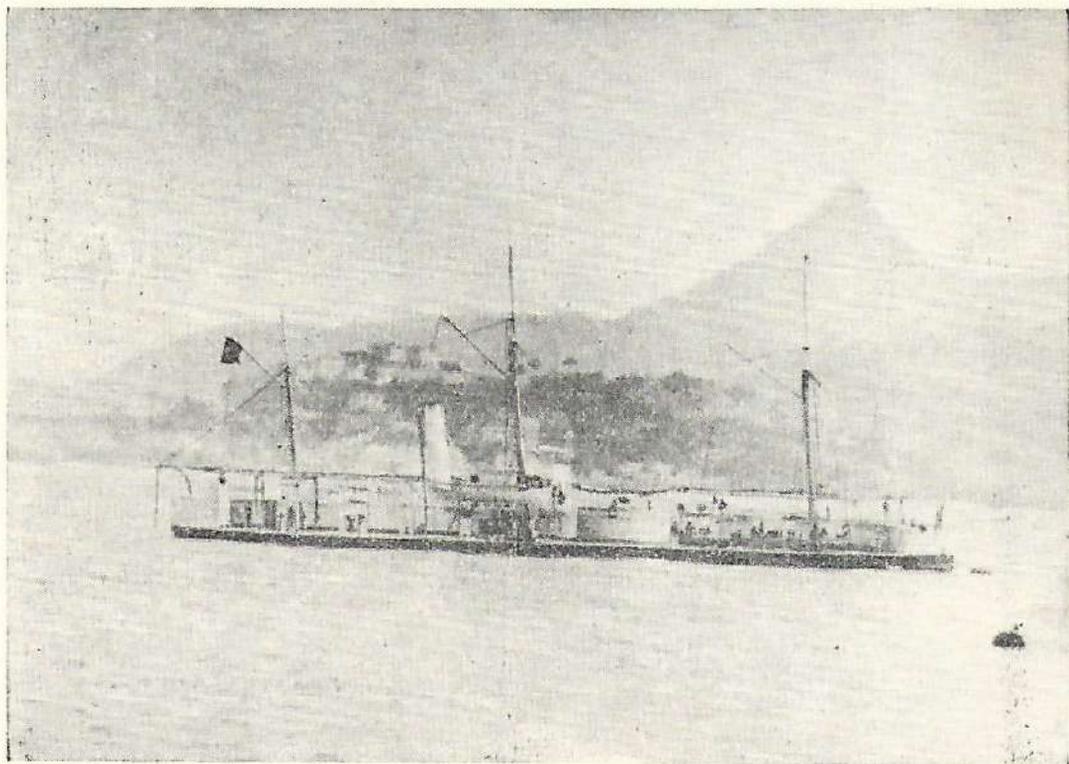
estrutura da Marinha e particularmente nos detivemos no problema de pessoal, que é ponto crítico do Poder Naval, já que navios desguarnecidos de nada valem. Deixamos de tocar em pontos também importantes, mas que alongariam demasiadamente nosso trabalho, quais sejam as chamadas classes anexas (Corpo de Saúde, Corpo de Oficiais Marinheiros, Corpo de Maquinistas etc. . .) e o Batalhão Naval. Este especialmente teve bom progresso durante a década de 1860/70, chegando ao final do período com excesso de lotação. Antes porém de concluirmos esta parte, devemos considerar um aspecto muito importante ligado ao Poder Naval de um país: a construção e o reparo de navios. Isso para nós significava uma palavra: arsenais.

O Chefe-de-Divisão Joaquim Raimundo de Lamare, quando Ministro da Marinha em 1863, chamava a atenção para a necessidade de se desenvolverem os arsenais para que pudessem ser fabricados aqui os armamentos necessários em caso de guerra. Dos cinco arsenais que

a Marinha possuía (Côrte, Bahia, Pernambuco, Pará e Mato Grosso), o da Côrte era o que mais produzia, tanto em construção naval como em reparos. O próprio Raimundo de Lamare, no seu relatório de 1863, queixou-se da baixa produção do Arsenal do Pará. Segundo nos parece, realmente só o Arsenal da Côrte tinha boas condições de funcionamento. Francisco Carlos d'Araujo Brusque, quando Ministro da Marinha, em 1864, lamentou o funcionamento dos arsenais. Embora havendo uma corrente de opinião favorável à extinção dos mesmos, Brusque a ela se opunha. Acha-va que alguns arsenais podiam ser reduzidos e algumas oficinas podiam ser extintas. Era de opinião, entretanto, que o Arsenal da Côrte devia ser melhorado substancialmente.

Porém, é Francisco Xavier Pinto Lima que, como Ministro da Marinha, nos apresenta uma opinião mais completa sobre os arsenais.

"Dos 5 arsenais entretido pela reparação a meu cargo, na Côrte e províncias da Bahia, Pernambuco, Pará e Mato



O Encouraçado *Bahia*, construído na Inglaterra, chegou ao Brasil em janeiro de 1866.

Grosso, nenhum se acha ainda no pé de satisfazer completamente ás exigencias de uma marinha regular; nenhum se acha collocado em situação adequada a estabelecimento d'esta natureza, quer sob o ponto de vista estrategico, quer em referencia ás necessidades de sua administração.

"Dispondo pela maior parte de uma area limitada; situados em localidade, que não permite dar-lhes o preciso desenvolvimento; todos, mais ou menos, ressentem-se da falta de edificios, e de espaço para accomodações das officinas e seus accessorios; o que, não só retarda a marcha dos serviços, já impossibilitando a collocação de machinismos e outros agentes mechanicos, destinados a facilitar o trabalho, já fazendo que se agglomerem em acanhado circuito maior numero de machinas e operarios do que seria mister para que umas e outras pudessem funcionar desembaraçadamente; mas ainda impede que alli se observe a policia e fiscalização indispensaveis em taes repartições.

A estes inconvenientes accrescem outros de mais facil remedio, quais os que descendem da complicação de formulas e preceitos de escripturações, que, sem evitar a fraude, apenas servem para demorar o expediente da administração, e occupar um numeroso pessoal, que poderia ser mais utilmente empregado.

A completa extincção dos arsenaes é medida cuja conveniencia tem sido ultimamente sustentada, por aquelles, que entendem que o estado poderia com maior economia tirar da industria privada os recursos de que carecesse para o armamento e o apresto de suas esquadras.

"Se os exemplos de outras nações que, não obstante disporem das facilidades, que lhes proporcionão mercados abundantemente providos de materia prima e de todos os productos manufacturados, e contarem em seu seio estaleiros e fabricas, que activamente trabalhão, despendem com o custeio de seus arsenaes crescidas sommas, não fosse argumento bastante para afastar semelhante arbitrio, como sobremaneira arriscado e perigoso, ahi estava o procedimento da França em relação á nossa

corveta *Brazil*, para provar até á evidencia, que é mister libertarmos-nos de dependencia estranha, aperfeçoando e elevando as fabricas do estado á posição de nos poder suprir, em qualquer emergencia, o material de guerra, que nos for preciso, e que a nascente industria nacional não poderá tão cedo fornecer-nos.

"Sendo, porem, incontestavei que a fundação de um grande e completo arsenal reclama o emprego de avultado capital, é, minha opinião, que deveremos reduzir os das provincias, concentrando exclusivamente no da Côrte certas officinas, como as de machinas, fundição de artilharia, laboratorio pyrotechnico e outras, que só produzem proficuos resultados, quando montadas em grande escala e amplamente providas de machinismos aperfeçoados, e outros accessorios indispensaveis.

"Realizada esta idéa, ser-nos-ia facil, sem pesados sacrificios pecuniarios, e dentro das forças do orçamento ordinario, ir gradualmente melhorando o nosso primeiro arsenal, applicando ao seu engrandecimento maior parte da consignação actualmente subdividida, sem proveito real, por outros estabelecimentos."²⁶

Realmente, o Arsenal de Marinha da Côrte merecia especial amparo. Trabalhou com denôdo no início da guerra, tendo, até maio de 1865, feito reparos nos cascos e nas máquinas de doze vapôres e duas corvetas, prosseguiu na construção do Transporte *Guanabara* e concluiu a construção do Vapor *Taquary* e iniciou a construção de dois encouraçados.

Aliás, o Arsenal de Marinha da Côrte correspondeu plenamente ao pensamento de Pinto Lima, pois realizou magnífico esforço de guerra, construindo quatro Encouraçados (*Barroso*, *Tamandaré*, *Rio de Janeiro* e *Sete de Setembro*) e seis Monitores (*Pará*, *Rio Grande*, *Alagoas*, *Piauhy*, *Ceará* e *Santa Catharina*), além de diversas construções de madeira e inúmeros reparos.

Em matéria de arsenais, portanto, o da Côrte foi um justo orgulho para a Marinha e para o Brasil na década de

²⁶ Rel. do MM, 1865, págs. 13 e 14.

1860/70, especialmente durante as hostilidades contra o Paraguai.

III — FÔRÇAS NAVAIS

É bastante delicado o problema das Fôrças Navais. O Brasil esforçara-se para ter uma Marinha adequada.

Durante a década de 1850 vários navios novos haviam sido incorporados à Esquadra.²⁷ Contudo, a rapidez das transformações da técnica a que já nos referimos tornara obsoletos, ou pelo menos inadequados, muitos — em tese quase todos — de nossos navios. Além das inovações introduzidas na arte de guerra com o ferro (casco e couraça) — e não possuíamos nenhum navio de ferro ou couraça ainda — alguns antigos navios já não estavam em condições de prestar serviço.

Ao iniciar-se a década de 1860, nossa Fôrça Naval compunha-se de cinqüenta navios armados e dez desarmados, conforme mostra o quadro nº 2.²⁸ Êsses navios totalizavam no conjunto 299 canhões, sendo guarnecidos por 2 870 praças de pré e 790 oficiais do Corpo da Armada e demais classes de embarque, o que somava 3 610 homens de efetivo, faltando 343 homens para completar a lotação de paz.²⁹ Dos cinqüenta navios em atividade, podemos saber o estado de conservação de quarenta e cinco.³⁰ Dêstes, sômente foram considerados em estado *bom*, *regular* ou *satisfatório* vinte e sete navios. Isso motivou a seguinte observação do Ministro da Marinha:

“D’esse documento (mapa nº 18 do Rel. do MM, 1861) dimanão revelações pouco animadoras. Muitos dos Navios, que ainda figurão no quadro da Força Naval, estão consideravelmente deteriorados, e quasi imprestaveis; outros terão que desaparecer em curto periodo; poucos preenchem as condições de um bom vaso de guerra.

²⁷ Veja-se Guedes, Max Justo: *As Fôrças Navais Brasileiras na Guerra do Paraguai*.

²⁸ Rel. do MM, 1861.

²⁹ Rel. do MM, 1861, pág. 10 e mapa nº 17.

³⁰ Rel. do MM, 1861, mapa nº 18.

A Marinha Brasileira, que em seu começo contava Nãos³¹ não possui hoje uma Fragata em estado de navegar!³²

Joaquim José Inácio pedia uma Esquadra pequena, mas eficiente e moderna, principalmente o vapor (ou melhor, navios mistos) a hélice, uma vez que, por experiência havida nos Estados Unidos cêrca de vinte anos antes, já estava provada a superioridade desta sôbre as rodas.

Disse, então, J. J. Inácio:

“Se os nossos meios, e as urgencias do paiz não nos permitem alimentar poderosas Esquadras, caprichemos na organização militar da nossa Marinha, esforcemo-nos, para que os nossos Navios, embora poucos, sejam bem construídos, superiormente armados e guarnecidos, e por esta fôrma conseguiremos compensar a inferioridade de numero.”³³

Vê-se que o futuro Visconde de Inhaúma estava sèriamente preocupado em modernizar a Marinha e estava a par das últimas evoluções da tática e do armamento. Os acontecimentos viriam dar-lhe razão quando, menos de quatro anos mais tarde, o Brasil viu-se a braços com a maior guerra de sua História. O referido Ministro mostrou grande clarividência quando sugeriu a manutenção de uma Fôrça Naval brasileira na Europa:

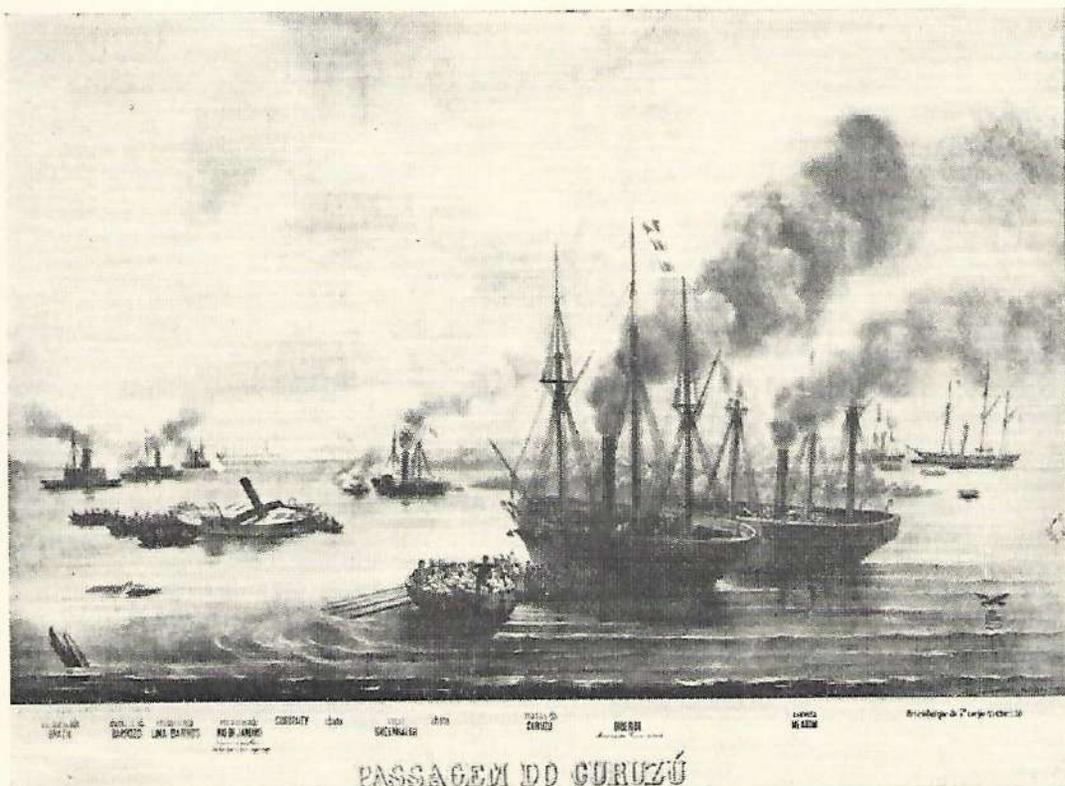
“Ha muito que nutro a convicção de que devemos manter uma Força nos mares da Europa, como meio mais efficaz de proporcionar aos nosso Officiaes, e marinheiros, pela pratica das grandes manobras, a educação maritima de que carecem, e de, alentando o espirito militar, desenvolver entre elles o gosto, e interesse pela profissão, que abraçarão.

Ainda considerações de outra ordem actuão em prol d’esta medida. A frequencia de Navios Brasileiros nos portos da Europa tornaria mais conhecidos nossa indole e costumes, e a illustrada mocidade, que abrilhanta a Corporação da Armada, concorreria por seu trato ameno, e maneiras cavalheirosas, para desvanecer infundados preconceitos, e

³¹ *Nau* era o navio de linha da marinha a pano. A *fragata* era navio esclarecedor.

³² Rel. do MM, 1861, págs. 10 e 11.

³³ Rel. do MM, 1861, pág. 11.



Passagem pela fortificação de Curuzu. Ai se deu a única perda de navio encouraçado brasileiro, o *Rio de Janeiro*, que se vê adernado à esquerda, vítima de torpedos (minas) paraguaios.

desmentir calumnias, que, prejudicando-nos na opinião do estrangeiro, ferem os legítimos interesses do nosso commercio, e contrarião os esforços, que empregamos, para atrahir emigrantes.”³⁴

No ano seguinte, 1862, o futuro Inhaúma voltava à carga:

“O material de que dispomos, satisfaria as necessidades do nosso serviço em circumstancias normaes; se attendermos, porem, ás eventualidades que podem surgir, se pesarmos a conveniencia de crear uma reserva para fazer face não só a taes eventualidades como a substituição dos vasos que vão se inutilizando por accidentes do mar ou imprestabilidade, reconhecemos quanto importa prover por novas construções ao aumento de nossa Armada.”³⁵

Era preciso, porém, escolher devidamente o caminho para as novas cons-

truções. O combate de Hampton Roads, havido em 8 de março daquele ano (1862), já impressionara o Ministro. Aquêlê fôra o primeiro encontro entre navios encouraçados; o *Monitor* e a *Merrimac* trouxeram grandes inovações para as Marinhas de Guerra. Por isso, o Ministro reuniu os oficiais generais e superiores da Armada no dia 10 de maio de 1862, na Secretaria de Estado, e nomeou uma comissão para propor um plano de reorganização do material da Armada. Tal comissão teve nove membros, dentre os quais o famoso engenheiro naval Napoleão João Baptista Level, depois capitão-tenente honorário, e foi presidida pelo Vice-Almirante Barão de Tamandaré.

A Fôrça Naval do Império permaneceu quase inalterada até 1864. No seu relatório de 1863, apresentado ao Poder Legislativo a 11 de maio, o Chefe-de-Divisão Joaquim Raimundo de Lamare, então Ministro da Marinha, voltava a

³⁴ Rel. do MM, 1861, págs. 11 e 12.

³⁵ Rel. do MM, 1862, págs. 12 e 13.

tecer longas considerações sobre a necessidade de se atualizar e se aumentar a Esquadra Brasileira em face dos progressos da técnica. O combate de Hampton Roads mais uma vez foi invocado como anúncio de uma nova era na tática naval. Sobre isto falou o Ministro:

“Quaesquer que sejam as modificações e melhoramentos que a industria moderna tenha de ainda introduzir na arte de construir navios e na fabricação dos engenhos de guerra, parece fóra de controversia que os navios encouraçados constituirão no futuro o elemento principal, se não unico, das frotas de combate.”³⁶

É muito importante que notemos a preocupação dos Chefes da Marinha em renovar o material flutuante, porque, ao arrebentar o Guerra do Paraguai, estávamos despreparados para a luta, mas não por responsabilidade da Marinha, e, sim, da Política Nacional.

De Lamare tratou de mandar à Europa o primeiro construtor, Capitão-Tenente honorário Napoleão João Batista Level, notável engenheiro naval, para estudar a construção de navios para a Marinha. Diga-se de passagem, aliás, que a Marinha enviara constantemente oficiais seus à Europa para estudar e tratar de assuntos ligados à renovação do material. Level propôs uma corveta de duzentos pés e duas canhoneiras de cento e oitenta pés, tôdas de ferro. Seus preços eram de £ 56.640 ou Rs. 503:466\$666 pela corveta e £ 34.488 ou Rs. 306:560\$000 por cada canhoneira. O Ministro abraçou plenamente tais estudos.

Nesse mesmo ano de 1863, dos quarenta e três navios em atividade, a Frigate *Constituição* servia de escola prática de tiro e depósito de marinagem; nove não podiam ser considerados *perfeitos navios de guerra* e um não podia ser considerado navio de guerra. A fôrça ficava, assim, reduzida a trinta e dois navios.

No ano seguinte, o mesmo de Lamare, insistindo na modernização da Esquadra, dizia:

“Tratando d’este assumpto no meu primeiro relatório sobrelevei, quanto era

urgente, curarmos da renovação do material da nossa esquadra, cujos navios, quer em numero, quer em qualidade, estão muito longe de satisfazer as necessidades do serviço ordinário, e ás exigencias creadas pela completa transformação que os progressos da industria moderna tem operado nos preceitos e condições da guerra naval.”³⁷

Finalmente, nesse mesmo relatório de 1864, o Ministro anunciava que o Governo encomendara a *Forges et Chantiers de la Méditerranée* a construção de uma corveta encouraçada, com a proa em forma de aríete, armada de oito canhões em casamata, sendo quatro de calibre sessenta e oito, e quatro de calibre setenta.³⁸ Tal corveta seria o Encouraçado *Brasil*, primeiro navio desse tipo que nossa Marinha possuiu.

Este foi o primeiro passo para a efetiva modernização da Marinha.

Em 1864, o ano da Guerra do Uruguai, em cujo fim começou também a Guerra do Paraguai, nossa Fôrça Naval compunha-se de quarenta e dois navios de madeira, sendo treze a vela e vinte e nove a vapor, montando duzentas e trinta e nove bocas de fogo, guarnecidas por 2 787 praças de pré e 602 oficiais do Corpo da Armada e outras classes de embarque. Estavam os navios distribuídos conforme o quadro nº 3. Dos navios desse quadro, nove não eram considerados navios de guerra, pois só podiam ser empregados no serviço de paquêtes.³⁹

Já em plena crise do Uruguai, ao apresentar seu relatório em 14 de maio de 1864, Francisco Carlos d’Araujo Brusque, então Ministro da Marinha, fez os seguintes importantes comentários:

“...o estado da nossa força naval, já em relação ao numero, já confrontando-o com os melhoramentos que a sciencia tem modernamente introduzido nas marinhas de guerra, torna-se cada dia mais precario e fraco.

“Diversas causas teem concorrido para este resultado: o desprezo das catelas e preceitos recomendados na es-

³⁷ Rel. do MM, 1864, pág. 8

³⁸ Nessa época o calibre se media pelo peso dos projetos em libras.

³⁹ Rel. do MM, 1864, mapa nº 14.

³⁶ Rel. do MM, 1863, pág. 9.

colha das madeiras, que ordinariamente empregamos ainda verdes por falta dos necessarios depositos; a acção destruidora do cupim; a falta, hoje em parte remediada, de diques; a natural deterioração do material pelo uso de efeitos do tempo, apressada ainda pela inconstancia do nosso clima, em que, chuvas copiosas succedem-se repentinamente a um sol abrasador; as transformações e melhoramentos que a industria moderna diariamente introduz na fabricação dos navios e seu armamento; explição exuberantemente essa apparente esterilidade dos exforços e capitaes até aqui despendidos com o fim de crearmos uma marinha.

Nem por isso, porem, devemos descoroçar: os grandes interesses, que nos cumpre guardar ao sul e ao norte do imperio,⁴⁰ exigem que não abandonemos os meios capazes de dar-lhes segura garantia.

Não podemos, pois, prescindir de uma força maritima efficaz e regularmente organisada.

Sem pretendermos entrar em competencia com as grandes potencias maritimas, cujos poderosos armamentos e construcções não nos é dado imitar, é, todavia, mister reconhecer, que devemos possuir uma marinha, pouco numerosa, mas forte, e na altura dos progressos feitos na arte da guerra.

O Brasil tem necessidades especiaes, que á marinha incumbe satisfazer.

Alem da força essencial á defeza e policia dos nossos portos e costas, que importa não abandonar aos acasos da

sorte, carecemos de navios que possuão efficazmente manter e velar os nossos direitos nos extremos do imperio, ainda mesmo quando perdurem, como é de esperar, as relações amigaveis em que nos achamos com as nações limitrophes.

N'estas vistas, deve ser organisada a nossa força naval, tomando-se por base de seu desenvolvimento e composição, a missão que tem a desempenhar entre nós.

Como já disse, o material de que actualmente dispomos, quer em qualidade, quer em quantidade, está muito longe de satisfazer ás necessidades do serviço á que é destinado, e mais ainda ás condições da tactica moderna; facto que não nos deve cauzar extranheza diante das rapidas e successivas transformações que a engenhosa industria do nosso seculo tem, n'estes ultimos tempos, operado nos meios da guerra naval; que não nos pôde surprehender, quando presenciamos, em um certo numero de annos, a marinha de vela cedêr o passo á de vapor, o navio mixto, de grande força, inutilizar as combinações d'esta; e, finalmente, as embarcações revestidas de couraças e movidas á vapor, conquistar a supremacia sobre os precedentes inventos.

Carecemos, portanto, de renovar a nossa esquadra, introduzindo na sua composição alguns navios de primeira ordem, capazes de pôr-nos ao abrigo de repentinos assaltos que se possuão dirigir contra a soberania nacional.

Alem d'estes, cumpre que tenhamos fortes canhoneiras adequadas á navegação dos grandes rios.

Segundo-se nas futuras construcções um plano invariavel e de antemão traçado, conseguiremos, com os recursos do orçamento, e sem necessidade de sacrificios extraordinarios, constituir, em poucos annos, uma marinha forte e respeitavel.

Assim, pois, reputo providencia de incontestavel utilidade, a prefixação de um quadro normal, em que, clara e terminantemente se prescreva o numero, categoria, systema, e principaes dimensões dos navios que devamos adquirir."⁴¹

⁴⁰ A politica externa do Brasil em relação ao Sul se resumia em quatro pontos:

a) impedir a formação do novo Vice-Reino do Prata;

b) garantir a independência e a integridade do Uruguai;

c) manter as fronteiras do Sul a salvo de investidas de elementos indesejáveis;

d) garantir a livre navegação dos rios internacionais.

Quanto ao Norte, o relatório do Ministro da Marinha de 11/5/1863 já nos fala de incidente havido entre dois vapôres peruanos e autoridades do Pará, que motivou o envio de uma força naval para aquela área. A necessidade de se protegerem as fronteiras do Norte levou, mais tarde, a Marinha a criar a Flotilha do Amazonas (1868).

⁴¹ Rel. do MM, 1864.

Continuando, Araujo Brusque idealizou quarenta e seis navios para comporem a nossa Fôrça Naval, que foi assim proposta:

a) Navios encouraçados:

Três corvetas de primeira ordem, de 860 toneladas no mínimo, com fôrça não inferior a 250 cavalos, calado máximo de doze pés, com oito canhões, sendo quatro de calibre 68, de primeira classe, e quatro de calibre 70, sistema Withworth; Três canhoneiras de calado não maior do que oito pés, com quatro canhões de calibre 68 ou 70;

b) Navios de madeira, a hélice, sistema misto:

Quatro corvetas de baterias cobertas, do porte da *Nictheroy* e fôrça de 500 cavalos;
Seis corvetas de segunda classe, com fôrça de 350 cavalos;

c) Navios de ferro, a hélice, sistema misto:

Quinze canhoneiras de primeira classe e fôrça de 150 cavalos; quinze canhoneiras de segunda classe e fôrça de cem cavalos, essas trinta canhoneiras seriam artilhadas com canhões de calibre 68, inglêses, de primeira e segunda classes e construídas de modo a poderem receber couraça, se necessário.

Contudo, a Guerra do Uruguai ocorreu e culminou na Guerra do Paraguai, eclodida ao findar o ano de 1864, e o Brasil ainda não estava provido de uma Esquadra adequada. Porém, como se viu amplamente, o problema era bem conhecido pelas autoridades navais e estas alertaram convenientemente o Poder Legislativo e o Govêrno sôbre nossos pontos fracos.

Em seu relatório apresentado em 8 de maio de 1865, o então Ministro da Marinha, Francisco Xavier Pinto Lima, abordou a situação da Marinha em face do estado de guerra dizendo:

“Desvanecida a esperança de obtermos, por meios pacíficos, uma solução

honrosa ás reclamações que havíamos formulado perante o governo da Republica Oriental; não nos restando outro recurso, além do emprego das armas, para conseguir satisfação de offensas ha longo tempo accumuladas, vimo-nos a final compellidos a usar de represalias contra aquelle estado, como unico meio de obrigar o seu governo a fazer justiça ás nossas queixas.

“Colocadas as causas n’este pé, urgia pôr á disposição do distincto vice almirante visconde de Tamandaré, a quem coube a honrosa missão de, malogradas as tentativas diplomaticas, fazer valer pela fôrça os nossos direitos, uma esquadra em relação com a importante e difficil tarefa que cumpria á marinha alli executar.

N’este empenho, lancei mão dos recursos que nos offerencia o escasso material de guerra da nossa armada, e, envidando todos os esforços, consegui, já activando o fabrico de alguns navios que esperavão concertos,⁴² já distrahin-do outros das estações correspondentes aos districtos navaes, augmentar a fôrça naval que conservavamos no Rio da Prata, elevando-a a um pé respeitavel.

A parte brilhante que coube á esquadra no desfecho da campanha do Uruguay; a pericia, intelligencia e incansavel actividade que desenvolveu no penoso serviço de bloqueio, que conseguiu executar com a maior efficacia, sem offensa dos legitimos interesses dos neutros, e sem provocar da parte d’estes a mais ligeira reclamação; o denodo e bravura de que deu galhardas provas no combate, são de vós perfeitamente conhecidos, para que eu dispense de rememoral-os aqui, perlustrando acontecimentos que estão no dominio do publico.

A Marinha Brasileira, não desdizendo de suas heroicas tradições, tomou occasião das jornadas de Paysandú para estampar com seu sangue mais uma pagina gloriosa nos factos da sua ainda tão curta existencia.

Enquanto se desenrolavão nas aguas do Rio da Prata os sucessos que acima deixo substanciados, o governo do Para-

⁴² Fabrico quer dizer reparo.



Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva, Barão do Amazonas, vencedor de Riachuelo. (Busto existente no Museu Histórico Nacional.)

guay, atirando-nos a mais gratuita das provocações, arrastava-nos á guerra, invadindo, como sabeis, a provincia de Mato Grosso.

Colhido, quasi de surpresa, o pequeno vapor *Anhambahy*, junto aos muros da fortaleza de Coimbra, conseguiu todavia a sua briosa guarnição sustentar dignamente a honra do pavilhão brasileiro, fazendo frente á esquadilha paraguaya, que atacou aquelle ponto, e se mais tarde, cedendo ao numero, teve de cahir nas mãos do inimigo, fez-lhe pagar caro a victoria, causando em suas fileiras consideraveis estragos.

Terminada a luta na Banda Oriental, teve ordem o vice almirante, commandante em chefe de nossas forças navaes, de tomar a offensiva contra o Paraguay, e nesse intuito, segundo acaba de comunicar-me, aprestou, e fez seguir uma forte divisão destinada a conservar em rigoroso bloqueio as aguas daquella republica.

Reconhecendo, pela experiencia, quão longe está ainda a nossa marinha, pelo que toca ao material, de poder satisfazer, vantajosamente, a todas as exigencias da guerra em que nos achamos empenhados, tendo posto o maior cuidado em dar-lhe o possivel incremento, dotando-a dos elementos que lhe são essenciaes.

“Nestas vistas, tomei as providencias a meu alcance para adquirir alguns navios encouraçados, já fazendo construir dois no arsenal desta côrte, já procurando obtel-os por outros meios, e conto reunir em pouco tempo uma forte esquadilha de embarcações desse systema.

Tornando-se cada dia mais sensivel a falta de navios adequados ao transporte de tropas, porquanto os paquetes da companhia brasileira, unicos de que podiamos lançar mão para semelhante fim, sobre serem manifestamente insufficientes ás requisições de tal serviço, á vista do crescido numero de praças que nos tem sido, e ainda será mister mover das provincias para o theatro da guerra, dentro em pouco tempo absorverião dos cofres publicos, em fretes e passagens, sommas avultadissimas, e mais que bastantes para a aquisição de al-

guns bons navios a vapor; julgou o governo opportuno não só realizar a compra do vapor norte americano *Cotopaxi*, que, sob a denominação de *S. Francisco*, foi incorporado á armada, mas ainda prevalecer-se da 29ª condição do contracto approved por decreto nº 1515, de 3 de janeiro de 1855, effectuando, mediante a competente arbitragem, a desapropriação dos paquetes *Oyapock*, *Princeza* e *Apa*: o que habilitará o ministerio a meu cargo a desempenhar com mais regularidade, economia e presteza, o indicado serviço.

O preço pago pelo *S. Francisco* foi de 450\$000, como vereis nos documentos que acompanhão o presente relatorio, e o dos 3 paquetes 840:000\$000.”⁴³

Percebem-se claramente, pelas palavras de Pinto Lima, as dificuldades da Marinha Imperial com relação ao material flutuante: navios encouraçados e navios de transporte. A invasão do Paraguai, a ser realizada quando pudéssemos tomar a offensiva da guerra, deveria ser feita pelo caminho menos penoso: os rios. O próprio plano de operações do Almirante Visconde de Tamandaré, exposto a 3 de março de 1865, previa a invasão pelo rio, desembarcando as forças quinze milhas abaixo de Humaitá. Além disso o abastecimento se faria mais fácil pelos rios.⁴⁴ Porém estes estavam dominados por posições fortificadas. O rio Paraguai estava muito bem defendido pelos célebres baluartes construídos por Lopez. Então, o navio encouraçado era uma exigência das condições da guerra. E o Brasil, apressadamente, vai tratar de obter tais navios, fabricando-os no Arsenal da Côrte (como foi comentado acima quando se falou de arsenais), ou encomendando-os no estrangeiro (comprando até alguns que Lopez havia encomendado para a Marinha Paraguaia).

À época do relatório de Pinto Lima, a Esquadra em operações compunha-se de dezenove navios, sendo quatro vapores de rodas, treze vapores a hélice e

⁴³ Rel. do MM., 1865, págs. 9 e 10.

⁴⁴ Ver Fragoso, Augusto Tasso: *História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, II vol., págs. 4-8, Min. da Guerra, Rio, 1934.

dois transportes. Esses navios encontravam-se todos no rio da Prata sob o comando do Vice-Almirante Visconde de Tamandaré, que arvorava seu pavilhão a bordo da *Nictheroy*.

Um ano depois, a Esquadra em operações já se compunha de 28 navios a vapor, sendo quatro Encouraçados (*Brasil*, *Tamandaré*, *Barroso* e *Bahia*), um patacho e um transporte. A Fôrça Naval ativa do Império alcançara sessenta e dois navios, guarnecidos por 5 387 homens, sendo novecentos e nove oficiais das diversas classes de embarque e 4 478 praças de pré e marinhagem.⁴⁵

Quando Afonso Celso de Assis Figueiredo, então Ministro da Marinha, apresentou seu relatório a 23 de maio de 1867, o Brasil via crescer a sua Armada, que, pouco depois alcançou seu maior poderio. Compunha-se de sessenta e três navios armados, sendo nove a vela e cinqüenta e quatro a vapor, dos quais dez encouraçados. A Esquadra em operações compunha-se de trinta e oito navios, sendo dez encouraçados, dezoito corvetas e canhoneiras a vapor, duas bombardeiras, cinco transportes a vapor, uma corveta a vela, um patacho e um transporte a vela. A distribuição total da Fôrça Naval do Império no 1º semestre de 1867 era a constante do quadro nº 4.

O Govêrno ainda autorizou a construção de mais uma corveta encouraçada e seis monitores, o que elevou para dezessete o número de navios de ferro. Os monitores fluviais foram considerados por Afonso Celso como muito importantes para a defesa do Mato Grosso, do Amazonas, do Pará e do Rio Grande do Sul, mesmo para após a guerra. O quadro nº 5 dá o preço da construção dos encouraçados (excetuados os monitores). O quadro nº 6 faz uma comparação entre os diversos custos de construção na França, na Inglaterra e no Brasil.

Em 1868, no seu relatório, Afonso Celso fez uma síntese do significado do despreparo da Marinha, em têrmos materiais principalmente, para a guerra:

“As circunstancias imperiosas, que inopinadamente nos rodearam e ainda pesam sobre o paiz, vieram despertar-nos do pesado lethargo, em que faziamos, e fazer-nos reconhecer que nos expozeramos á guerra, descuidando-nos durante a paz.

Se o governo do Paraguay nos soubera precavidos e promptos para qualquer emergencia; se calculando eventualidades futuras e ponderando as exigencias de nossa posição na America do Sul, houvêramos de longo tempo, e, portanto, sem grandes difficuldades, preparado os necessarios recursos, certamente não seriamos tão atrozmente injuriados.”⁴⁶

O valor militar dos novos navios da Esquadra foi amplamente debatido. Verificou-se que, de um modo geral, os navios não eram adequados para as missões a que se destinavam. Eram mais oceânicos do que fluviais. E o Brasil de então como o de hoje, tinha que manter grandes atenções com relação a seus rios, sobretudo os mais próximos de fronteiras internacionais. Por isto, foi instituída uma comissão com o fim de estabelecer um projeto para a reorganização da Fôrça Naval do Brasil, composta por:

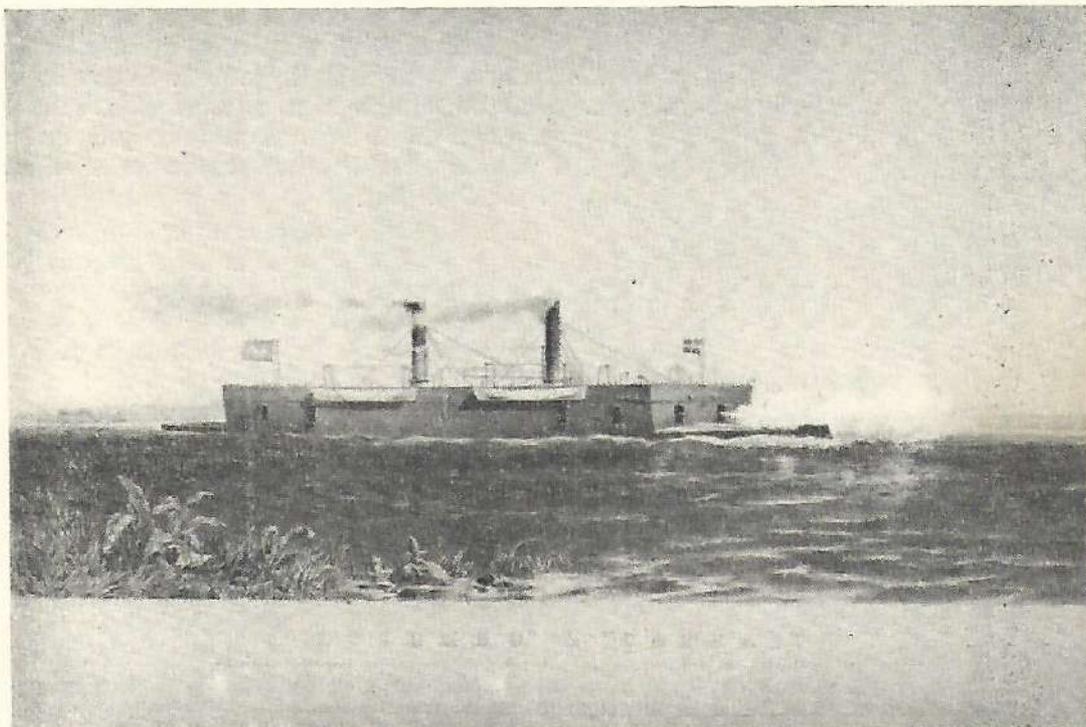
Jesuino Lamego Costa, Chefe-de-Esquadra;
 Antônio Carlos C. de Mello Andrada;
 Henrique Antônio Baptista, Capitão-de-Fragata, Diretor de Artilharia;
 Sabino Eloy Pessoa;
 Eusébio José Antunes, Capitão-Tenente;
 Carlos Braconnot, Capitão-Tenente, Diretor das Oficinas de Máquinas; e
 Napoleão João Baptista Level, Diretor das Construções Navais.

Tal comissão apresentou a 15 de abril de 1868 o resultado de seus estudos com o *Plano para a Organização da Fôrça Naval do Império*, que se resumia no seguinte:

1ª categoria: navios animados de grande velocidade, próprios para a navegação no oceano.

⁴⁵ Rel. do MM, 1866.

⁴⁶ Rel. do MM, 1868, págs. 2 e 3.



O Encouraçado *Colombo*, idêntico ao *Cabral*, em manobras fluviais sem a proa e a pôpa, que eram retiráveis.

- 1 fragata encouraçada;
- 4 corvetas encouraçadas;
- 4 corvetas não encouraçadas.

2ª categoria: navios de velocidade média, próprios para cruzar no nosso litoral e navegar nos grandes rios.

- 6 canhoneiras encouraçadas de 1ª classe;
- 6 canhoneiras não encouraçadas.

3ª categoria: navios de pequena velocidade, especiais para servirem nos rios e para a defesa dos portos.

- 16 canhoneiras encouraçadas, de 2ª classe;
- 8 canhoneiras não encouraçadas;
- 16 transportes fluviais de rodas; baterias flutuantes.

4ª categoria: navios a roda para transporte de tropas e lanchas a hélice para o mesmo fim e para polícia dos rios.

- 4 transportes a roda;
- 36 lanchas a hélice.

No seu relatório apresentado a 10 de maio de 1869, o Ministro da Marinha, Barão de Cotegipe, secundara as palavras de Afonso Celso quanto à não adequação dos navios de que dispúnhamos para as missões que lhes eram confiadas. Disse o Ministro:

“Ahi estão os encouraçados, quer construídos na Europa, quer em nossos arsenaes, em apoio desta verdade já reconhecida por tôdas as nações que se acharam collocadas em nossa posição. Elles corresponderam plenamente á sua missão na actual guerra; porque combateram um inimigo relativamente atrazado na sciencia militar.

Se não fora assim, os defeitos que possuem nullificariam muitas vezes sua acção e nos produziriam embarços notáveis.

Também exigem serios reparos para poderem figurar no quadro activo da força naval.”⁴⁷

⁴⁷ O grifo é nosso. Rel. do MM, 1869, pág. 13.



Sua Majestade o Imperador D. Pedro II, grande entusiasta da Armada. (Litografia de Sisson, 1864.)

Mas o Decreto nº 4 182, de 13/5/1868 aprovou o plano de reorganização da Armada proposto no relatório de 1868. E sob Cotegepe, no 1º semestre de 1869, o Império do Brasil tinha a mais poderosa Fôrça Naval de sua História até então. Eram oitenta e quatro navios, sendo dezesseis encouraçados, quarenta e oito sem couraça, doze lanchas a vapor, duas bombardeiras e seis navios a vela, discriminados conforme mostra o quadro nº 7.

Finalmente, terminada a guerra em 1º de março de 1870, o Barão de Cotegepe, ainda Ministro da Marinha, pôde dirigir-se ao Poder Legislativo em 14 de maio do mesmo ano, dizendo o seguinte:

“A guerra actual demonstrou, evidentemente, a influencia decisiva de uma marinha respeitável nas questões que possamos ter. A supremacia nos rios onde se desenvolveram as operações nos foi adjudicada desde o rompimento das hostilidades, porque nossa organização naval, embora não perfeita, era superior á do inimigo.

Se tivéssemos cuidado do seu desenvolvimento com disvelo, e possuíssimos nesse momento uma esquadra apropriada á guerra fluvial á que tínhamos de attender, é convicção minha que a solução gloriosa do pleito de honra, sustentado pelo Brasil, não seria tão demorada, nem tão caramente comprada.

“O castigo de nossa imprevidencia foi o insulto que recebemos. Nesses dias de amargura, em que, a par da injuria, se erguia uma ameaça á integridade do Imperio, reconhecemos a falta que tínhamos commettido, esquecendo, por alguns annos, o augmento de nossa esquadra. Ainda assim ella salvou a nossa honra, e pagou com uzura todos os sacrificios feitos para creal-a, e para collocal-a em posição de poder arrostar e vencer o adversario.”⁴⁸

IV — CONCLUSÃO

Nas breves palavras que tecemos sobre tão vasto assunto, podemos perce-

ber que a década de 1860/70 está eivada de lições. Erros e acertos em maior ou menor escala traçaram a vida da Armada Nacional e Imperial do Brasil naquelles dez anos. Lamentavelmente, temos dado pouca attenção à maior das guerras de nossa História. Pensam os desavisados que a Guerra do Paraguai e outros periodos pretéritos da História Naval e Militar brasileira podem e devem permanecer silenciosamente guardados como peças estáticas de uma galeria ornamental. Por isso repetem os mesmos erros e ignoram as grandes decisões acertadas, com a placidez do desconhecimento da História.

A Marinha de hoje, como a de cem anos atrás, continua não sendo oceânica, mas costeira e fluvial. Quaisquer tentativas de levá-la para o alto mar, em sua concepção estratégica, serão sonhos não realizados senão dentro de muito longo prazo.

Vimos que, quanto às fôrças navais, não faltou à Marinha quem alertasse sobre o problema. A Esquadra era inadequada, quase obsoleta. O Poder Político, contudo, não decidiu em tempo a favor do Poder Militar. O resultado foi um esforço tremendo, às carreiras, com prejuízo para a adequação dos navios às necessidades táticas e estratégicas do teatro de operações.

Internamente, em sua estrutura, a pouca eficiência também custou caro. Queixaram-se sucessivamente os Ministros de Estado mostrando sua impotência diante de um fantasma que tem sido o bode expiatório de nossos males.

Por fim, a realidade da guerra bateu às nossas portas e entrou em nossa casa. E nos safamos como foi possível, graças ao valor, à perseverança e ao patriotismo de cada um dos nossos irmãos de armas.

Não faltou, no Parlamento, quem lançasse as mais variadas criticas, infundadas e injustas, aos Chefes que comandavam na campanha. Mas elles estavam nas ruas calçadas da Côrte, enquanto os officiais-generais adoeciam no rigor insalubre do teatro de operações. Reclamaram os Deputados e os Senadores, mas não haviam dado em tempo os meios que a Armada tanto lhes solicitara.

⁴⁸ Rel. do MM, 1870, pág. 15.

Hoje a Marinha está atenta à realidade. A Escola Naval não revogou o Cálculo Infinitesimal e Integral, mas, ao contrário, intensificou os estudos das Ciências Matemáticas, Físicas e Sociais e da Técnica, porque se concluiu que só pelo estudo nos libertaremos das deficiências rotineiras.

O Programa de Construção Naval nos dá grandes esperanças para a renovação do material flutuante. E em vista dêle também precisamos formar nosso pessoal para que não olhem para as novas máquinas e os novos instrumentos como o pessoal da vela olhara para o vapor, guardadas as devidas proporções.

Resta apenas fazer justiça para com o passado: temos que conhecê-lo, não com espírito ufanista, mas com honesto espírito analítico.

Ultimamente muito se tem exaltado a Segunda Guerra Mundial em detrimento da Guerra do Paraguai. Gravíssimo engano. O caráter de democratização e liberdade que se pretende dar ao término do último conflito, é grandemente desau-

torizado pelo fato de a União Soviética ter sido a maior vencedora política daquela guerra. Além disso as operações militares nela envolvidas, em sua esmagadora maioria estiveram a cargo de potências estrangeiras e seu exemplo raramente — ou quase nunca — se aplica ao nosso caso particular. Além disso exaltar as atuais gerações da Segunda Grande Guerra em detrimento da Guerra do Paraguai, tem o sabor do egoísmo em relação àqueles que centenariamente descansam tombados no cumprimento do dever em defesa de sua Pátria e de seu Imperador no maior conflito militar da História do Brasil.

Reconheçamos e reverenciemos o esforço brasileiro no último conflito mundial, no qual nos empenhamos com os recursos de que dispúnhamos, tendo nele dado a vida tantos de nossos companheiros, mas não olvidemos por isso um passado de glórias, cujo esquecimento está no jôgo dos que querem ver destruída a nacionalidade e postos abaixo os padrões de valores que têm construído nossa civilização.

QUADRO N.º 1

Postos	Lotação	Comissões Existentes	Totais	Faltas
Vice-Almirantes	2	Conselho Supremo 1 Conselho Naval 1	2	0
Chefes-de-Esquadra	4	Conselho Supremo 1 Conselho Naval 1 Quartel-General 1 Divisão do Rio da Prata 1 Arsenal da Côrte..... 1	5	1
Chefes-de-Divisão	8	Direção da Escola de Marinha..... 1 Conselho Supremo 1 Conselho Naval 1 Intendência da Côrte 1 Inspeção da Bahia 1 Estações Navais 4 Capitão do Pôrto da Côrte 1	10	2
Capitães-de-Mar-e-Guerra	16	Arsenais 3 Capitanias 3 Quartel-General (Ajudante) 1 Escola de Marinha (Vice-Diretor)... 1 Hospital da Côrte (Diretor) 1 Comando de Corpos de Marinha... 2 Comando de Navios..... 6 Comando das Flotilhas do Rio da Prata e de Mato Grosso..... 2 Chefe do Estado-Maior da Divisão do Rio da Prata 1	20	4
Capitães-de-Fragata	30	Capitães de Portos 15 Comandos..... 8 Imediatos 6 Chefes de Estado-Maior das 4 Estações Navais 4 Ajudantes dos Arsenais 2 Estabelecimento Naval do Itapura.. 1	36	6
Capitães-Tenentes	60	Arsenal de Mato Grosso 1 Companhia de Aprendizizes-Marinheiros 1 Majores dos Corpos..... 2 Ajudantes de Capitanias e Inspeção de Arsenais 7 Comandantes de Navios..... 30 Imediatos 6 Secretário do Quartel-General 1 Oficiais..... 18	72	12

Quadro demonstrativo das lotações e necessidades de oficiais-generais e superiores da Marinha em 1861 (Rel. do M. M., 1861, págs 4 e 5).

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O PODER NAVAL DO BRASIL/69

QUADRO n.º 2

A VELA	A VAPOR
1 fragata	20 de rodas
7 corvetas	
1 brigue-barca	17 a hélice
2 brigues	
4 brigues-escunas	
2 escunas	
1 patacho	
2 iates	
3 transportes	
23	37
total: 60 navios	

A Fôrça Naval do Brasil, segundo o Relatório do Ministro da Marinha apresentado em 13 de maio de 1861.

QUADRO n.º 3

Comissões dos navios	n.º de navios
1.º Distrito Naval	11
2.º Distrito Naval	8
3.º Distrito Naval	6
Esquadilha do Rio Grande do Sul	4
Esquadilha de Mato Grosso	5
Estação Naval do Rio da Prata	4
Serviço na Barra do Rio Grande do Sul	1
Estabelecimento Naval do Itapura	1
Serviço Hidrográfico	2
Total	42

Distribuição da Fôrça Naval do Brasil, segundo o Relatório do Ministro da Marinha apresentado em 14 de maio de 1864.

QUADRO n.º 4

Comissões dos navios	Tipos de navios	n.º de navios
Em operações contra o Paraguai	encouraçados	10
	corvetas e canhoneiras a vapor	18
	bombardeiras	2
	transportes a vapor	5
	corveta a vela	1
	patacho	1
	transporte a vela	1
	Total	38
1.º Distrito Naval	fragata a vapor	1
	corvetas a vapor	3
	Total	4
2.º Distrito Naval	corveta a vela	1
	brigue-barca	1
	brigue-escuna	1
	Total	3
3.º Distrito Naval	corvetas a vapor	2
	canhoneira	1
	brigue	1
	iates	2
	Total	6
Flotilha do Rio Grande	vapôres	5
	Total	5
Flotilha de Mato Grosso	vapôres	5
	Total	5
Praticagem na barra do Rio Grande	vapor	1
	Total	1
Estabelecimento Naval do Itapura	vapor	1
	Total	1
Total geral		63

Distribuição da Fôrça Naval do Brasil, segundo o Relatório do Ministro da Marinha apresentado em 23 de maio de 1867.

CONSIDERAÇÕES SÔBRE O PODER NAVAL DO BRASIL/71

QUADRO n.º 5

NOMES	Tonelagem	Lugar da Construção	Custo
BRASIL	1.332	FRANÇA	666:130\$104
LIMA BARROS	1.407	INGLATERRA	883:322\$478
BAHIA	1.140	INGLATERRA	588:611\$327
HERVAL	1.447	INGLATERRA	741:086\$612
MARIZ E BARROS	1.447	INGLATERRA	735:971\$691
COLOMBO	1.069	INGLATERRA	731:649\$764
CABRAL	1.069	INGLATERRA	737:191\$599
SILVADO	2.350	FRANÇA	762:353\$445
TAMANDARÉ	754	BRASIL	479:008\$324
BARROSO	1.354	BRASIL	582:844\$711
RIO DE JANEIRO	871	BRASIL	516:285\$215
Total			7.424:455\$270

Nomes, tonelagem, lugar de construção e preços dos encouraçados brasileiros da Guerra do Paraguai, construídos entre 1864 e 1868. Extrato do mapa n.º 39 do Relatório do Ministro da Marinha, apresentado em 23 de maio de 1867.

QUADRO n.º 6

Lugar da Construção	Total das Toneladas	Total das Despesas	Custo de cada Tonelada
França	3.682	1.428:843\$549	387\$964
Inglaterra	7.669	4.417:833\$471	576\$063
Arsenal de Marinha da Côrte	2.979	1.578:138\$250	529\$754

Quadro comparativo do custo das construções dos encouraçados. Extrato do mapa n.º 39 do Relatório do Ministro da Marinha, apresentado em 23 de maio de 1867.

QUADRO n.º 7

a) Vapôres encouraçados:
1 fragata
(*) 9 corvetas
6 monitores
—
16
(*) A Corveta-Encouraçada <i>Rio de Janeiro</i> havia afundado em frente a Curuzu.
b) Vapôres não encouraçados:
1 fragata de rodas
6 corvetas mistas
2 corvetas de rodas
18 canhoneiras de rodas
14 canhoneiras mistas
7 transportes
—
48
12 lanchas a vapor
2 bombardeiras
c) Navios a vela
1 corveta
1 brigue-barca
1 brigue
1 brigue-escuna
2 iates

Composição da Fôrça Naval do Império do Brasil, segundo o Relatório do Ministro da Marinha apresentado em 10 de maio de 1869.



Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho, depois Almirante e Barão da Passagem, Comandante da Divisão Encouraçada que forçou Humaitá em 1868.

HUMAITÁ

CMG (RRm) *Lauro Nogueira Furtado de Mendonça*

Há um século, nos albores do ano de 1868, quedavam-se, nas águas barrentas do Paraguai à jusante de Humaitá, dez carapaças escuras, em cujas estruturas metálicas avultavam os contornos angulosos de espessas couraças

e sôbre as quais ondulavam os pavilhões verde-ouro.

Sete meses eram transcorridos desde a passagem de Curupaiti; longos meses em que, à inação enervante alternavam-se os reconhecimentos e bombardeios

da fortaleza guarani; longos meses em que, cortados das bases, fôra necessário privar-se de todo o supérfluo, a fim de não sobrecarregar a linha férrea, por onde trafegavam os comboios, arrastados à tração animal ou pela única locomotiva, milagre de engenhosidade, construída, no local, com a utilização e adaptação de peças das máquinas do transporte *Isabel*.

Sete meses em que as muralhas sobranceiras da fortaleza de Lopez se afirmavam invencíveis e intransponíveis.

Humaitá, cujo nome sonoro evoca a poesia das canções guaranis, lângüidamente cantadas, ao tanger das harpas por morenas mãos, às quais vêm acariciar as franjas de longos chales, adoçando-se a vibração hispânica ao contato macio das rendas nhanduti era, naqueles tempos remotos, um símbolo mavórtico, a pesar nos pensamentos da nossa gente, ensombrecendo-lhes os dias e as noites.

E por que? Que poder estranho detinha os heróis de Riachuelo, Mercedes, Cuevas e Paissandu? Por que dez encouraçados, a última palavra da engenharia naval, vencedores de Itapiru, Curuzu e Curupaiti, quedavam-se inertes ante os canhões do baluarte? Por que não atendia Inhaúma às exortações do Comandante-em-Chefe, D. Bartolomeu Mitre?

De pé, no lais do passadiço de seu capitânia, o velho Almirante Joaquim José Inácio perscrutava a escuridão com seus olhos experientes enquanto divagavam os pensamentos.

O jovem fogoso que, com Tamandaré, tomara de assalto o brigue argentino onde estavam prisioneiros, encanecera a serviço do Império.

Que lhe importavam as insinuações de Ouro Prêto, o Ministro impaciente; nada conhecia de militança e a juventude perdoava-lhe os arroubos; as impetuosidades de um Jerônimo Gonçalves, a custo refreadas nas reuniões de Comandantes? Nada, saberia utilizá-las convenientemente quando fôsse ocasião.

Dofa-lhe, na verdade, a insistência do Comandante-em-Chefe, lobrigava, certamente com injustiça para D. Bartolomeu, mais o interesse do castelhano em ver perder-se a poderosa Esquadra do Brasil que a derrota de Lopez.

Resistira-lhe com tôdas as fôrças; arriscara o seu nome, elevado em inúmeros combates, mas, com o apoio de Caxias, salvara os seus preciosos encouraçados e agora, já dispondo de três monitores de pequeno calado, recém-chegados das carreiras do Arsenal de Marinha da Côrte, iria, enfim, mostrar a todos que, dotada com os meios adequados, a Marinha Imperial saberia domar as ingentes fortificações de Humaitá.

Ainda há poucas semanas, juntamente com Lima e Silva, em cujo Gabinete fôra Ministro e que substituíra Mitre, reconhecera a linha das fortificações adversas.

Admiraram a altanaria da Bateria Londres, de cujas casamatas hiantes emergiam 16 bôcas de fogo de grosso calibre; a obra-prima do Coronel Wisner de Morgenstern, outrora prisioneiro do Marechal, e agora novamente em armas contra o Império.

Provocaram, pessoalmente êle e o Marquês de Caxias, a fieira de mais de uma centena de canhões e estativas, dispostos à barbete, sobranceiros à baranca do rio, alta de dez metros e puderam aquilatar a chuva de ferro e fogo, obuses e balas rasas, cujo ronco se misturaria ao silvar agudo dos foguetes, tudo pronto a despejar-se sôbre os audaciosos que intentassem a travessia.

Há mais de hora iniciara-se o dia 19 de fevereiro de 1868; o que esperava o Barão, acordado, expondo-se à escarcha abundante que descia sôbre as chapas úmidas do *Brasil*?

Notava-se a sua inquietude; por que tardavam a chegar os navios que entregara a seu próprio genro, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho?

E ao pensar no genro, novas imagens lhe vinham à mente. Lembrava-se de que Mouchez, o enérgico e competente hidrógrafo francês, afirmara a impossibilidade material de vencer as curvas e revessas de Humaitá; era uma palavra abalizada; tudo que se conhecia da região, devia-se ao levantamento, às cartas e roteiros do distinto oficial.

Eis que, quando uma cena atroz lhe vem toldar a vista, a de seu filho extremado, Mariz e Barros, a expirar exan-

gue, pavorosamente dilacerado na casa-mata do *Tamandaré*, vê surgir uma sombra no negrume da noite.

Era o *Barroso*; trazia a contrabordo o Monitor *Rio Grande*; Silveira da Mota e Antônio Joaquim, dois nomes inesquecíveis; o legendário Jaceguai e o antigo Mestre da *Isabel*, companheiro de Bento José de Carvalho, o irmão de Inhaúma, sacrificado na distante costa do Algarve africano.

Detém-se o vulto e duas embarcações cruzam-se na escuridão: Silveira da Mota envia o Tenente Castro e Silva para dar parte ao Chefe de estar pronto a seguir avante, mesmo sem aguardar os demais navios e Inhaúma ordena a Legey que vá indagar do motivo da demora em investir o passo.

Acicatado pela interpelação, o árdego Capitão-Tenente ordena que se dê adiante; já o tempo urgia, pois os primeiros clarões da lua começavam a iluminar as matas do Chaco.

Os dois navios seguem rio acima, guiados pela mão segura do prático Etchebarne; Silveira da Mota procura lobrigar do seu encouraçado, em cujos trincanises escachoam as águas barrentas e escuras, o canal a seguir.

Aproxima-se o par do primeiro trecho da curva. De repente, resplandescem as margens; de um lado, inumeráveis fogueiras silhuetam o conjunto contra sua intensa luz; do outro, os canhões, alertados pelos foguetões dos esculcas, estrugem e encandeia-se um colar ardente de chamas vivas e línguas de fogo onde até então reinara a mais profunda escuridão.

A extensa curva da ribeira (2 500 metros de barranca), orlada por uma centena de canhões, ilumina-se qual girândola gigantesca; cruzam-se em todos os seus pontos os tiros das peças paraguaias, entre as quais repontam a *Acaberá*, raiada pelo sistema *Parrot*, com projetis cilindro-ogivais de 68 libras, a *General Diaz*, adaptada para utilizar os obuses *Withworth* de 32, impressionante pelo desusado comprimento e a famigerada *El Cristiano*, em cuja alma repicam os bronzes de tôdas as igrejas do Paraguai.

Essa peça mesma, cujo vulto maciço podemos ainda admirar no pátio do Museu Histórico Nacional, capaz de atirar pesadas balas rasas de 120 libras ou projetis oblongos e cilindro-ogivais, com a face dianteira de ferro endurecido, apropriados para perfurar as couraças brasileiras e dotados de rotação por meio de um hélice, fundido no próprio metal de sua parte posterior.

Logo o reduto do *Barroso* é atingido por anteavante; a violência do choque é tal que faz trepidar tôda a couraça, contundindo o braço do Comandante, nela apoiado a fim de melhor observar o governo.

O impetuoso Mota, adrede disposto um adequado processo de comunicar-se com o *Rio Grande* durante o fragor do combate, aproxima-se da curva interna da ferradura formada pela volta do rio, sob uma chuva de petardos; suas portinholas estão fechadas, de nada lhe serviria abri-las e tal providência poder-lhe-ia ser fatal.

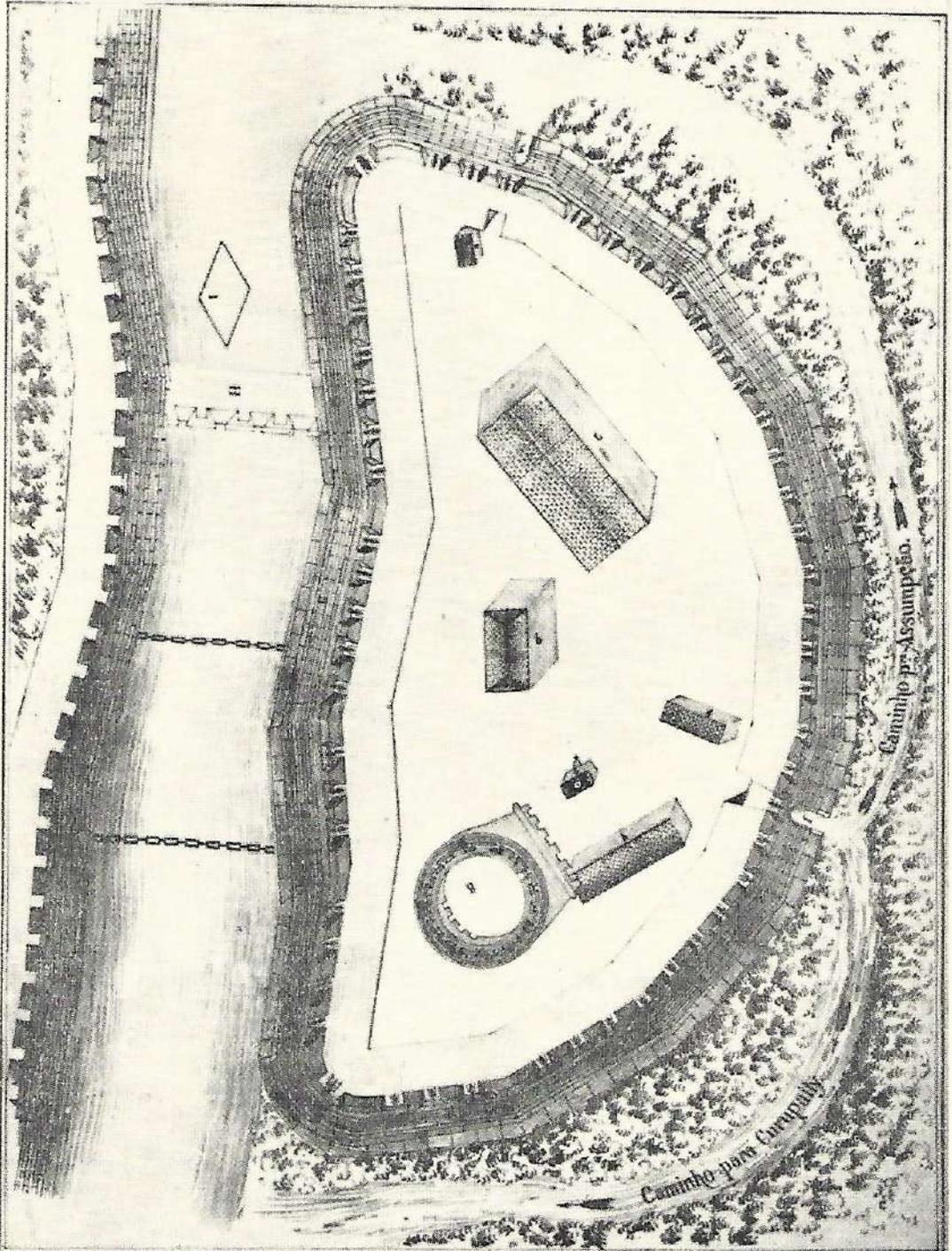
Suas defesas principais são a rapidez e a audácia; assim o entendendo, segue a tôda força em demanda do vértice da curva.

Etchebarne, tirando proveito da cheia, acerca-se da Ponta de Pedras; aproxima-se do barranco, buscando melhor proteção. Atingem a parte mais estreita do rio, onde o canal, limitado por parcéis, tem apenas 200 metros de largura.

A ansiedade domina a todos, oficiais e marinheiros; aproxima-se a famosa *Cadena*, o temível espinhel de torpedos sustentados por três grossas amarras de fragata, enormes cadeias de ferro, acochadas com duplo fôrro de cabo e coiro, oblíquas à direção do talvegue, na tentativa de desviar as proas dos assaltantes e deixá-los a mercê dos fortes.

Súbitamente, explosão terrível abala os dois vasos, correm os marujos e saltam pelas escotilhas nas toldas molhadas; estava-lhes viva na imaginação a cena dantesca, quando o Encouraçado *Rio de Janeiro* mergulhara para sempre, em frente a Curuzu, levando em seu bôjo o heróico Silvado e a maior parte da guarnição, atingido por duas minas flutuantes, os famosos torpedos de Lopez.

PLANTA DE HUMAYTÀ



ABC Muro de pedra DE Espetro de FG Muro de pedra H Muro de pedra I Muro grande de pedra J Muro de pedra K Muro de pedra L Muro de pedra M Muro de pedra N Muro de pedra O Muro de pedra P Muro de pedra Q Muro de pedra R Muro de pedra S Muro de pedra
 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
 (1816) de des. do Sr. D. João de Deus, S. J. de 1816.
 Pl. de S. João, 1816.

Os lenhos entretanto, jungidos estreitamente, prosseguem impassíveis; olham-se desconcertados e com laivos de rubor, os escarmentados marujos, tornando a mergulhar no abrigo das cobertas, um a um.

Granada gigantesca rebentara entre os dois navios, criando as condições para que fôsem rompidas as resistências daqueles homens, a quem tão angustiantes tensões dominavam. Ei-los porém, restabelecidos pela fleugma de Jaceguai e dispostos a tôdas as provações, em tórno à figura máscula do Comandante.

Sabia êste que, de há muito, Custódio de Mello, a bordo do *Silvado*, desamparara um dos três pontões que sustentavam o obstáculo, seguindo-lhes o destino os outros dois, posteriormente.

A pesada corrente mergulhara no rio, as poderosas aranhas com que as agüentavam, foram impotentes para reerguê-la e sôbre a catenária passaram incólumes encouraçado e monitor, imunes a seus elos de três polegadas e meia e aos torpedos supostamente sustentados.

Espoucam os foguetes que anunciam a vitória.

Corre um frêmito na Esquadra; agora, alertados já os valentes guaranis, conseguirá o mesmo sucesso o segundo par?

Seguiam êles, o *Bahia* e o *Alagoas*, como duas tartarugas cujas carcaças emergiam das águas, rebrilhando ao palor do luar.

As fogueiras haviam esmaecido mas, retificadas as alças, a precisão dos tiros aumentara.

O domínio das proas mostrava-se difícil; a união dos dois monitores não se afigurava tão feliz como a de seus matalotes de vante, caprichos da hidrodinâmica.

Guilherme dos Santos, com o pavilhão do Chefe Delfim, manobra com extrema dificuldade; cientificado o Almirante da deficiência de govêrno, sua única resposta fôra um lacônico *Siga*.

Com sacrifício avançam as unidades, vencendo braça a braça a forte correnteza e as perturbadoras revessas d'água; ameaçado o par com o encalhe e a destruição.

Logo atrás podem ser avistados o *Tamandaré*, com o Capitão-Tenente Augusto Pires de Miranda, e o *Pará*, com Custódio de Mello. O olhar aguçado de Wandenkolk, voluntariamente embarcado no *Bahia*, suspeita, mais que distingue, a casamata maciça do encouraçado, emergindo das densas nuvens de fumo espraçadas ao lume d'água, ao lado da torre acachapada do monitor; avança êle penosamente; a sua máquina, relíquia da canhoneira *Tieté*, mal sustenta o avanço contra a violenta correnteza.

Pires de Miranda sabe que o seu navio é, de todos, o mais vulnerável; o reduto, blindado com chapas de apenas três polegadas de espessura e o cintado, diminuindo até duas polegadas, nas extremidades, são suscetíveis de perfuração, como ocorreu em Curuzu com o *Rio de Janeiro* e em Curupaiti com o próprio *Tamandaré*.

Das portinholas da artilharia, a morte de Mariz e Barros e a mutilação de Eli-siário Barbosa atestam-lhes as deficiências; a proteção das máquinas é imperfeita, na última passagem que executara havia ficado à matroca, o condensador perfurado por um estilhaço; a porta do leme expunha aos atiradores do Marechal a sua parte superior. Apenas o seu pequeno calado o recomendava para a operação.

Vencendo vagarosa mas seguramente, o empuxo do rio, Pires de Miranda e Custódio de Mello desfilam junto ao povoado fundado em 1778, por Pedro de Melo de Portugal e aproximam-se do clímax da passagem. Repentinamente deparam-se com uma estranha cena.

Dois navios, amarrados pela pôpa, forcejam um contra o outro e descem por boreste do *Tamandaré*; de inopino rompe-se o virador que os sustêm e o *Bahia*, pois era êste um dêles, avança desgovernado sôbre a nave de Pires de Miranda.

Rápidas manobras não conseguem evitar o choque.

O costado do grande monitor desliza sôbre a roda de proa do encouraçado, desloca-a e abre-lhe um veio d'água; ao lado dêste, o pequeno *Pará*, comprimido pelas 2 000 toneladas que sôbre êle derriam, sente todo o seu cavername ran-

ger e estalar; aqui e ali rompe-se o casco e penetra a água; põe-se em ação as bombas de esgôto e é mantido o nível de alagamento em limites razoáveis.

Delfim, o Imediato do *Amazonas* na jornada de Riachuelo, livra-se e segue sozinho.

A dupla da retaguarda consegue, a custo, restabelecer o governo e vêem-se, dentro em pouco, subir dois novos foguetes, cortando a noite, já bem avançada.

À deriva descera o *Alagoas*; atingido o sítio das correntes, explodira-lhe um obus na proa, partindo os cabos de grossa bitola, com os quais estivera unido ao *Bahia*.

Os castelos afastaram-se velozmente; o monitor girou, prêso ao capitânia pelo calabrote de ré e, partido êste pelo esforço excessivo, desgovernado, desceu rio abaixo, pendente da buzina o chicote do cabo.

Vê Maurity, como num caleidoscópico girado ao inverso, repetirem-se os cenários que há pouco percorrera; desfila pelas suas amuradas as baterias adversas, reconhecíveis pelos fuzis que ininterruptamente as alumiam.

Agora são o *Lima Barros* e o *Silvado*, os dois grandes encouraçados de tórres, os quais, adrede encahados nas margens, bombardeiam Humaitá, totalmente expostos ao fogo inimigo, nos lugares de mais perigo, no dizer do Almirante.

Passam o *Cabral*, o *Brasil*, o *Colombo* e só consegue, o *Alagoas*, restabelecer o governo mais à jusante, após chocar-se com o *Herval*, detendo-se em sua indejada deriva.

Ergue-se uma voz do navio-almirante, é Inhaúma ordenando a Maurity que fundeie.

Que fazer, o jovem e ardente oficial não se conforma; controlado o seu navio, faz moucos ouvidos e ordena ao práctico Santiago que siga novamente rio acima.

Joaquim José Inácio não o detém; olha-o comovido e exclama para Mendes Salgado, seu Capitão de Bandeira: *Deus protege atos tão nobres*.

Jerônimo Gonçalves, o primeiro oficial da Marinha a advogar a passagem,

ardendo de impaciência no *Silvado* e Garcindo de Sá, o herói da *Parnaíba*, redobram de intensidade o fogo de seus canhões, cujas fauces desaçaimadas emergem aos pares das tórres escuras, despejando no reduto fronteiro um ror de ferro e pólvora, já que seus navios, por demasiado grandes, não puderam subir com a força de Delfim.

Tôda a Esquadra os imita e, sob a cobertura, lá vai outra vez Maurity. Seu navio, de pouca força de máquinas, permitindo-lhe apenas ridícula velocidade, dá-lhe escassa margem de avanço e deficientes condições evolutivas.

Pouco maneiro, desgoverna-se ainda ao atingir o ponto de convergência dos fogos da bateria Londres.

Maurity insiste; pela terceira vez avança; o dia já clareia e o pequeno navio, a superestrutura compacta mal emergindo da fita sinuosa do rio, apresenta-se aos paraguaios, enfurecidos pelo insucesso, como a prêsa que lhes permitirá redimir-se ante *El Supremo*, o *Mariscal* que temem mas por quem dariam a vida.

O pequeno navio adianta-se, as máquinas resfolegam, arquejantes no esforço necessário para vencer a corrente de quatro milhas horárias, imprimindo à embarcação a sua velocidade máxima, de somente seis nós.

Maurity sente o choque dos projetos a se esfacelarem nas couraças, mas o monitor, planejado por Napoleão Level, é sólido; nenhuma das cento e sessenta balas e bombas que o atingem causa-lhe senão mossas nos espessos costados e anteparas.

Passavam das cinco horas quando o *Alagoas* atingiu a famosa *Cadena*; Maurity respira aliviado.

Mas, oh! Agora são as máquinas, atingidas por súbita avaria; rapidamente o casco, arrastado pela cheia, desce o caudal; vai ser jogado sobre o parcel de pedras, os maquinistas trabalham febrilmente; a ansiedade espelha-se nos rostos; conseguirão reparar a maquinaria em tempo útil?

Dez intermináveis minutos se escoam, preces aflitas sobem de todos os lábios; finalmente se ouve o chapinhar do hélice

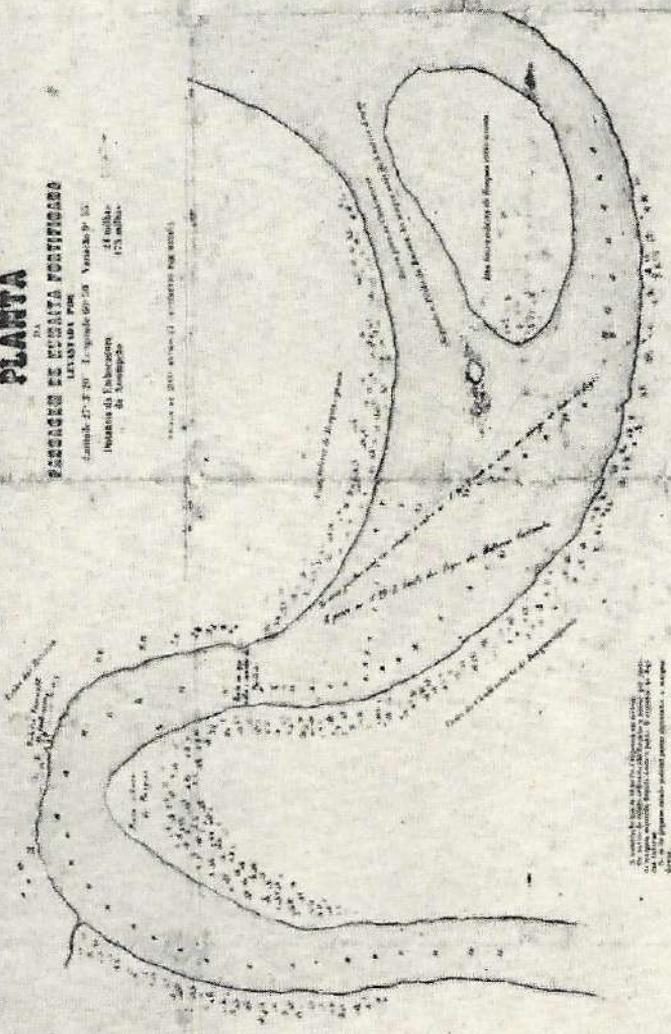
UNA CONSULTA DEL BARONDE UGO DE SANZIO,
SINTESI DEL DOCUMENTO LA STRUTTURA DEL SERRAVALLE
Fascicolo del 18/10/1900 - N. 10



PLANTA

DEL
FORTE DI S. GIUSEPPE
LA STRUTTURA DEL SERRAVALLE
CANTONE DI S. GIUSEPPE - VENEZIA - 1800
Disegnato da Francesco
de' Giorgi

Scala di 1:1000 (per il disegno)



Il disegno è stato eseguito dal
ingegnere Ugo de' Sanzio, e
ha per base il disegno originale
del 1800, conservato nella
biblioteca del Museo di Venezia.

na água; as máquinas construídas por Braconnot impulsionam o *Alagoas*.

Sobe aos ares um último foguete, gravando para sempre o nome de Maurity na História da Pátria.

Não terminaria, porém, a odisséia; os guaranis, guerreiros indomáveis, lançam-se à abordagem. Despejam-se no convés raso do monitor, trazidos por mais de vinte canoas, magotes de guerreiros endemoninhados agarram-se às bordas, elevadas de um pé apenas sobre a linha d'água, seguram-se às saliências, aos ferros, amarras e abitas; abandonam vazias suas embarcações; é vencer ou morrer.

Meia dúzia de igaraçus desaparecem sob os delgados da carena e vão emergir pelas alhetas, fendidas, trituradas de envolta com os corpos ensangüentados de seus tripulantes.

Numeroso trôço de atacantes firmase no deserto convés e arremessa-se, ensandecido, contra as anteparas de ferro; procuram varrer o interior através das seteiras, mas ceifados pela metralha e fuzilaria de bordo, caem exânicos, o sangue jorrando aos borbotões, gotejando pelos embornais e diluindo-se em vermelhas espirais na esteira fosforescente.

Cessa o ataque suicida, falto de combatentes; poder-se-ia agora, reunidos os navios de Delfim, rumar para o Tagi, onde os esperam os soldados de Caxias.

Não, ainda não; das margens do Chaco ouvem-se tiros de peças de grosso calibre, acompanhadas da característica fumarada; é o forte do Timbó, até então desconhecido, que lhe varre as obras vivas, como fizera com os matalotes.

Quarenta vêzes ainda percute o metal com a massa dos projetis adversários; tudo em vão, estava escrito que Maurity passaria, ovante, ganhando as honras do dia.

Inhaúma o reconhece e faz ressaltar em seu relatório; todos foram valentes, sem dúvida; Delfim, tornado Barão da Passagem; Silveira da Mota e Custódio de Mello, que chegarão à República, Almirantes renomados; Pires de Miranda, Guilherme dos Santos e Antônio Joaquim, os quais não verão o findar da

campanha; Marte, porém, resolvera bafejar com seus favores o jovem Maurity e a êle cabe, sem contestação, a coroa de louros sancionada pela palavra do Chefe Joaquim José Inácio.

Cercada Humaitá, sua queda é questão de tempo; Lopez abandona o recinto; a fortaleza agoniza; só a 22 de julho porém, é abandonada pelo Coronel Paulino Allén, na tentativa inútil de escapar pela lagoa Verá, na península fronteira às baterias da margem do rio, onde Tamandaré cogitava abrir um canal a fim de contornar as defesas inimigas.

A perda das fortificações construídas depois da Missão do Chefe Pedro Ferreira, em 1855, destruiu o sistema defensivo paraguaio e abriu o caminho da Capital a nossos navios.

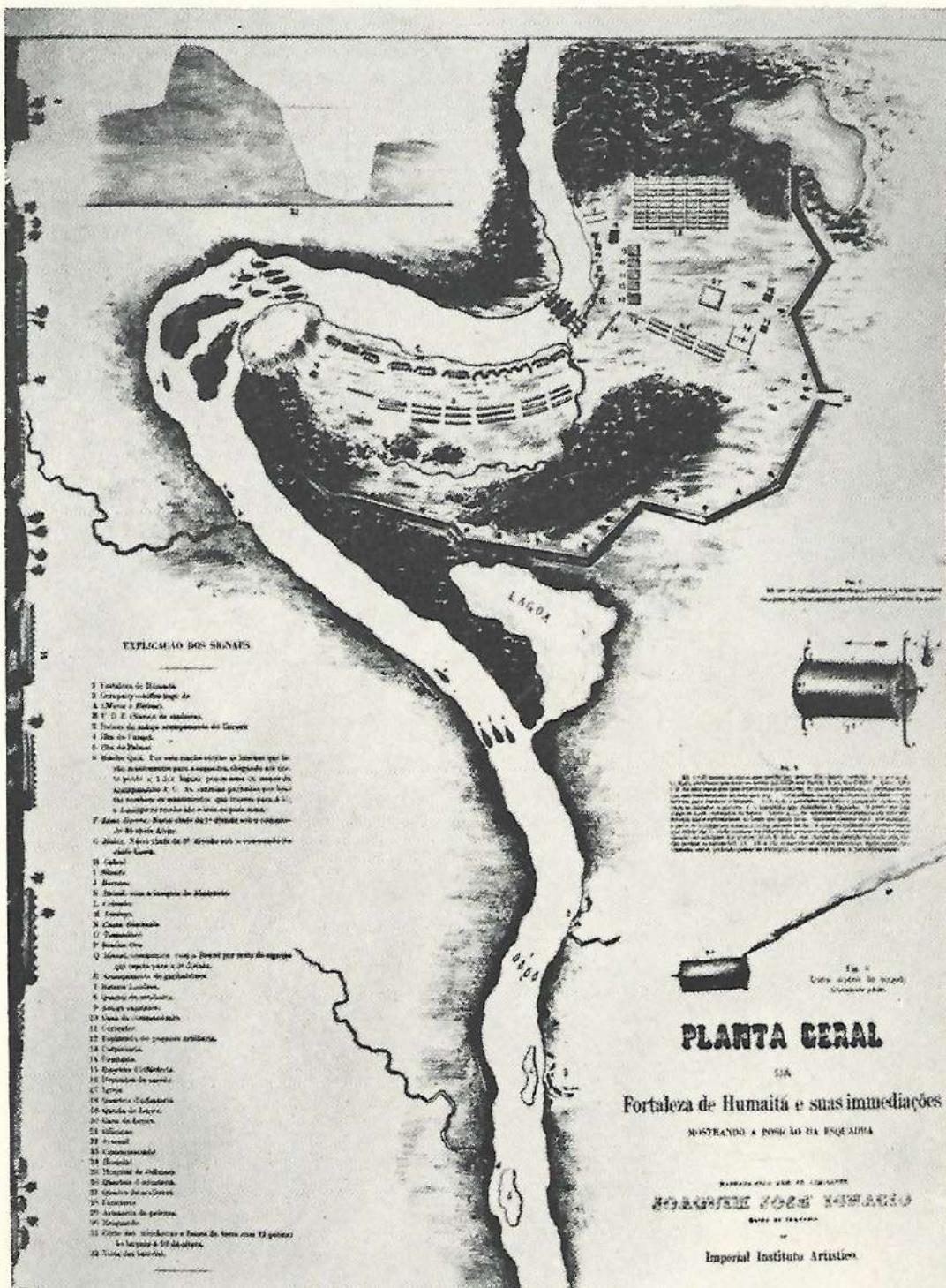
A manobra envolvente que Caxias realiza então, com o auxílio da Esquadra, terminando em Itororó, Avaí, Lomas Valentinas e Angostura, deixa Lopez no papel de mero guerrilheiro, ao qual nada mais resta que o abrigo das florestas e banhados do interior, à espera da morte gloriosa que o restabeleça no pedestal a que seu povo o elevava.

As conseqüências de Humaitá para a solução da campanha são inestimáveis e nas operações realizadas, ainda há muito ensinamento válido para os dias de hoje, quando a guerra na selva e a utilização de vias navegáveis do interior têm sido desvalorizadas em campanhas recentes, com todo o séquito de defesa das margens, ataques às comunicações, utilização de minas e obstáculos lançados nos leitos das hidrovias.

Mas há aspectos que julgo de maior relevância.

Um deles é o referente à composição da força de Delfim; de seus seis navios, cinco foram construídos no Brasil, dentre os quais os três monitores, considerados indispensáveis à operação.

Nossos estaleiros, quando necessário, puderam construir aquelas máquinas de guerra, a derradeira palavra da técnica militar naval da época. Sirvam-nos êles de fanal perante o progresso científico industrial que presenciamos, perante a era nuclear e a era espacial, nas quais urge penetrar.



EXPLICAÇÃO DOS SIGNAES

- 1 Fortaleza de Humaitá
- 2 Fortes e redutos de
- 3 A. Muro e Bateria
- 4 F. D. E. (Forte de artilheria)
- 5 Torres de artilheria
- 6 Torre de artilheria
- 7 Torre de artilheria
- 8 Torre de artilheria
- 9 Torre de artilheria
- 10 Torre de artilheria
- 11 Torre de artilheria
- 12 Torre de artilheria
- 13 Torre de artilheria
- 14 Torre de artilheria
- 15 Torre de artilheria
- 16 Torre de artilheria
- 17 Torre de artilheria
- 18 Torre de artilheria
- 19 Torre de artilheria
- 20 Torre de artilheria
- 21 Torre de artilheria
- 22 Torre de artilheria
- 23 Torre de artilheria
- 24 Torre de artilheria
- 25 Torre de artilheria
- 26 Torre de artilheria
- 27 Torre de artilheria
- 28 Torre de artilheria
- 29 Torre de artilheria
- 30 Torre de artilheria
- 31 Torre de artilheria
- 32 Torre de artilheria
- 33 Torre de artilheria
- 34 Torre de artilheria
- 35 Torre de artilheria
- 36 Torre de artilheria
- 37 Torre de artilheria
- 38 Torre de artilheria
- 39 Torre de artilheria
- 40 Torre de artilheria
- 41 Torre de artilheria
- 42 Torre de artilheria
- 43 Torre de artilheria
- 44 Torre de artilheria
- 45 Torre de artilheria
- 46 Torre de artilheria
- 47 Torre de artilheria
- 48 Torre de artilheria
- 49 Torre de artilheria
- 50 Torre de artilheria
- 51 Torre de artilheria
- 52 Torre de artilheria
- 53 Torre de artilheria
- 54 Torre de artilheria
- 55 Torre de artilheria
- 56 Torre de artilheria
- 57 Torre de artilheria
- 58 Torre de artilheria
- 59 Torre de artilheria
- 60 Torre de artilheria
- 61 Torre de artilheria
- 62 Torre de artilheria
- 63 Torre de artilheria
- 64 Torre de artilheria
- 65 Torre de artilheria
- 66 Torre de artilheria
- 67 Torre de artilheria
- 68 Torre de artilheria
- 69 Torre de artilheria
- 70 Torre de artilheria
- 71 Torre de artilheria
- 72 Torre de artilheria
- 73 Torre de artilheria
- 74 Torre de artilheria
- 75 Torre de artilheria
- 76 Torre de artilheria
- 77 Torre de artilheria
- 78 Torre de artilheria
- 79 Torre de artilheria
- 80 Torre de artilheria
- 81 Torre de artilheria
- 82 Torre de artilheria
- 83 Torre de artilheria
- 84 Torre de artilheria
- 85 Torre de artilheria
- 86 Torre de artilheria
- 87 Torre de artilheria
- 88 Torre de artilheria
- 89 Torre de artilheria
- 90 Torre de artilheria
- 91 Torre de artilheria
- 92 Torre de artilheria
- 93 Torre de artilheria
- 94 Torre de artilheria
- 95 Torre de artilheria
- 96 Torre de artilheria
- 97 Torre de artilheria
- 98 Torre de artilheria
- 99 Torre de artilheria
- 100 Torre de artilheria

Fig. 1. Um dos canhões de artilheria, montado e armado de modo a apontar para a esquerda.

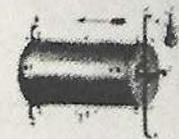


Fig. 2. Um dos canhões de artilheria, montado e armado de modo a apontar para a esquerda.

Fig. 3. Um dos canhões de artilheria, montado e armado de modo a apontar para a esquerda.

PLANTA GERAL

Fortaleza de Humaitá e suas immediações
 MOSTRANDO A POSIÇÃO DA ESQUADRA

ELABORADA POR
FORASTIER JOSE KAWARACKI
 MAIOR DE BRASÃO

Imperial Instituto Artistico

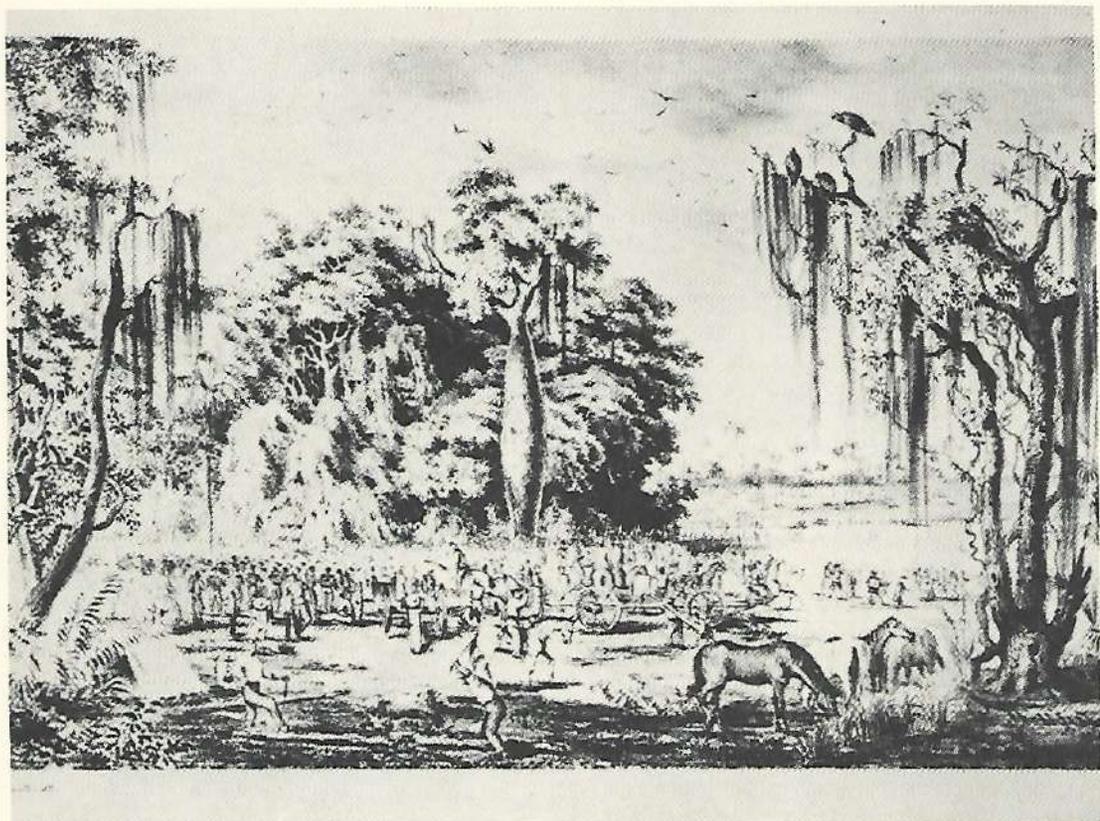
É preciso que nos elevemos à sua altura e enfrentemos o problema do nosso desenvolvimento, por nós mesmos, pois que seria falaz esperar venha a solução de fora.

Aquêles que não o acreditam possível, cedam o caminho e não perturbem os esforços dos que querem vencer, dos que não aceitam uma posição de subalternidade famulenta nos dias de hoje, como não a aceitaram nossos ancestrais.

O Mundo não dá guarida aos eternos cétricos nem aos parasitas dos esforços alienígenas, é em nós mesmos que encontraremos as condições e as forças para realizar o impossível, como o fizeram Delfim e seus comandados, mercê do apoio anônimo dos operários navais e de nossos engenheiros, os cientistas daquele tempo.

Sigamos o seu exemplo e sejamos fortes e poderosos, pois só os fortes e poderosos têm condições de exigir respeito e viver em liberdade.

1970



A DEZEMBRADA E A MARINHA

ARNOLDO HASSELMANN FAIRBAIRN — Vice-Almirante (IM)

“Esse período, que por si só constitui uma das mais brilhantes páginas da história da presente guerra, nunca há de ser esquecido pelo Brasil e seu Governo.”

(Trecho da Ordem do Dia do então Marechal Marquês de Caxias sobre a Dezembrada)

1. PROPÓSITO

Éste estudo devia ter sido publicado por ocasião da passagem do 1º centenário da Dezembrada. Infelizmente, diversos motivos relevantes não permitiram que fôsse êle terminado a tempo. Perdura, porém, a forte intenção do autor de prestar uma sincera e comovida ho-

menagem aos participantes do glorioso acontecimento.

2. SIGNIFICADO DA DEZEMBRADA

Designou-se, assim, o período de 5 a 30 de dezembro de 1868, quando em operações combinadas, no melhor estilo do atual conceito de guerra fluvial integrada, o Exército e a Armada do Império

do Brasil e seus aliados, sob o magistral Comando-em-Chefe do então Marechal Marquês de Caxias, em esmagadora ofensiva, obtiveram magníficas e decisivas vitórias sobre o heróico Exército Paraguai, sob o comando do Ditador Marechal Solano Lopez. Esta marcha ciclópica classificaria como de primeira categoria qualquer grupo humano que a executasse. Foram obtidas, durante o seu curso, excepcionais resultados que permitiram, entre outras vantagens definitivas, a ocupação de Assunção, capital do país, centro nevrálgico da administração paraguaia e o aniquilamento da força regular de Solano Lopes. Posteriormente, em perigosa campanha nas cordilheiras, o caudilho ainda nos ofereceria um duro combate, porém, incontestavelmente, em outro tipo de guerra menos regular, tão nossa conhecida hoje.

A Dezembroada foi um período de grande importância, não só para a campanha de 1865-70, porém, porque representa, como dissemos linhas atrás, uma afirmação das qualidades excepcionais de nosso povo e de seus líderes. Só homens superiores podem realizar as *dezembradas*.

Rememorá-la é um estímulo para todos nós, é verificar que nossos maiores souberam vencer obstáculos aparentemente intransponíveis e que não vacilaram, nos momentos cruciais, em praticar os maiores sacrifícios para que os brasileiros do futuro pudessem gozar os benefícios que hoje desfrutamos.

A Guerra do Paraguai, como muito bem disse Gustavo Barroso, foi o último capítulo da grande marcha heróica das Bandeiras, essa epopéia fundamental da Pátria Brasileira.

O Brasil como hoje existe, Nação livre, íntegra e soberana, não pode olvidar seu passado. Recordar a nossa História, exaltar os nossos heróis, reverenciar as grandes manifestações de nosso grupo nacional, é um dever elementar de gratidão e uma medida primária de segurança. Nunca precisamos tanto do exemplo de nossos gloriosos antepassados como agora. O Brasil atual não surgiu por acaso, não foi presente de ONUS

e OEAs, custou muito sacrifício, muitas lágrimas, muito sangue derramado.

Saibamos honrar, não os esquecendo, nossos momentos gloriosos.

3. SITUAÇÃO DA GUERRA, QUANDO CAXIAS ASSUMIU O COMANDO EM 19 DE NOVEMBRO DE 1866

3.1 — *Impossibilidade de um Ataque Frontal a Humaitá*

A opinião pública, no Brasil, considerava inicialmente, a campanha do Paraguai como devendo ser de curta duração. Havia mesmo a esperança generalizada de acabar a guerra em três meses.

A estagnação das operações depois das brilhantes vitórias de Riachuelo e Uruguaiana, que puseram fim à ofensiva paraguaia ao solo da Pátria, produziu dolorosa surpresa, especialmente se considerarmos o desastroso desfecho do ataque a Curupaiti, desarticuladamente realizado pelos aliados sob o Comando-em-Chefe do General Bartolomeu Mitre, em 23 de setembro de 1866.

Assim, quando cerca de cinco meses antes, em 16 de abril de 1866, os aliados desembarcaram no território inimigo, perto da confluência do Paraná com o Paraguai, em Passo da Pátria, tinham forte intenção de marchar diretamente contra Humaitá, que distava apenas 22 km desse ponto de desembarque. Para tal procuraram concentrar todos os seus elementos na margem direita do Paraná e ganhar terreno para frente. (Fig. 1 e 2).

Os paraguaios, porém, aproveitando-se, com extrema perícia, da configuração topográfica, defenderam-se com rara bravura, criando aos invasores toda sorte de obstáculos e utilizando um grande poder de fogo. Só em Humaitá, os aliados apossaram-se, posteriormente (25-7-1868) de 188 canhões. Será interessante considerar que os brasileiros dispunham no Exército, em dezembro de 1867, somente 155 canhões, sendo que o número para sítio era verdadeiramente



Feito para esta 2ª Edição à vista do "Trecho de uma carta do arquivo do E.M. do Exército" que vem na 1ª - FRANCISCO RUAS SANTOS-Major

Pelo SGT MARIO

ridículo. (Vide — Gen. Tasso Fragoso — A Guerra da Tríplice Aliança — 3º Vol., pág. 523).

Outra deficiência flagrante das forças da Tríplice Aliança frente ao Exército Paraguaio, se levarmos em conta a magnífica posição defensiva do famoso quadrilátero que tinha num dos ângulos Humaitá, é a insuficiência numérica para a ocupação da área.

Segundo o Gen. Tasso Fragoso, para investir as trincheiras do quadrilátero seriam necessários cerca de 64 mil homens, supondo apenas 2 homens por metro corrente. Ora, os brasileiros prontos, no momento em que começou o avanço para Tuiú-Cué, cerca de 40 mil, juntos aos argentinos e orientais não chegavam a 50 mil homens. (CTF. 3º Vol., A. G. da T. A., pág. 522).

Os aliados necessitavam também de uma poderosa força terrestre, precipuamente de cavalaria, para explorar o interior, garantir a retaguarda, contra os perigos ao norte e oeste.

“Tiveram que tudo aprender no campo de batalha. Aprenderam a cavar trincheiras e a atacar as que os contrários levantavam para lhes entorpecer a marcha.”

Além da deficiência numérica de bôcas-de-fogo, segundo o Gen. Tasso Fragoso, faltava uma eficiente doutrina de tiro para melhor emprêgo da artilharia.

É fácil compreender, assim, a oposição que os Almirantes Tamandaré e Inhaúma, patriôticamente, fizeram ao forçamento prematuro do passo de Humaitá pela Esquadra.

Só restava, pois, ao nosso grande General uma decisão que certamente seria, em nosso século, aprovada por Liddell Hart: cortar as linhas de comunicações de Lopez; só apelar para o assalto como último recurso; não dispor as tropas de maneira ininterrupta; forçar o abandono da praça de Humaitá pela guarnição ameaçada de fome e da falta de outros itens de abastecimento; impor, pelas mesmas razões, a retirada dos demais contingentes do Exército Paraguai da formidável posição do quadrilátero.

Em linguagem de marinha diríamos:

Cortar o T das forças de Lopez, isto é, interromper-lhe as comunicações com as bases logísticas, ou sob esta ameaça obrigá-lo a retirar-se.

A inteligência superior de Caxias, sua humildade natural e conhecimento profundo da arte da guerra permitiram-lhe assimilar, perfeitamente, a estratégia naval dos grandes espaços oceânicos, tão bem exposta pelo Visconde de Inhaúma na correspondência trocada a respeito do emprêgo da Esquadra nas operações fluviais. Os argumentos do Almirante constituiriam, ainda hoje, uma magnífica aula, que poderia ser dada, com brilho na Escola de Guerra Naval, sobre *Domínio do Mar*, especialmente quanto aos aspectos de uma força detida de fato por contenção, na ilusão de estar bloqueando o inimigo.

3.2 — As Vantagens da Vitória de Riachuelo

Entre outras vantagens, por demais conhecidas, a vitória naval de Riachuelo tinha permitido ao Brasil:

a) a utilização completa das grandes vias de navegação marítima, numa época em que muitos dos meios de guerra teriam que ser transportados por mar;

b) a negação absoluta dessa enorme vantagem ao inimigo, com a interrupção completa de todo comércio internacional;

c) a consolidação política de alianças periclitantes com a Argentina e o Uruguai;

d) a derrota completa da Força Expedicionária de Estigarribia, que tendo invadido o Rio Grande do Sul em 10 de junho de 1865, rendeu-se posteriormente em Uruguaiana. A perda desses 10 mil homens para o Paraguai representou um desequilíbrio estratégico da maior importância, numa campanha onde a capacidade de recomplementação era pequena, especialmente para os nossos inimigos. Foi um golpe do qual Lopez jamais se recuperou;

e) o domínio das principais vias de penetração para o interior, de todo o rio Paraná — Paraguai, do rio Paraná e do Uruguai;

f) o domínio de vastos territórios e alagados;

g) o transporte do Exército para a margem direita do Paraná e o estabelecimento da importante base de apoio logístico ao Exército, em Passo da Pátria, neste rio. Tal posição do Exército ameaçava Lopez em toda a margem esquerda do rio Paraguai. Assim, o apoio logístico ao Exército era prestado pela Esquadra, em Passo da Pátria, base no rio Paraná e garantia a base do Exército de Tuiuti, nas proximidades. Esta posição brasileira ameaçava toda posição inimiga na margem esquerda do rio Paraguai;

h) o estabelecimento de uma importante base naval avançada (Fig. 2), na margem direita do rio Paraguai em frente a Humaitá, no Chaco, denomina-



Cópia à VISTA DO ORIGINAL DA 1ª ENÇÃO, PELO 2º SGT CESAR, DESENHISTA DO EME, RIO DE JANEIRO 27/OUT/1958

da Pôrto Elisiário, entre aquela posição e Curupaiti. Esta base de Pôrto Elisiário apoiou os navios que forçaram Curupaiti, mas não passaram logo Humaitá aguardando durante cêrca de 6 meses a ordem definitiva para fazê-lo;

i) o estabelecimento da importante Base Naval de Cerrito, quase na confluência do Paraná com o Paraguai, que dispunha de um poderoso arsenal para reparos;

j) a construção da 1ª estrada de ferro entre Pôrto Quia e a base naval citada de Pôrto Elisiário. Para transporte de todo o abastecimento necessário aos navios apoiados nesta base avançada coube à Marinha a difícil tarefa da construção desta ferrovia.

(Além das estradas de ferro, outra novidade muito importante nessa guerra foi o emprêgo de pequenos encouraçados, chamados monitores, utilizados pela primeira vez na guerra civil norte-americana que findara em 1865, ano do início da do Paraguai.)

A Marinha construiu, ainda, outra pequena estrada de ferro entre S. Nicolau e Betel — na lagoa Verá — e os paraguaios usaram, largamente, a ferrovia entre Assunção e o rio Paraguai.)

3.3 — A Decisão de Caxias

Considerando a situação e o problema, Caxias resolveu mudá-la, dando início à guerra de movimento, isto é, partindo para o cêrco de Humaitá, mediante o ataque às linhas de comunicações terrestres e fluviais. Mas o Exército não estava pronto para movimentar-se,

condição essencial para a ofensiva e foi necessário prepará-lo. E isto foi feito com a máxima eficiência. O Cel. Afonso de Carvalho, na biografia que escreveu de Caxias, relata com muita propriedade esta fase.

O Exército Paraguaio estava pois ocupando o quadrilátero que tinha num dos ângulos a fortíssima posição de Humaitá. Dispunha de comunicações fáceis, fluviais, pelo rio Paraguai, inclusive por navios e mantinha-as também por terra, pela margem esquerda, usando a chamada Estrada Real de Assunção. (Fig. 2).

É óbvio que para uma manobra de maior vulto seria necessário que a Esquadra forçasse o passo de Humaitá. Tornava-se, porém, indispensável que, antes, o Exército ocupasse determinadas posições e que, portanto, iniciasse a ofensiva; êste era o ponto de vista, já vitorioso com o apoio de Caxias e intransigentemente defendido contra Mitre pelos Almirantes Tamandaré e Inhaúma.

4. INÍCIO DA OFENSIVA BRASILEIRA PARA O CÊRCO DO QUADRILÁTERO DE HUMAITÁ

4.1 — A Marcha de Tuiuti para Tuiú-Cué e S. Solano

A intenção de Caxias e Mitre era atacar os paraguaios pela retaguarda da linha de trincheiras Rojas.

Segundo Tasso Fragoso o Exército Imperial tinha os seguintes efetivos no Sul do Paraguai:

	Prontos	Empregados	Doentes
1.º e 3.º Corpos do Exército (Argolo e Osório)	21.521		
2.º Corpo do Exército (Pôrto Alegre)	10.331	4.118	10.557
Acampados no Chaco (Gurjão)	1.098		
Acampados em Aguapeí (Portinho)	2.500		
Em Corrientes	381		
	35.831	4.118	10.557

Soma: 50.506.

A longa marcha que marcou a ofensiva teve início em 27-7-1867 e percorreu cerca de 40 km. A maior dificuldade a vencer era o conhecimento do terreno. Em 1º de agosto Caxias ocupa a região de Tuiú-Cué e S. Solano, porém esbarra em uma linha contínua de trincheiras que os paraguaios, hábilmente, haviam construído desde o extremo-este da posição de Rojas até Humaitá. Mais uma desilusão. A realidade não correspondia à imaginação dos chefes. Havia a vencer obras defensivas que pareciam tão poderosas como a linha Rojas. (Fig. 2).

O mais grave é que não tinha sido atingida a retaguarda inimiga e, sim, um flanco muito bem defendido.

Assim, segundo o Gen. Tasso Frago:

“A posição de Humaitá compreendia uma dilatada superfície de terreno, limitada por linhas contínuas de trincheiras e, em certos trechos, pelos *carrizais* e pelo rio Paraguai. A cidadela de Humaitá formava o seu extremo-norte e fechava pelo lado de terra as baterias encarregadas de defender o passo do rio na curva em U que lhes ficava frente. A frente terrestre de toda a posição começava em Curupaiti, infletia depois para o sul até a lagoa Chichi, continuava beirando o *carrizal* até Sauce, a seguir volvia para o norte margeando o Estero Bellaco Norte até o Ângulo e daí por Espinillo, ia entroncar-se com as trincheiras da cidadela.

A posição de Humaitá era, pois, uma extensa área de terreno fechada por trincheiras ou por elementos naturais.”

A situação aliada era difícil: Um Corpo de Exército com Pôrto Alegre, em Tuiuti; dois Corpos de Exército (Argolo e Osório) com Caxias em Tuiú-Cué. Era preciso não expor a linha de reabastecimento que partia de Tuiuti e era apoiada pela Esquadra em Passo da Pátria.

À vista do exposto era necessário optar:

a) atacar as fortificações do quadrilátero; ou

b) sitiá-las, cortando-lhes as comunicações.

Já verificamos, anteriormente, as dificuldades intransponíveis para o ataque às fortificações.

Restava, portanto, a última alternativa e Caxias optou pelo cerco. Para realizá-lo, porém, seria necessário a Esquadra forçar o passo de Humaitá, dominar o rio Paraguai, afluentes, lagoas e banhados navegáveis, com seus navios, chatas, chalanas, lanchas e escaletes e estradas de ferro. Para que se tornasse possível essa ação seria indispensável que o Exército com apoio em Passo da Pátria, Tuiuti e Tuiú-Cué, ocupasse uma base avançada, que permitisse o apoio logístico aos navios, isto é, o reabastecimento, os reparos mais urgentes, o apoio de saúde e o recomplementamento do pessoal. Ora, só havia um ponto capaz de realmente permitir que fosse prestado este apoio, era o Tagi, na margem esquerda do rio Paraguai, 15 milhas ao norte de Humaitá. George Thompson, engenheiro militar inglês, a serviço de Lopez e inimigo ferrenho do Brasil, assim informa a respeito dessa posição:

“Subindo o rio, não há, acima de Humaitá, comunicação possível com a terra antes de chegar ao Pilar, por causa do *carrizal*, com a única exceção da barranca chamada do Tagi, 15 milhas acima de Humaitá, onde existe um caminho que conduz às estradas reais do centro. Por isso, Tagi tornou-se um importante ponto estratégico. O *carrizal* entre Humaitá e Tagi é, mais ou menos, da forma de um *rombo*, sendo as perpendiculares de 7 a 4 milhas de comprimento respectivamente. Denomina-se Potrero Obella.

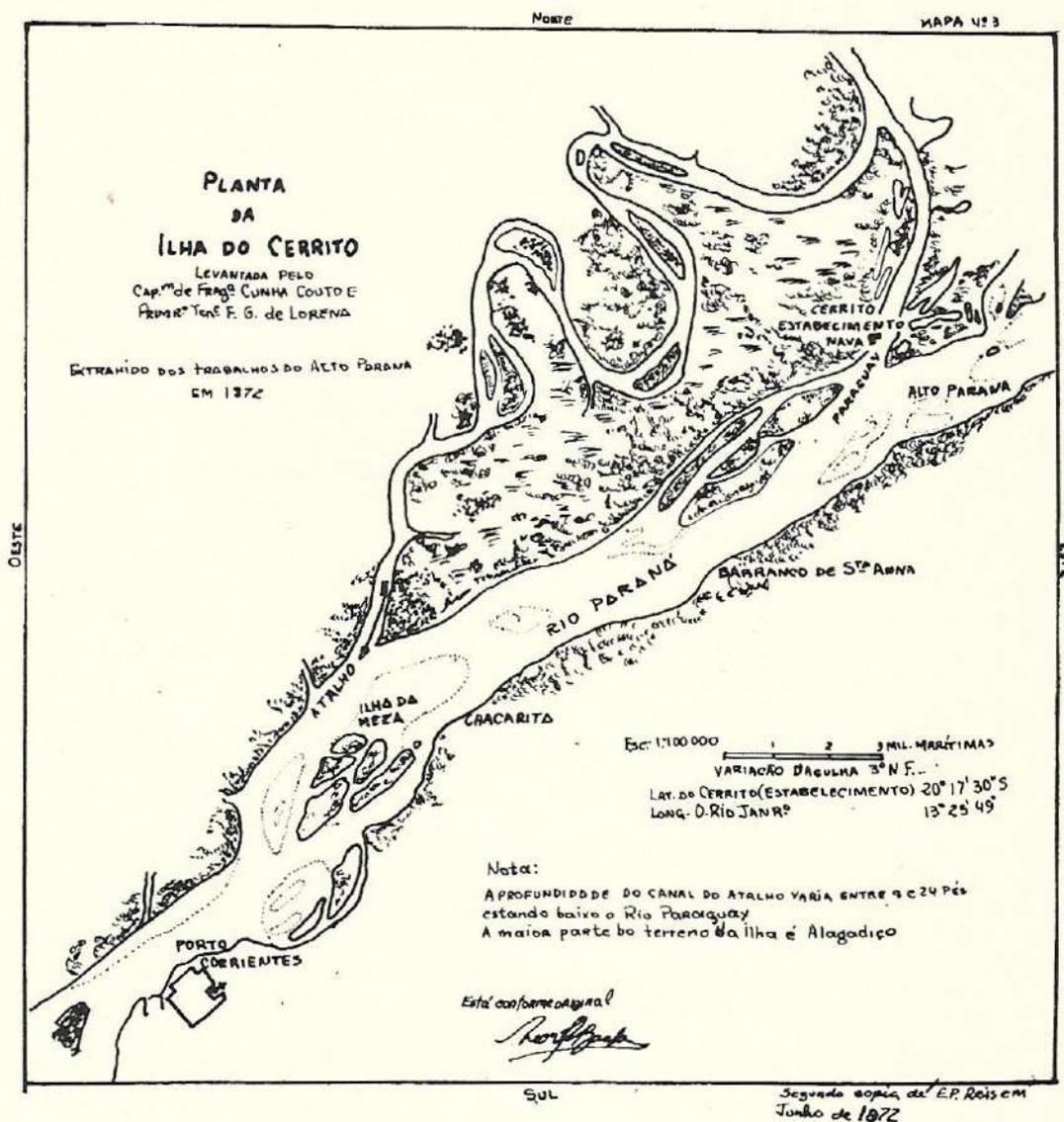
Do lado de terra é completamente fechado por uma selva impenetrável, com uma única abertura, pela qual Lopez introduzia gado em grande quantidade, retirando-o pela extremidade próxima a Humaitá, segundo as necessidades de consumo. Quando o rio está baixo há um caminho ao longo da margem do Tagi a Humaitá, mas é preciso atravessar em canoas o arroio Hondo.”

4.2 — O Exército Amplia o Cêrco,
Penetra no Potrero Obella, Vai
Até o Tagi e Vence os Paraguaio
na 2ª Batalha de Tuiuti

O Exército estendendo muito suas linhas e visando o domínio terrestre da margem esquerda do rio Paraguai, penetra no Potrero Obella, ocupa Paracué, em 3 de outubro de 1867, desfecha, com a cavalaria, terrível golpe na cavalaria paraguaia, em Tataiibá, em 21 de outubro. Caxias determina, então, ao Gen. Manoel Mena Barreto que tome o Tagi, o que foi feito no dia 2 de novembro. A artilharia do Exército afundou, nessa ocasião um dos três navios para-

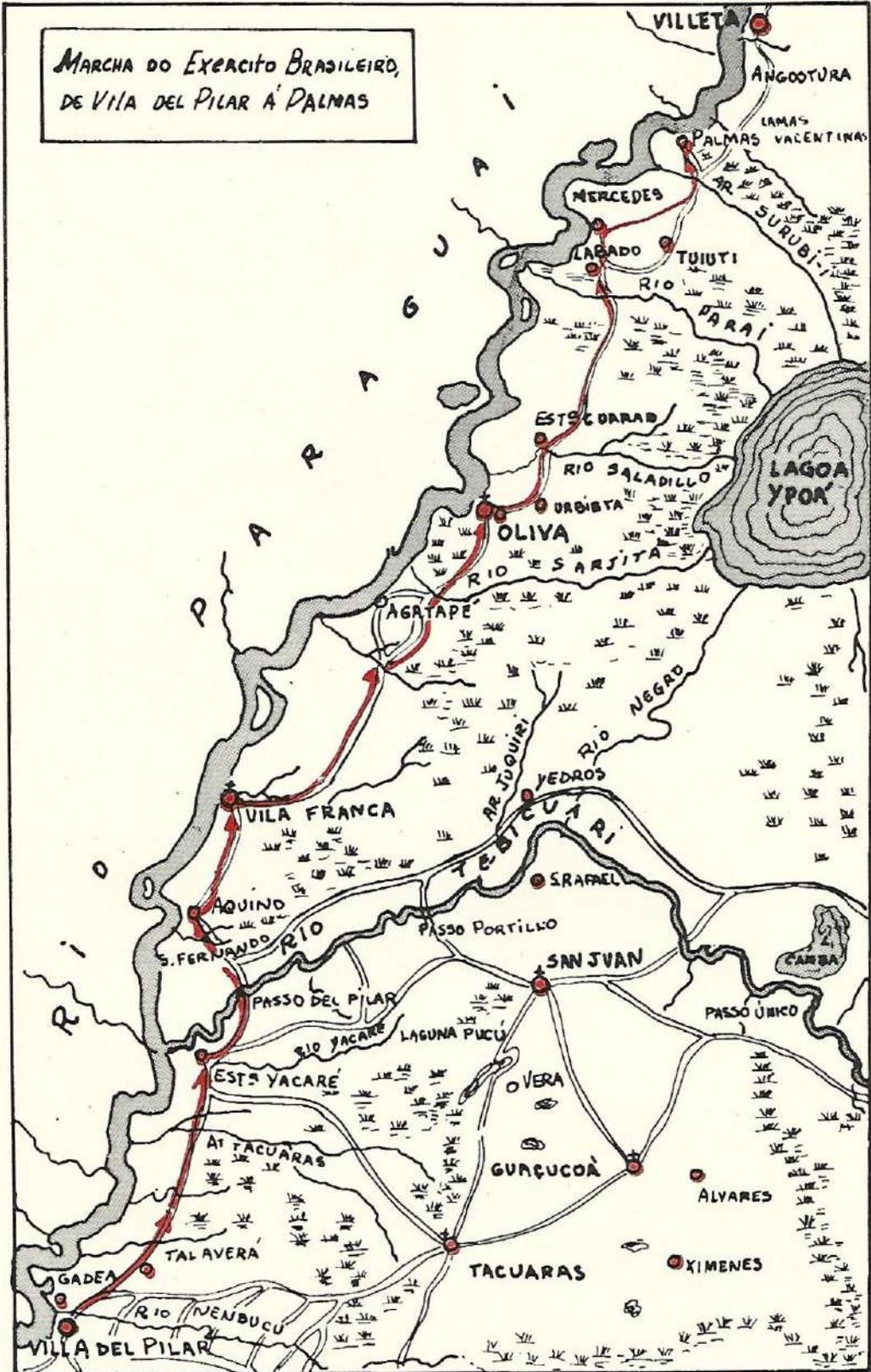
guaiois, ainda em serviço, o *Olimpo*, com 4 canhões. Foram então passadas cadeias com auxílio de técnicos da Marinha. Para melhor entendimento da situação, será necessário considerar que a interrupção do rio Paraguai no Tagi, dificultava a navegação dos paraguaiois, porém, não a impedia entre esta posição e Humaitá. Restavam navios inimigos entre o Tagi e Humaitá que só deixariam de operar, posteriormente, mediante a ação dos navios de guerra brasileiros.

Lopez, não obstante, recebera um rude golpe, estava cortado pela margem esquerda do rio Paraguai. Teria que fazer passar seu reabastecimento, princi-



MAPA Nº 4

MARCHA DO EXERCITO BRASILEIRO,
DE VILA DEL PILAR A PALMAS



palmente gado, da margem esquerda para a direita, acima de Pilar. Dentro em breve a Esquadra lhe cortaria também a navegação no rio. Seria então necessário transportar tudo pelo Chaco, pela margem direita, e abrir estradas em plena mata, em condições precaríssimas.

Resolve Lopez para aliviar a pressão que sofria, realizar um furioso contra-ataque a Tuiuti, em 3 de novembro de 1867, aproveitando a extensão das linhas aliadas, porém, fracassa. Os brasileiros, exemplarmente comandados pelo General Visconde de Pôrto Alegre, travam a segunda batalha de Tuiuti e derrotam o inimigo. Assim, as linhas de comunicações aliadas foram mantidas e as posições recentemente obtidas, consolidadas. Se Lopez tivesse obtido êxito, poderia ter cortado o apoio logístico que a Esquadra prestava ao Exército, por intermédio da base de Passo da Pátria, no rio Paraná e fatalmente obrigaria o abandono das posições de Tuiú-Cué e S. Solano e, naturalmente, o Tagi e Para-Cué. Seria a volta à estaca zero, em condições muito desfavoráveis.

Felizmente, para nossa causa, a 2ª Batalha de Tuiuti foi vencida de maneira brilhante quando o grosso do Exército já estava em Tuiú-Cue.

A vitória deveu-se à extraordinária capacidade de resistência demonstrada por 1 800 brasileiros comandados por um bravo General, o Visconde de Pôrto Alegre, que enfrentaram os 9 000 paraguaios do Gen. Barrios no reduto de Tuiuti.

4.3 — *Reação de Lopez*

Só restava, então, a Lopez restabelecer suas comunicações com o quadrilátero, passando da margem esquerda para a direita do rio Paraguai, no ponto denominado Monte Lindo, quatro milhas ao norte do rio Tebicuari e depois usando a estrada do Chaco. Em 4 de novembro ocupou o Timbó na margem direita do rio Paraguai, cêrca de 30 km acima de Humaitá e mandou abrir uma estrada para Monte Lindo. É fácil verificar que, do Timbó para Humaitá ele poderia usar novamente o rio Paraguai, inclusive ainda dispondo de navios.

O General Brugez iniciou a construção da estrada do Timbó para Monte Lindo, em 5 de novembro de 1867.

Outrossim, tratou de reduzir a linha de defesa de Humaitá, com a retirada de 150 canhões. As trincheiras primitivas que passavam por Chichi, Sauce, Passo Gomez e Ângulo, tornaram-se somente linhas de vigilância. Criou, segundo Thompson, uma nova linha de resistência entre Espinillo e um ponto da lagoa Pires, perto de Curupaiti.

“Traçou-a pela crista da lomba do passo do Pacu. Construíram-se alguns redutos triangulares do Ângulo e, de distância em distância, ao longo da trincheira até Humaitá, a própria trincheira servindo para formar um dos lados. Os redutos triangulares estavam feitos de tal modo que flanqueavam, na medida do possível, a distância que as separava.”

Lopez mandou construir, também, o forte de Cierva, que os brasileiros chamavam de Estabelecimento, na lagoa Cierva. A essa altura o desconhecimento do terreno era muito grande para os invasores, permitindo enganos consideráveis. Assim, julgavam os brasileiros que o Estabelecimento estivesse na baranca do rio Paraguai e fôsse o ponto de onde partiam as cadeias que o atravessavam.

4.4 — *A Esquadra Aperta o Cêrco*

A guerra de movimento teve início em 27-7-1867 com a marcha do Exército para Tuiú-Cué e S. Solano, como vimos anteriormente, e foi seguida do forçamento do passo de Curupaiti, em 15 de agosto do mesmo ano, pelos seguintes navios encouraçados:

3ª DIVISÃO

Divisão Rodrigues da Costa

(Chefe a bordo do *Bahia*)

Brasil (Cap) — Cmt Salgado

Mariz e Barros — Cmt Neto de Mendonça

Tamandaré — Cmt Elisiário Barbosa

Colombo — Cmt Queiroz

Bahia — Cmt Pereira dos Santos.

1ª DIVISÃO

Divisão Tórres de Alvim(Chefe a bordo do *Lima Barros*)*Cabral* — Cmt Jerônimo Gonçalves*Barroso* — Cmt Silveira da Motta*Herval* — Cmt Mamede Simões*Silvado* — Cmt Macedo Coimbra*Lima Barros* — Cmt Garcindo de Sá.O Almirante Inhaúma, no Encouraçado *Brasil*, comandando em Chefe.O *Colombo* e o *Cabral* rebocavam chatas, o *Brasil* levava atracado a contrabordo o Aviso *Lindóia*.Os navios de madeira que ficavam apoiados em Curuzu à jusante de Humaitá, sob o comando do Chefe-de-Divisão Elisiário dos Santos foram os que se seguem: *Beberibe*, *Magé*, *Ipiranga*, *Recife*, *Parnaíba* e *Iguatemi*. Estes navios suspenderam de Curuzu e bombardearam Curupaiti apoiando os encouraçados. As Bombardeiras *Pedro Afonso* e *Forte de Coimbra* também ficaram em Curuzu, porém, atiraram em Curupaiti, do local onde estavam fundeadas; não suspenderam.

Os navios das 1ª e 3ª Divisões passaram a ser apoiados na base avançada de Pôrto Elisiário, na margem direita, porque Curupaiti não caiu. Ficaram eles, assim, entre duas posições inimigas, Curupaiti e Humaitá, situadas na margem esquerda.

As comunicações entre a base de Pôrto Elisiário e Pôrto Quia, inicialmente foram realizadas por terra, em condições muito penosas, pelo Batalhão Naval. Posteriormente, foi construída pela Marinha uma ferrovia, seguida depois por outra, entre S. Nicolau e Betel, na margem direita do rio Paraguai, na lagoa Verá, como será relatado oportunamente.

Durou esta situação, enquanto Curupaiti resistiu, isto é, de 15 de agosto de 1867 até 21 de março de 1868, cerca de 6 meses. Foi uma das maiores proezas da Marinha de Guerra Brasileira, em todos os tempos, a manutenção desta difícil posição, sofrendo tôda sorte de surpresas e vencendo dificuldades incriveis.

Assim, se refere o Barão de Jaceguai, Comandante do Encouraçado *Barroso*:

“Seis longos meses durou o improbo assédio de Humaitá pela grande Divisão Encouraçada, cortada do resto da Esquadra pelas fortificações indestrutíveis de Curupaiti, reduzida para suprir-se de viveres, de combustíveis e de munições a um caminho precário aberto no Chaco, no terreno alagadiço fronteiro àquela posição inimiga. A dificuldade do transporte de carvão necessário para o suprimento de dez navios, que, na posição especial em que se achavam, tinham de conservar-se constantemente com os fogos abafados, obrigava a empregar a marinhagem no árduo serviço de cortar lenha no Chaco, com que se pudesse poupar o precioso combustível mineral. Por todo movimento revezavam-se os navios de mês em mês no pôsto da vanguarda, onde se conservavam à distância de poderem entreter um bombardeio lento mas continuo sôbre a grande praça inimiga. Com peças raiadas de pequeno calibre, ocultas na mata que orlava a margem do rio, logo abaixo da volta de Humaitá, eram os navios da vanguarda continuamente incomodados pelos paraguaios que não perdiam ocasião de alvejar aos grupos de oficiais ou marinheiros que se formavam nas toldas abertas dos encouraçados ou aos escaleres que se dirigiam de uns para os outros navios. O estado sanitário era péssimo, as febres palustres, a disenteria, o beribéri, não escolhiam vítimas entre oficiais e praças de pré. O cólera-morbo, que não havia muito tempo, reinava epidemicamente na Esquadra e no Exército, ainda se manifestava em casos esporádicos, freqüentes a bordo dos nossos navios. Mas, o risco constante de uma morte inglória, as doenças, as privações de todos os gozos e comodidades, a inabitabilidade dos encouraçados, sobretudo na estação calmosa naquele clima ardente, nada alterava o bom espírito e a disciplina dos oficiais e marinheiros brasileiros; e, em inteira justiça, é preciso dizer que naquela Esquadra internada no Continente Sul-Americano, a mil milhas do mar, entre duas formidáveis fortalezas inimigas, o pensamento comum era o de não se querer sair daquele limbo infernal por outro meio que não

fôsse o de romper avante o passo de Humaitá.”

Segundo o Capitão-de-Fragata Henrique Batista, diretor de artilharia do Arsenal de Marinha da Côrte, o reabastecimento diário pela Estrada Quiá-Pôrto Elisiário, no Chaco, era o seguinte:

Projctis	51 312	libras
Pólvora	5 784	”
Viveres	4 800	”
Combustível ...	53 760	”

115 656 ou 52 460 t.

E o pior é que a estrada de ferro, construída com tanto sacrifício pela Marinha, com as enchentes que se seguiram ficara submersa; prestou, contudo, ótimos serviços enquanto pôde ser utilizada.

As estradas no Chaco, quer de rodagem, quer de ferro, tinham êsse destino: atender a determinado propósito e depois desaparecer. Assim, as chalanas passaram a fazer o transporte, navegando sobre os antigos acampamentos.

Um acontecimento trouxe muita alegria aos marinheiros que, tão longe do seu elemento natural, o oceano, batiam-se denodadamente: a chegada a Curuzu em 21 de dezembro de 1867, do primeiro monitor construído no Arsenal de Marinha da Côrte, o *Pará*, obra-prima da construção naval brasileira. A satisfação ainda foi maior porque foi avisado que dois do mesmo modelo, o *Alagoas* e o *Rio Grande* já estavam a caminho e outros da mesma série, o *Piauí*, o *Ceará* e o *Santa Catarina*, viriam breve, logo que terminados.

A respeito desses magníficos navios fluviais o Barão de Jaceguai fez as seguintes considerações:

“Para aquêles que tinham a dura experiência de quatro anos de guerra de rios, os monitores desenhados pelo arquiteto naval brasileiro Sr. Napoleão Level e construídos sob sua direção na Capital do Império, com a colaboração do engenheiro de máquinas, Carlos Brannonot, e do diretor de artilharia, Capitão-Tenente H. A. Batista, reuniram realmente tôdas as condições táticas para neutralizarem as dificuldades na-

turais e artificiais do passo de Humaitá: reduzido alvo do casco que emergia apenas um pé da linha-d'água; integridade do couraçamento das obras vivas, pequeno calado, engenhosa disposição do canhão de grosso calibre, que montava em torre central de forma elíptica, reduzida ao mínimo a área do orifício por onde a peça entrava em bateria, finalmente excelentes qualidades evolutivas asseguradas pelo emprêgo do motor de dupla hélice. Nos primeiros dias de fevereiro, o *Alagoas* e o *Rio Grande* incorporaram-se à Esquadra de Madeira, em Curuzu. O alvoroço causado pela chegada dessas aperfeiçoadas máquinas de guerra aumentou com a coincidência de uma extraordinária enchente do rio Paraguai.”

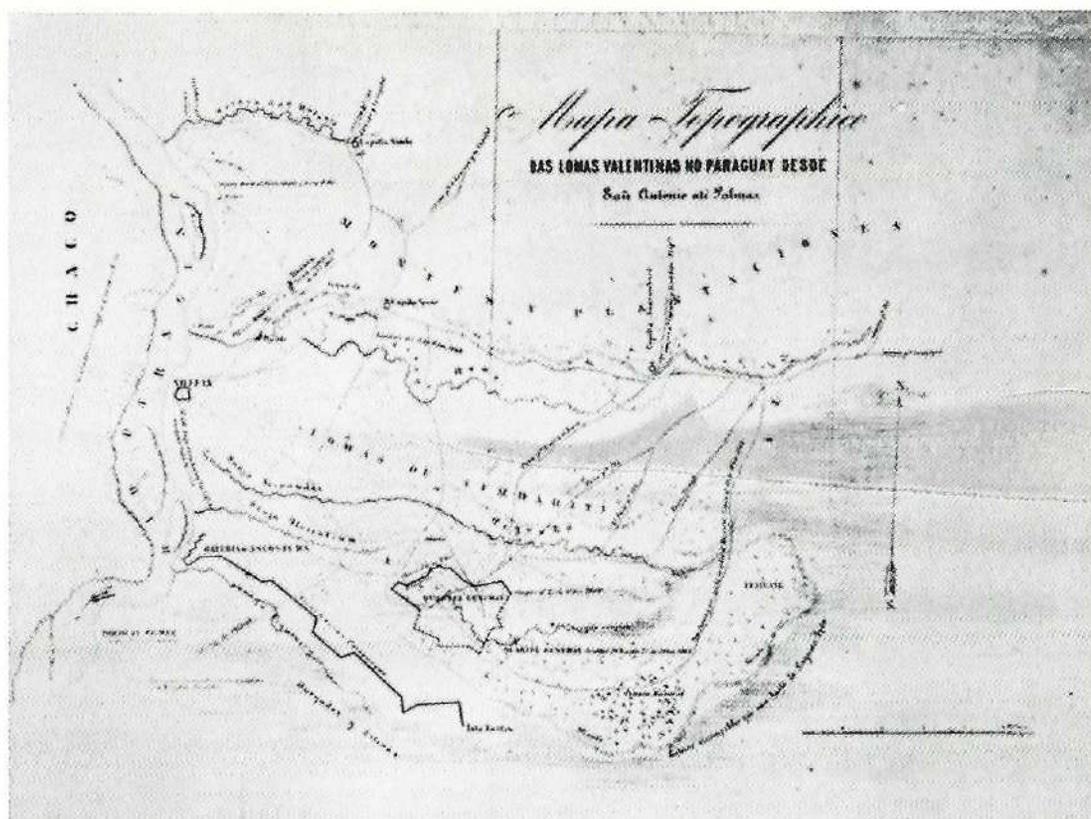
Um detalhe muito importante sobre os navios que estiveram entre Curupaiti e Humaitá é que, durante três meses, êles fizeram fogo sobre os suportes das pesadas cadeias que atravessavam o rio no passo.

Três pontões e muitas canoas foram atingidos. O rio tinha seiscentos e quarenta metros naquele ponto e sem apoio intermediário era impossível tesar as cadeias convenientemente.

4.5 — Síntese da Situação Pouco Antes da 1ª Passagem de Humaitá pela Divisão Avançada da Esquadra

Verificamos, que não foi possível atacar as forças paraguaias no quadrilátero pela retaguarda, assim como, que o ataque frontal dos aliados teria sido um suicídio. Lopez tinha restabelecido o reabastecimento das forças no quadrilátero, mediante uma redução das linhas de trincheiras e a abertura de estradas no Chaco, isto é, de Monte Lindo, a montante do Tagi, para Timbó a jusante desta posição. Passava da margem esquerda para a direita do Paraguai e depois utilizava êste rio e a lagoa Verá para abastecer suas forças na margem esquerda.

A guerra eternizava-se e a opinião pública no Brasil exigia o seu fim. Caxias, destarte, decessitava deslocar o Exército Paraguai de suas magníficas posições defensivas, no famoso quadri-



lâtero. Tinha deficiência de homens e de artilharia, principalmente de sítio. Para tal, então, só havia uma saída: ameaçar, com o isolamento, as forças inimigas na área de Humaitá. Elas estavam cortadas por terra, na margem esquerda do Paraguai e interrompidas no Tagi pela ação do Exército; agora, tornava-se imprescindível impedi-las entre esta base avançada e o quadrilátero. Chegara a hora exata de os navios da Divisão Avançada da Esquadra forçarem o passo de Humaitá e enfrentarem a situação na área acima desta posição.

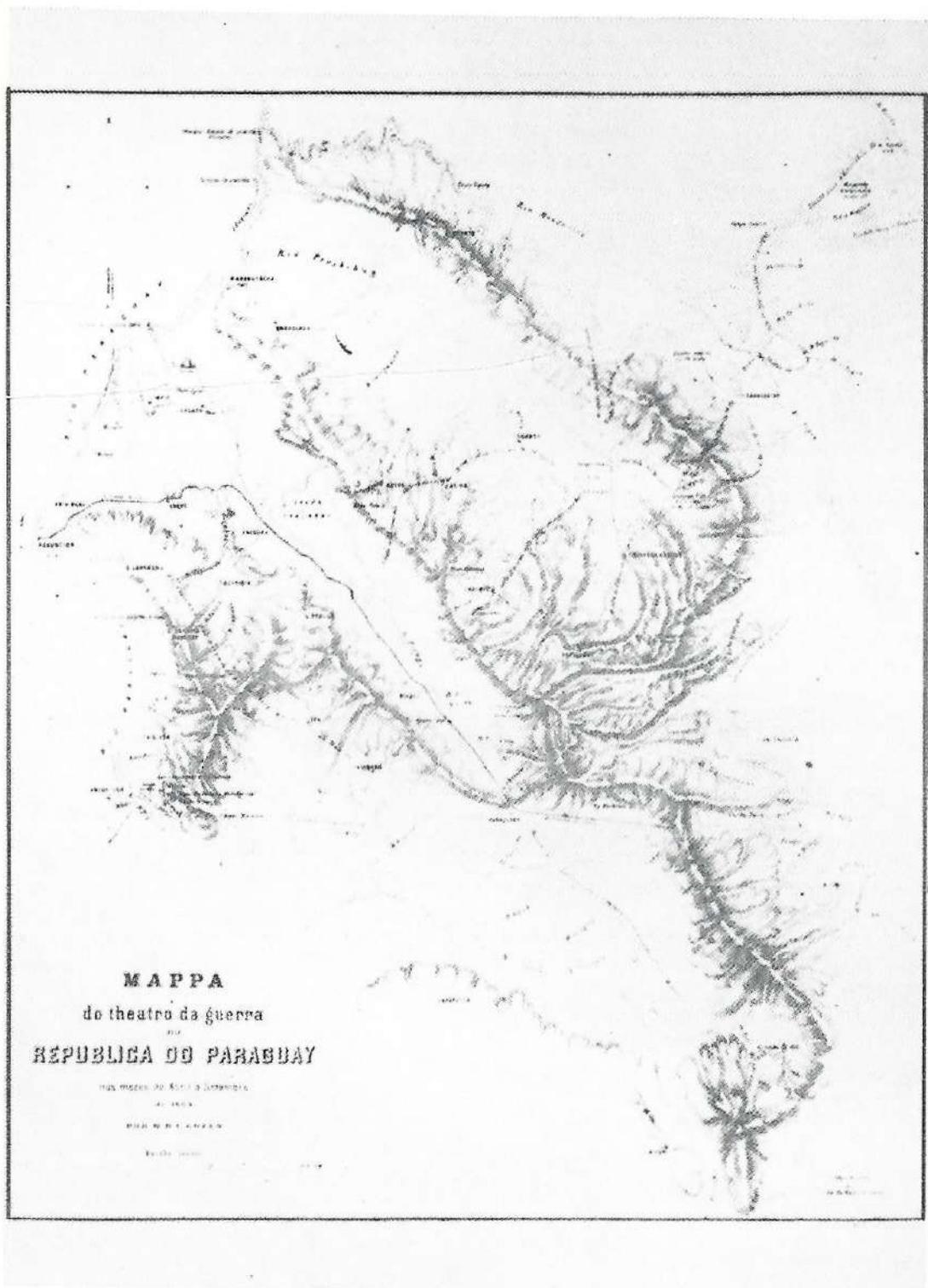
Só uma alta mobilidade do conjugado Marinha-Exército, dispondo de um *Comando Excepcional*, perfeitamente integrado, poderia dominar como o fez, as comunicações fluviaís lacustres e terrestres e ameaçar de completo isolamento o inimigo, obrigando-o a retirar-se do formidável quadrilátero, tão bem defendido de Humaitá.

Caso contrário, Lopez poderia ter continuado a guerra por muito tempo ainda, inclusive dispondo de navios artilhados, onde os brasileiros não os possuíam, isto é, acima de Humaitá e abaixo do Tagi. É claro que estaria, nestas condições, aberto o caminho para negociação de uma paz desonrosa que, de maneira alguma, convinha ao Brasil.

5. A PRIMEIRA PASSAGEM DE HUMAITÁ E SUAS CONSEQUÊNCIAS

5.1 — Segunda Passagem de Curupaiti

Como verificamos, desde 15 de agosto de 1867, já se encontravam entre Curupaiti e Humaitá, dez navios encouraçados brasileiros. Seis meses depois, em 13 de fevereiro de 1868, nôvo e sensacional forçamento de Curupaiti foi realizado



MAPPA
do theatro da guerra
da
REPUBLICA DO PARAGUAY

nas mareas de Junho a Setembro

de 1870

WILHELM VON KAMPEN

Brasilia 1870

pelos monitores recém-chegados do Rio de Janeiro, e que estavam em Curuzu:

Alagoas — Comandante, Cordovil Mauriti;

Pará — Comandante, Custódio de Mello;

Rio Grande — Comandante, Antônio Joaquim.

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho comandou essa pequena força na passagem, tendo sido para isso enviado a Curuzu pelo Almirante Inhaúma.

As couraças nacionais enfrentavam galhardamente os 20 ou mais canhões de Curupaiti. A passagem foi realizada, sem maiores conseqüências. (Fig. 2).

5.2 — *Constituição da 3ª Divisão, Chamada Avançada*

A missão de forçamento do passo de Humaitá foi atribuída pelo Almirante Inhaúma aos seguintes navios que passaram a constituir, a partir do dia 16 de fevereiro de 1868, a 3ª Divisão da Esquadra ou Divisão Avançada, tendo como Comandante o CMG Delfim Carlos de Carvalho:

Enc. Barroso — Cmt, CT Artur Silveira da Mota (depois Barão de Jaceguai);

Enc. Bahia — Cmt, CF Guilherme José Pereira dos Santos, com o pavilhão do Cmt da Força; Delfim Carlos de Carvalho (depois Barão da Passagem);

Enc. Tamandaré — Cmt, CT Augusto César Pires de Miranda;

Monitores Alagoas, Pará e Rio Grande — Sob os mesmos comandos da recente passagem de Curupaiti, no dia 13 de fevereiro.

5.3 — *Últimos Preparativos para o Forçamento de Humaitá*

No dia 17 de fevereiro de 1868, o Almirante Inhaúma participa ao Marechal Caxias que as águas estavam baixando, até o momento, uma polegada. Havia necessidade urgente de precipitar os acontecimentos e opinou pelo dia 19

de fevereiro de 1868, entre 2 e 3 horas da madrugada. Caxias aprovou imediatamente a proposta aceitando até o dia seguinte, dezoito, caso fôsse isso possível.

Para a operação da passagem, Caxias determinou que as tropas do Exército no Chaco, sob o comando do General Gurjão, passassem momentaneamente para o comando do Almirante Inhaúma.

O apoio aos navios e demais preparativos foram feitos na base naval de Pôrto Elisiário que, segundo Jaceguai, estava situada a seis quilômetros acima de Curupaiti e a dez abaixo de Humaitá, na margem direita do rio Paraguai.

5.4 — *Passagem Heróica*

Caxias simulou, para facilitar a passagem de Humaitá, um ataque de grande envergadura ao passo Pacu, para distrair a atenção do inimigo. Na realidade assumiu o comando de um destacamento para tomar o forte do Estabelecimento. Posteriormente, marchou para o Tagi.

Finalmente, a Marinha de Guerra do Brasil, na gloriosa madrugada de 19 de fevereiro de 1868, forçou heróicamente o passo de Humaitá. A façanha, considerada impossível, foi realizada. Vitória não só da bravura e da competência dos chefes, oficiais e marinheiros brasileiros que tiveram o privilégio e a honra de formar a vanguarda, porém, também de uma elevada técnica de apoio logístico, de nossa engenharia naval que se colocou, elevando a Marinha do Império entre as primeiras do Mundo, produzindo técnicos como Napoleão Level, Carlos Braconnot, Henrique Batista. Foi a vitória do povo unido na retaguarda liderada pelo seu grande Imperador que forneceu os meios, que forjou as armas para a grande, a fantástica vitória. Foi a glória de um jovem Ministro da Marinha de 27 anos, Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto; foi o coroamento dos esforços daqueles que nos arsenais e na administração, anônimamente, trabalharam na retaguarda. Foi, também, a vitória da iniciativa par-

particular do Barão de Mauá, com seus notáveis estabelecimentos siderúrgicos, e outros expoentes da indústria nacional da época, assim como, do esforço feito na esfera estatal, no Arsenal de Guerra que prestou ótima colaboração na parte de armamento e na Fazenda de Ipanema, em São Paulo, onde era forjado o ferro gusa necessário à construção dos navios e demais equipamentos.

Na mesma ocasião Caxias tomou o forte do Estabelecimento, depois de um sangrento combate e, como já foi dito, marchou, em seguida, para o Tagi.

Em virtude de ter sido o assunto amplamente tratado, inclusive nesta Revista, por ocasião da comemoração do 1º centenário do memorável feito, deixamos agora de abordar o grande acontecimento, em seus detalhes, com o destaque merecido.

Nunca, porém, será demasiado lembrar os nomes gloriosos dos heróis da Passagem e seus navios, porque estamos, também, homenageando a todos aqueles que tiveram a honra de participar de uma ocorrência memorável que estremeceu o Mundo:

Comandante-em-Chefe da Esquadra,
Almirante, então Barão de Inhaúma;

Chefe da Fôrça, Capitão-de-Mar-e-Guerra Delfim Carlos de Carvalho,
futuro Barão da Passagem;

Encouraçado *Bahia*, Comandante: CF
Guilherme José Pereira dos Santos,
com o pavilhão do Chefe da Fôrça;

Encouraçado *Barroso*, Comandante:
CT Artur Silveira da Mota (depois
Barão de Jaceguai);

Encouraçado *Tamandaré*, Comandan-
te: CT Augusto César Pires de Mi-
randa;

Monitor *Alagoas*, Comandante: 1º Te-
nente Joaquim Antônio Cordovil
Mauriti;

Monitor *Pará*, Comandante: 1º Tenen-
te José Custódio de Mello;

Monitor *Rio Grande*, Comandante: 1º
Tenente Antônio Joaquim.

5.5 — As Grandes Surpresas e Como Elas Foram Enfrentadas

Como já tiveram ocasião de comentar, uma das maiores dificuldades encontradas pelos brasileiros no Sul do Paraguai, foi o desconhecimento do terreno.

Várias surpresas verificaram-se com a Passagem. Podemos enumerar:

1ª) O forte do Estabelecimento não ficava na barranca esquerda do rio Paraguai e, sim, na lagoa Cierva, distante, portanto daquele local;

2ª) Os navios brasileiros que tomaram Humaitá, não tinham notícia da fortaleza do Timbó e foram surpreendidos por esta posição fortificada que abriu fogo sobre eles. Assim, a passagem do dia 19 de fevereiro pode ser considerada como tendo sido, Humaitá-Timbó;

3ª) Os navios de guerra paraguaios Jacuari e Iguaré que se sabia, estavam entre o Tagi e Humaitá, não foram encontrados. Onde estavam eles?;

4ª) Conforme Tamandaré e Inhaúma tinham previsto, contrariando opinião de Mitre que afirmara o contrário, a presença de navios de guerra brasileiros em frente a Assunção e o bombardeio desta capital pelos mesmos, não importou em rendição, pelo contrário, criou condições para o desenvolvimento de um mais acirrado espírito de defesa da praça. Para muitos, porém, que não os experimentados chefes marinheiros, a resistência foi uma dolorosa decepção e foram surpreendidos com a reação desesperada dos paraguaios. Para evitar esta surpresa, as medidas de segurança tomadas por Caxias e Inhaúma, preparando a base do Tagi e assegurando o apoio logístico aos navios, salvaram os três avariados na passagem Humaitá-Timbó, que necessitavam carenar, e permitiram a operação dos navios prontos.

5.6 — As Conseqüências

a) A passagem não motivou a queda imediata das praças de Curupaiti, Humaitá, Timbó e Assunção e outras posições fortificadas, porém, as condenou à

morte e impôs, e isto é muito importante, a retirada do Exército Paraguai, do quadrilátero fortificado de Humaitá, onde Lopez se encontrava em posição defensiva capaz de enfrentar os brasileiros e seus aliados, com vantagem, como o vinha até então fazendo;

b) Assim, Lopez, depois da façanha da Esquadra Brasileira de 19 de fevereiro de 1868, convenceu-se da necessidade de retirar-se do quadrilátero de Humaitá com seu Exército, para uma posição acima de Pilar. Não o fez, porém, imediatamente; foi aos poucos encurtando as suas linhas e manteve Humaitá, enquanto pôde;

c) A passagem de Humaitá permitiu que Caxias iniciasse o cerco desta praça pela margem direita do rio Paraguai, no Chaco, realizando uma brilhante operação combinada de desembarque na região do Andai, em Juasí, isto é, os navios que passaram Humaitá transportaram a tropa de desembarque do Coronel João do Rêgo Barros Falcão, com toda segurança, acima de Humaitá, da margem esquerda para a direita do rio. Esta tropa desembarcou à viva fôrça e recebeu um eficiente apoio de fogo dos navios que a transportaram. Foi uma operação muito bem planejada que demonstrou a capacidade de ação de nossas Forças Armadas da época. Este acontecimento é importante porque, até então, na margem direita do rio Paraguai as forças brasileiras, abaixo de Humaitá, estavam paralisadas e, as situadas na margem esquerda não tinham conseguido desembarcar na direita e progredir, quer para cortar as comunicações inimigas, penetrando no interior, quer marchando rumo ao sul, para uma junção com as forças amigas. É fácil entender que uma sucessão de lagoas, pântanos e, até mesmo, zonas de terra firme, verdadeiras ilhas e penínsulas, assim como matas alagadas, muito contribuíram para essa difícil situação, bem característica de um extenso e complexo *Teatro Fluvial de Operações*, onde não raro o rio Paraguai, longe de ser simplesmente uma calha principal, transbordava transformando-se em vasto mar interior erigido de árvores e outros obstáculos;

d) *A 3ª Passagem de Curupaiti e a queda desta posição.*

O enfraquecimento da artilharia da posição de Curupaiti ficou evidente com a 3ª passagem realizada em 3 de março de 1868, pelos navios de madeira *Beberibe* (CT Coelho Neto) e *Magé* (CF Inácio José da Fonseca Costa), ambos sob o comando do CMG Afonso de Lima. Visou esta passagem reforçar os navios situados entre Curupaiti e Humaitá, que tinham na véspera, em 2 de março, sido abordados pelos paraguaios. Nesta abordagem morreu herôicamente o CMG Rodrigues da Costa. A passagem em lide motivou somente feridos, tendo o *Magé*, apenas, recebido 3 impactos sem maiores conseqüências.

A queda de Curupaiti, finalmente, verificou-se em 21 de março de 1868.

e) *O apoio logístico aos navios da 3ª Divisão da Esquadra, que passaram Humaitá em 19 de fevereiro de 1868 e a situação dos que ficaram entre Curupaiti e esta posição.*

Não tendo caído com o forçamento do Passo a posição de Humaitá e de mais a mais, com a surpresa de Timbó e tendo sido mantida, embora enfraquecida até 30 de março de 1868, pelos paraguaios a praça de Curupaiti, o apoio logístico e, especialmente, seu componente funcional o abastecimento prestado aos navios acima de Curupaiti, tornou-se muito mais difícil.

Os navios entre Curupaiti e Humaitá, continuaram a ser apoiados pela Base Avançada do Pôrto Elisiário ligada ao Quia por terra, porém, ameaçada esta rota de alagamento. Curupaiti só caiu, em 21 de março de 1868, cerca de um mês depois do forçamento de Humaitá o que melhorou bastante a situação.

Os navios da Divisão Avançada que forçaram Humaitá, isto é, os situados acima desta praça, passaram a ser apoiados pela Base Avançada de Tagi, na margem esquerda do rio Paraguai, ligada ao Passo da Pátria, no rio Paraná, mediante os transportes terrestres realizados e garantidos pelo Exército, em carrêta, a *formiga*, para empregar expressão do Barão de Jaceguai.

Passo da Pátria, Tuiuti, Tuiú-Cué, S. Solano, Para-Cué e Tagi asseguravam a rota indispensável de apoio aos navios, estes, por sua vez, davam a necessária cobertura às forças de terra, principalmente de transporte pelo rio, acima do Humaitá, e efficientíssimo apoio de fogo quando necessário, além de esclarecimentos preciosos do terreno ainda inexplorado. Os monitores passaram a atuar como verdadeiros *carros blindados* flutuantes, desempenhando importante papel nas operações anfíbias. É preciso notar, que Humaitá só foi abandonada em 25 de julho de 1868, cinco meses e dez dias depois da primeira passagem e quatro dias depois da segunda, realizada a vinte e um de julho seguinte. Timbó só caiu em vinte e dois de agosto do mesmo ano e Angustura, finalmente, em trinta de dezembro. Laureles é que caiu logo em seguida, em vinte e sete de fevereiro de 1868, oito dias depois da primeira passagem de Humaitá.

Do folheto *A Esquadra e a Oposição Parlamentar*, de autoria do Visconde de Ouro Preto, Ministro da Marinha na ocasião, transcreve-se o seguinte, relativo ao abastecimento dos navios acima de Humaitá:

“Era preciso tudo levar em carrêtas, desde Passo da Pátria até o Tagi, quase quinze léguas (90 km).

Empregar continuamente uma grande força para escoltar os comboios, correr o risco das explosões, das avarias, etc., etc. E lutava-se com um outro embaraço: a falta de carrêtas. A divisão (seis navios) consome diariamente cêrca de dezesseis toneladas de combustível. Uma carrêta puxada por quatro animais pode conduzir o pêso de 2 350 libras ou pouco mais de uma tonelada. Eram, portanto, necessárias dezesseis carrêtas e sessenta e quatro unidades só para o transporte do combustível indispensável para um dia. Nem se diga que a lenha poderia substituir o carvão. Está reconhecido que a guarnição de um vapor, empregada por espaço de oito horas sucessivas no corte de lenha obtém o suficiente para o que se gasta em duas horas. Essa lenha verde (que não levanta vapor sem misturar-lhe algum carvão), para ser acomodada, substituiria o carvão, atravancando a artilharia.

Seria preciso ir cortá-la nas margens ocupadas pelo inimigo, com grande risco, e combatendo-se muitas vezes. Nem era plausível distrair diariamente as guarnições para tal serviço nem elas tinham forças físicas para resistirem a trabalhos tão penosos e aturados.”

f) *A descoberta e o afundamento dos navios paraguaios.*

Logo em seguida à primeira passagem de Humaitá, os três navios não avariados, o Encouraçado Barroso, o Encouraçado Bahia e o Monitor Pará receberam ordem de subir o rio Paraguai até Assunção. No dia 22 de março de 1868 a capital paraguaia mudou-se para Luque. A vinte e quatro chegaram os navios brasileiros a Assunção e bombardearam diversos pontos desta cidade. Durante todo o percurso desde a passagem de Humaitá até a capital, não encontraram vestígios dos navios de guerra paraguaios, *Igureí* e *Taquari*.

Só posteriormente, em 23 de março de 1868, portanto, mais de um mês depois do primeiro forçamento do passo de Humaitá e dois dias após a queda de Curupaiti, foram os dois navios inimigos localizados, perseguidos e postos a pique, na lagoa Cierva onde se haviam refugiado. O Rio Grande afundou o *Igureí* e o *Bahia*, o *Taquari*. Cortaram, também, êsses navios brasileiros, os fios telegráficos entre Humaitá e o Timbó.

5.7 — *Consolidação da Posição Aliada na Margem Direita do Rio Paraguai*

Um poderoso contingente brasileiro comandado pelo Coronel João do Rêgo Barros Falcão, o herói do Chaco, foi como já dito, desembarcado em 30 de março de 1868 na margem direita do rio Paraguai, acima de Humaitá, na região do Andai, em Jasií, visando fazer a junção com as forças aliadas que se encontravam no sul. Tal medida visava, além de cortar as comunicações paraguaias pelo Chaco, facilitar o abastecimento da *Divisão Avançada da Esquadra* pela lagoa Verá. Posteriormente uma nova estrada de ferro, então S. Nicolau e o Betel (3 km) foi construída pela Marinha, para facilitar o transporte do abastecimento da margem direita do rio Paraguai à Lagoa Verá.

Muito lutou o Coronel Barros Falcão para manter a posição na margem direita, na região do Andaf. Grandes reforços foram enviados ao Chaco: 1 860 argentinos com 4 peças e 3 500 brasileiros com 12 peças. O ponto extremo de desembarque do lado de Curupaiti, ficava a 40 braças de distância da Divisão estacionada abaixo de Humaitá e acima do riacho D'oro. O fim do mês de abril de 1868 e o mês de maio foram de ataques aliados e contra-ataques paraguaios. Também, por operações combinadas com a Esquadra, manteve o Coronel Barros Falcão a região conquistada. (Fig. 2).

5.8 — Os Paraguaioes Repelem um Assalto Brasileiro, por Terra, a Humaitá

O desembarque da força do Coronel Barros Falcão na margem direita do rio Paraguai, aumentou de muito a necessidade do emprêgo dos navios. Os paraguaioes ainda resistiam em Humaitá e Timbó, se bem que, já tendo retirado com Lopez e, posteriormente, com Resquim e Barrios grande parte de suas forças para cima do Pilar.

Contudo, ainda em 16 de julho de 1868, os paraguaioes repeliram, com grandes perdas para os brasileiros, um ataque às trincheiras de Humaitá. Havia, porém, necessidade de apertar o cêrco, especialmente de impedir o tráfego de canoas paraguaioes. Como já foi dito, para fechar a porta de Humaitá do lado do Chaco, havia necessidade de mais navios.

Urgia, também, resolver o problema do entrincheiramento de Lopez nas novas posições em S. Fernando no Tebicuari, e a posição de Timbó. A Esquadra passaria a desempenhar importantíssimo papel tático semelhante às modernas panzer.

6. A 2ª PASSAGEM DE HUMAITÁ — CONSEQUÊNCIAS

No dia 21 de julho de 1868, às 04,30 horas, três navios brasileiros — dois encouraçados e um monitor — forçaram, novamente, o Passo de Humaitá, com

pleno sucesso. Foram os seguintes, com os seus bravos comandantes:

Encouraçado *Cabral*, Cmt. Alves Nogueira;

Encouraçado *Silvado*, Cmt. Garcindo de Sá;

Monitor *Pará*, Cmt. Eduardo Wandenkolk.

O *Cabral* investiu na frente sôzinho, seguido do *Silvado* que levava atracado a contrabordo o *Piauí*.

Os três navios enfrentaram com denôdo as baterias de terra e não encontraram dificuldade em transpor as amarras que ainda trancavam o Passo. Os sinais convencionais, constituídos de três foguetes lançados participaram, às 05,30 horas, a passagem incólume da pequena força.

O *Lima Barros*, o *Brasil*, o *Mariz e Barros*, o *Herval* e o *Colombo* tomaram posição pouco abaixo de Humaitá, constituindo a 2ª Divisão da Esquadra, comandada pelo Chefe de Divisão, Torres e Alvim. Estes navios deram o apoio de fogo necessário, atirando contra as baterias paraguaioes.

A 3ª Divisão chamada Avançada, passou a dispor, depois da 2ª passagem de Humaitá, de cinco encouraçados e quatro monitores, considerável refôrço para as operações a realizar. No mesmo dia vinte e um, à tarde, o *Bahia*, o *Silvado* e o *Piauí* subiram o rio Paraguai, com o Barão da Passagem e bombardearam a posição do Timbó. Nos dias seguintes, 22 e 23, grande atividade foi desenvolvida pela Divisão Avançada; o *Bahia*, o *Piauí*, o *Silvado* e o *Alagoas* bombardearam as posições paraguaioes de S. Fernando e as da foz do rio Tebicuari. A Divisão Avançada penetrou neste rio e depois na lagoa Timbó. (Figs. 4 e 2).

Como já tivemos ocasião de observar, por ocasião da 1ª passagem de Humaitá, esta 2ª caracterizou-se pela perfeição técnica do material empregado, pelo aprimoramento da manobra tática, enfim, pela demonstração de valor profissional dos quadros da Marinha Imperial. Naturalmente que devemos acrescentar a estas raras qualidades as já conhecidas virtudes de chefes, oficiais e praças,

quanto à improvisação em quaisquer circunstâncias e excelsa bravura sempre demonstrada nos momentos necessários.

Conseqüências

Certamente, foi terrível o impacto emocional desta segunda passagem, no ânimo dos derradeiros defensores da cidadela de Humaitá. Basta comparar as datas; em vinte e um de julho, deu-se este segundo forçamento. A vinte e cinco, quatro dias depois, Humaitá estava abandonada. Convém notar que, nove dias antes, no dia dezesseis de julho a guarnição paraguaia repelira com extrema energia o ataque de Osório às suas trincheiras. Alguma coisa muito importante, depois disso, acontecera: sem dúvida, a nova passagem dos navios, tirando qualquer esperança dos defensores da Praça prolongaram por mais tempo a resistência. Fechara-se o cêrco de maneira insuportável.

O plano de fixar uma ampla frente, com o grosso do Exército de Lopez entrincheirado acima do Pilar, mantendo Humaitá e Timbó com pequenas guarnições e a Esquadra Brasileira dividida em dois grupos, estava logrado.

7. A QUEDA DE HUMAITÁ — O APRISIONAMENTO DE PARTE DA GUARNIÇÃO REMANESCENTE

Finalmente, no dia 25 de julho de 1868, a formidável posição foi abandonada. Seus últimos três mil homens a deixaram, precipitadamente.

A forte pressão dos navios e a atuação vigorosa das forças de terra, no dia 16 de julho, provocaram a decisão definitiva dos derradeiros defensores.

Os encouraçados aproximaram-se, o General Câmara penetrou no reduto, seguido por Osório e depois, às 16,30 horas, por Caxias que mandou arriar as bandeiras paraguaias e cortar as amarras que fechavam o rio.

Duzentos canhões, muita pólvora e munições diversas, grande quantidade de fardamento, armas portáteis, brancas

e de fogo, oficinas especializadas e alimentos para trinta dias, demonstraram que a saída foi imposta pelos acontecimentos.

As lutas continuaram para o aprisionamento dos últimos combatentes até 5 de agosto de 1868. Mais uma vez, os navios e seus escaleres desempenharam importante papel. Nos combates da Lagoa Verá, 1 374 homens foram aprisionados, porém, cêrca de 1 700 dos remanescentes conseguiram escapar para reforçar as novas posições paraguaias acima do Pilar. (Fig. 2).

8. A RETIRADA DESDE O DIA 3 DE MARÇO DE 1868 E AS NOVAS POSIÇÕES DO EXÉRCITO DE LOPEZ, DE HUMAITÁ AO PIQUISSIRI

8.1 — Cêrco e Novas Posições. Os Combatentes

É preciso não confundir as operações específicas do cêrco de Humaitá, com as atividades do Exército e da Armada relativas às novas posições que, a partir de 3 de março de 1868, as forças de Lopez passaram a ocupar. Há muitos pontos de contato mas não são os mesmos, especialmente quanto aos navios.

É inegável que Caxias não desejava perseguir com maiores forças o Exército de Lopez, deixando na retaguarda um formidável baluarte, como Humaitá, nas mãos do inimigo. Esta posição, por sua vez, dividia a Esquadra Imperial em duas partes. Por que não juntá-las? Naturalmente, um maior número de navios acima de Humaitá viria agravar o já difícil problema do apoio logístico; as declarações do Visconde de Ouro Preto e do Barão de Jaceguai são muito claras a respeito. Por outro lado, Lopez, dia a dia, à proporção que o cêrco apertava, tinha que diminuir a guarnição de Humaitá, porque se tornava cada vez mais difícil o reabastecimento desta posição. A verdade é que, quase tôdas as forças paraguaias que operavam no quadrilátero de Humaitá foram retiradas, via lagoas Cierva e Verá, estrada do Chaco e Timbó, comandadas pelo próprio Lopez, por Barrios e Resquim, a partir

de 3 de março de 1868, consequência lógica da primeira passagem em 19 de fevereiro de 1868.

Limitou-se, assim, Caxias, além das operações para a tomada de Humaitá a estabelecer contatos de reconhecimento com as forças de terra e a uma grande atividade com os navios da Divisão Avançada para hostilizar Lopez nas suas posições.

Tudo indica, que Lopez logo se deve ter convencido da impossibilidade de fixar em posição defensiva o seu Exército, na linha do Tebicuari, especialmente, em virtude da extraordinária e eficiente atuação dos navios da Divisão Avançada que inclusive penetraram no próprio rio Tebicuari, bombardeando as posições de retaguarda, destruindo alojamentos e instalações diversas, lançando, enfim, a confusão e o pânico nas linhas inimigas. Assim, a manutenção desta posição, limitar-se-ia ao tempo que fosse possível manter Humaitá. É claro que o Timbó só tinha qualquer explicação, também, em função de uma Humaitá em poder dos paraguaios. Caindo esta posição, Lopez não se poderia agüentar com o grosso do Exército, no Tebicuari. Para onde iria, então? Enfrentar agora os aliados seria muito difícil. Com o rio Paraguai livre, Caxias deslocou a sua Base de Operações Principal para Humaitá. Poderia dispor, da Esquadra unificada e do grosso do Exército, para lançá-los numa ofensiva fulminante e terminar a guerra, caso a oportunidade aparecesse.

Lopez estava em inferioridade numérica, quanto aos efetivos de infantaria. A cavalaria paraguaia era fraca; os cavalos sem pastos e, portanto, mal alimentados, sem reabastecimento conveniente de forragem. A artilharia era uma arma, para os paraguaios, mais de posição, de defesa, que de movimento. O transporte, portanto, deste equipamento pesadíssimo era quase impossível e a prova foram os canhões abandonados em Humaitá. Sem meios flutuantes adequados em um teatro fluvial, a mobilidade dos paraguaios tornava-se muito deficiente. Em contraste a essa altura da guerra, Caxias dispunha de um conjunto Marinha-Exército formidável. For-

jara-se uma máquina altamente eficiente, um dos melhores complexos guerreiros já surgidos na História mundial. Um grupo de chefes que lutavam desde a mocidade para consolidar uma Pátria, que como muitos jovens tiveram a rara felicidade de tornar independente e tomar parte nas lutas que se seguiram. Foram patriotas que jamais conheceram o sossêgo em suas gloriosas carreiras militares, pois mal terminavam uma campanha iniciavam outra. Exatamente, êsse profundo sentimento de honra patriótica, oriundo do movimento da Independência e mantido vivo na tropa e nos navios por chefes como Caxias, Tamandaré, Osório e Inhaúma, é que foi, incontestavelmente, a alma da vitória brasileira. Foi, outrossim, o grande motivo de mobilização da retaguarda civil do Império. O amor à Pátria existia vivo e palpitante em todos os brasileiros, capaz de inspirar os maiores sacrifícios, quer na retaguarda, quer nos campos de batalha. A imagem dessa Pátria tão querida era como a de uma Mãe comum muito amada, idolatrada mesmo e que estava em tôdas as mentes e em todos os lábios. Algo que está sendo, atualmente, sistemática e diabôlicamente destruído, porque técnica e diabôlicamente destruída vem sendo a própria família brasileira.

Sendo uma Sociedade fundamentada na Família, essa Pátria era, fora de qualquer dúvida, uma Família maior. Hoje, com a destruição constante do grupo familiar, poderemos pensar nos mesmos termos patrióticos?

Êstes grandes chefes conduziram uma oficialidade de extraordinário valor, parte altamente preparada nas escolas militares e nos outros cursos das Forças Armadas do Império, parte oriunda das próprias fileiras e da Guarda Nacional e parte vinda de nosso meio civil, inclusive das escolas superiores, brasileiros de verdadeira vocação guerreira, de carreira ou não, tendo adquirido a preciosa experiência dos campos de batalha. Soldados e marinheiros, assim, tão bem comandados, sempre estiveram à altura das duras provas exigidas e, podemos afirmar, que representaram de maneira magnífica o nosso grande povo brasilei-

ro. A mocidade universitária alistou-se em massa e partiu para o Paraguai. Meninos de dezesseis anos, como o então cadete e futuro General Dionísio de Cerqueira, partiram para os campos de batalha. O movimento de *Voluntários da Pátria* foi algo de decisivo para o sucesso de nossas armas, pois não havendo o serviço militar obrigatório, como no Paraguai, muito difícil teria sido o recrutamento necessário sem o precioso auxílio dessa gloriosa iniciativa de homens livres. Os próprios negros escravos, libertados para que pegassem em armas, portaram-se de maneira magnífica e tornaram-se dignos da admiração e da gratidão eterna do Brasil, contrariando toda expectativa de Lopez.

Caxias providenciara a procura do material mais moderno e as comunicações asseguradas pela Esquadra permitiram que os meios determinados chegassem às forças em operações, oportunamente.

Os combatentes tiveram sua alimentação garantida, enquanto a Marinha pôde acompanhar o Exército. Os cavalos do rio da Prata, dos melhores, com a indispensável forragem, também de superior qualidade, foram fornecidos.

O esforço da retaguarda da Marinha, desencadeou a revolução industrial no Brasil transcendendo o próprio esforço de guerra e projetando-se na paz que se seguiu. Os formidáveis monitores foram construídos em série, como já vimos, no Brasil.

Já por ocasião das operações combinadas que obrigaram o abandono de Humaitá, um alto nível de coordenação entre Marinha e Exército tinha sido obtido. Caxias e Inhaúma entendiam-se de maneira exemplar. Os monitores agiam estreitamente ligados às forças de terra. A Marinha procurava aliviar ao máximo o Exército, tudo transportando. A tropa que marchava por terra e que em algumas ocasiões nadava nos rios, lagoas e alagados, tinha todo seu equipamento transportado pelos navios, chatas, chalanas, escaleres e lanchas. Os soldados de cavalaria, em certas ocasiões, só conduziam suas espadas nuas e seus cavalos. A extraordinária infantaria brasilei-

ra, cortava, às vezes, árvores e afastava outros obstáculos para que os monitores conseguissem manobrar com mais facilidade, fora do leito do rio, nos alagados e, assim, melhor transporte fizessem e um mais preciso apoio de fogo prestassem à própria infantaria.

A pesada artilharia específica do Exército era transportada a bordo dos navios, assim como, o próprio equipamento para passagem dos rios, composto de pontes de emergência, com seus botes e outros flutuantes, além dos demais acessórios necessários.

A formidável máquina militar deslocava-se, nas grandes marchas que se seguiram a Humaitá, assim:

a) O grosso constituído de cavalaria e infantaria o mais possível aliviado de todo equipamento pesado e mesmo de tudo que fôsse possível transportar pela Esquadra, inclusive a reboque. Esta força movimentava-se paralelamente aos rios, às vezes nadando. A infantaria, assim aliviada, marchava com uma rapidez extraordinária;

b) Um destacamento que viajava a bordo dos encouraçados maiores e dos navios transportes de tropa;

c) Os pequenos grupos de vanguarda que viajavam nos monitores e às vezes atacavam pelos flancos, constituindo um conjunto de todas as armas. Estes pequenos encouraçados faziam o papel de verdadeiros carros blindados flutuantes, saindo em muitas ocasiões dos leitos dos rios e penetrando nas lagoas e alagados recentes, transportando homens e prestando apoio de fogo, por outro lado, recebendo o auxílio dos valorosos soldados de terra como já foi descrito. Estes maravilhosos navios quando necessário restabeleciam as comunicações do grosso do Exército. Às vezes aguaceiros impediam completamente o transporte nas carrêtas. Os cavalarianos somente com seus cavalos e espadas nos dentes, não raro, acompanhavam nadando a *panzer* fluvial;

d) Todo conjunto, em determinada ocasião, era transportado de uma margem para outra do rio e lançado de surpresa na retaguarda do inimigo, em ata-

que fulminante perfeitamente equipado, alimentado, com seus animais e carrêtas e com o apoio de fogo necessário.

Este o instrumento que Caxias e Inhaúma dispunham para realizar a epopéia da *Dezembrada*. O cêrco de Humaitá, os diversos forçamentos dos Passos fortemente artilhados, as várias operações anfíbias de desembarque em cabeças-de-ponte no Chaco, as difíceis, arriscadas e penosas tarefas da engenharia militar e naval, os reconhecimentos realizados por intermédio dos longos *raids* de cavalaria, em conjunto com os navios da Esquadra, forjaram o extraordinário aparelho militar que desagrovou a honra da Nação Brasileira, atingida por cruel tirano, responsável principal por uma guerra de cinco anos e pelos sofrimentos terríveis que atingiram a todos os envolvidos no conflito e, de maneira desastrosa, a seus próprios compatriotas.

Lopez não contava que a marcha do Chaco pudesse ser realizada por homens. Realmente, foram verdadeiros gigantes, aqueles heróis dos pântanos paraguaios. Um general brasileiro, muitos anos depois, em dramático diálogo com um político de projeção declarou mais ou menos assim: falo a V. Ex.^a em nome do sofrimento de quem passou quatro dias com água pelo pescoço dentro de um pântano paraguaio.

8.2 — A Opção de Lopez

A essa altura dos acontecimentos Lopez teria que optar:

- a) Fazer a paz;
- b) Continuar a guerra.

Escolhendo a segunda alternativa, implícito estaria o seguinte:

- a) Protelar o mais possível o desfecho;
- b) Jogar a grande, parada política, aproveitando a situação interna em cada país inimigo e os antagonismos existentes, na situação internacional e, especialmente, continental. Procurar o apoio de forças indiretas e ocultas, inclusive.

Examinando a alternativa escolhida, uma importante decisão precisaria êle tomar: defender ou não Assunção?

Optando êle pela defesa dêsse ponto nevrálgico, deveria ainda escolher onde fazê-lo.

Quer-nos parecer que Lopez errou profundamente, ao querer continuar a guerra regular com a defesa de Assunção. Se o propósito era protelá-la, então, deveria êle, em primeiro lugar, separar o Exército Brasileiro de seu apoio logístico, tático e estratégico que era dado pela Marinha. Assim, deveria fazer o que fez mais tarde já sem condições: retirar-se, para as matas virgens das cordilheiras, porém, com o Exército ainda poderoso de que dispunha, antes do aniquilamento da *Dezembrada*. Este, aliás, tora o próprio plano proposto pelo Brasil, por intermédio do extraordinário estrategista civil o Marquês de São Vicente, por ocasião da iminente invasão do Paraguai pelo ditador Rosas quando, a isso nos opúnhamos.

E por que Lopez não escolheu assim? Porque não acreditava que os brasileiros tivessem capacidade de realizar a marcha no Chaco que permitiu a *Dezembrada* e, portanto, acreditava que fôsse possível transformar Angustura e o Piquissiri em uma segunda Humaitá prolongando, destarte, indefinidamente, a guerra. Enganou-se, redondamente, Lopez!

Precisamos, hoje, por um dever de patriotismo, valorizar essa marcha e procurar compreender o que houve de grandioso em sua realização.

8.3 — Seria Conveniente a Caxias Deixar o Timbó na Retaguarda?

Caxias, também, deveria decidir a respeito de importante assunto: Deixar uma posição como o Timbó na mão do inimigo, na retaguarda, não seria perigoso? A decisão do Chefe foi não tomar o Timbó e marchar com as forças julgadas necessárias, em busca do Exército Paraguaio na linha do Tebicuari, na certeza de que Lopez abandonaria não só o Timbó mas, também, outras posições e o próprio Tebicuari, para fixar-se, na defensiva, em posição mais favorável, nas proximidades de Assunção, se desejasse defender esta cidade, ou mais longe ainda, se resolvesse abandoná-la; de

qualquer maneira largaria o Timbó. E foi o que aconteceu. Caxias, assim, resolveu marchar para o norte do Tebicuari, sem limpar completamente a margem direita do rio Paraguai, na região do Timbó. Retirou, contudo, as forças aliadas do Andai, deixando o 2º Corpo do Exército do General Argolo em Humaitá, guardando a nova sede do Teatro de Operações.

O 1º Exército partiu do Tagi para o norte, tendo como objetivo o Pilar. Em Tagi ficaram dois batalhões para guardarem o reduto. O grosso da força brasileira abalou de Para-Cué. Caxias comandava pessoalmente as forças da ofensiva constituídas do 1º e do 3º Exércitos que incluíam o pequeno destacamento uruguaio. Os argentinos, em virtude da rebelião na Província de Corrientes ficaram, por ordem do Governo de Buenos Aires, em Humaitá.

O Almirante Inhaúma comandava, pessoalmente, a força naval que se deslocou rumo ao norte, formada dos Encouraçados *Brasil*, *Cabral*, *Tamandaré*, *Colombo* e mais os transportes atracados a contrabordo destes, *Princesa* (Capitânia), *Guaicuru*, *Alice* e *Desesseis de Abril*. Esta força sofreu algumas avarias, ao forçar a bateria do Timbó. O Almirante, no dia 16 de agosto, fundeou no Tagi, onde incorporou parte da força do Barão da Passagem e, em seguida, suspendeu para o Pilar onde fundeou às 10,50 horas do mesmo dia.

Entre os dias 16 e 19 de agosto de 1868 a Esquadra fundeou em frente ao Pilar, e o 1º e 3º Exércitos partiram rumo ao norte. No dia 20 de agosto, a vanguarda brasileira comandada pelo General Mena Barreto passou o Neembucu. O grosso prosseguiu rumo ao norte e estacionou próximo ao Pilar e aprontou-se para, por sua vez, passar o Neembucu. No dia 20 de agosto, Caxias encontrou-se com Inhaúma, no Pilar. (Figs. 1 e 2).

8.4 — Queda do Timbó

No dia 22 de agosto de 1868, conforme fora previsto, o Comandante do Encouraçado *Lima Barros* participou o

abandono da bateria do Timbó; em consequência Caxias determinou, que os dois Corpos de Voluntários da Pátria o 33º e o 47º deixassem o Tagi, e, se reunissem ao grosso das forças em ofensiva.

Os elementos mais avançados do Exército, em 23 de agosto, atingiram o rio Jacaré, comandados pelo Barão do Triunfo. O grosso das forças terrestres continuou nas imediações do Pilar. A vanguarda compunha-se de uma divisão de cavalaria, uma brigada de infantaria e de quatro canhões, e foi acampar próximo ao arroio Montuoso (Fig. 4).

Caxias determinou, então, o embarque nos transportes de tudo aquilo que pudesse aliviar o Exército: o trem de pontes, a tipografia e grande parte das munições de artilharia e infantaria, além do que já anteriormente havia sido determinado. Nas chatas rebocadas embarcaram-se as peças de artilharia, transferidas do Tagi, para as eventualidades operativas do Tebicuari.

8.5 — O Exército Paraguaio Inicia a Retirada do Tebicuari para Villeta. O Crime Revoltante de Lopez, em S. Fernando, Contra a Elite da Nobre Nação Paraguaia

No dia 24 de agosto de 1868 teve início a retirada do Exército Paraguaio para Villeta, posição acima de Angustura, na direção geral do nordeste, em caminhos de atoleiros e lamaçais. (Figura 3). A vanguarda do Barão de Triunfo alcançou Salinas. A Esquadra continuou no Pilar, portanto nas proximidades da confluência do Neembucu com o Paraguai pronta para subir este rio, no dia seguinte. Lopez ao abandonar S. Fernando (Fig. 4) massacrou os elementos mais expressivos da nação paraguaia. Com verdadeira selvageria não respeitou seus próprios heróis de guerra. Os militares mais valentes, homens de Estado dignísimos e figuras representativas de todos os setores foram cruelmente assassinados, sem qualquer razão, a não ser a implantação do terror mais bárbaro. Caxias apurou pessoalmente o fato quando depois entrou

em S. Fernando e, sãbiamente, determinou o levantamento de uma ata, onde tudo foi devidamente testemunhado, uma vez que ainda foi possível identificar os corpos mal sepultos, com os sinais evidentes das torturas atrozes recentemente sofridas. Não foram os invasores estrangeiros que aniquilaram o que havia de melhor na Nação guarani, foi o seu próprio tirano, atacado de autêntico acesso de loucura, que não respeitou nem os seus próprios parentes mais próximos. Posteriormente, obrigando sua infeliz população, sob terror, a acompanhá-lo para as cordilheiras, foi igualmente responsável pela morte de seus compatriotas populares, porque não teria condições para realizar o imenso êxodo que ordenou, de velhos, mulheres e crianças, verdadeiro genocídio. Assim, grande parte da população paraguaia morreria ao desamparo, em consequência da falta de alimentos e remédios, obra de um irresponsável, verdadeiro alucinado.

O problema, cem anos depois, recrusce, torna-se grave, porque, no coração da América do Sul (quando um nôvo Lopez, adotando a mesma técnica do assassinato em massa para aterrorizar, infelicitava a desgraçada nação cubana), procura-se por intermédio de uma propaganda sistemática, exaltar a mística de Lopez, encobrendo-se a verdade dos fatos. E o mais revoltante é que vozes misteriosas procuram convencer aos próprios brasileiros que seus antepassados, que tudo sacrificaram, há cem anos passados, em defesa do Direito ultrajado, é que estavam errados. E tudo isso, em nome das boas relações entre o Brasil e o Paraguai, que se deveriam fundamentar na verdade dos fatos e não na falsidade dos mesmos.

8.6 — O Problema de Caxias na Passagem do Tebicuari

Na posição denominada Fortim existiam baterias inimigas. Caxias determinou a Inhaúma que hostilizasse esta posição e para tal que penetrasse no Tebicuari.

8.7 — Os Navios da Esquadra Penetram no Tebicuari

Nos dias 26, 27 e 28, os navios da Esquadra fizeram fogo sobre o Fortim (na confluência do Paraguai com o Tebicuari). No dia 29 de agosto de 1868 os monitores *Piauí*, *Pará* e *Rio Grande*, penetraram no Tebicuari e juntamente com os navios que se encontravam no rio Paraguai, atiraram no Fortim, inclusive com metralha. Neste mesmo dia (29) os navios acusaram o abandono do Fortim. A 31, o Barão da Passagem, com o Encouraçado *Bahia* e os Monitores *Alagoas* e *Ceará*, igualmente penetrou no Tebicuari, tendo atingido o local denominado Passo Real. O Barão da Passagem rebocara, até esta posição, parte do trem de pontes do Exército e encontrou-se com Caxias no acampamento da vanguarda, onde este Chefe estava. Os navios continuavam operando no Tebicuari e atiram nas trincheiras paraguaias ainda existentes.

8.8 — Passagem do Tebicuari pelo Exército

Os monitores, como verdadeiras EDVP (embarcações de desembarque de viaturas e pessoal) e EDVM (embarcações de desembarque de viaturas e material) transportaram a vanguarda da infantaria. Entre 31 de agosto e 1º de setembro de 1868 a ponte foi lançada, constituída de dezessete canoas.

A cavalaria cruzou o rio pela ponte. O Barão de Triunfo atingiu S. Fernando, antigo QG de Lopez.

Até 6 de setembro todo o Exército já se encontrava na margem direita do Tebicuari. Somente a 1ª Divisão de Cavalaria ficara na margem esquerda. Pouco depois toda a força concentrou-se na região de S. Fernando, onde Caxias instalou o seu QG.

8.9 — A 2ª Divisão da Esquadra Sobe o Rio

Ainda no dia 2 de setembro a 2ª Divisão da Esquadra, sob o comando do CMG Mamede Simões, teve ordem de

subir o rio Paraguai, explorá-lo e procurar impedir a fortificação de Angustura. O Comandante da Fôrça, constituída do *Lima Barros* (Capitânia), *Silvado*, *Mariz e Barros* e *Herval*, todos encouraçados, supunha que a bateria estivesse na ponta de Itapiru. O *Silvado* (Comandante José da Costa Azevedo) navegava no dia 7 de setembro na vanguarda, como esclarecedor, e montou sem maiores novidades esta ponta. Continuou avançando, porém, quando dobrava a ponta do Chaco, recebeu de surpresa o impacto de todo fogo do inimigo. Eram as baterias de Angustura, camufladas, que o alcançavam duramente.

Decidiu, o Comandante, contrariando as ordens recebidas, prosseguir. Desculpar-se-ia depois explicando que sua posição era muito difícil e que seria melhor agir como o fez: passar e, depois, dar a volta a montante do fogo.

O Comandante Costa Azevedo era homem de muita decisão e coragem; ao passar Angustura avistou navios, que deveriam ser paraguaios. Um dêles, porém, era a Canhoneira norte-americana *Wasp* que, pela sua posição, não permitia que o *Silvado* abrisse fogo contra os navios paraguaios. Em seguida, para infelicidade do valente Comandante e sorte de seus inimigos, o audacioso *Silvado* encalhou a pouco mais de quatro amarras da *Wasp*. Foi impossível realizar a perseguição aos navios fugitivos depois do desenralhe: o Comandante brasileiro desconhecia o canal de Villeta e havia, também, a noite que chegava.

Enfrentou de volta as baterias de Angustura e reuniu-se à sua Fôrça. Para proteger o *Silvado* o *Lima Barros* atacou abaixo de Angustura, esta posição. O Capitânia recebeu três impactos, sendo que um partiu a amarra que sustinha o ferro de bombordo. O *Silvado* foi fortemente atingido, recebeu na couraça três projetis que lhe causaram avarias. Os Primeiros-Tenentes Carlos Frederico de Noronha, Antônio Pedro Alves Barros e o Segundo-Tenente José Carlos de Carvalho ficaram feridos.

Nesta mesma exploração o *Mariz e Barros* recebeu ordem de atirar em um grande número de carrêtas paraguaias.

Os navios da Esquadra atacavam, assim, na retaguarda, as comunicações terrestres do inimigo. Se considerarmos o moderno emprêgo das fôrças blindadas, nas campanhas do Século XX, verificaremos muita semelhança com a utilização, no teatro de operações fluvial do Paraguai dos encouraçados para com uma penetração profunda, desagregar a retaguarda do inimigo com a destruição de fortificações, transportes, quartéis, acampamentos, depósitos, arsenais, fábricas, lavoura, centros de administração, enfim, para lançar o pânico impedindo o apoio às fôrças combatentes na frente de combate, desarticulando todo o conjunto e desmoralizando o inimigo.

8.10 — Retirada Precipitada do Inimigo

Tudo leva a crer que Lopez, ao receber a notícia da queda de Humaitá, tenha resolvido estabelecer uma nova linha de resistência mais ao norte, tendo como flanco fluvial, na margem esquerda do rio Paraguai, a posição de Angustura (Fig. 5) e, como acidente natural de defesa, o Piquissiri. Prova essa afirmação a oposição fraca que êle ofereceu no Neembucu e em ambas as margens do Tebicuari.

Outrossim, os trinta impactos recebidos pelo *Silvado*, em Angustura, nos dois forçamentos realizados pelo Comandante Costa Azevedo, em 7 de setembro de 1868, foram a mostra de potência de fogo daquela posição e das dificuldades a vencer. Nas condições, tornar-se-ia impossível o transporte simplesmente do grosso do Exército pelo rio Paraguai acima, até Villeta no mínimo, em navios desprotegidos, quando um encouraçado, do valor do *Silvado*, foi tão duramente atingido (Fig. 4). Quanto ao ataque frontal às trincheiras do Piquissiri foi considerado, também, muito difícil (Fig. 5). O flanqueamento pela esquerda paraguai, a este pelo Ipoá, do mesmo modo, não oferecia grandes possibilidades de êxito.

Restava a margem direita do rio Paraguai, o Chaco. Lopez e seus técnicos julgaram impraticável a marcha de grandes contingentes nesta região. Estariam os brasileiros e seus aliados con-

denados a um novo desgaste de quatro anos sem o desejado honroso desfêcho da guerra?

Veremos, brevemente, como a questão foi resolvida. *Resumindo*: não haveria dificuldade para a Marinha em passar de novo Angustura, como já o fizera duas vezes com o *Silvado*, em 7 de setembro de 1868, como por Humaitá e outras posições fortemente artilhadas. Poderia mesmo transportar parte reduzida do Exército em seus navios, e, também, conduzir de uma margem para outra, em um largo rio, no caso o Paraguai, toda força terrestre disponível, como o fizera em Passo da Pátria. Para o Exército, também, não seria muito difícil uma marcha pelo Chaco, porém, de contingente reduzido apoiado pelos navios. O problema era, portanto, conseguir chegar acima de Angustura, no mínimo, como já foi dito, na altura de Villeta, com o grosso da tropa, para atacar as fortificações de Angustura-Piquissiri, pela retaguarda. Porque esta foi a decisão de Caxias (Fig. 5).

8.11 — *Onde se Encontrava Caxias e Para Onde foi Lopez*

A essa altura dos acontecimentos, o Comandante-em-Chefe estava em Vila Franca (Fig. 4). Desta posição pretendia alcançar Villeta e, depois, Assunção. Inhaúma encontrou-se com Caxias no Pôrto de Vila Franca, no dia 13 de setembro.

Lopez estabeleceu-se em Villeta.

O CMG Elisiário ficou na foz do Tebicuari com o *Beberibe*, o *Greenhalg* e o *Araguari*. Teve ordem de manter este afluente do Paraguai sob vigilância. O *Araguari*, para tal, deveria percorrê-lo até onde fôsse possível.

O Barão da Passagem, também recebeu ordem para seguir para Vila Franca.

8.12 — *A Marcha de Vila Franca Para Palmas*

A Marinha forneceu ao Exército o abastecimento correspondente a um nível operativo de quatro dias para uma longa caminhada de três dias. O encon-

tro deveria ser em Agatapé, novamente, entre o Exército e a Marinha. A Esquadra daí partiu para Oliva e depois para Mercedes. A vanguarda do Exército atingiu, no dia 22 de setembro, Laguna, um ponto acima de Tuiuti (não confundir com Tuiuti, acampamento do Exército). O 1º Corpo do Exército instalou-se nas proximidades de Mercedes. No dia 23 de setembro foi travado o combate de Surubi-i. O Exército passou este arroio e, a 24, deslocou-se para Palmas. Inhaúma, no dia seguinte, 25 de setembro, fundeou no Pôrto de Palmas.

8.13 — *O Exército Brasileiro Entra em Contato com o Grosso do Exército Paraguai*

De Humaitá até Palmas tinham sido percorridos 200 km e gastos trinta e seis dias. Assim, na região de Palmas, Caxias entrara novamente em contato com o grosso do exército inimigo.

Segundo o General Tasso Fragoso, Caxias, nessa situação, não poderia fragmentar o seu bloco antes de fixado o grosso do inimigo e, como já tivemos ocasião de observar, os meios flutuantes disponíveis não eram suficientes para transportar, rio acima, forçando Angustura, a tropa necessária no prazo exigido, para que não ficasse ela sujeita a ser batida por partes.

No dia 29 de outubro Caxias embarca na Esquadra e, com Inhaúma, sobe o rio e assiste ao bombardeio de Angustura feito pelos encouraçados. Caxias observou pessoalmente as reprêsas que se destinavam a inundar o terreno. Osório, dois dias depois, verificou que o arroio Piquissiri não dava vau por causa das referidas reprêsas.

8.14 — *A Divisão do Barão da Passagem Força o Passo de Angustura*

Preparando sua futura manobra, Caxias determinou a Inhaúma que forçasse o passo de Angustura com alguns navios.

Inhaúma ordenou ao Barão da Passagem que, com os Encouraçados *Bahia* (Capitânia), *Silvado*, *Tamandaré* e *Bar-*

roso, executasse esta decisão. No dia 1º de outubro de 1868, às 04,30 horas, a ordem foi cumprida.

O CMG Mamede Simões com os Monitores *Piauí*, *Rio Grande* e *Ceará*, prestou valioso apoio de fogo.

O Almirante Inhaúma, no *Belmonte*, acompanhou de perto os menores detalhes da passagem, determinando aos Encouraçados *Cabral* e *Colombo* que também atirassem em Angustura.

Por ocasião da passagem de Angustura, pela Divisão do Barão da Passagem, o Exército realizou um importante reconhecimento às linhas do Piquissiri.

De acôrdo com o Barão de Jaceguai, foi a seguinte a missão atribuída ao Barão da Passagem: "Proceder a um reconhecimento rio acima até Assunção e conservar-se à retaguarda da posição inimiga, onde aguardaria segunda ordem".

Logo depois da passagem a Divisão fundeou próximo a Angustura. No dia seguinte, 2 de outubro, fundeou em frente a Villeta, onde ficou até cinco do mesmo mês. Como o rio baixasse muito, vltou às proximidades de Angustura, onde fundeou.

O Almirante Inhaúma regressara a Palmas, ainda no dia 1º após a passagem da Divisão Avançada. (Fig. 4).

8.15 — O Encouraçado *Silvado* Força Angustura Rio Abaixo, para Cumprir Ordens

O Encouraçado *Silvado*, cumprindo sua quarta passagem de Angustura, força em 8 de outubro de 1868 rio abaixo o Passo, para comunicar-se, por determinação do Comandante da Divisão Avançada, com o Almirante Inhaúma.

8.16 — Novos Forçamentos de Angustura

No dia 10 de outubro, o Encouraçado *Lima Barros* e o Monitor *Alagoas*, forçaram o Passo de Angustura para se juntarem à Divisão Avançada. No dia quinze do mesmo mês repetiu-se a ocorrência: o Encouraçado *Brasil*, novamen-

te (5ª vez) e os Monitores *Pará*, *Ceará* e *Rio Grande* realizaram, também, a difícil manobra.

Assim, à montante de Angustura, comandados pelo Barão da Passagem, estavam os seguintes navios: Encouraçados *Bahia* (Capitânia), *Silvado*, *Tamandaré*, *Barroso*, *Lima Barros*, *Brasil* e os Monitores *Pará*, *Alagoas*, *Ceará* e *Rio Grande*.

8.17 — *Caxias* Decide Contornar pelo Flanco Esquerdo

Depois de um exame completo, *Caxias* resolve construir uma estrada no Grão-Chaco, isto é, na margem direita do rio Paraguai. Teria que enfrentar o terreno baixo, constantemente sujeito às inundações.

Tal estrada deveria permitir a marcha de uma tropa suficientemente numerosa, para atacar Piquissiri pela retaguarda. (Fig. 5).

8.18 — A Construção da Estrada do Chaco

(Segundo dados do General Tasso Fragoso em *A Guerra da Tríplice Aliança*.)

No dia 10 de outubro de 1868 *Caxias* chamou o General Argolo, de Humaitá e encarregou-o, com seu Corpo de Exército, de executar a difícil tarefa.

O Coronel Piquet ficou em Humaitá com somente 1 500 homens.

Corpo de Exército de Argolo encarregado da construção:

2 925	homens de infantaria;
94	" de cavalaria;
198	" de artilharia;
327	" de pontoneiros.

Chefe da Comissão de Engenheiros: Tenente-Coronel Rufino Galvão. Faziam parte, também, desta Comissão o 1º Tenente Lussace e o Alferes Jourdan.

Caxias determinou ainda que o famoso Tenente-Coronel Tibúrcio passasse para o Chaco, para reforçar o Corpo do

General Argolo, com os seguintes meios:

2 batalhões de infantaria (o 16º e o 4º);

1 esquadrão de cavalaria;

1 ala do batalhão de engenheiros.

Ao todo 1 122 homens, com 80 oficiais e 1 042 praças.

A tropa do General Argolo embarcou em Humaitá, no dia 13 de outubro, e chegou à barranca de Palmas, na margem esquerda, no dia 15 seguinte. Desembarcou, porém, na margem direita, no local que foi denominado de Santa Teresa em homenagem ao dia. Caxias e Argolo conferenciaram a bordo do Transporte *Princesa*.

Os trabalhos para a construção da Estrada do Chaco tiveram início e a primeira ponte foi construída pelo Tenente Lassace. Este mesmo oficial teve ordem de construir outras duas em 18 de outubro, uma de 20 metros por 1,5 e outra de 40 metros por 3.

A matéria-prima usada, quer para construção das pontes, quer para estivar a estrada quando necessário por falta de firmeza do solo, foi a palmeira caranda do Chaco.

O Alferes Jourdan, prosseguindo os trabalhos, encontrou o arroio Villeta (19-10-1868), ao explorar uma picada no rumo noroeste. Este caminho não era firme. A picada foi percorrida por Caxias e Argolo. Continuando a realizar as tarefas, Jourdan encontrou novamente o arroio Villeta num ponto onde tinha 12 metros de largura e 3 metros de profundidade. tratou então de procurar a confluência do Villeta com o Paraguai. Continuando a construir picadas, atingiu seu objetivo e avistou no dia 24 de outubro, a Divisão Avancada, acima de Angustura. Jourdan recolheu-se a bordo dos navios, com o seu 4º Batalhão de Infantaria, tendo pernoitado de 24 para 25 e regressado para terra neste dia para reiniciar o serviço.

Os paraguaios atacaram o destacamento do Tenente-Coronel Tibúrcio que protegia o trabalho do Alferes Jourdan, tendo sido repelidos.

No dia 26 de outubro, Caxias voltou ao Chaco.

8.19 — *A Estrada do Chaco, Virtualmente Concluída — Características*

No dia 26 de outubro, segundo parte do Coronel Rufino Galvão ao General Argolo, a Estrada do Chaco estava virtualmente concluída. Depois ainda foram realizadas certas tarefas complementares.

Extensão: 10 714 metros.

Estiva para consolidação do terreno: 2 930 metros, com troncos de palmeira caranda, cada tronco cortado em três pedaços.

Número de palmeiras derrubadas: 6 000.

Pontes construídas: 5.

Duração: 23 dias.

8.20 — *Importante Tarefa Complementar Realizada*

Entre 1º e 15 de novembro foi desobstruído de aguapés o rio Villeta ou Araquaré, em importante trecho até a barra do Paraguai para permitir a navegação de pequenas embarcações e, mesmo, navios de porte reduzido. (Fig. 5).

8.21 — *A Esquadra Opera de Maneira Eficiente Durante a Construção da Estrada*

Muito contribuíram os navios da Esquadra, hostilizando constantemente as forças de Lopez, no período correspondente à construção. Tendo-se concentrado nas proximidades de Angustura, tomaram parte ativa nos reconhecimentos realizados e foram de grande importância na fixação, na região do Piquisiri, do Exército Paraguaio, condição básica para a manobra a ser executada por Caxias.

8.22 — *O Barão do Triunfo Embarca no Encouraçado Herval*

No dia 28 de outubro o valoroso Barão do Triunfo preferiu, durante algum tempo, o Encouraçado *Herval* aos seus cavalos e embarcou neste navio, quando comandou importante reconhecimento.

O *Cabral* e o *Piauí* participaram da importante operação tendo sido aquêle duramente atingido.

8.23 — *Caxias Embarca no Monitor Rio Grande*

No dia 4 de novembro de 1868, Caxias embarcou no Monitor *Rio Grande*, na barra do Villeta, à margem direita do Paraguai. Subiu êste rio até S. Antônio, procurando o ponto ideal na margem esquerda para desembarque do Exército. Inicialmente, inclinou-se mais por Villeta. Nesta ocasião a Esquadra aproximou-se de Angustura e realizou intenso bombardeio.

8.24 — *Caxias Embarca no Encouraçado Barroso*

Caxias, em 17-11-1868, embarcou no Encouraçado *Barroso* e conferenciou com o General Argolo e com o Barão da Passagem neste navio. O Visconde de Inhaúma ainda não estava à montante de Angustura, sendo o comando da Divisão Avançada exercido pelo Barão da Passagem.

8.25 — *Caxias Embarca em Escaler*

Caxias fêz o percurso no arroio Villeta, em escaler até o Pôrto das Canoas, já de regresso, e daí até S. Teresa, por terra.

8.26 — *Caxias Faz Nova Exploração a Bordo do Encouraçado Tamandaré*

Continuando suas investigações, Caxias faz a terceira excursão no Chaco e embarcou no Encouraçado *Tamandaré*.

8.27 — *O Encouraçado Brasil Desce o Paraguai e Força Angustura*

Para se ter uma idéia da precariedade da Estrada do Chaco, recentemente construída, basta dizer que o Encouraçado *Brasil* teve que descer o rio Paraguai e forçar Angustura para buscar munição de artilharia para os navios da Divisão

Avançada. Na volta deveria êste encouraçado conduzir o Almirante Inhaúma.

A essa altura (22-11-1868) as Unidades do Exército, abaixo de Angustura, estavam sendo transportadas metòdicamente, da margem esquerda para a margem direita do rio Paraguai, entre Palmas e S. Teresa. O General Argolo, outrossim, mudou a sede do seu Corpo de Exército para a foz do Villeta, na margem direita, em frente à posição paraguaia, também, denominada Villeta, na margem esquerda.

Ao norte da foz do arroio Villeta, garantindo a ponte de batéis, já estava o 2º Corpo do Exército e ao sul elementos do 1º.

Caxias determinou que se fortificassem essas posições.

8.28 — *Inhaúma Força Angustura e Corre Forte Risco de Vida*

No dia 26 de novembro o Almirante Inhaúma, a bordo do Encouraçado *Brasil*, acompanhado do *Cabral* e do *Piauí* passou Angustura, subindo o rio.

O *Cabral* levou ainda um pequeno navio a vapor e uma lancha. A passagem foi duríssima. O navio do Almirante foi fortemente atingido por um tiro de 150 mm que atingiu a parte anterior da casamata, exatamente, no ponto crítico dos navios desse tipo. Morreu o prático João Batista Pozzo e o Comandante, Capitão-de-Fragata João Mendes Salgado, foi ferido. O Almirante sofreu grande risco de vida.

8.29 — *A Esquadra Bombardeia Villeta*

Foi executado, no dia 27 de novembro, um intenso bombardeio da posição paraguaia de Villeta, pelos navios.

8.30 — *Caxias Muda o seu Quartel-General para o Chaco*

Deixando Palmas, na margem esquerda do Paraguai, Caxias estabeleceu seu Quartel-General ao norte da foz do Villeta, na margem direita, em 27 de novembro.

8.31 — *Aumentaram as Dificuldades Por Terra*

No dia 27 de novembro o Chaco começa a transformar-se num vasto pântano. As circunstâncias afastaram qualquer idéia de um desembarque imediato, à viva força, mediante uma operação anfíbia, em Villeta. Assim, mudou de idéia o Comandante-em-Chefe, mas simulou de maneira habilíssima dando a impressão a todos que o ponto seria Villeta. Só aos mais íntimos, realmente, esclareceu o assunto.

8.32 — *A Marinha Bombardeia Assunção*

Outrossim, simulou, também, uma preparação de desembarque em Assunção, deixando o inimigo completamente desorientado. Para tal, no dia 27 de novembro, o Barão da Passagem subiu o rio com os Encouraçados *Bahia* e *Tamandaré* e os Monitores *Alagoas* e *Rio Grande*. Chegando em frente a Assunção bombardeou edifícios públicos diversos, o arsenal, as baterias, a alfândega, o palácio de Lopez e o estaleiro, onde se construía um pequeno navio a vapor que foi danificado. De tudo deu parte ao Almirante Inhaúma. Assim, pela segunda vez, a Marinha de Guerra, desagravando a honra nacional ofendida, bombardeou Assunção, contribuindo de maneira decisiva para a vitória de nossa causa.

8.33 — *Caxias e Inhaúma, Juntos no Encouraçado Brasil*

Caxias, no dia 30 de novembro, embarcou no Encouraçado *Brasil*, onde se encontrou com Inhaúma e foram até Lambaré provavelmente para decidir a respeito do ponto de desembarque.

8.34 — *Carta de Caxias a Osório Esclarece Bastante a Respeito de Sua Intenção e da Importância da Marinha nas Futuras Operações da Dezembrada*

Nesta interessante carta de 1º de dezembro consta o seguinte:

“Continuo a dizer a todos que o ataque é de frente, contra Villeta, mas já ontem (30), fui em um encouraçado até Lambaré, com o Almirante, e vimos cinco ou seis barrancas onde os vapores podem atracar, até sem auxílio das pranchas e largar a tropa em posição, onde cinco ou seis mil homens se podem sustentar por duas horas, enquanto os vapores vão e voltam com outros tantos ou mais homens. E o que mais me agrada está a duas léguas de Villeta, por isso que tem a vantagem de poder ir a cavalaria por terra, pelo Chaco, até ser recebida pelos monitores e balsas, ou barcas, para só atravessar o rio. A operação não tem risco, porque tomada ou ocupada essa posição com infantaria e artilharia, enquanto o inimigo reúne e marcha para ir atacar, temos tempo de sobra para formar em terra 15 000 homens pelo menos.

E se eles nos não forem atacar, depois de desembarcados, poderemos marchar sempre por caminho duro e largo até Villeta, com o flanco apoiado no rio Paraguai. E ocupada Villeta com as suas coxilhas, quem me dera que Lopez viesse dar uma batalha, para a qual ele não poderia trazer tôdas as suas forças sem desamparar Angustura e Piquissiri, onde estão ou podem estar forças nossas, pois, enquanto nós estivermos à barba com eles eu pretendo que a Esquadra, de cima e de baixo, bombardeie ativamente Angustura.”

O importante a considerar é que Caxias visava tomar Villeta, desembarcando pouco acima, em S. Antônio, e marchando por terra, contrariando seu ponto de vista inicial de um desembarque à viva força em Villeta. E por que? A resposta é que Villeta não oferecia mais as condições imprescindíveis em virtude dos aguaceiros para tal desembarque. Esta posição para ser tomada necessitava uma ação coordenada com as forças de terra, como foi posteriormente feito, depois da vitória de Avaí. Esta consideração, a nosso ver, é da maior importância.

Naturalmente, o leitor interessado poderá estudar melhor o assunto, para julgamento próprio. Depois de atingir S. Antônio e aí desembarcar parte do

Exército, travar e vencer a batalha de Itororó, resolveu com êstes efetivos desfalcados seguir para Guarda Ipané, na barranca do rio e tomá-la, estabelecer uma cabeça-de-praia e, então, ordenar diretamente o transporte pelos navios da Esquadra, de S. Antônio para o pôrto de Guarda Ipané, na margem esquerda do rio Paraguai, do restante das forças terrestres.

Só depois dêsse movimento travou a batalha de Avaí, já com seus efetivos completos e com o apoio da Esquadra em Guarda Ipané.

Após a magnífica vitória de Avaí, tomou Villeta, estabelecendo outro ponto de apoio na margem esquerda do rio Paraguai e, só então, acometeu contra a linha do Piquissiri, marchando gloriosamente para as vitórias de Lomas Valentinas e Ita-Ibaté, assim como, finalmente, impondo com sucesso a rendição de Angustura e ocupando, em consequência, Assunção.

O planejamento da Marinha para o transporte do Exército, de Santa Helena para S. Antônio.

A participação da Marinha na fase inicial da *Dezembrada* foi importantíssima e muito bem planejada.

Nada melhor para esclarecimento do assunto que a transcrição das instruções baixadas no dia 2 de dezembro de 1868 pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, Almirante Inhaúma:

1) No dia marcado para o embarque os senhores comandantes terão as máquinas prontas às 19,00 horas, recomendando aos engenheiros que conservem os fogos ocultos tanto quanto seja possível sem prejuízo das mesmas máquinas.

2) O *Bahia*, *Silvado*, *Lima Barros* e *Brasil* ficarão nos lugares em que estão, alando para terra o mais que lhes seja possível, fazendo ponte de embarque quer com as pranchas, que já devem ter preparadas, quer com suas embarcações miúdas. Isto deve estar pronto com a devida antecedência e segurança.

3) O *Cabral* virá atracar à terra pela proa do *Brasil*, quando fôr determinado. O *Tamandaré* e o *Barroso* atracarão, aquêle ao *Silvado*, êste ao *Lima Barros*,

deixando só a posição em que se acham no dia de desembarque, depois de escurer.

4) O *Ceará*, o *Piauí* e o *Rio Grande* atracarão entre o *Bahia* e o *Silvado* à mesma hora em que vierem ao ponto o *Tamandaré* e o *Barroso*. Receberão artilharia e todos os seus pertences, tanto em material como em pessoal e barcas.

5) O *Pará* e o *Alagoas* continuam a bombardear Villeta até segunda ordem.

6) Cada navio receberá o número de praças que lhe é designado neste parágrafo, nada menos, porém para mais se tiver acomodações: *Bahia*, 800; *Silvado*, 1 000; *Lima Barros*, 1 500; *Cabral*, 1 000; *Brasil*, 1 000; *Tamandaré*, 600; *Barroso*, 300; monitores, a guarnição de artilharia. As chatas e chalanas do Exército serão distribuídas, devendo para êsse fim entender-se prèviamente a autoridade militar que em terra dirige o embarque com S. Ex^a o Sr. Barão da Passagem.

7) A ordem de marcha é a seguinte: *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia*, *Silvado*, *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil*. Três monitores pela pôpa.

8) Os escaleres e chalanas da Esquadra vão atracados, tendo dentro metade das guarnições e seus oficiais.

Cada navio terá um oficial nomeado para dirigir as suas embarcações miúdas. O silêncio que o regimento provisional determina é muito e muito recomendado. Exige sangue frio e ordem.

A operação é a mais delicada que a Esquadra tem de fazer.

As âncoras e amarras devem ficar safas para dar-se fundo ou suspender prontamente sem prejuízo do serviço sem molestar os passageiros. Os navios que não têm borda substituí-la-ão por cabos ou tábuas com a devida segurança.

9) No ponto de desembarque os monitores aproximar-se-ão à terra o mais possível. O mesmo farão, mas em outra coluna, o *Tamandaré*, *Barroso*, *Bahia* e *Silvado*, atracados uns aos outros com cabos. O *Cabral*, *Lima Barros* e *Brasil* formarão uma outra coluna pela pôpa ou pela proa dêste, conforme o permitir o espaço e atracados pela mesma forma.

10) Se o rio tiver fundo bastante para que o navio que ficar mais próximo à terra lance sobre ela uma ponte, assim o fará. Por cima dela passará a gente dos navios que lhe ficam por BB. No caso contrário o desembarque será operado nas embarcações miúdas dos navios, dirigidas pelos seus respectivos oficiais. Peço aos Srs. chefes e oficiais do Exército não só que façam com que seus subordinados guardem o maior silêncio e ordem, como que não se intrometam no serviço próprio da Marinha.

11) Concluído o desembarque, o *Brasil* e o *Lima Barros* tomam posição para protegerem o ponto. O *Tamandaré*, o *Barroso* e o *Silvado* descerão para atracarem à barranca que lhe fôr indicada. Aí receberão a cavalaria e conduzirão em tantas viagens quantas forem precisas.

O Sr. Capitão-de-Fragata Costa e Azevedo dirigirá êsse serviço. As demais embarcações, sob as ordens do Sr. Barão da Passagem, descerão ao atual acampamento e continuarão a conduzir o Exército para o lugar do desembarque. Então o Exmº Sr. Barão disporá como melhor entender os monitores que bombardeiam Villeta.

O Almirante fica a bordo do *Brasil*. Concluída a passagem do Exército, seguir-se-á a bagagem.

Bordo do Encouraçado *Brasil*, em frente a Villeta,

(a) VISCONDE DE INHAÚMA.

9. ROTEIRO DA ARRANCADA GLORIOSA

9.1 — *Início*

Em 4 de dezembro de 1868, parte da cavalaria avançou por terra até Santa Helena, pela margem direita, em frente a S. Antônio na margem esquerda. Neste mesmo dia iniciou-se o embarque da tropa para a travessia do rio Paraguai. O início da chamada *Dezembrada* foi às 02,20 horas do dia 5 de dezembro de 1868, quando todos partiram para S. Antônio. Às 07,00 horas já se tinha efetuado o desembarque na margem oposta, isto é, em S. Antônio, de 8 000 sol-

dados de infantaria, dez canhões e material complementar.

Às 14,00 horas Caxias embarcou com Osório, no Encouraçado *Bahia*, com seu Estado-Maior e o do 3º Corpo do Exército. Subindo o rio às 16,00 horas chegou a S. Antônio e inspecionou a tropa que já havia desembarcado e que se encontrava na estrada.

Ao pôr do sol tinham desembarcado neste ponto: mais ou menos 17 000 homens, inclusive cerca de mil de cavalaria com os seus respectivos animais. Ao todo foram transportados no dia cinco, cerca de 18 667 homens. Ficaram na margem esquerda ainda oito mil homens.

9.2 — *Batalha de Itororó*

Ao amanhecer do dia 6-12-1868, Caxias marchou para a ponte de Itororó onde se travou a batalha do mesmo nome com a vitória, embora com graves perdas, para as armas brasileiras.

A ponte distava cerca de 6 km do pôrto de desembarque, S. Antônio.

A Esquadra, neste dia seis, continuou a transportar a tropa que ainda se encontrava no Chaco, isto é, na margem direita do rio Paraguai.

Caxias deixou o 2º Corpo do Exército em Itororó e atingiu, no dia sete, com o 1º e o 3º, a Capela de Ipané, que é preciso não confundir com Pôrto Guarda Ipané, na margem esquerda do rio Paraguai.

É interessante notar, também, que o ponto de apoio provisório na margem esquerda, à montante de Angustura, era S. Antônio, que distava cerca de 18 km de Villeta. Outrossim, entre Itororó já ocupada, e a referida Villeta estava Avaí, mais para o interior. Assim, Avaí situava-se a uns 6 km de Itororó e Villeta. (Figs. 5 e 6).

9.2 — *Caxias Muda o Ponto de Apoio na Margem Esquerda de S. Antônio para Pôrto Guarda Ipané — Fortíssimos Aguaceiros Transformam a Terra Firme num Mar Interior*

Caxias corria um forte risco com a manobra que executou e disso tinha plena consciência.

Sabia perfeitamente que a existência da estrada na margem direita, realizada com tanto sacrifício era precária e destinava-se, tão-somente, a colocar o grosso de sua tropa à montante de Angustura, sem arriscá-la a uma passagem pelo rio Paraguai forçando esta poderosa posição. A Esquadra não teria grande dificuldade em forçar Angustura conduzindo um contingente reduzido, porém seria arriscar muito transportar a tropa numerosa que utilizou, de Santa Teresa a Santa Helena, a estrada especialmente construída na margem direita.

Enfim, no dia 8 de dezembro de 1868, o que se temia aconteceu: desabou um formidável aguaceiro, tudo inundando e transformando a terra firme da margem direita, num vasto mar interior.

A estrada do Chaco, construída com tanto sacrifício, desapareceu e os nossos monitores passaram a navegar sobre os pontilhões submersos, onde na véspera trafegavam as carrêtas do Exército. *Com um calor abrasador, iniciaram-se as grandes cheias no Chaco.*

Romperam-se as comunicações terrestres. O grosso da cavalaria ainda estava na margem direita do rio Paraguai.

O Exército estava sem bagagem, com falta de víveres, uma vez que só os tinham levado para três dias, descalço e sem capotes.

Caxias que se encontrava na Capela de Ipané (Figs. 5 e 6), porém, tinha um trunfo precioso, os navios da Esquadra, determinou que todos os meios fôsem transportados pelo rio para Pôrto Guarda Ipané.

As comunicações foram restabelecidas pelos navios. Os feridos tinham voltado a S. Antônio e foram transportados pela Esquadra, diretamente, para a Base de Humaitá. Os monitores de pequeno calado, passaram a utilizar a antiga estrada do Chaco, a tudo atendendo com sucesso.

Restabelecidas as comunicações pelos navios, Caxias, no dia 9 de dezembro, chegou com o Exército a Pôrto Guarda Ipané, onde já se encontrava a Esquadra.

O grosso da cavalaria do Barão do Triunfo e de João Manuel Mena Barreto foi então, transportado da margem direita para a esquerda, para o Pôrto

Guarda Ipané. *O Exército foi perfeitamente abastecido neste pôrto, de víveres e munições.* Ficou, assim, em Pôrto Guarda Ipané, estabelecida nova base provisória de operações na margem esquerda.

9.4 — Morte do Heróico Comandante Neto de Mendonça. Atuação dos Navios

Ainda no decisivo dia 9 de dezembro de 1868, quando o Encouraçado *Mariz e Barros* forçava rio abaixo a perigosa posição de Angustura, morreu em combate o Comandante deste navio, o heróico Neto de Mendonça.

Substituiu-o no comando o então 1º Tenente da Armada, José Cândido Guillobel, também ferido, futuro Almirante e Ministro da Marinha e pai do ilustre Almirante contemporâneo, igualmente Ministro desta, Renato de Almeida Guillobel.

Juntou, assim, a Marinha o sangue de um de seus mais dignos heróis ao derramado por tantos e gloriosos soldados do Exército, na marcha ciclópica da *Dezembrada*.

No dia 10 de dezembro, foi dado o pronto para a nova avançada.

Destarte, os dias 6, 7, 8 e 9 de dezembro foram de grande atividade para os navios da Esquadra, encarregados dos transportes de todo tipo.

9.5 — A Batalha de Avaí (Fig. 5 e 6)

No dia 11 de dezembro, ao nascer do dia, Caxias parte com o Exército Brasileiro, trava e vence gloriosamente, a estupenda batalha de Avaí. Depois da vitória ocupa Villeta e manda levantar trincheiras.

É importante notar como Caxias procurava o apoio de um ponto no rio.

Na noite de 16 para 17 de dezembro os Encouraçados *Silvado* e *Lima Barros*, forçaram Angustura, descendo o rio para obter abastecimento para o Exército e a Marinha, inclusive combustível para esta força, na Base de Palmas à jusante daquela posição.

Voltaram no dia 19 do mesmo mês, trazendo o *Lima Barros* atracado a contrabordo, uma grande chata com abastecimento para quinze dias.

Enfrentaram, pois, novamente, os dois encouraçados, agora rio acima, as baterias mortíferas de Angustura.

Nos dias 16 e 17 houve sondagens e choque de cavalaria.

9.6 — A Batalha de Lomas Valentinas (Ataque, Pela Retaguarda, à Linha de Piquissiri) (Fig. 5 e 6)

No dia 21 de dezembro, Caxias parte às 02,00 horas para Lomas Valentinas com um efetivo de 19 415 homens. Foi iniciado o ataque às 15,00 horas. Realmente, a chamada batalha de Lomas Valentinas, constou de um duplo ataque contra Piquissiri e Ita-Abaté. Morreram muitos oficiais de grande valor e entre eles o Coronel Albuquerque Maranhão, Comandante da 10ª Brigada de Infantaria. Triunfo foi ferido, teve que se retirar da luta.

Perdas no dia 21 de dezembro de 1868:

	Oficiais	Praças
Mortos	8	149
Feridos	56	927
Contusos	21	81
Extraviados ...	0	70
	—	—
	85	1 227

Total 1 312 homens.

A vitória coube ao Brasil e seus aliados, o Paraguai perdeu cerca de 8 000 homens (mortos, feridos ou prisioneiros).

O Exército de Lopez contava com cerca de 13 000 homens, porém lutava em suas fortificações dispostos, assim:

700 em Angustura;
2 500 em Piquissiri;
9 300 a 9 800 em Ita-Ibaté.

De 21 para 22 a luta continua, vários contra-ataques inimigos são repelidos.

No dia 22, Caxias determina que viessem de Humaitá mais 2 000 homens.

No dia 23 foi feito um reconhecimento.

No dia 24, Caxias, Gelly Yobes (argentino) e Castro (uruguaio) enviam um *ultimatum* a Lopez para que se rendesse, em doze horas, o que foi recusado.

No dia 25, bombardeio contra Ita-Ibaté, choque de cavalaria.

No dia 26, chegam os reforços para o Brasil, vindos de Humaitá.

9.7 — A Batalha de Ita-Ibaté (Fig. 5 e 6)

No dia 27, novo ataque a Ita-Ibaté.

Trava-se a batalha do mesmo nome.

Vitória de grande importância para as nossas armas. Lopez foge para Cerro León. Completo aniquilamento da linha de Piquissiri.

9.8 — Rendição de Angustura

No dia 28, Caxias intima Angustura, comandada pelo inglês Jorge Thompson e por Lucas Carillo, a render-se.

No dia 29, repellido o *ultimatum*, Caxias resolve atacar Angustura tendo, porém, prorrogado o prazo estabelecido. No dia 30, antes mesmo do primeiro assalto, Angustura rendeu-se. Nosso generoso Comandante-em-Chefe concedeu honras militares aos vencidos.

Terminou, assim, a gloriosa *Dezembrada* que, mais uma vez, demonstrou de maneira decisiva e insofismável o valor do grande povo brasileiro e de seus chefes.

9.9 — Consequência Imediata — Ocupação de Assunção

Em 31 de dezembro, Caxias vitorioso volta a Villeta com o grosso do Exército. Por sua ordem, uma força constituída por navios da Esquadra e por um destacamento comandado pelo Coronel Hermes da Fonseca, composto de 1 700 homens do Exército, partiu de Villeta. Este destacamento, transportado e apoiado pelos navios, desembarcou e ocupou Assunção, então guarnecida por cem a duzentos soldados que não ofereceram resistência e fugiram à aproximação dos brasileiros.

No dia 3 de janeiro o Exército partiu para Assunção, por terra. O grosso atingiu, com Caxias, a capital, no dia 5. O Coronel Vasco Alves ficou em Luque, fazendo uma cobertura com a cavalaria, a Assunção.

10. COMENTÁRIOS SOBRE A DEZEMBRA DA

10.1 — *Lopez como General na Dezembrada, Segundo o General Tasso Fragoso*

(4º volume — G. da T. A., pág. 170)

“Quanto a Lopez, a sua atitude é documento incontestável de sua incapacidade como general. Sem dúvida merece francos aplausos a sua primeira idéia de organizar-se defensivamente na margem direita do Piquissiri. Mas, ao ter indícios de que não iríamos acometer de frente, por que não se opôs com vigor à nossa travessia no Chaco?”

Quando desembarcamos em Santo Antônio, na margem esquerda do Paraguai, e lhe criamos uma nova situação estratégica, cumpria-lhe enfrentá-la sem demora, tomando decisão adequada. A única cabível seria esperar-nos em posição conveniente, numa atitude defensiva, a fim de compensar com o terreno a sua inferioridade numérica. Compreende-se que nos disputasse com uma vanguarda o passo de Itororó, para gastar-nos pelo atrito e ganhar tempo. Porém a batalha do Avaí, em campo aberto e com uma fração do seu exército, já não encontra justificação.

Foi um sacrificio inútil. Destarte o chefe paraguaio viu-se batido por partes antes do reencontro final. Nesse derradeiro lance faltou-lhe visão e energia para renunciar à sua dilatada linha de trincheiras, cujo traçado já agora lhe não convinha, e limitar-se a uma única posição onde concentrasse todos os seus elementos.

Em que ponto, ou pelo menos, em que região deveria ele esperar-nos para a batalha defensiva? É difícil dizê-lo hoje, sobretudo por falta de boas cartas topo-

gráficas do terreno. O melhor ponto seria, evidentemente, o que lhe permitisse, em caso de insucesso, recuar com vantagem para o lado da Cordilheira.

Admite-se, sem embargo, que nos aguardasse na coxilha de Ita-Ibaté, mas se nela reunisse todo o seu Exército. Assim talvez lhe fôsse permitido, depois da batalha de 27, recuar para leste em melhores condições do que o fez, isto é, batendo-se em retirada à testa de um núcleo de forças e não em fuga desabalada com um pequeno grupo de subordinados obedientes e fiéis. Como não procedemos consoante ele esperava, isto é, como não acometemos do sul do Piquissiri para o norte, sentiu-se desorientado em face da nova situação e aguardou impassível o seu destino, sem nenhuma compaixão pelos que o cercavam. A falta de gênio guerreiro deixou-o entregue ao domínio exclusivo de sua natureza sangüinária e fatalista.”

10.2 — *A Participação da Marinha na Dezembrada Segundo o Barão de Jaceguai*

(Pág. 540 — De Aspirante a Almirante)

“Nas manobras e combates ao norte da linha de Piquissiri no correr do mês de dezembro a parte que coube à Esquadra foi a de impedir qualquer movimento do inimigo nas proximidades da margem do rio e de impor com os Exércitos Aliados vencedores a capitulação do Forte de Angustura, no dia 30. Ela fôra, porém, o instrumento sem o qual teria sido inexequível o grande movimento envolvente das posições do inimigo, e subsidiariamente ela preencheu, com o seu imenso material flutuante, tão eficazmente como teriam preenchido largas e sólidas pontes sobre o rio Paraguai, abaixo e acima de Angustura, o serviço inestimável de transportar com rapidez e segurança as tropas, as cavalhadas, a artilharia, o trem, os abastecimentos de víveres e munições, e, finalmente os milhares de feridos em sucessivos combates para os hospitais flutuantes e os estabelecimentos da nossa base de operações em Humaitá. Exorbitaria do assunto desta memória reseñar, mesmo sumariamente, os feitos

heróicos praticados pelos Exércites Aliados conduzidos pelo velho Marquês de Caxias, na prodigiosa campanha do mês de dezembro, terminada pelo completo aniquilamento do último baluarte do Paraguai e dos destroços das legiões de fanáticos que sustentavam o poder de um dos tiranos mais cruéis que jamais existiram.”

10.3 — *A Opinião do Visconde de Ouro Preto Sobre o Transporte de Tropas para Santo Antônio e Porto Ipané*

“O modo como foi desempenhado êsse serviço sem um abalroamento, sem um sinistro, sem a perda de uma só embarcação miúda, sem o ferimento ou a morte de uma praça sequer e tudo isso com verdadeira surpresa do inimigo — faz honra à perícia de quem o dirigiu e executou. Pode o Brasil orgulhar-se da sua Marinha de Guerra, tanto pelo valor nos combates, como pela superioridade profissional na satisfação dos vários e difíceis encargos que a guerra exigia.”

10.4 — *Palavras do Duque de Caxias sobre a Marinha e a Coordenação com o Exército. Trecho da Ordem-do-Dia Nº 272, de 15-1-1870*

“Pede a justiça que eu manifeste igualmente meu profundo reconhecimento aos Exmos. Vice-Almirante Visconde de Inhaúma e Chefe-de-Divisão Barão da Passagem, e bem assim a todos os chefes, comandantes, oficiais e praças da Esquadra Imperial, pelos relevantíssimos serviços que sempre prestaram desde que tive a honra de assumir o comando-em-chefe de tôdas as forças brasileiras, pelo zelo, inteligência, boa vontade, abnegação, com que constantemente me coadjuvaram, e pelos testemunhos que nunca deixaram de dar de consideração e estima à minha individualidade.

Se o Exército sempre se orgulhou em ter por auxiliar a intrépida Esquadra Imperial, não é menos certo que esta, por seu procedimento e bravura, sempre se mostrou digna de ter por auxiliar o valente Exército do seu país.”

11. INFELIZMENTE A GUERRA CONTINUOU

Contrariando a impressão otimista esposada por muitos de que a guerra estaria terminada, com a entrada das forças aliadas em Assunção, meses depois ela recrudesceria. Não obstante ter sido muitíssimo enfraquecido com a *Dezembrada*, Lopez surgiria nas cordilheiras, oferecendo-nos uma guerra de desespero que só terminaria com sua morte, em Cerro-Corá, no arroio Aquidaban, em 1º de março de 1870, portanto, um ano e dois meses depois da gloriosa arrancada de dezembro de 1868.

Foi uma dura campanha, essa parte final da guerra e, hoje podemos perfeitamente avaliar o esforço que exigiu de nosso Exército a vitória sobre um caudilho obstinado disposto a tudo, seguido por cerca de 10 000 partidários, em montanhas cobertas de florestas.

Com a retirada do Teatro de Operações por grave doença do Duque de Caxias, coube ao Marechal Gastão de Orleans, Conde d'Eu, comandar a parte final da campanha. Mais uma vez, o Brasil teve sorte. Não obstante sua mocidade, o novo Comandante-em-Chefe, fôra excepcionalmente preparado, quer tencnicamente. quer na prática, para conduzir a difícil campanha irregular das cordilheiras.

Ouando servindo em Marrocos, no Riff no Exército Espanhol, tomou parte na guerra contra os mouros. Posteriormente recebeu por sugestão de seu pai, o Duque de Nemours, então exilado na Inglaterra, e por ordem do Rei da Espanha, instrução aprimorada na Escola de Artilharia de Segóvia. Além disso, era sobrinho do Duque d'Aumale que comandou o Exército Francês na campanha irregularíssima da conquista da Argélia, onde toda tática dessa grande organização militar foi mudada.

Foi, pois, o homem certo para o lugar exato.

Posteriormente, foi Gastão de Orleans atingido por uma série de intrigas, como consequência da paixão política e, assim desfigurado perante as futuras gerações brasileiras.

Enquanto isso, os norte-americanos glorificam o General Von Steuben, alemão, muito justamente, pelos serviços prestados na Guerra da Independência.

Devemos, outrossim, ressaltar ao terminarmos este estudo, a atitude exemplar dos veteranos e valorosos chefes de nosso Exército e da Marinha, que com dedicação extraordinária ao Brasil, auxiliaram o jovem Comandante-em-Chefe a encerrar a guerra.

E, entre eles, com um destaque especial, o lendário Osório, que voltou dos campos de batalha, já bastante doente.

ANEXO

O SERVIÇO DE INTENDÊNCIA DA MARINHA NA GUERRA DO PARAGUAI

De maneira alguma esta nota pretende abarcar tôdas as atividades do Serviço de Intendência na guerra que ora estudamos.

Trata-se de uma breve notícia, simplesmente, sôbre a sua instalação no Teatro da Guerra.

Até então, não havia, a rigor, um Serviço de Intendência na Marinha. Havia os executores, havia determinadas repartições de fazenda, porém, o verdadeiro Serviço como o entendemos hoje, foi instituído inicialmente em Buenos Aires, depois em Montevidéu, como sede, o que é importantíssimo, para apoiar as fôrças em operação no Paraguai.

Deve-se à iniciativa do Ministro da Marinha de então, o Visconde de Ouro Preto, Affonso Celso de Assis Figueiredo, o extraordinário estadista. É interessante notar sempre como a logística surge nas horas difíceis.

Os Atos que Criaram o Serviço de Intendência da Marinha no Teatro de Guerra

DECRETO Nº 3 710 — DE 6 DE OUTUBRO DE 1866

Cria uma Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata.

Considerando a conveniência de reunir, em um centro comum, todo o ser-

viço de fiscalização, compras e pagamentos da Esquadra em operações contra o Paraguai, porque daí resultará não só economia dos dinheiros públicos, mas também maior regularidade e método do mesmo serviço;

Considerando, além disso, que a atenção do Vice-Almirante Comandante-em-Chefe, não deve ser distraída dos importantíssimos trabalhos da guerra, por cuidados de administração, principalmente quando a maior parte dos negócios se tem de resolver à grande distância do lugar em que ele se acha;

Hei por bem criar uma Repartição especial, tendo a sua sede em Buenos Aires, a qual se denominará *Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata* e se regulará pelas Instruções que com este baixam.

Affonso Celso de Assis Figueiredo, do Meu Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em seis de outubro de mil oitocentos e sessenta e seis, quadragésimo quinto da Independência e do Império.

Com a Rubrica de Sua Majestade o Imperador.

Affonso Celso de Assis Figueiredo.

INSTRUÇÕES PARA A REPARTIÇÃO FISCAL E PAGADORIA DA MARINHA NO RIO DA PRATA

Art. 1º — A Repartição Fiscal e Pagadoria da Marinha no Rio da Prata será composta do seguinte pessoal:

- Um chefe fiscal;
- Um ajudante do dito.
- Dois escriturários
- Um almoxarife pagador
- Um encarregado dos depósitos em Montevidéu
- Um escrivão do dito
- Um comissário pagador da Esquadra
- Um escrivão do dito.

Art. 2º — Esta repartição funcionará em Buenos Aires, e ser-lhe-ão subordinadas tôdas as repartições de fazenda, depósitos de material da Armada, agên-

cias fiscaes, pagadorias e outras estações criadas, ou que se houver de criar, para o serviço da Esquadra em operações no rio Paraguai.

Corresponder-se-á por intermédio de seu chefe, com o Ministro da Marinha, ao qual é diretamente subordinada.

Art. 3º — É da competência e especial atribuição da repartição fiscal tudo quanto diz respeito a pagamento e fiscalização da despesa, suprimento de fundos, aquisição e remessa do material necessário para suprimento dos navios da Esquadra, hospitais e outros estabelecimentos de Marinha nos rios da Prata e Paraguai.

No desempenho destes deveres guiar-se-á pela legislação relativa a esse ramo de serviço, e, especialmente, pelo que dispõe o regulamento nº 4, de 8 de janeiro de 1838, e decretos nº 1 739, de 26 de março de 1856, e nº 1 769, de 16 de junho de 1856, de acôrdo e em harmonia com as presentes instruções.

Art. 4º — Todos os saques para pagamento de despesas, quer da Esquadra, quer dos estabelecimentos de Marinha, serão feitos exclusivamente pela repartição fiscal, guardando-se, na sua negociação, escriuração de letras, e quantias delas provenientes, as disposições em vigor, e fórmulas que o chefe fiscal julgar conveniente prescrever, a fim de conhecer-se, com facilidade e clareza não só a importância total de tais saques, mas ainda a sua aplicação.

Art. 5º — A fim de evitar os inconvenientes resultantes de compras urgentes, a repartição fiscal procurará com a necessária antecedência, predispor o material de que possa carecer a Esquadra em um tempo determinado, já requisitando desta Côrte, já contratando o seu fornecimento nas praças de Buenos Aires e Montevidéu, como lhe parecer mais vantajoso à fazenda pública, já, finalmente, criando depósitos de víveres, munições, etc., ou aumentando os existentes nos pontos que julgar mais convenientes, de modo que nunca falem à mesma Esquadra os recursos indispensáveis.

§ 1º Para bem cumprir a disposição antecedente, o chefe fiscal solicitará, em tempo, do Vice-Almirante Comandante-

em-Chefe da Esquadra, as precisas informações e esclarecimentos.

Art. 6º — Incumbe à mesma repartição:

§ 1º Satisfazer às requisições que lhe forem feitas pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, comandantes de divisões e navios de guerra, e chefes de estabelecimentos, que se não opuserem às leis e ordens em vigor.

§ 2º Remeter regularmente à Pagadoria da Esquadra o numerário preciso à satisfação das respectivas despesas, de modo que nunca lhe falem os meios para pagar, em dia, principalmente os soldos e mais vencimentos do pessoal da mesma Esquadra.

§ 3º Ajustar as contas dos oficiais e praças da Armada que tiverem de retirar para a Côrte passando-lhe as competentes guias.

§ 4º Remeter à Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha, nos primeiros dias de cada mês, o balanço das operações da Pagadoria no mês antecedente, acompanhado de uma das vias dos documentos da despesa efetuada no mesmo periodo.

§ 5º Regularizar a escrituração dos diferentes depósitos, inventariando o material nêles existente, e carregando-o em receita aos respectivos responsáveis.

Art. 7º — A Pagadoria da Esquadra será filial da de Buenos Aires, e subordinada ao chefe da repartição fiscal, com quem diretamente se entenderá, sujeitando a sua correspondência ao visto do Comandante-em-Chefe.

§ 1º Regular-se-á, no desempenho dos seus deveres, pelas Instruções mandadas observar por Aviso de 13 de outubro de 1864.

Art. 8º — Incumbe-lhe especialmente:

§ 1º Satisfazer a tôdas as despesas ordenadas pelo Comandante-em-Chefe da Esquadra, podendo representar a este respeito daquelas cuja legalidade lhe oferecer dúvida, devendo, no caso de insistência, pagá-las, comunicando o ocorrido à repartição fiscal.

§ 2º Remeter nos primeiros dias de cada mês, à dita repartição fiscal não só o orçamento da despesa a pagar no mês futuro, mas, ainda um balanço das suas

operações no anterior, acompanhado das demonstrações e 2^{as} vias de documentos a que se referem os arts. 8^o, 9^o e 10 das Instruções de 13 de outubro de 1864, que, depois de ali convenientemente examinados e classificados, serão transmitidos à Secretaria da Marinha.

Art. 9^o — Quando as remessas feitas pela Pagadoria de Buenos Aires forem insuficientes para despesa a pagar pela da Esquadra, poderá esta, precedendo ordem do Comandante-em-Chefe, sacar sobre aquela, devendo conjuntamente com o officio de comunicação de tais saques, remeter o balancete de que trata o Aviso de 10 de novembro de 1860.

Art. 10 — As quantias recebidas pelo comissário pagador da Esquadra, para o serviço da repartição a seu cargo, serão recolhidas a um cofre com as formalidades e cautelas em uso na Armada.

Art. 11 — São atribuições do chefe da Repartição Fiscal e Pagadoria de Marinha no Rio da Prata:

§ 1^o Cumprir e fazer cumprir pelos empregados sob sua dependência as leis e regulamentos de Marinha, concernentes à escrituração, contabilidade e fiscalização da despesa; arrecadação e distribuição do material; tomando as providências que de qualquer modo possam interessar à boa guarda e administração da fazenda da Marinha.

§ 2^o Resolver sobre todos os negócios, cometidos à repartição fiscal, mandando efetuar as compras e lavrar os contratos para o fornecimento do material e suprimento de fundos necessários à Esquadra.

§ 3^o Ordenar, por despachos lançados nos respectivos processos, o pagamento das despesas legalmente realizadas.

§ 4^o Sacar as somas precisas, tanto à Pagadoria de Buenos Aires, como à da Esquadra; assinar as respectivas letras, e fazer arrecadar e conservar em boa guarda as suas importâncias.

§ 5^o Dar instruções e providências que forem essenciais ao pronto e regular andamento dos serviços que lhe são sujeitos.

§ 6^o Velar na fiel execução dos contratos, impondo aos que os transgredirem, as multas convencionadas, e deter-

minando a sua rescisão nos casos em que essa providência possa e deva ser tomada.

§ 7^o Assistir, por si ou seu ajudante, ao recebimento do material comprado, verificando ou fazendo verificar por peritos de sua confiança, se os contratos foram cumpridos, não só quanto à qualidade, mas quanto à quantidade, peso ou medida dos gêneros, seu estado de acondicionamento, e mais condições dos mesmos contratos.

§ 8^o Autorizar por despacho seu o fornecimento do material requisitado pela Esquadra e estabelecimentos de Marinha; promover a sua remessa; e fiscalizar a qualidade e quantidade na ocasião de saída.

§ 9^o Ativar as remessas do material enviado desta Côrte para uso da Esquadra, providenciar sobre o desembarque e arrecadação do que tiver fazendo proceder às necessárias conferências para reconhecer a exatidão das entregas.

§ 10. Prestar às diferentes autoridades, ou solicitar delas os esclarecimentos que forem precisos a bem do serviço.

§ 11. Propor ao Ministro da Marinha as medidas que reputar necessárias à boa marcha do serviço, e que não possam ser tomadas independente de autorização superior.

Art. 12 — O ajudante do chefe-fiscal tem por dever:

§ 1^o Auxiliar a êste no desempenho de suas atribuições, coadjuvando a sua ação administrativa e fiscal, e podendo ser incumbido de fiscalizar, permanente ou acidentalmente, o serviço da Marinha em Montevidéu, e outros pontos, onde isso seja necessário.

§ 2^o Substituir o referido chefe nos seus impedimentos.

§ 3^o Exercer, em referência à arrecadação, escrituração e distribuição do material, as funções que na Côrte cabem ao ajudante do intendente e que forem praticáveis.

Art. 13 — Cabe ao almoxarife pagador:

§ 1^o Responder pelo material que lhe fôr entregue, fazendo-o arrecadar convenientemente, zelando a sua conservação nos armazéns e depósitos, e inspe-

cionando o acondicionamento do que tiver de ser remetido para a Esquadra ou outros destinos.

§ 2º Responder igualmente pelas quantias que receber em virtude de ordens superiores para satisfação das despesas a cargo da repartição.

§ 3º Pagar as despesas autorizadas pelo chefe fiscal.

Art. 14 — Um dos escriturários servirá especialmente de escrivão do almoxarife pagador na conta de dinheiros e o outro na conta de gêneros, guiando-se pelas normas estabelecidas para a escrituração da pagadoria e almoxarifado da Marinha da Côrte. Ambos farão o serviço do expediente que lhes fôr determinado.

Art. 15 — O encarregado do depósito de Montevidéu terá sob sua guarda o material e gêneros ali existentes, e os que de futuro forem remetidos, incumbindo-lhe proceder ao fornecimento dos navios da Armada na forma das ordens que lhe forem transmitidas pelo chefe da repartição fiscal, ficando responsável pela boa conservação e pronta remessa do mesmo material e gêneros.

Art. 16 — O serviço da repartição fiscal será auxiliado no caso de necessi-

dade, por qualquer oficial de fazenda da Armada, que se ache disponível no Rio da Prata, sendo adido à dita repartição, sem prejuízo do serviço da mesma Armada.

Rio de Janeiro, em 6 de outubro de 1866.

Affonso Celso de Assis Figueiredo.

O Serviço de Intendência e o Exército, na Guerra do Paraguai

(Trecho do relatório de 1867 do Ministro da Guerra.)

“A fusão dos Comandos-em-Chefe dois corpos de Exército em um só, tornou necessária a extinção das repartições de fazenda existentes no teatro da guerra, e a criação de outras mais regulares, sob a direção de um intendente e sujeito à autoridade do General-em-Chefe, o que se levou a efeito pelas Instruções de 20 de outubro do ano próximo passado, que encontramos no Anexo.

Além disso substituiu-se a repartição fiscal de Montevidéu por uma seção anexa à da Marinha.” (O grifo é nosso).